

TRATADOS DA TERRA
E GENTE DO BRASIL

J. Fernando Cardim

TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL

INTRODUÇÕES E NOTAS DE BAPTISTA
CAETANO, CAPISTRANO DE ABREU
E RODOLPHO GARCIA



EDITORES — J. LEITE & Cia.
Rua Regente Feijó, 12 (Antiga Tobias Barreto)
RIO DE JANEIRO — 1925

JUSTIFICAÇÃO
DA TIRAGEM

*50 exemplares em papel Vergè,
numerados e rubricados.*

*1.000 exemplares em
papel commum
de livro.*

INTRODUÇÃO

I

A presidencia da Academia Brasileira de Letras, em 1923, foi occupada por Afranio Peixoto. Nesse posto, seu programma era simples: trabalhar. Expondo-o, em discurso inaugural, disse: "A vossa direcção pensa, pois, este anno mesmo, em começar a publicação de duas séries de obras raras e preciosas, postas ao alcance do publico, enriquecidas de introduccão bibliographica, e de notas elucidativas, das quaes serão encarregados os nossos confrades que tiverem pendor por esse genero de estudos e ainda aquelles sabios e letrados de fóra que, designados por nós, acudirem ao nosso apello. Convém lembrar que a Academia não se presume mais que um estado-maior da cultura nacional, mas que a victoria dessa cultura deve ser conseguida tambem com o grosso do exercito, que não está aqui. Innumeros especialistas, insubstituiveis, fazem parte desse quadregesimo primeiro logar da Academia, o mais numeroso e o mais rico dos postos academicos."

Das duas séries de classicos nacionaes — Literatura e Historia, — saíram a lume algumas obras da primeira e apenas uma da segunda. Motivos conhecidos fizeram mangrar o promissor empreendimento, não porque a bôa vontade do seu director lhe faltasse e seu apello deixasse de ser correspondido.

Das publicações historicas fazia parte a obra do Padre Fernão Cardim, que Afranio Peixoto houve por bem, ou por mal, attribuir ao que abaixo se nomeia. Segundo o plano adoptado, a obra devia comprehender os tres tratados do jesuita: *Do Clima e Terra do Brasil*, *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil* e *Narrativa epistolar*, ou *Informação da Missão do Padre Christovão de Gouvêa ás partes do Brasil*, cabendo-lhe anotar o primeiro e terceiro, por isso que, em relação ao segundo, já o fôra, e superiormente, por Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

A Afranio Peixoto pertence esta primorosa nota introductoria, inedita, que, com o seu consento para aqui se traslada:

“Pela primeira vez reúnem-se, num só tomo, com o seguimento que parece logico, o apparelho de notas eruditas elucidativas e o titulo a que têm direito, os tratados do Padre Fernão Cardim sobre o Brasil.

“Primeiro — *Do Clima e Terra do Brasil*, manuscrito da Bibliotheca de Evora, copiado de códice do Instituto Historico pelo Senador Candido

Mendes, publicado em parte por seu filho Dr. Fernando Mendes, e, integralmente, em 1885, pelo erudito Capistrano de Abreu, que o identificou com o tratado que publicára em 1625 Samuel Purchas: as notas, só agora appostas, são da competencia de Rodolpho Garcia.

“Depois — *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil*, tambem manuscripto de Evora, publicado em inglez, em 1625, na colleção Purchas, identificado por Capistrano de Abreu, a quem se deve, em 1881, a edição vernacula, accrescentada de notas pelo sabio Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

“Finalmente, depois da *Terra e da Gente* do Brasil, aquelles que aqui vieram ter, para a posse, a colonização, a catechese e a civilização do Brasil e dos Brasileiros. — a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*, copiada tambem de um manuscripto de Evora e por Francisco Adolpho de Varnhagen publicada em Lisboa, em 1847: nem Varnhagen, então, nem, posteriormente, Eduardo Prado, na edição do Instituto Historico, de 1902, lhe poderam dar as notas necessarias. — cabe agora esta honra a Rodolpho Garcia.

“Portanto, aos tres tratados do Padre Fernão Cardim parece exacto o titulo, que lhe damos, complexo: *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, — que são agora não só homenagem a um grande missionario que amou, observou, soffreu e tratou o Brasil primitivo, como contribuição do nosso reconhecimento a essas missões jesuíticas, que educa-

ram os primeiros Brasileiros, e, para os de todos os tempos deixaram memórias desse passado nos seus escriptos, cartas e narrativas. Ao Padre Fernão Cardim, missionario, reitor, procurador e provincial, se não chegassem os meritos que taes titulos encerram, bastaria o ter sido um élo dessa cadeia a que pertenceram Anchieta e Vieira; precisamente está elle entre os dois, até pelos successos da vida: assistiu ás molestias e doenças dos ultimos annos do velho José de Anchieta, no Collegio do Morro do Castello, — vindo de Piratininga ao Rio de Janeiro, antes de ir finar-se em Rerityba, no Espirito Santo, — quasi o preparando para a outra sua celeste vida, e depois, abriu as portas do Collegio do Terreiro de Jesus, já na Bahia, ao joven Antonio Vieira, que, a contra gosto da familia, procurava alli o seu refugio, — como ao preparar tambem para a immortalidade de sua grande vida...

“Estes passos são symbolicos da obra do Padre Fernão Cardim: cuidado, trato, amor de um Brasil que ia passar, e morrer, legados ao Brasil da posteridade, que, esse, passando successivamente, nunca morrerá, e ha de guardar entre as suas memórias saudosas e fieis estes *Tratados da Terra e Gente do Brasil...*”

O plano mallogrou-se, por então, como se disse; mas o trabalho do annotador ficou em condições de ser dado desde logo á imprensa, á espera tão sómente de editor. Esse havia de apparecer no proprio anno em que se completa o tricentenario da morte de Fernão Cardim, na pessoa do Dr. José

Attico Leite, jovem e intelligente livreiro-editor, a quem já devem as boas letras optimos serviços.

A presente edição da obra do veneravel missionario, que reunida se imprime pela primeira vez, vale assim, neste momento, por uma commemoração expressiva e justissima.

II

Quantos estudem o passado brasileiro hão de reconhecer que no acervo dos serviços prestados ás nossas letras historicas existe em aberto grande dívida de gratidão para com esse meritorio jesuita. De facto, entre os que em fins do seculo XVI trataram das cousas do Brasil, foi Fernão Cardim dos mais seditos informantes, em depoimentos admiraveis, que muita luz trouxeram á comprehensão do phenomeno da primeira colonização do paiz. Foi dos precursores da nossa Historia, quando ainda o Brasil, por assim dizer, não tinha historia; por isso mesmo, como a respeito de Gandavo já se observou, a sua historia é antes natural que civil, ou uma e outra cousa ao mesmo tempo. Nelle ha o geographo, que estuda a terra, suas divisões, seu clima, suas condições de habitabilidade; o ethno-grapho, que descreve os aborigenes, seus usos, costumes e ceremonias; o zoologo e o botanico, por egual aparelhado para o exame da fauna e da flora desconhecida; mas ha tambem o historiador disertor, que discorre sobre as missões dos jesuitas.

seus collegios e residencias, o estado das capitancias, seus habitantes e suas producções, o progresso ou a decadencia da colonia, e suas causas, sobre a vida, emfim, daquella sociedade nascente, de que participava. Seus depoimentos são os de testemunha presencial, e valem ainda mais pela expontaneidade e pela sinceridade com que singelamente os prestou.

Comparte daquellas missões abnegadas, que a Sociedade de Jesus recém-creada espalhava pelo mundo a fóra “para maior gloria de Deus” — Fernão Cardim, pelas circumstancias de sua vida, ficou entre José de Anchieta e Antonio Vieira, formando uma triade maravilhosa a dominar a legião immensa daquelles apóstolos, que educaram os nossos primeiros patricios, que os defenderam do opprobrio da escravidão, que presidiram, emfim, á fundação da nacionalidade brasileira.

A vida de Fernão Cardim é quasi desconhecida. A data de seu nascimento é incerta. Elle proprio, qualificando-se em 14 de Agosto de 1591 perante a mesa do Santo Officio a que presidia o visitador Heitor Furtado de Mendocça, na cidade do Salvador, declarou ter quarenta e tres annos, “pouco mais ou menos” — *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil — Denunciações da Bahia* (São Paulo, 1925) pag. 327. — Teria, portanto, nascido em 1548; essa data, porém, não confere com a que consignou o Padre Antonio Vieira, na *Annua da Provincia do Brasil dos annos de 1624 e 1625*, publicada nos *Annaes da Bibliotheca Nacio-*

nal do Rio de Janeiro, tomo XIX (1897) pag. 187, — ao dizer que Cardim entrou na Companhia de Jesus em 1555 aos quinze annos de idade, fazendo assim retrotrair o anno de seu nascimento para 1540. De uma biographia summarissima estampada na *Revista de Historia*, de Lisboa, volume X (1921), consta o inicio de seu noviciado em 9 de Fevereiro de 1566; a prevalecer sua declaração, contaria então dezoito annos, ao passo que tomada como certa a de Vieira, teria vinte e seis annos. Entre uma e outra hypothese, mais accetavel parece a primeira, mesmo porque a informação da *Annua* encerra evidente erro arithmetico, quando estabelece que Cardim “entrou na companhia em 1555 aos quinze annos de idade, viveu nella sessenta e falleceu com setenta e cinco”

Era natural de Vianna de Alvaro, Arcebispo de Évora, filho de Gaspar Clemente e sua mulher D. Ignez Cardim, de familia antiga e importante em Portugal. Seu irmão mais velho, o Dr. Jorge Cardim Fróes, occupou varios cargos de administração da justiça, e foi na Córte de Lisboa Desembargador dos Aggravos da Casa de Supplicação. Para o exercicio de emprego tão alto na magistratura do reino se requeria “homem fidalgo, de limpo sangue, de sã consciencia, letrado, se fosse possivel, e abastado de bens temporaes” Seus outros irmãos, Lourenço Cardim e Diogo Fróes, pertenceram, como elle, á Companhia de Jesus: o primeiro, acabados os estudos e ordenado sacerdote, passou para o Brasil em 1585, e foi morto em via-

gem por corsarios francezes; o segundo foi lente de Theologia moral no Collegio e Universidade de Coimbra, e na peste de Lisbôa (1568-69) servindo aos empestados, contrahiu o mal e morreu no hospital da cidade. Quatro sobrinhos de Fernão Cardim, filhos do Dr. Jorge Cardim Fróes e sua mulher D. Catharina de Andrada, seguiram vida religiosa; João, Antonio e Diogo, pertenceram á Companhia, e Placido á Ordem Conventual de Christo. De João Cardim escreveu a *Vida e Virtudes* o Padre Sebastião de Abreu (Evora, 1659). Antonio Francisco Cardim missionou no Japão, e escreveu os *Fasciculus á japonicis Floribus*, etc. (Roma, 1646), que appareceram em portuguez com o titulo *Elogios e Ramalhetes de flôres, borrifados com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesus*, etc., (Lisboa, 1650); escreveu tambem uma *Relação da provincia do Japão*, de que se conhece apenas a traducção franceza, impressa em Paris 1646; escreveu ainda as *Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa provincia do Japão*, que se conservaram ineditas até 1894, quando foram dadas a lume pela Sociedade de Geographia de Lisbôa. De Diogo Cardim sabe-se que missionou na India; sobre Frei Placido nada se consegue apurar.

Da existencia de Fernão Cardim em Portugal, antes de vir para o Brasil, faltam pormenores. Já era professo dos quatro votos e Ministro do Collegio de Evora, quando foi designado, em 1582, para companheiro do Padre visitador Christovão de

Gouvêa; passou a Lisboa em principios de Outubro daquelle anno e alli esteve cinco mezes, até que, a 5 de Março de 1583, com o Governador Manuel Telles Barreto, o visitador e outros padres, embarcou para o Brasil, chegando á Bahia a 9 de Maio seguinte. Daquella primeira data por deante, enquanto durou a missão do Padre Gouvêa, podemos segui-lo, quasi dia a dia, atravez das paginas tão animadas quão encantadoras da *Narrativa Epistolar*. Na Bahia, nos Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, esteve uma e mais vezes, em companhia do visitador, que ordenava as cousas necessarias ao bom menceio dos collegios e residencias existentes naquellas partes. Da Bahia, em 1 de Maio de 1590, datou a segunda e ultima carta da *Narrativa*: era reitor do collegio, cargo que ainda tinha em 1593, porque assignava em 29 e 31 de Julho e 2 de Agosto, logo após ao visitador do Santo Officio Heitor Furtado de Mendoga, as determinações que se asentaram em mesa sobre alguns casos especiaes, — conforme faz fé a *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil* (São Paulo, 1922) ps. 46. No Rio de Janeiro, como Reitor do Collegio de São Sebastião, estava em 1596, e nessa qualidade passava proenração, datada de 3 de Fevereiro, ao Padre Estevam da Grã para demarcar e tomar posse das terras de Guaratiba, que haviam pertencido a Christovão Monteiro e eram, por doação, incorporadas ao patrimonio dos padres da Companhia, — segundo se verifica do *Tombo ou copia*

fiel da medição da Fazenda Nacional de Santa Cruz (Rio de Janeiro, 1829), ps. 26. No Collegio do Rio de Janeiro fez-lhe Joseph de Anchieta companhia por algum tempo, antes de ir morrer em Rerityba, no Espirito Santo, a 7 de Junho de 1597. Em 1598 foi eleito na congregação provincial para Procurador da Provincia do Brasil em Roma; regressava dessa missão, tendo embarcado em Lisboa a 24 de Setembro de 1601, em uma urca flamenga chamada *San Vicente*, com o Padre João Madureira, que vinha por visitador, e mais quinze jesuitas, quando, mal tinha navegado tres ou quatro leguas, teve vista a urca de duas náos de corsarios inglezes. Levava ella trinta homens de peleja e estava bem artilhada; travado o combate contra inimigo duas vezes mais poderoso, foi forçada a render-se no dia seguinte, depois de porfiada, mas inútil defesa. Eram os corsarios commandados pelo capitão Francis Cook, de Dartmouth, que agazalhou com caridade os Padres Madureira e Cardim: esses e mais quatro foram conduzidos á Inglaterra; os outros, que ao todo eram onze, foram desembarcados nas costas de Portugal. O Padre Madureira morreu no mar, a 5 de Outubro de 1601. Cardim chegou á Inglaterra e ahi permaneceu até ser resgatado. Nessa occasião foi despojado dos manuscriptos que levava consigo e que chegaram depois ás mãos do colleccionador londrino Samuel Purchas, como em outro logar se esclarece.

Da Inglaterra Cardim devia ter passado a Bruxellas antes de 7 de Maio de 1603, porque um documento desse logar e data, pertencente aos Schetz da capitania de São Vicente e dado á estampa por Alcebiades Furtado, nas *Publicações do Archivo Nacional*, vol. XIV (1914), ps. 18, — assignala sua estadia naquella cidade, em fórma preterita: “quando estubo aca” Em 1604 tornou ao Brasil com o cargo de provincial, que exerceu até 1609, substituindo o Padre Pero Rodrigues. Logo em começo de seu provincialato, informado de que os Carijós estavam em bôa disposição para receber a luz do Evangelho, mandou ao Sul os Padres João Lobato e Jeronymo Rodrigues, que entendiam e falavam bem a lingua do paiz. Partiram os missionarios de Santos e chegaram até á lagôa dos Patos. Do successo da missão escreveu o Padre Rodrigues, em carta longa, datada de 26 de Novembro de 1605, que Pierre du Jarric compendiou na *Troisième partie de l’Histoire des choses plus mémorables advenues tant aux Indes Orientales qu’aux autres pais de la decouverte des Portugais* (Bordeaux, 1614), ps. 481 a 486.

Uma carta de Cardim, de 8 de Maio de 1606, escripta da Bahia ao Geral Claudio Aquaviva, dá conta dos testemunhos tirados juridicamente a favor da vida santa e feitos maravilhosos do Padre Joseph de Anchieta, e do que no processo obrou o Padre Pero Rodrigues que, por seu conselho, escreveu a vida do Thaumaturgo; vem publicada nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Ja-*

neiro, volume XXIX (1907), ps. 183 e 184, precedendo áquella hagiographia.

Em 1606, por sua ordem e com ajuda do Governador Diogo Botelho, foram os Padres Luiz Figueira e Francisco Pinto encarregados da catechése dos indios do Ceará. Acompanhados de uma escolta de sessenta indios christãos, deixaram os padres o Recife em 20 de Janeiro de 1607 e por mar chegaram ao porto de Jaguaribe, de onde, após curta demora, se dirigiram a pé para a serra da Ibiapaba. Funestos foram os resultados dessa missão pelo trucidamento do Padre Pinto, em 11 de Janeiro de 1608, ás mãos dos Tapuias Tocarijús; o Padre Figueira, para escapar á sanha dos barbaros, foi forçado a tomar o rumo do litoral, depois de ter dado, com grandes perigos, sepultura ao corpo do seu infeliz companheiro.

Passando o cargo de provincial ao Padre Manuel de Lima, que viera por visitador em 1607, Cardim assumiu o de reitor, pela segunda vez, do Collegio da Bahia, e de vice-provincial. Foi por essa epoca que chegou á cidade do Salvador aquelle que devia ser mais tarde o grande apostolo Antonio Vieira, gloria da raça e padrão imperecível das letras portuguezas. Ao aportar áquella Capital, criança ainda, foi acommettido de muito grave doença. "O Padre Fernando Cardim, da Companhia de Jesus, — escreveu André de Barros, na *Vida do apostolico Padre Antonio Vieira* (Lisbôa, 1746), ps. 6 — era na Bahia de particular agrado na casa de Christovão Vieira Ra-

vasco, e de sua mulher D. Maria de Azevedo; e como o perigoso mal com que lutavam os poucos alentos do menino Antonio os tivesse em temeroso sobresalto, o padre, ao que parece com a alma cheia de superior illustração os assegurou, e disse: — Que não morreria o menino, porque Deus o guardava para cousas grandes, para credito da nação portugueza, e para honra da Companhia de Jesus. — Esta foi a voz do veneravel Padre Fernando Cardim (appellido que em Portugal e no Brasil nos serve de despertador de virtudes heroicas em illustres varões) Este o foi no Collegio da Bahia, onde foi o nono reitor e decimo provincial daquella provincia religiosissima; nelle se conserva o seu retrato, historia muda, mas forte, para imitação de seus exemplos."

A uma carta de Cardim, de 1 de Outubro de 1618, da Bahia, até hoje inedita, referiu-se Varnhagen, na *Historia Geral do Brasil*, primeira edição, vol. I, ps. 296, nota; viu-a na bibliotheca da Academia de Historia de Madrid, e considerou-a autographa; mas de seu contendo nada disse. Por commissão de Cardim, como Reitor do Collegio da Bahia, escreveu o Padre Luiz Baralho de Araujo a carta, que datou daquelle collegio no ultimo de Dezembro de 1621, dirigida ao Geral Mucio Vitelleschi, sobre o estado da Companhia no Brasil durante o anno que findava; as noticias informam sobre os collegios e residencias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Santos, Piratininga e Pernambuco. Foi publicada primeiro em italiano, nas

Lettere annue d'Etiopia, Malabar, Brasil e Gôa, dall'anno 1620 al 1624 (Roma, 1627) e logo em francez, na *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Brasil, et les Indes Orientales*. — *Tirée des lettres écrites 1620 et 1624, etc.* (Paris, 1628).

Estavam ainda nas mãos de Cardim os cargos de reitor e vice-provincial, quando os holandeses tomaram a Bahia, em 9 de Maio de 1624. “Nesta desgraça da Bahia — escreveu Antonio Vieira, na *Annua* citada — era reitor, e por isso quebravam nelle mais todas as ondas das adversidades, mas como rocha viva sempre se conservou em paz, esteve muito firme, e conforme com a vontade de Deus”. O collegio foi transformado em armazem de vinhos, segundo o testemunho dos chronicistas, e os mercadores tiveram permissão para nelle se aboletar; os padres, expulsos, perseguidos, refugiaram-se na aldeia do Espirito Santo, depois Abrantes; doze que chegavam, na ignorancia dos successos, entre os quaes o Padre Antonio de Mattos, designado para substituir o provincial na administração da provincia, foram feitos prisioneiros e conduzidos para a Hollanda, onde estiveram nos carceres publicos de Amsterdam por mais de vinte mezes, até que foram resgatados por diligencia do geral da Companhia.

Na ausencia do provincial, Cardim assumiu o governo da provincia, no momento inçado das maiores difficuldades e incertezas. Velho e alquebrado, com o grande trabalho e má vida daquelles

tempos, padecendo falta de todo o necessario, como disse Vieira, cahiu enfermo e veiu a fallecer a 27 de Janeiro de 1625, naquella mesma aldeia, que foi das primeiras que conheceu no Brasil, e o destino lhe reservara para refugio ultimo da sua vida.

III

Dos escriptos de Fernão Cardim o que primeiro foi divulgado pela imprensa em lingua portugueza e com a sua autoria declarada, foi a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc., desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o Padre Christovão de Gouvêa. Escripita em duas cartas ao P. Provincial em Portugal, pelo Padre Fernão Cardim, Ministro do Collegio da Companhia em Evora, etc., etc.* - - Lisboa (Na Imprensa Nacional) 1847, in-8º, 123 ps. Editou-o o benemerito Francisco Adolpho de Varnhagen, que o dedicou à memoria do Conego Januario da Cunha Barbosa, o illustre fundador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Não é aquella a epigraphie com que occorre no *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Eboreuse*, ordenado pelo bibliothecario Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára, tomo I (Lisbôa, 1850), ps. 19, onde se inscreve: *Enformação da Missão do Padre Christovão de Gouvêa ás*

partes do Brasil no anno de 83 (duas cartas). Mudando-lhe o titulo, o editor juntou um prologo sem assignatura e no fim, depois de uma folha falsa com a palavra — *Notas* — uma *Advertencia accidental*, que subscreveu com a sigla V., explicando o motivo por que não fez acompanhar a publicação das annotações com que pretendia illustra-la, e que quasi lhe duplicariam o volume.

Quando appareceu a *Narrativa epistolar*, dentre os que primeiro lhe louvaram as excellencias é preciso salientar o benemerito Ferdinand Denis, que, publicando *Une fête Brésilienne célébrée à Rouen en 1550* (Paris, 1851), em nota (ps. 48|51) não regateou encomios ao “petit livre écrit dans un style charmant et que l'on doit à un missionnaire jusqu'alors inconnu. Le P. Fernão Cardim.” A este refere-se como “doué d'un sentiment poétique, d'une rare délicatesse eo qui se révèle comme à son insu dans chacune des lettres confidentielles qu'il a écrites à un supérieur, il ne tarit point sur les danses dramatiques des Indiens, sur leurs chants naïfs, sur la noble gravité de leurs harangues.” E a proposito das festas e cantos dos indios, cita trechos da *Narrativa*, collocando o autor ao lado de Gabriel Soares.

Tempos depois, o Dr. A. J. de Mello Moraes, que tão bons serviços prestou ás letras historicas no Brasil, reimprimiu integralmente a *Narrativa*, sob o titulo de *Missões do P. Fernão Cardim*, na *Chorographia Historica*, tomo IV, ps. 417 a 457 (Rio de Janeiro, 1860), que correspondem á *His-*

toria dos Jesuitas, do mesmo autor, tomo II, identica numeração de paginas (Rio de Janeiro, 1872).

Parcialmente, foi a *Narrativa* reproduzida, no tocante ao Rio de Janeiro, pela revista mensal *Guanabara*, desta cidade, vol. II (1851), ps. 112-115; com relação a Pernambuco, pela *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, n. 43 (1893), ps. 189-206, com algumas anotações de F. A. Pereira da Costa; e a parte referente á Bahia inseriu o erudito Dr. Braz do Amaral, em nota ás *Memorias Historicas e Politicas*, de Accioli, vol. I (Bahia, 1919), ps. 165-172.

Em 1901, achando-se completamente exgotada a edição de 1847 e sendo pouco accessiveis as reproducções de Mello Moraes, entendeu o Instituto Historico de reimprimir a *Narrativa* e commetteu a Eduardo Prado a tarefa de fazer-lhe as anotações, que Varnhagen lhe não podera aditar. Iniciava apenas esse trabalho, quando subita e infelizmente falleceu o bellissimo escriptor. Assim, foi a *Narrativa* impressa na *Revista do Instituto*, tomo 65, parte I (1902), ainda dessa vez desacompanhada de notas, que por certo tanto lhe haveriam de acerescer e realçar o valor.

A cópia de que se utilizou Varnhagen em 1847, e que serviu para as reproducções subseqüentes, era assás incorrecta, como se verificou da collação feita com o apographo eborense no exemplar que, por diligencia do Dr. Capistrano de Abreu, possui o brilhante historiador Dr. Paulo Prado. Aquella cópia continha, de facto, além de numerosos er-

ros, muitas outras omissões, que em diversos passos alteraram ou deixaram suspenso e incompreensível o sentido da narração. Uma *taboa de erros* seria aqui descabida, mas não nos furtaremos ao desejo de apontar alguns dos mais sensíveis. Assim, quando o Padre diz que prégou na capella da villa de Porto-Seguro no *primeiro dia do anno*, versando sua narrativa por fins do mez de Setembro, deve-se ler — *dia do Anjo*, ou de São Miguel Archanjo, que cáe em 29 daquelle mez. O Padre Rodrigo de Freitas figura uma vez na edição Varnhagen e nas que se seguiram, como Rodrigo de *Faria*, e o indio christão Ambrosio Pires, que elle levou a Lisbôa, como Ambrosio *Rodrigues*. Por aquellas edições, o Collegio da Bahia tinha *tres* cubiculos, em vez de *trinta*; em Pernambuco, pessoa houve que mandou ao Padre visitador passante de *dez* cruzados de carne, em vez de *cincoenta*; senhores de engenho da mesma capitania tinham alguns *dez e mais mil cruzados* de seu, em vez de *quarenta e mais mil cruzados*; a doação que os moradores de Santos fizeram ao Visitador para a mudança da casa de São Vicente para alli, avaliou-se em *quinhentos cruzados*, e não em *cem*; a *capitania* de Ilhéos e do Espirito Santo substituiu-se por *capital*; *obra* por *obediencia* e *misteres* por *ministerios*, vêm por diversas vezes; os paineis da *vida de Christo* apparecem uma vez por paineis das *Divindades*... O tratamento que o Padre attribúe ao provincial de Portugal é de *Reverencia*, e não de *Reverendissima*, como está.

Varios saltos de palavras e de phrases inteiras occorrem e faltam tambem os fechos das cartas.

Na presente edição, mercê da penhorante gentileza do Dr. Paulo Prado, que para ella cedeu o seu exemplar correcto, todas essas falhas foram preenchidas e emendados todos os erros, de sorte a poder sair o escripto de Cardim livre das jaças que empannavam sua luz diamantina.

Os outros tratados de Fernão Cardim — *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil e de seus costumes e ceremonias*, e o *Do Clima e Terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se acham assi na terra como no mar*, vêm mencionados no *Catalogo* de Rivára, mas appareceram primeiro em inglez, na famosa collecção *Purchas his Pilgrimes*, volume IV (Londres, 1625), ps. 1289 a 1320, sob o titulo — *A Treatise of Brazil written by a Portugall which had long lived there*. Ao colleccionador Samuel Purchas afiguram-se esses escriptos os mais completos que jamais vira sobre o Brasil, parecendo-lhe da lavra do frade ou jesuita portuguez, de quem os “tomára contra vontade” Francis Cook, de Dartmouth, em uma viagem ao Brasil, em 1601, e que os vendera por vinte xellins a certo mestre Hackett. Como nas ultimas folhas estivessem algumas receitas medicinaes assignadas pelo irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Collegio da Bahia, deu-o Purchas como autor dos tratados. Trabalho meritorio do Dr. Capistrano de Abreu, cujos serviços á Historia do Brasil, no arrolamento de suas fon-

tes e na interpretação de seus factos nunca foram assaz exalçados, — foi esse de reivindicar para Fernão Cardim a autoria de seus escriptos. Publicando, em 1881, o tratado *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil*, o Dr. Capistrano produziu prova cabal de pertencer elle a Cardim, não sómente pela circumstancia dos tratados de Purchas terem sido tirados em 1601 por um inglez a um jesuita em viagem para o Brasil, como tambem porque, em collação com a *Narrativa epistolar*, bem se evidencia que todos sahiram da mesma penna. O tratado *Dos Indios* foi publicado, como dissemos, pelo Dr. Capistrano de Abreu, em 1881, ás expensas do Dr. Ferreira de Araujo, para figurar na Exposição de Historia e Geographia do Brasil, que então se realizava no Rio de Janeiro, com uma introducção do indefesso editor e importantes notas philologicas do sabio Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Nesse mesmo anno de 1881 o Dr. Fernando Mendes de Almeida começou a publicar na *Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisbôa no Rio de Janeiro* (tomo I, numeros 1 e 2), que dirigia então, o tratado *Do Clima e Terra do Brasil*, sem nome de autor. Essa publicação alcançou apenas os dous primeiros capitulos: em o n. 3 da *Revista* appareceu uma *Advertencia*, assignada pelo Dr. Fernando Mendes, na qual estampou uma carta do Dr. Capistrano de Abreu, explicando a origem do manuscripto que servia para a impressão, attribuindo sua autoria a Cardim, e

compromettendo-se a tratar mais desenvolvidamente dos pontos em que na occasião apenas tocou. Fe-lo, de facto, tempos depois, inserindo integralmente o tratado na mesma *Revista*, tomo III (1885), precedido de esclarecido estudo bio-biographico sobre o autor. Com a versão de Purchas foi comparado o tratado, e em varios pontos apparecem correccões.

O manuscrito utilizado para a impressão parcial de 1881 e integral de 1885, encontrou o Dr. Fernando Mendes entre os papeis de seu pae, o eminente geographo e historiador patricio Senador Candido Mendes de Almeida; procedia da copia, existente no Instituto Historico, do codice da Bibliotheca de Evora, citado no *Catalogo* de Rivára.

Em *Purchas his Pilgrimes*, volume IV ps. 1320 a 1325, insere-se ainda outro tratado, sob a epigraphie — *Articles touching the dutie of the Kings Maiestie our Lord and to common good of all the estate of Brazil*, — provavelmente escripto por Fernão Cardim, em que se occupa de providencias de ordem politica, “que o autor julgava conveniente para commedir os excessos dos colonos contra os indios”, a serem postas em pratica no Brasil. Desse não ha traducção portugueza, nem consta que exista o original, ou cópia.

IV

Do retrato moral que de Fernão Cardim fez Antonio Vieira, eis um dos traços principaes: “Varão verdadeiramente religioso e de vida inculpavel; mui afavel e benigno, e em especial com seus subditos. A todos parece queria metter n’alma, de todos se compadecia e a todos amava”. Em seus escriptos esses dons de character bem se reflectem: simples, naturaes, sem artificios de estylo, sem preoccupações eruditas. Não é que minguasse ao autor a cultura geral de seu tempo e de sua ordem, quer religiosa, quer profana. De sua sciencia theologica avalia-se pela preeminencia que alcançou entre seus confrades: seria bom orador, porque sempre assomava ao pulpito nos dias de grandes festas da egreja, ao lado dos Padres Quiricio Caxa, Manuel de Castro e Manuel de Barros, os melhores pregadores que havia na provincia, conforme seu proprio testemunho; de outra parte, devia estar ao corrente do saber de seu seculo, especialmente da sciencia medica, porque os tratados de Monardes lhe eram familiares, como seriam os de Clusius, Garcia da Orta e outros. Suas descrições de plantas e animaes são perfectas e acabadas, como diagnoses de naturalista.

O que, porém, nesses escriptos verdadeiramente nos encanta é a nota de constante bom humor de que estão impregnados, a vivacidade da

narrativa, a graça, o imprevisto das comparações. **Vêde-o** quando refere o exemplo de caridade que a eirára dá aos homens, quando conta as **habilidades** intelligentes do macaco, quando acha que é bôa penitencia e mortificação soffrer por uma noite ou madrugada as picadas dolorosas dos maruins, ou quando diz que o rosto da preguiça parece de mulher mal toucada.

Varnhagen quiz ver nelle o homem feito para viajar. "Não é desses que estão sempre com saudades de um quintalinho, de um bom prato que já não prova. Deixando a terra em que vivera até alli, deixou nella todas as prevenções, e sabe apreciar a muita hospitalidade que dos indigenas e dos colonos do Brasil recebe" De facto, se estabelece confrontos é quasi sempre para achar melhor o que é de cá. O clima do Brasil preconiza como muito mais temperado e saudavel, sem **grandes** calmas, nem frios, e por isso vivem os homens muito, com poucos achaques e enfermidades, como em Portugal; nossos peixes não causam sarna nem outras doenças da Europa; nossas favas são mais sadias, nossos pinhões são maiores e mais leves, a castanha do cajú é tão boa e melhor do que a de lá; os canarios, **rouxinões** e **pintasilgos** do reino, em sua musica, não levam muita vantagem aos nossos passaros formosissimos; e o perrexil que se acha em nossas praias é melhor do que o portuguez. Nas aldeias de indios **christãos** encontrava-se tanta abundancia de carnes, legumes, pescado e **mariscos**, que não fazia falta a ri-

beira de Lisbôa; em certa fazenda do Collegio da Bahia havia tanto leite, requeijões e natas, que davam para esquecer Alemtejo; as vinhas de Piratininga carregavam tantas uvas, como juntas nunca vira em Portugal; a bahia do Rio de Janeiro bem parecia que a pintára o supremo pintor e architecto do mundo: era cousa formosissima, e a mais aprazivel que havia em todo o Brasil, nem lhe chegava a vista do Mondego e Tejo; do Collegio do Rio duvidava qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se aquelle, e não sabia determinar: nada lhe faltava do bom e do optimo. Tambem com um tostão de peixe se fartava toda a casa, que de ordinario contava vinte e oito pa-dres e irmãos, afóra a mais gente.

V

Os escriptos de Fernão Cardim e as *Informações* de Joseph de Anchieta têm entre si muitos pontos de contacto, que se verificam ás vezes pela conformidade dos conceitos e mesmo pela identidade de phrases. O Dr. Capistrano de Abreu, em nota á *Informação* de ultimo de Dezembro de 1585, esclarece o facto desta maneira: “Comparando a presente *Informação* com a de Fernão Cardim, notam-se muitas similhanças, e é natural que se procure nella uma das fontes da *Narrativa epistolar*. Tal conclusão tem, porém, contra si o facto que a primeira carta de Cardim é anterior á pre-

sente *Informação*, pois que é datada de 16 de Outubro de 1585. Dahi podem tirar-se duas consequências, ambas plausíveis: ou que Anchieta, satisfeito com a vivacidade e tom alegre de Cardim, o copiou insensivelmente, ou que ambos se apoiaram na informação mandada em Agosto. Se nos lembrarmos que no *Treatise of Brazil written by a Portugall which had long lived there*, publicado por Purchas em 1625, já se encontram muitas das comparações communs a Cardim e Anchieta; se se conceber que aquella obra é de Fernão Cardim, como por mais de uma vez tenho procurado prova-lo, e que foi escripta em 1584, a primeira hypothese é muito mais verosimil."

Em *Notas* appostas ao primeiro e terceiro tratados deste volume assignalaram-se por diversas vezes as similhanças referidas.

Na presente edição da obra de Cardim visou-se tanto possível á uniformidade orthographica, respeitando-se quanto toleravel a feição antiga dos vocabulos. Uma melhor distribuição dos paragraphos, uma ou outra mudança de pontuação, praticou-se tambem; mas essa liberdade não autorizou a substituição dos termos antiquados que ella contém, nem tão pouco a alteração do torneio quinhentista de seu phraseado.

Com relação á escripta dos nomes tupis, conservou-se tal qual está nos tratados. A vogal especial da lingua vem alli invariavelmente como *ig*, embora em outros escriptos jesuiticos appareça ora como *j*, com um ponto em cima e outro em

baixo, óra como *i* com trema, óra como *y*, que é a forma mais geral e ultimamente adoptada. Com a *Arte de Grammatica* de Anchieta, advirta-se que, quando esteja *ig* “in medio dictionis”, não se pronuncie muta com liquida, o que vale dizer que se separe o *g* da syllaba seguinte, como tambem, se vier no fim, acabe-se a dicção no *i*.

RODOLPHO GARCIA.

I

DO CLIMA E TERRA DO BRASIL

E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS
QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA
COMO NO MAR.

DO CLIMA E TERRA DO BRASIL

O clima do Brasil geralmente he temperado de bons, delicados, e salutiferos ares, donde os homens vivem muito até noventa, cento e mais annos, e a terra he cheia de velhos; geralmente não tem frios, nem calmas, ainda que do Rio de Janeiro até São Vicente ha frios, e calmas, mas não muito grandes; os céos são muito puros e claros, principalmente de noite; a lua he mui prejudicial á saude, e corrompe muito as cousas; as manhãs são salutiferas, têm pouco de crepusculos, assi matutinos, como vespertinos, porque, em sendo manhã, logo sae o sol, e em se pondo logo anoitece. O Inverno começa em Março, e acaba em Agosto, o Verão começa em Setembro e acaba em Fevereiro; as noites e dias são quasi todo o anno iguaes.

A terra he algum tanto malencolica, regada de muitas aguas, assi de rios caudaes, como do céo, e chove muito nella, principalmente no In-

verno; he cheia de grandes arvoredos que todo o anno são verdes; he terra montuosa, principalmente nas fraldas do mar, e de Pernambuco até á Capitania do Espirito Santo se acha pouca pedra, mas dahi até S. Vicente são serras altíssimas, mui fragosas, de grandes penedias e rochedos. Os mantimentos e aguas são geralmente sadios, e de facil digestão. Para vestir ha poucas commodidades por não se dar na terra mais que algodão, e do mais he terra farta, principalmente de gados e açucares. (1)

DOS ANIMAES (I)

Veado. — Na lingua brasilica se chama *Sugoçú*: ha huns muito grandes, como formosos cavallos; têm grande armação, e alguns têm dez e doze pontas; estes são raros, e achão-se no Rio de S. Francisco e na Capitania de S. Vicente; estes se chamão *Suaçuapara*, são estimados dos Cariós, e das pontas e nervos fazem os bicos das frechas, e humas bolas de arremeço que usão para derrubar animaes ou homens.

Ha outros mais pequenos; tambem têm cornos, mas de huma ponta só. Alem destes ha tres ou quatro especies, huns que andão somente nos

(1) Conf. Anchieta — *Informações do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), ps. 45|46.

matos, outros somente nos campos em bandos. Das pelles fazem muito caso, e da carne.

Tapyretê — Estas são as antas, de cuja pelle se fazem as adargas; parecem-se com vaccas e muito mais com mullas, o rabo he de um dedo, não têm cornos, têm huma tromba de comprimento de hum palmo que encolhe e estende. Nadão e mergulhão muito, mas em mergulhando logo tomão fundo, e andando por elle saem em outra parte. Ha grande copia dellas nesta terra.

Porco montês. — Ha grande copia de porcos monteses, e he o ordinario mantimento dos Indios desta terra, têm o embigo nas costas e por elle lhe sae hum cheiro, como de raposinhos, e por este cheiro os seguem os cães e são tomados facilmente. Ha outros chamados Tayaçutirica, sc., porco que bate, e trinca os dentes, estes são maiores que os communs, e mais raros, e com seus dentes atassalhão quantos animaes achão.

Outros se chamam Tayaçupigta, sc. porco que aguarda, ou faz fineapé. Estes accommettem os cães, e os homens, e tomando-os os comem, e são tão bravos que he necessario subirem-se os homens nas arvores para lhes escapar, e alguns esperarão ao pé das arvores alguns dias até que o homem se desça, e por que lhes sabem esta manha, sobem-se logo com os arcos e frechas ás arvores, e de lá os matão.

Tambem ha outras especies de porcos, todos se comem, e são de boa substancia.

Acuti. — Estas Acutis se parecem com os coe-

lhos de Espanha, principalmente nos dentes: a côr é loura, e tira a amarella; são animaes domesticos, e tanto que andão por casa, e vão fóra, e tornão a ella; quando comem tudo tomão com as mãos e assi o levão á bocca, e comem muito depressa, e o que lhes sobeja escondem para quando têm fome. Destas ha muitas especies, todas se comem.

Páca. — Estas Pácas são como leitões, e ha grande abundanciã dellas: a carne he gostosa, mas carregada; não parem mais que hum só filho. Ha outras muito brancas, são raras, e achão-se no Rio de São Francisco.

Iagoáretê. — Ha muitas onças, humas pretas, outras pardas, outras pintadas: he animal muito cruel, e feroz; acommettem os homens sobremaneira, e nem em arvores, principalmente se são grossas, lhes escapão; quando andão cevadas de carne não ha quem lhes espere principalmente de noite; matão logo muitas rezes juntas, desbaratão huma casa de gallinhas, huma manada de porcos, e basta darem huma unhada em hum homem, ou qualquer animal para o abrirem pelo meio; porém são os Indios tão ferozes que ha Indio que arremette com huma, e tem mão nella e depois a matão em terreiro como fazem aos contrarios, tomando nome, e fazendo-lhes todas as ceremonias que fazem aos mesmos contrarios. Das cabeças dellas usão por trombetas, e as mulheres Portuguezas usão das pelles para alcatifas, maximé das pintadas, e na Capitania de São Vicente.

Sarigué. — Este animal se parece com as raposas de Espanha, mas são mais pequenos, do tamanho de gatos; cheirão muito peor a raposinhos que as mesmas de Espanha, e são pardos como ellas. Têm huma bolsa das mãos até as pernas com seis ou sete mamas, e ali trazem os filhos escondidos até que sabem buscar de comer, e parem de ordinario seis, sete. Estes animaes destruem as gallinhas porque não andão de dia, senão de noite, e trepão pelas arvores e casas, e não lhes escapão passaros, nem gallinhas.

Tamanduá. Este animal he de natural admiração: he do tamanho de hum grande cão, mais redondo que comprido; e o rabo será de dous (2) comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas, que pela calma, e chuva, frio, e ventos, se agasalha todo debaixo d'elle sem lhe apparecer nada; a cabeça he pequena, o focinho delgado, nem tem maior bocca que de huma almotulia, redonda, e não rasgada, a lingua será de grandes tres palmos de comprimento e com ella lambe as formigas de que sòmente se sustenta: he diligente em buscar os formigueiros, e com as unhas, que são do comprimento dos dedos da mão de hum homem o desmancha, e deitando a lingua fóra pegam-se nella as formigas, e assi a sorve porque não tem bocca para mais que quanto lhe cabe a

(2) Twice or thrice, em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, pags. 1.301.

lingoa cheia dellas; he de grande ferocidade, e acommette muito a gente e animaes. As onças lhe hão medo, e os cães sobremaneira, e qualquer cousa que tomão com suas unhas espedação; não se comem, nem prestão para mais que para desençar os formigueiros, e são elles tantos, que nunca estes animaes os desbaratarão de todo.

Tatú. — Este animal he do tamanho de hum leitão, de côr como branca, o focinho tem muito comprido, o corpo cheio de humas como laminas com que fica armado, e descem-lhe huns pedaços como têm as Badas. Estas laminas são tão duras que nenhuma frecha as pode passar se lhe não dá pelas ilhargas; furão de tal maneira, que já aconteceu vinte e sete homens com enxadas não poderem cavar tanto, como huma cavava com o focinho. Porém, se lhe deitão agua na cóva logo são tomados; he animal para ver, e chamão-lhe cavallo armado: a carne parece de gallinha, ou leitão, muito gostosa, das pelles fazem bolsas, e são muitos galantes, e de dura; fazem-se domesticos e crião-se em casa.

Destes ha muitas especies e ha grande abundancia.

Canduaçú. — Este animal he o porco espinho de Africa: tem tambem espinhos brancos e pretos tão grandes que são de palmo e meio, e mais; e tambem os despedem como os de Africa.

Ha outros destes que se chamão Candumiri, por serem mais pequenos, e tambem têm espinhos da mesma maneira.

Ha outros mais pequenos do tamanho de gatos, e tambem têm espinhos amarellos e nas pontas pretos. Todos estes espinhos têm esta qualidade que entrando na carne, por pouco que seja, por si mesmo passam a carne de parte a parte, e por esta causa servem estes espinhos de instrumentos aos Indios para furar as orelhas, porque mettendo hum pouco por ellas em huma noite lhas fura de banda a banda.

Ha outros mais pequenos, como ouriços, tambem têm espinhos, mas não nos despedem; todos estes animaes são de boa carne, e gosto.

Eirara. — Este animal se parece com gato de Algalia: ainda que alguns dizem que o não he, são de muitas côres, sc. pardos, pretos, e brancos: não comem mais que mel, e neste officio são tão terribes que por mais pequeno que seja o buraco das abelhas o fazem tamanho que possam entrar, e achando mel não no comem até não chamar os outros, e entrando a maior dentro não faz senão tirar, e dar aos outros, cousa de grande admiração e exemplo de charidade para os homens, e ser isto assi affirmão os Indios naturaes.

Aquiquiy. — Estes bugios são muito grandes como hum bom cão, pretos, e muito feios, assi os machos, como femeas, têm grande barba sómente no queixo debaixo, destes nasce ás vezes hum macho tão ruivo que tira a vermelho, o qual dizem que he seu Rei. Este tem o rosto branco, e a barba de orelha a orelha, como feita à tesoura; têm huma cousa muito para notar, e he, que se

poem em huma arvore, e fazem tamanho ruido que se ouve muito longe, no qual atura muito sem descansar, e para isto tem particular instrumento esta casta: o instrumento he certa cousa concava como feita de pergaminho muito rija, e tão lisa que serve para burnir, do tamanho de hum ovo de pata, e começa do principio da guella até junto da campainha, entre ambos os queixos, e he este instrumento tão ligeiro que em lhe tocando se move como a tecla de hum cravo. E quando este bugio assi está pregando escuma muito, e hum dos pequenos que ha de ficar em seu lugar lhe alimpa muitas vezes a escuma da barba.

Ha outros de muitas castas, e em grande multidão, sc. pretos, pardos, amarellos; dizem os naturaes que alguns destes quando lhes tirão uma frecha a tomão na mão e tornão com ella atirar á pessoa; e quando os ferem buscam certa folha e a mastigão, e mettem na ferida para sararem: e porque andão sempre nas arvores, e são muito ligeiros, quando o salto he grande que os pequenos não podem passar, hum delles se atravessa como ponte, e por cima delle passão os outros, o rabo lhe serve tanto como mão, e se algum he ferido com o rabo se cinge, e ao ramo onde está, e assi fica morrendo dependurado sem cair. Têm outras muitas habilidades que se vêem cada dia, como he tomar hum páo, e dar pancadas em alguém que lhes faz mal: outro achando um cestinho d'ovos o dependurou pela corda ao pescoço, e subindo a hum telhado fazia de lá muitos momos ao senhor que o ia bus-

car, e quebrando-os os sorveo todos diante delle, tirando-lhe com as cascas.

Coati. — Este animal he pardo, parece-se com os texugos de Portugal, tem o focinho muito comprido, e as unhas; trepão pelas arvores como bugios, não lhes escapa cobra, nem ovo, nem passaro, nem quanto podem apanhar; fazem-se domesticos em casa, mas não ha quem os soffra, porque tudo comem, brincão com gatinhos, e cachorrinhos, e são maliciosos, apraziveis, e têm muitas habilidades.

Ha outras duas, ou tres castas maiores, como grandes cães, e têm dentes como porcos javaris de Portugal; estes comem animaes e gente, e achando presa, acercam huns por huma parte, outros por outra, até a despedaçarem.

Gatos bravos. — Destes ha muitas castas, huns pretos, outros brancos assafroados, e são muito galantes para qualquer forro; são estes gatos muito terriveis e ligeiros: vivem de caça e passaros, e tambem acomettem a gente; alguns são tamanhos como cães.

Iaguaruçú. — Estes são os cães do Brasil, são de hum pardo almiscarado de branco, são muito ligeiros, e quando chorão parecem cães; têm o rabo muito felpudo, comem fructas e caça, e mordem terrivelmente.

Tapiti. — Este animal se parece com os coelhos de Portugal, estes ladrão cá nesta terra como cães, maxime de noite, e muito a miúde. Os Indios têm estes ladridos por agouro; criam tres e quatro

filhos: são raros porque têm muitos adversarios, como aves de rapina, e outros animaes que os comem.

Iaguacini. — Este animal he tamanho como raposa de Portugal, tem a mesma côr de raposa, sustenta-se sómente de caranguejos, e dos canaveaes d'açucar, e destruem muitos delles; são muito dorminhocos, e dormindo os matão, não fazem mal.

Biarataca. — Este animal é do tamanho de hum gato, parece-se com Furão, pelo lombo tem huma mancha branca, e outra parda, que lhe ficam em cruz muito bem feita; sustentão-se de passaros, e seus ovos, e outras cousas, maxime de ambar, e gosta tanto delle que toda a noite anda pelas praias a busca-lo, e aonde o ha elle he o primeiro; he muito temido, não porque tenha dentes, nem outra arma com que se defenda, mas dá certa ventusidade tão forte, e de tão roim, que os páos, pedras, e quanto diante de si acha, penetra, e he tanto que alguns Indios morrerão já de tal fedor; já cão que a elle se achega, não escapa, e dura este cheiro quinze, vinte, e mais dias, e he tal que se dá esta ventusidade junto dalguma aldêa logo se despovôa para não serem sentidos, cavão no chão, e dentro dão a ventusidade, e a cobrem com a terra; e quando os achão para não serem tomados, sua defesa he disparar aquella ventusidade.

Ha outras castas destes animaes que não têm tão máo cheiro; crião-se em casa, e ficão domesticos, e os Indios os estimão.

Preguiça. — A preguiça que chamão do Brasil;

he animal para ver, parece-se com cães felpudos, os perdigueiros; são muito feios, e o rosto parece de mulher mal toucada; têm as mãos e pés compridos, e grandes unhas, e crueis, andão com o peito pelo chão, e os filhos abraçados na barriga, por mais que lhes dêem, andão tão de vagar que hão mister muito tempo para subir a huma arvore, e por isso são tomados facilmente: sustentão-se de certas folhas de figueiras, e por isso não pódem ir a Portugal, porque como lhes faltão, morrem logo.

Ratos. Nestas partes ha grande numero de ratos, e haverá delles algumas dez, ou doze castas, huns pretos, outros ruivos, outros pardos, todos se comem, e são gostosos, maxime alguns grandes que são como coelhos; em alguns tempos são tantos que dando em uma roça, a destroem.

DAS COBRAS QUE ANDÃO NA TERRA E NÃO TÊM PEÇONHA (II)

Gibóia. — Esta cobra he das grandes que por cá ha, e algumas se achão de vinte pés de comprimento; são muito galantes, mas mais o são em engullir hum veado inteiro; não têm peçonha, nem os dentes são grandes conforme ao corpo; para tomar a caça de que se sustenta usa desta manha: estende-se pelos caminhos, e em prepassando a caça lança-se sobre ella, e de tal maneira se enrodiha, e aperta que lhe quebra quantos ossos tem, e

depois a lambe, e seu lamber tem tal virtude que a moe toda, e então a engole, e traga.

Ha outra que chamão Guigraupiagoára, sc., comedora dos ovos dos passaros, he muito preta, comprida, e tem os peitos amarellos, andão por cima das arvores, como nadando por agua, e não ha pessoa que tanto corra pela terra, como ellas pelas arvores. Esta destrue os passaros, e seus ovos.

Ha outra muito grossa, e comprida, chamada Caninana; he toda verde, e de notavel formosura. Esta tambem come ovos, passaros, e mata os pintainhos.

Ha outra chamada Boitiapoá, sc. cobra que tem focinho comprido, he muito delgada e comprida, e sustenta-se sómente de rãs, têm os Indios com esta hum agouro que quando a mulher não tem filhos tomão esta cobra, dando-lhe com ella nas cadeiras e dizem que logo ha de parir.

Ha outra chamada Gaitiepia, acha-se sómente no Rari: he de notavel grandura, cheira tanto a raposinhos que por onde quer que vai que não ha quem a soffra.

Ha outra, a qual se chama Boyuna, sc. cobra preta, he muito comprida, e delgada, tambem cheira muito a raposinhos.

Ha outra que se chama Bom, sc. porque quando anda vai dizendo bom, bom, tambem é grande, e não faz mal.

Ha outra, a qual se chama Boicupeçanga, sc. cobra que tem espinhos pelas costas, he muito

grande, e grossa, as espinhas são muito peçonhentas, e todos se guardão muito dellas.

DAS COBRAS QUE TÊM PEÇONHA (III)

Jararaca. — Jararaca he nome que comprehende quatro generos de cobras muito peçonhentas: a primeira e maior, é Jararacuçu, sc. jararaca grande, e são de dez palmos; têm grandes prezas na bocca, escondidas ao longo do queixo, e quando mordem estendem no como dedo de mão, têm a peçonha nas gengivas, têm os dentes curvos, e na costa delles hum rego por onde lhe corre a peçonha. Outros dizem que a têm dentro do dente que he furado por dentro. Têm tão vehemente peçonha, que em 24 horas, e menos, mata huma pessoa; a peçonha é muito amarella como agua de açafraão; parem muitos filtos, e algumas se achão treze na barriga.

Ha outra que se chama Jararagoaipigtanga, sc., que tem a ponta do rabo mais branco que pardo; estas são tão peçonhentas como as biboras de Espanha, e têm a mesma côr e feiçam.

Ha outra Jararacopéba, he peçonhentissima, tem uma codea pelo lombo vermelho, e os peitos e o mais corpo he todo pardo.

Ha outras Jararacas mais pequenas, que a maior será de dous palmos; são de côr de terra, têm humas veias pela cabeça como as biboras, e tambem carcarejão como ellas.

Surucucú. — Esta cobra he espantosa, e medonha; achão-se de quinze palmos; quando os Indios naturaes as matão, logo lhes enterrão a cabeça por ter muita peçonha; para tomar caça, e a gente, mede-se com huma arvore, e em vendo a presa se deixa cair sobre ella e assi a mata.

Boicinga. — Esta cobra se chama cascavel; he de grande peçonha, porem faz tanto ruido com hum cascavel que tem na cauda, que a poucos toma: ainda que he tão ligeira que lhe chamão a cobra que vôa: seu comprimento he de doze e treze palmos.

Ha outra chamada Boicingbéba; esta tambem tem cascavel, mas mais pequeno, he preta, e tem muita peçonha.

Igbigracuá. — He tão vehemente a peçonha desta cobra que em mordendo a huma pessoa, logo lhe faz deitar o sangue por todos os meatos que tem, sc. olhos, narizes, bocca, orelhas, e por quantas feridas tem em seu corpo, e corre-lhe por muito espaço de tempo, e se lhe não acodem todo se vae em sangue, e morre.

Igbigboboca. — Esta cobra he muito formosa, a cabeça tem vermelha, branca e preta, e assi todo o corpo manchado destas tres côres. Esta he mais peçonhenta de todas, anda de vagar, e vive em as gretas da terra, e por outro nome se chama a cobra dos corais. Não se póde explicar a grande vehemencia que têm estas cobras peçonhentas sobre-ditas, nem as grandes dôres que causão, nem as muitas pessoas que cada dia morrem dellas, e são

tantas em numero, que não sómente os campos, e matos, mas até as casas andão cheias dellas, achão-se nas camas, dentro das botas, quando as querem calçar. Indo os Irmãos para o repouso as achão nelle, enrodilhadas nos pés dos bancos, e se lhe não acodem, quando mordem, sarjando-lhe a ferida, sangrando-se, bebendo unicornio, ou carimá, ou agua do pão de cobra, ou qualquer outro remedio, efficaz, em 24 horas, e menos, morre huma pessoa com grandes gritos, e dores, e são tão espantosas, que como huma pessoa he mordida logo pede confissão, e faz conta que morre, e assi dispõem de suas cousas.

Ha outras cobras, principalmente estas Jara-racas, que cheirão muito a almisere, e onde quer que estão dão sinal de si pelo bom e suave cheiro.

Ha muitos Alacrás que se achão nas camas cada dia, e entre os livros nos cubiculos; de ordinario não matão, mas dentro de 24 horas não ha viver com dores.

Parece que este clima influe peçonha, assi pelas infinitas cobras que ha, como pelos muitos Alacrás, aranhas, e outros animaes immundos, e as lagartixas são tantas que cobrem as paredes das casas, e agulheiros dellas.

DAS AVES QUE HA NA TERRA E DELLA SE SUSTENTÃO (IV)

Assi como este clima influe peçonha, assi parece influir formosuras nos passaros, e assi como

toda a terra he cheia de bosques, e arvoredos, assi o he de formosissimos passaros, de todo genero de côres.

Papagaios. — Os papagaios nesta terra são infinitos, mais que gralhas, zorzais, estorninhos, nem pardaes de Espanha, e assi fazem gralhada como os sobreditos passaros; destruem as milharadas; sempre andão em bandos, e são tantos que ha Ilhas onde não ha mais que papagaios; comem-se e he boa carne, são de ordinario muito formosos e de muito varias côres, e varias especies, e quasi todos fallão, se os ensinam.

Arára. — Estes papagaios são os que por outro nome se chamão Macaos: he passaro grande, e são raros, e pela fralda do mar não se achão; he huma formosa ave em côres, os peitos tem vermelhos como graã; do meio para o rabo alguns são amarellos, outros verdes, outros azues, e por todo o corpo têm algumas pennas espargidas, verdes, amarellas, azues, e de ordinario cada penna tem tres, quatro cores, e o rabo he muito comprido. Estes não põem mais de dois ovos, crião nas tôcas das arvores, e em rochas de pedras. Os Indios os estimão muito, e de suas pennas fazem suas galantarias, e empennaduras para suas espadas; he passaro bem estreado, faz-se muito domestico, e manso, e fallão muito bem, se os ensinão.

Anapurú. — Este papagaio he formosissimo, e nelle se achão quasi todas as cores em grande perfeição, sc., vermelho, verde, amarello, preto, azul, pardo, côr de rosmaninho, e de todas estas cores

têm o corpo salpicado, e espargido. Estes também fallão, e têm mais huma vantagem que he criar em casa, e tirar seus filhos, pelo que são de grande estima.

Ararúna. -- Este Macao he muito formoso: he todo preto espargido de verde, que lhe dá muita graça, e quando lhe dá o sol fica tão resplandescen-te que he para folgar de ver; os pés tem amarellos, e o bico e os olhos vermelhos; são de grande estima, por sua formosura, por serem raros, por não criarem senão muito dentro pelo sertão, e de suas pennas fazem seus diademas, e esmaltes.

Ajurucuráo. -- Estes papagaios são formosís-simos: são todos verdes, têm hum barrete, e collei-ra amarella muito formosa, e em cima do bico humas poucas de pennas de azul muito claro, que lhe dão muito lustre, e graça; têm os encontros das azas vermelhos, e as pennas do rabo de vermelho, e amarello salpicadas de azul.

Tuin. -- Os tuins he huma especie de papagaios pequenos do tamanho de hum pardal; são verdes espargidos de outras varias côres, são muito estimados, assi pela sua formosura, como também por-que fallão muito, e bem, e são muito domesticos, e tão mansinhos que andão correndo por toda huma pessoa, saltando-lhe nas mãos, nos peitos, nos hom-bros, e cabeça, e com o bico lhe esgravatão os den-tes, e estão tirando o comer da bocca á pessoa que os cria, e fazem muitos momos, e sempre fallão, ou cantão a seu modo.

Guigrájuba. — Chama-se este passaro Guigra-

júba, sc., passaro amarello; não fallão, nem brincão, antes são muito malenconizados, e tristes, mas muito estimados, por se trazerem de duzentas, e trezentas leguas, e não se achão, senão em casas de grandes principaes, e têm-nos em tanta estima que dão resgate, e valia de duas pessoas por um delles, e tanto o estimão como os Japões as trem-pes, e panellas, e qualquer outros senhores alguma cousa de grande preço, como falcão, girifalte, &&

Iapú. — Este passaro he do tamanho de huma pêga, o corpo tem de hum preto fino, e o rabo todo amarello gracioso; na cabeça tem tres pennachosinhos, que não parecem senão cornitos quando os levanta; os olhos tem azues, o bico muito amarello; he passaro formoso, e tem um cheiro muito forte quando se agasta; são muito sollicitos em buscar de comer, não lhe escapa aranha, barata, grillo, & e são grande limpesa de huma casa, e andão por ellas como pêgas, não lhes fica cousa que não corrao; he perigo grande terem-no na mão, porque arremettem aos olhos e tirão-nos.

Guainumbig. — Destes passarinhos ha varias especies, sc., Guaracigá, sc., fructa do sol, por outro nome Guaracigoba, sc., cobertura do sol, ou Guaracigaba, sc., cabelo do sol; nas Antilhas lhe chamão o passaro resuscitado, e dizem que seis mezes dorme e seis mezes vive; he o mais fino passaro que se póde imaginar, tem hum barrete sobre sua cabeça, a qual se não pode dar côr propria, porque de qualquer parte que a tomão mostra vermelho, verde, preto, e mais côres todas muito finas, e res-

plandescentes, e o papo he tão formoso que de qualquer parte que o tomão, mostra todas as côres, principalmente hum amarello mais fino que ouro.

O corpo he pardo, tem o bico muito comprido, e a lingua de dous comprimentos do bico; são muito ligeiros no voar, e quando voão fazem hum estrondo como abelhas, e mais parecem abelhas na ligeireza que passaros, porque sempre comem de vôo sem pousar na arvore; assi como abelhas andão chupando o mel das flores; têm dous principios de sua geração: huns se gerão de ovos como outros passaros, outros de borboletas, e he cousa para ver, huma borboleta começar-se a converter neste passarinho, porque juntamente he borboleta e passaro, e assi se vae convertendo até ficar neste formosissimo passarinho; cousa maravilhosa, e ignota aos philosophos, pois hum vivente sem corrupção se converte noutro.

Guigranhcéngetá. — Este passaro he do tamanho de hum pintasilgo, tem as costas, e azas azues, e o peito, e barriga de um amarello finissimo. Na testa tem um diadema amarello que o faz muito formoso; he passaro excellente para gaiola, por fallar de muitas maneiras, arremedando muitos passaros, e fazendo muito trocados e mudando a falla em mil maneiras, e atura muito em o canto, e são de estima, e destes de gaiola ha muitos e formosos, e de varias cores.

Tangará. — Este he do tamanho de hum pardal: todo preto, a cabeça tem de hum amarello la-raujado muito fino; não canta, mas tem huma

cousa maravilhosa que tem accidentes como de gotta coral, e por esta razão o não comem os Indios por não terem a doença; tem hum genero de baile gracioso, sc., hum delles se faz morto, e os outros o cercão ao redor, saltando, e fazendo hum cantar de gritos estranho que se ouve muito longe, e como acabão esta festa, grita, e dança, o que estava como morto se alevanta, e dá hum grande assovio, e grito, e então todos se vão, e acabão sua festa, e nella estão tão embebidos quando a fazem que ainda que sejam vistos, e os espreitem não fogem; destes ha muitas especíes, e todos têm accidentes.

Quereiúá. — Este passaro he dos mais estimados da terra, não pelo canto, mas pela formosura da penna; são d'azul claro em parte, e escuro, e todo o peito roxo finissimo, e as azas quasi pretas, são tão estimadas, que os Indios os esfollão, e dão duas e tres pessoas por huma pelle delles, e com as pennas fazem seus esmaltes, diademas, e outras galantarias.

Tucána. — Este passaro he do tamanho de huma pêga; he todo preto, tirando o peito, o qual he todo amarello com hum circulo vermelho; o bico he de hum grande palmo, muito grosso e amarello, e por dentro vermelho, tão burnido e lustroso, que parece invernizado; fazem-se domesticos, e crião-se em casa, são bons para comer, e a penna se estima muito por ser fina.

Guigrapóngá. — Este passaro he branco, e sendo não muito grande, dão taes brados que não

parece senão hum sino, e ouve-se meia legua, e seu cantar he ao modo de repique de sino.

Macucaguá. — Esta ave he maior que nenhuma gallinha de Portugal; parece-se com faijão, e assi lho chamão os portuguezes, tem tres titellas huma sobre a outra, e muita carne, e gostosa, põe duas vezes no anno, e de cada vez treze ou quinze ovos; andão sempre pelo chão, mas quando vem gente se sobem nas arvores, e á noite quando se empoleirão como fazem as gallinhas. Quando se põem nas arvores, não põem os pés nos paos, mas as canellas das pernas, e mais da parte dianteira. Destas ha muitas especies, e multidão, e facilmente se frechão.

Entre ellas ha humna das mais pequenas, tem muitas habilidades: adivinha quando canta a chuva, dá tão grandes brados que se não pôde crer de passaro tão pequeno, e a razão he, por que tem a guella muito grande, começa na cabeça, e sae pelo peito ao longo da carne, e couro, e chega ao cesso, e faz volta, e torna-se a metter no papo, e então procede como aos outros passaros, e fica como trombeta com suas voltas. Correm após qualquer pessoa, ás picadas brincando como cachorrinho, se lhe deitão ovos de gallinha choca-os, e cria os pintainhos, e se vê as gallinhas com pintainhos tanto as persegue até que lhos toma e os cria.

Mutã. — Esta gallinha he muito caseira, tem huma crista de gallo espargida de branco e preto, os ovos são grandes como de pata, muito alvos, tão rijos que batendo hum no outro, tinem como

ferro, e delles fazem os seus maracás, sc., casca-
veis; todo cão que lhe come os ossos, morre, e aos
homens nenhum prejuizo lhes faz.

Urú. — Nesta terra ha muitas especies de per-
dizes que ainda que se não pareçam em todo com as
de Espanha, todavia são muito semelhantes na
côr, e no gosto, e na abundancia.

Ha nesta terra muitas especies de rolas, tor-
dos, melros, e pombas de muitas castas, e todas
estas aves se parecem muito com as de Portugal;
e as pombas e rolas são em tanta multidão que
em certos campos muito dentro do sertão são tan-
tas que quando se levantão empedem a claridade
do sol, e fazem estrondo, como de hum trovão;
põem tantos ovos, e tão alvos, que de longe se
vêem os campos alvejar com os ovos como se
fosse neve, e com servirem de mantimento aos In-
dios não se podem desençar, antes dali em certos
tempos parece que correm todas as partes desta
provincia.

Nhandugoaçú. — Nesta terra ha muitas Emas,
mas não andão senão pelo sertão dentro.

Anhigma. — Este passaro he de rapina, gran-
de, e dá brados que se ouvem meia legua, ou mais;
he todo preto, os olhos tem formosos, e o bico
maior que de gallo, sobre este bico tem hum cor-
nito de comprimento de hum palmo; dizem os na-
turaes que este corno he grande medicina para os
que se lhe tolhem a falla, como já aconteceu que
pondo ao pescoço de um menino que não fallava,
fallou logo.

Ha outras muitas aves de rapina, sc., aguias, falcões, açores, esmerilhões, francelhos, e outras muitas, mas são todas de ordinario tão bravas que não servem para caçar, nem acodem á mão.

DAS ARVORES DE FRUCTO (V)

Acajú. — Estas arvores são muito grandes, e formosas, perdem a folha em seus tempos, e a flor se dá em os cachos que fazem humas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce huma flôr vermelha de bom cheiro, e após ella nasce huma castanha, e da castanha nasce hum pomo do tamanho de hum repinaldo, ou maçã camoeza; he fructa muito formosa, e são alguns amarellos, e outros vermelhos, e tudo he sumo: são bons para a calma, refrescão muito, e o sumo põe nodoa em panno branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha he tão boa, e melhor que as de Portugal; comem-se assadas, e cruas deitadas em agua como amendoas piladas, e dellas fazem maçapães, e bocados doces como amendoas. A madeira desta arvore serve pouco ainda para o fogo, deita de si goma bôa para pintar, e escrever em muita abundancia. Com a casca tingam o fiado, e as cuias que lhe servem de panellas. Esta pizada e cozida com algum cobre até se gastar a terça d'agua, he unico remedio para chagas velhas e sárão depressa. Destas arvores ha tantas como os castanheiros em Portugal, e dão se por esses ma-

tos, e se colhem muitos moios das castanhas, e a fructa em seus tempos a todos farta. Destes acajús fazem os Indios vinho.

Mangába. — Destas arvores ha grande copia, maximé na Bahia, porque nas outras partes são raras; na feição se parece com macieira de anafega, e na folha com a de freixo; são arvores graciosas, e sempre têm folhas verdes. Dão duas vezes fructo no anno: a primeira de botão, porque não deitão então flôr, mas o mesmo botão he a fructa; acabada esta camada que dura dous ou tres mezes, dá outra, tornando primeiro flôr, a qual he toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto; a fructa he de tamanho de abricós, amarella, e salpicada de algumas pintas pretas, dentro tem algumas pevides, mas tudo se come, ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sadias, e tão leves que por mais que comão, parecem que não comem fructa; não amadurecem na arvore, mas caem no chão, e dahi as apanhão já maduras, ou colhendo-as verdes as poem em madureiro; dellas fazem os Indios vinhos; a arvore e a mesma fructa em verde, toda está cheia de leite branco, que pega muito nas mãos, e amarga.

Mucuoé. — Esta fructa se dá em humas arvores altas; parece-se com peras de mato de Portugal, o pé tem muito comprido, colhem-se verdes, e põem-se a madurar, e maduros são muito gostosos, e de facil digestão; quando se hão de colher sempre se corta toda a arvore por serem muito

altas, e se não fôra esta destruição houvera mais abundancia, e por isso são raras; o tronco tem grande copia de leite branco, e coalha-se; pode servir de lacre se quizerem usar delle.

Araçá. — Destas arvores ha grande copia, de muitas castas; o fructo são huns perinhos, amarellos, vermelhos, outros verdes; são gostosos, desenfasiados, appetitosos, por terem alguma ponta de agro. Dão fructo quasi todo o anno.

Ombú. — Este ombú he arvore grande, não muito alta, mas muito espalhada; dá certa fructa como ameixas alvares, amarella, e redonda, e por esta razão lhe chamão os portuguezes ameixas; faz perder os dentes, e os Indios que as comem os perdem facilmente; as raizes desta arvore se comem, e são gostosas e mais saborosas que a balancia, porque são mais doces, e a doçura parece de açucar. São frios, sadios, e dão-se aos doentes de febres; e aos que vão para o serião serve de agua quando não têm outra.

Jaçapucaya. — Esta arvore he das grandes e formosas desta terra; cria huma fructa como pannela, do tamanho de huma grande bolla de grossura de dous dedos, com sua cobertura por cima, e dentro está cheia de humas castanhas como mirabulanos, e assi parece que são os mesmos da India. Quando estão já de vez se abre aquella sapadoura, e cae a fructa; se comem muita della verde, pella huma pessoa quantos cabellos tem em seu corpo; assadas é boa fructa. Das panellas usão para graes e são de dura; a madeira da ar-

vore he muito rija, não apodrece, e he de estima para os eixos dos engenhos.

Araticú. — Araticú he huma arvore do tamanho de laranjeira, e maior; a folha parece de cidreira, ou limoeiro; he arvore fresca e graciosa, dá huma fructa da feição e tamanho de pinhas, e cheira bem, tem arezoado gosto, e he fructa desenfasiada.

Destas arvores ha muitas castas, e huma dellas chamada araticú-paná; se comem muito da fructa fica em fina peçonha, e faz muito mal. Das raizes destas arvores fazem boias para rêdes, e são tão leves como cortiças.

Pequeá. — Destas arvores ha duas castas; huma dellas dá huma fructa do tamanho de huma hôa laranja, e assi tem a casca grossa como laranja; dentro desta casca não ha mais que mel tão claro, e doce como açúcar em quantidade de hum ovo, e misturado com elle tem as pevides.

Ha outra arvore Pequeá: he madeira das mais presadas desta terra; em Portugal se chama setim; tem ondas muito galantes, dura muito, e não apodrece.

Jaboticaba. — Nesta arvore se dá huma fructa do tamanho de hum limão de seutil; a casca, e gosto, parece de uva ferral, desde a raiz da arvore por todo o tronco até o derradeiro raminho; he fructa rara, e acha-se sómente pelo sertão a dentro da capitania de São Vicente. Desta fructa fazem os Indios vinho, e o cozem como vinho d'uvas.

Neste Brasil ha muitos coqueiros, que dão coquos excellentes como os da India; estes de ordinario se plantão, e não se dão pelos matos, senão nas hortas, e quintaes; e ha mais de vinte especies de palmeira e quasi todas dão fructo, mas não tão bom como os coquos; com algumas destas palmeiras cobrem as casas.

Alem destas arvores de fructo ha muitas outras que dão varios fructos, de que se aproveitão, e sustentão muitas nações de Indios, juntamente com o mel, de que ha muita abundancia, e com as caças, porque não têm outros mantimentos.

Pinheiro. — No sertão da Capitania de São Vicente até ao Paraguay ha muitos e grandes pinhaes propriamente como os de Portugal, e dão pinhas com pinhões; as pinhas não são tão compridas, mas mais redondas, e maiores, os pinhões são maiores, e não são tão quentes, mas de bom temperamento e sadios.

DAS ARVORES QUE SERVEM PARA MEDICINAS (VI)

Cabureigba. — Esta arvore he muito estimada, e grande, por causa do balsamo que tem; para se tirar este balsamo se pica a casca da arvore, e lhe põem hum pequeno d'algodão nos golpes, e de certos em certos dias vão recolher o oleo que ali se estilla; chamam-lhe os portuguezes balsamo por se parecer muito com o verdadeiro das

vinhas de Engaddi; serve muito para feridas frescas, e tira todo sinal, cheira muito bem, e delle, e das cascas do pao se fazem rosairos e outras cousas de cheiro; os matos onde os ha cheirão bem, e os animaes se vão roçar nesta árvore, parece que para sararem de algumas enfermidades. A madeira he das melhores deste Brasil, por ser muito forte, pesada, eliada e de tal grossura que dellas se fazem as gangorras, eixos, e fusos para os engenhos. Estas são raras, achão-se principalmente na Capitania do Espirito Santo.

Cupaigba. — He huma figueira commumente muito alta, direita e grossa; tem dentro della muito oleo; para se tirar a cortão pelo meio, aonde tem o vento, e ahi tem este oleo em tanta abundancia, que algumas dão hum quarto, e mais de oleo; he muito claro, de côr d'azeite; para feridas he muito estimado, e tira todo sinal. Tambem serve para as candêas e arde bem; os animaes, sentindo sua virtude, se vêm esfregar nellas; ha grande abundancia, a madeira não val nada.

Ambaigba. — Estas figueiras não são muito grandes, nem se achão nos matos verdadeiros, mas nas copueras, onde esteve roça; a casca desta figueira, raspando-lhe da parte de dentro, e espremendo aquellas rasas na ferida, pondo-lhas em cima, e atando-as com a mesma casca, em breve sara. Dellas ha muita abundancia, e são muito estimadas por sua grande virtude; as folhas são asperas, e servem para alisar qualquer pao; a madeira não serve para nada.

Ambaigtinga. — Esta figueira he a que chamão do inferno: achão-se em taperas, dão certo azeite que serve para a candêa: têm grande virtude, como escreve Monardes (3), e as folhas são muito estimadas para quem arrevesa, e não pôde ter o que come, untando o estomago com oleo, tira as opilações, e colica; para se tirar este oleo, põem-na ao sol alguns dias, e depois a pisão, e cozem, e logo lhe vem aquelle azeite acima que se colhe para os sobreditos effeitos.

Igbacamuci. — Destas arvores ha muitas em São Vicente: dão humas fructas, como bons marmellos da feição de hum panella, ou pote; tem algumas sementes dentro muito pequenas, são unico remedio para as camaras de sangue.

Igcigca. — Esta arvore dá a almecega; onde está cheira muito por hum bom espaço, dão-se alguns golpes na arvore, e logo em continente estilla hum oleo branco que se coalha; serve para emprastos em doenças de frialdade, e para se defumarem; tambem serve em lugar de incenso.

Ha outra arvore desta casta chamada *Igtaigciga*, se., almecega dura como pedra, assi mais parece anime do que almecega, e he tão dura e resplandescente, que parece vidro, e serve de dar vidro á louça, e para isto he muito estimada entre

(3) *Emonardes*, na cópia manuscrita.

os Indios, e serve tambem para doenças de frialdade.

Ha hum Rio entre Porto-seguro, e os Ilhéos que vem mais de 300 leguas pelo sertão: traz muita copia de rezina que he o mesmo anime, a que os Indios chamão Igtaigcigca, e os portuguezes incenso branco, e tem os mesmos effeitos que o incenso.

Curupicaigba. — Esta arvore parece na folha com os pecegueiros de Portugal; as folhas estillão hum leite como o das figueiras de Espanha, o qual he unico remedio para feridas frescas e velhas, e para boubas, e das feridas tira todo sinal; se lhe picão a casca deita grande quantidade de visco com que se tomão os passarinhos.

Caaróba. — Destas arvores ha grande abundancia; as folhas dellas mastigadas, e postas nas boubas as fazem seçar, e sarar de maneira que não tornão mais, e parece que o pao tem o mesmo effeito que o da China, e Antilhas para o mesmo mal. Da flôr se faz conserva para os doentes de boubas.

Caarobmoçorandigba. — Este pao parece que he o da China: toma-se da mesma madeira que o de lá, e sara os corrimentos, boubas, e mais doenças de frialdade; he pardo, e tem o amago duro com o pao da China.

Iabigrandi. — Esta arvore ha pouco que foi achada, e he, como dizem alguns indiativos, o Be-tele nomeado da India; os rios, e ribeiros estão cheios destas arvores: as folhas comidas são unico

remedio para as doenças de figado, e muitos neste Brasil sararão já de mui graves enfermidades do figado, comendo dellas.

Ha outra arvore tambem chamada Betele, mais pequena, e de folha redonda; as raizes della são excellente remedio para dôr de dentes, mettendo-a na cova delles, queima como gengibre.

Dizem tambem que ha neste Brasil a arvore da canafistola; he ignota aos Indios; os Espanhóes usão della e dizem que he tão bôa como a da India.

DOS OLEOS DE QUE USÃO OS INDIOS PARA SE UNTAREM (VII)

Andá. - Estas arvores são formosas, e grandes, e a madeira para tudo serve; da fructa se tira hum azeite com que os Indios se untão, e as mulheres os cabellos, e tambem serve para feridas, e as seca logo. E tambem fazem muitas galantarias pelo corpo, braços, e pernas com este oleo, pintando-se

Moxerecuigba. - Esta arvore se acha no sertão nos campos; he pequena, dá humia fructa do tamanho de laranja, e dentro della tem humas pevides, e de tudo junto fazem hum azeite para se untarem; a casca serve para barbasco dos peixes, e todo animal que bebe da agua donde se deita, morre

Aiuruatubira. - Esta arvore que he pequena

dá huma fructa vermelha, e della se tira hum oleo vermelho com que tambem se untão os Indios.

Aiabutipigta. — Esta arvore será do comprimento de cinco, seis palmos; he como amendoas, e preta, e assi he o azeite que estimão muito, e se untão com elle em suas enfermidades.

Ianipaba. — Esta arvore he muito formosa, de hum verde alegre, todos os mezes muda a folha que se parece com folha de nogueira; as arvores são grandes, e a madeira muito bôa, e doce de lavar; a fructa he como grandes laranjas, e se parece com marmellos, ou peras pardas; o sabôr he de marmello: he boa mezinha para camaras de toda ordem. Desta fructa se faz tinta preta, quando se tira he branca, e em untando-se com ella não tinge logo, mas dahi a algumas horas fica huma pessoa tão preta como azeviche; he dos Indios muito estimada, e com esta fazem em seu corpo imperiaes gibões, todos golpeados, e dão certos riscos pelo rosto, orelhas, narizes, barba, pernas, e braços, e o mesmo fazem as mulheres, e ficão muito galantes, e este he o seu vestido assi de semana, como de festa, ajuntando-lhe algumas pennas com que se ornão, e outras joias de osso; dura esta tinta no corpo assi preta nove dias, e depois não fica nada, faz o couro muito duro, e para tingir ha se de colher a fructa verde, porque madura não tinge.

Iequigtiygoaçú. — Esta arvore dá humas fructas como madronhos, e dentro huma conta tão

rija como hum pão que he a semente; são das melhores contas que se podem haver porque são muito eguaes, e muito pretas, e tem hum resplendor como de azeviche; a casca que cobre estas contas amarga mais que piorno (4), serve de sabão, e assi ensaboão como o melhor sabão de Portugal.

DA ARVORE QUE TEM AGUA (VIII)

Esta arvore se dá em os campos e sertão da Bahia em lugares aonde não ha agua; he muito grande e larga, nos ramos tem huns buracos de comprimento de hum braço que estão cheios de agua que não tresborda nem no inverno, nem no verão, nem se sabe donde vem esta agua, e quer della bebão muitos, quer poucos, sempre está em o mesmo ser, e assi serve não sómente de fonte, mas ainda de hum grande Rio caudal, e acontece chegarem 100 almas ao pé della, e todos ficão agasalhados, bebem, e lavão tudo o que querem, e nunca falta agua; he muito gostosa, e clara, e grande remedio para os que vão ao sertão quando não achão outra.

(4) *Alves*, em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, pgs. 1309.

DAS ARVORES QUE SERVEM PARA MADEIRA (IX)

Neste Brasil ha. arvoredos em que se achão arvores de notavel grossura, e comprimento, de que se fazem mui grandes canôas, de largura de 7, e 8 palmos de vão, e de comprimento de cincoenta e mais palmos, que carregão como huma grande barca, e levão 20 e 30 remeiros; tambem se fazem mui grandes gangorras para os engenhos. Ha muitos paos como incorruptiveis que mettidos na terra não apodrecem, e outros mettidos n'agua cada vez são mais verdes, e rijos. Ha pao santo, de humas aguas brancas de que se fazem leitos muito ricos, e formosos. Pao do Brasil, de que se faz tinta vermelha, e outras madeiras de varias côres, de que se fazem tintas muito estimadas, e todas as obras de torno e marcenaria. Ha paos de cheiro, como Jacarandá, e outros de muito preço e estima. Achão-se sandalos brancos em quantidade. Pao daquila em grande abundancia que se fazem navios delle, cedros, pao d'angelim, e arvore de noz noscada; e ainda que estas madeiras não sejam tão finas, e de tão grande cheiro como as da India, todavia falta-lhes pouco, e são de grande preço, e estima.

DAS ERVAS QUE DÃO FRUCTO, E SE COMEM (X)

Mandioca. — O mantimento ordinario desta terra que serve de pão se chama mandioca, e são humas raizes como de cenouras, ainda que mais grossas e compridas. Estas deitão humas varas, ou ramos, e crescem até altura de quinze palmos. Estes ramos são muito tenros, e têm hum miollo branco por dentro, e de palmo em palmo têm certos nós. E desta grandura se quebrão, e plantão na terra em huma pequena cova, e lhes ajuntão terra ao pé, e ficão mettidos tanto quanto basta para se terem, e dahi a seis, ou nove mezes têm já raizes tão grossas que servem de mantimento.

Contém esta mandioca debaixo de si muitas especies, e todas se comem e conservão-se dentro na terra, tres, quatro, e até oito annos, e não he necessario celeiro, porque não fazem senão tiralas, e fazer o mantimento fresco de cada dia, e quanto mais estão na terra, tanto mais grossas se fazem, e rendem mais.

Tem algumas cousas de notar, sc. que tirado o homeni, todo animal se perde por ella crúa, e a todos engorda, e cria grandemente, porém se acabada de exprimer, beberem aquella agua só por si, não têm mais vida que em quanto lhe não chega ao estomago. Destas raizes exprimidas, e raladas se faz farinha que se come; tambem se deita de molho até apodrecer, e depois limpa, expremida,

se faz tambem farinha, e huns certos beijús como filhós, muito alvos, e mimosos. Esta mesma raiz depois de cortida n'agua feita com as mãos em pilouros se põe em caniços ao fumo, onde se enxuga e seca de maneira que se guarda sem corrupção quanto querem e raspada do fumo, pisada em huns pilões grandes, e peneirada, fica huma farinha tão alva, e mais que de trigo, da qual misturada em certa tempera com a crúa se faz huma farinha biscoitada que chamão de guerra, que serve aos Indios, e portuguezes pelo mar, e quando vão á guerra como biscoito. Outra farinha se faz biscoitada da mesma agua da mandioca verde se a deixão coalhar e enxugar ao sol, ou fogo; esta he sobre todas alvissima, e tão gostosa, e mimosa que se não faz para quem quer. Desta mandioca curada ao fumo se fazem muitas maneiras de caldos que chamão mingãos, tão sadios, e delicados que se dão aos doentes de febres em lugar de amido, e tizanas, e da mesma se fazem muitas maneiras de bolos, coscorões, fartes, empenadilhas, queijadinhas d'açucar, &, e misturada com farinha de milho, ou de arroz, se faz pão com fermento, e levedo que parece de trigo. Esta mesma mandioca curada ao fumo he grande remedio contra a peçonha, principalmente de cobras. Desta mandioca ha huma que chamão aipim que contém tambem debaixo de si muitas especies. Esta não mata crua, e cozida, ou assada, que he de bom gosto, e della se faz farinha, e beijús, &. Os Indios fazem vinho della, e he tão fresco e medicinal

para o figado que a elle se attribue não haver entre elles doentes de figado. Certo genero de Tapuyas come a mandioca peçonhenta crúa sem lhe fazer mal por serem criados nisso.

Os ramos desta erva, ou arvore são a mesma semente, porque os paos della se plantão, as folhas, em necessidade, cozidas servem de mantimento.

Naná. — Esta erva he muito commum, parece-se com erva babosa, e assi tem as folhas, mas não tão grossas, e todas em redondo estão cheias de huns bicos muito crueis; no meio desta erva nasce huma fructa como pinha, toda cheia de flôres de varias côres muito formosas, e ao pé desta quatro, ou cinco olhos que se plantão; a fructa he muito cheirosa, gostosa, e huma das bôas do mundo, muito cheia de sumo, e gostoso, e tem sabor de melão, ainda que melhor, e mais cheiroso: he boa para doente de pedra, e para febres muito prejudicial. Desta fructa fazem vinho os Indios muito forte, e de bom gosto. A casca gasta muito o ferro ao aparar, e o sumo tira as nodoas da roupa. Ha tanta abundancia desta fructa que se cevão os porcos com ella, e não se faz tanto caso pela muita abundancia: tambem se fazem em conserva, e cruas desenjoão muito no mar, e pelas manhãs com vinho são medicinaes.

Pacoba. — Esta he a figueira que dizem de Adão, nem he arvore, nem erva, porque por huma parte se faz muito grossa, e cresce até vinte palmos em alto; o talo he muito molle, e poroso, as

folhas que deita são formosissimas e algumas de comprimento de huma braça, e mais, todas rachadas como veludo de Bragança, tão finas que se escreve nellas, e tão verdes, e frias, e frescas que deitando-se um doente de febres sobre ellas fica a febre temperada com sua frialdade; são muito frescas para enramar as casas e Igrejas. Esta erva deita em cada pé muitos filhos, cada um delles dá hum cacho cheio de huns como figos, que terá ás vezes duzentos, e como está de vez se corta o pé em que está o cacho, e os outros vão crescendo, e assi vão multiplicando in infinitum; a fructa se põe a madurar e fica muito amarella, gostosa, e sadia, maximé para os enfermos de febres, e peitos que deitarão sangue; e assadas são gostosas e sadias. He fructa ordinaria de que as hortas estão cheias, e são tantas que he huma fartura, e dão-se todo o anno.

Murucujá. — Estas ervas são muito formosas, maximé nas folhas; trepão pelas paredes, e arvores como a hera; as folhas expremidas com verdete he unico remedio para chagas velhas, e boubas. Dá huma fructa redonda como laranjas, outras á feição de ovo, huns amarellas, outros pretos, e de outras varias castas. Dentro tem huma substancia de pevides e sumo com certa teia que as cobre, e tudo junto se come, e he de bom gosto, tem ponta de azedo, e he fructa de que se faz caso.

Nesta terra ha outros generos muitos de fructas, como camarinhas pretas, e vermelhas, bata-

tas, outras raizes que chamão mangará, outra que chamão cará, que se parece com nabos, e tuberas da terra. Das batatas fazem pão e varias cousas doces; têm estes Indios outros muitos legumes, sc. favas, mais sadias e melhores que as de Portugal, e em grande abundancia, muitos generos de aboboras, e algumas tão grandes que fazem cabaças para carretar agua que levarão dous almudes, ou mais: feijões de muitas castas, são gostosos, e como os de Portugal. Milho de muitas castas, e delle fazem pão, vinho, e se come assado e com elle engordão os cavallos, porcos, gallinhas, &., e humas tajaobas, que são como couves, e fazem purgar, e huma erva por nome Jambig, unico remedio para os doentes de figado e pedra; tambem ha muitos generos de pimentas, que dão muito gosto ao comer

DAS ERVAS QUE SERVEM PARA MEZINHAS (XI)

Tetigucú. Este he o Mechoação das Antilhas; são humas raizes compridas como rabãos, mas de bôa grossura, serve de purga; toma-se esta raiz moída em vinho, ou agua para febres, toma-se em conserva de açúcar como marmellada, coze-se com gallinha, faz muita sede, mas he proveitosa, e obra grandemente

Iypecacóaya. Esta erva he proveitosa para camaras de sangue: a sua haste he de compri-

mento de hum palmo, e as raizes de outro, ou mais; deita sómente quatro ou cinco folhinhas, cheira muito onde quer que está, mas o cheiro he fartum e terrível; esta raiz moida, botada em huma pouca d'agua se põe a serenar huma noite toda, e pela manhã se aqueça a agua com a mesma raiz moida, e coada se bebe sómente a agua, e logo faz purgar de maneira que cessão as camaras de todo.

Cayapiá. — Esta erva ha pouco que he descoberta, he unico remedio para peçonha de toda sorte, maximé de cobras, e assi se chama erva de cobra, e he tão bom remedio como unicornio de Bada, pedrã de bazar, ou coquo de Maldiva. Não se aproveita della mais que a raiz, que he delgada, e no meio faz hum nó como botão; esta moida, deitada em agua e bebida mata a peçonha da cobra; tambem he grande remedio para as feridas de frechas ervadas, e quando algum he ferido fica sem medo, e seguro, bebendo a agua desta raiz; tambem he grande remedio para as febres, continuando-a, e bebendo-a algumas manhãs; cheira esta erva á folha de figueira de Espanha.

Tareroquig. — Tambem esta erva he unico remedio para camaras de sangue: as raizes são todas retalhadas, os ramos muito delgadinhos, as folhas parecem de alfavaca, as flores são vermelhas, e tirão algum tanto a roxo, e dão-se nas pontinhas. Desta ha muita abundancia, quando se colhe he amarella, e depois de seca fica branca; toma-se da propria maneira que a precedente. Com

esta erva se perfumão os Indios doentes para não morrerem, e para certa enfermidade que he commum nesta terra, e que se chama doença do bicho, he grande remedio, serve para matar os bichos dos bois, e porcos, e para postemas. Esta erva toda a noite está murcha, e como dormente, e em nascendo o sol torna a abrir, e quando se põe torna a fechar

Goembegoçú. — Esta erva serve muito para fluxo de sangue, maximé de mulheres; as raizes são muito compridas, e algumas de trinta, e quarenta braças. Tem huma casca rija, de que se fazem muito fortes cordas, e amarras para navios, e são de muita dura, porque n'agua reverdecem; esta tomando-a, sc. a casca della, e defumando a pessoa em a parte do fluxo, logo estanca.

Caóobetinga. — Esta erva he pequena, deita poucas folhas, as quaes começa a lançar logo da terra, são brancas, de banda de baixo, e de cima verdes, deitão huma flôr do tamanho de avelã; as raizes, e folhas pisadas são excellente remedio para chagas de qualquer sorte, e tambem se usa da folha por pisar, a qual posta na chaga pega muito e sára.

Sobaíra. — Esta erva serve para chagas velhas, que já não têm outro remedio: deita-se moída e queimada na chaga, logo come todo o cancer, e cria conro novo; tambem se põe pisada e a folha sómente para encourar

Erva santa. Esta erva santa serve muito para varias enfermidades, como feridas, catarros,

&., e principalmente serve para doentes da cabeça, estomago e asmaticos. Nesta terra se fazem humas cangueras de folhas de palma cheia desta erva seca, e pondo-lhe o fogo por huma parte põem a outra na boca, e bebem o fumo; he huma das delicias, e mimos desta terra, e são todos os naturaes, e ainda os portuguezes perdidos por ella, e têm por grande vicio estar todo o dia e noite deitados nas rêdes a beber fumo, e assi se embebedão delle, como se fôra vinho.

Guaraquigynha. — Esta he a erva moura de Portugal, e além de outras bondades que tem como a erva moura, tem somente que he unico remedio para lombrigas, e de ordinario quem as come logo as lança.

Camará. — Esta erva se parece com silvas de Portugal: coze-se em agua, e a dita agua he unico remedio para sarnas, boubas, e feridas frescas, e quando as feridas se curão com as folhas de figueira de que se disse no titulo das arvores, se lava a ferida com a agua desta erva, cuja flor he formosissima, parece cravo amarello, e vermelho, almiscrado, e destas se fazem ramalhetes para os altares.

Aipo. — Esta erva he o proprio aipo de Portugal, e tem todas as suas virtudes; acha-se somente pelas praias, principalmente no Rio de Janeiro, e por esta razão he mais aspero, e não tem doce ao gosto, como o de Portugal: deve ser por causa das marés.

Malvaisco. — Ha grande abundancia de mal-

vaisco nesta terra; tem os mesmos effeitos, tem humas flores do tamanho de um tostão, de hum vermelho gracioso, que parecem rosas de Portugal.

Caraguatá. — Este Caraguatá he certo genero de cardos, dão humas fructas de comprimento de hum dedo, amarellas; cruas fazem empollar os beiços; cozidas ou assadas não fazem mal; porém toda mulher prenhe que as come de ordinario morre logo.

Ha outros caraguatás que dão humas folhas como espadana muito compridas, de duas ou tres braças, e dão humas alcachofras como o naná, mas não são de bom gosto. Estas folhas deitadas de molho dão hum linho muito fino, de que se faz todo genero de cordas, e até linhas para cozer e pescar.

Timbó. — Timbó são humas ervas maravilhosas, crescem do chão como cordões até o mais alto dos arvoredos onde estão, e alguns vão sempre arimados á arvore como era; são muito rijos, e servem de atilhos, e alguns ha tão grossos como a perna de homem, e por mais que os torção não ha quebrarem; a casca destes he fina peçonha, e serve de barbasco para os peixes, e he tão forte que nos rios aonde se deita não fica peixe vivo até onde chega com sua virtude, e destes ha muitas castas, e proveitosas assi para atilhos como para matar os peixes. Outras ervas ha que tambem servem para medicinas, como são serralhas, beldroegas, bredos, almeirões, avencas, alfavaca, e de tudo

ha grande abundancia, ainda que não têm estas ervas a perfeição das de Espanha, nem faltão amoras de silva brancas, e pretas como as de Portugal, e muito bom perrexil pelas praias, de que se faz conserva muito bôa, nem falta macella.

DAS ERVAS CHEIROSAS (XII)

Nesta terra ha muitos mentrastos, principalmente em Piratininga: não cheirão tão bem como os de Portugal; tambem ha humas malvas francezas de humas flores roxas, e graciosas que servem de ramalhetes. Muitos lyrios, não são tão finos, nem tão roxos como os do reino, e alguns se achão brancos.

Erva que dorme. — Esta erva se dá cá na primavera, e parece-se com os Maios de Portugal, e assi como elles se murcha e dorme em se pondo o sol, e em nascendo torna a abrir e mostrar sua formosura. O cheiro he algum tanto fartum. Tambem ha outra arvore que dorme da mesma maneira, e dá humas flores graciosas, mas não cheirão muito.

Erva viva. — Estas ervas são de bôa altura, e dão ramos, e humas folhas farpadas de hum verde gracioso; chamão-se erva-viva, porque são tão vivas e sentidas que em lhes tocando com a mão, ou qualquer outra cousã, logo se engelhão, murchão e encolhem como se as agravarão muito, e dahi a pouco tornão em sua perfeição; tantas ve-

zes lhes tocão, tantas tornam a murchar-se, e tornam em seu ser como dantes.

Outras muitas ervas ha, como oregãos, e poejos, e outras muitas floras varias, porem parece que este clima, ou pelas muitas aguas, ou por causa do sol, não influe nas ervas cheiro, antes parece que lh'o tira.

DAS CANAS (XIII)

Nesta terra ha muitas especies de canas e ta-coára; ha de grossura de huma coxa de hum homem, outras que têm huns canudos de comprimento de huma braça, outras de que fazem frechas e são estimadas; outras tão compridas que têm tres ou quatro lanças de comprimento; dão-se estas canas por entre os arvoredos, e assi como ha muitas, assi ha muitos e compridos canaveaes de muitas leguas, e como estão entre as arvores vão buscar o sol, e por isso são tão compridas.

DOS PEIXES QUE HA N'AGUA SALGADA (XIV)

Peixe boi. — Este peixe he nestas partes real, e estimado sobre todos os demais peixes, e para se comer muito sadio, e de muito bom gosto, ora seja salgado, ora fresco; e mais parece carne de vacca que peixe. Já houve alguns escrupulos por se comer em dias de peixe; a carne he toda de febras,

como a de vacca, e assi se faz em traçalhos e chaccina, e cura-se ao fumeiro como porco, ou vacca, e no gosto se se coze com couves, ou outras ervas sabe á vacca, e concertada com adubos sabe a carneiro, e assada parece no cheiro, e gosto, e gordura porco, e tambem tem toucinho.

Este peixe nas feições parece animal terrestre, e principalmente boi: a cabeça he toda de boi com couro, e cabellos, orelhas, olhos, e lingoa; os olhos são muito pequenos em extremo para o corpo que tem; fecha-os, e abre-os, quando quer, o que não têm os outros peixes: sobre as ventas tem dous courinhos com que as fecha, e por ellas resfolega; e não pode estar muito tempo debaixo dagua sem resfolegar; não tem mais barbatana que o rabo, o qual he todo redondo e fechado; o corpo he de grande grandura, todo cheio de cabellos ruivos: tem dous braços de comprimento de hum covado com suas mãos redondas como pás, e nellas tem cinco dedos pegados todos huns com os outros, e cada hum tem sua unha como humana; debaixo destes braços têm as femeas duas mamas com que criam seus filhos, e não parem mais que hum; o interior deste peixe, e intestinos são propriamente como de boi, com figados, bofes, &. Na cabeça sobre os olhos junto aos miolos tem duas pedras de bom tamanho, alvas, e pesadas; são de muita estima, e unico remedio para dôr de pedra, porque feita em pô e bebida em vinho, ou agua, faz deitar a pedra, como aconteceu que dando-a a huma pessoa, deixando outras muitas expe-

riencia, antes de huma hora botou huma pedra como huma amendoa, e ficou sã, estando dantes para morrer. Os ossos deste peixe são todos massiços, e brancos como marfim; faz-se delle muita manteiga, e tirão-lhe duas banhas como de porco; è o mais da manteiga tem no rabo, o qual sendo de largura de quatro palmos, ou mais todo se desfaz em manteiga; he muito gostosa, e para cozinhar e frigar peixe, para a candêa serve muito, e tambem para mezinhas, como a do porco; he branca, e cheirosa; nem tem cheiro de peixe. Este peixe se toma com arpoeyras, acrião-se nos rios salgados junto d'agua doce: conhem huma certa erva que nasce pelas bordas, e dentro dos rios, e onde ha esta erva se matão, ou junto de olhos d'agua doce, a qual somente bebem; são muito grandes; e alguns pesão dez, e outros quinze quintaes, e já se matou peixe que com homens o não poderão tirar fóra dagua, e nella o desfizerão.

Bigjuipirá. — Este peixe Bigjuipirá se parece com sôlho de Portugal, e assi he cá estimado, e tido por peixe real; he muito sadio, gordo, e de bom gosto; ha infinidade delles, e algumas das ovas têm em grosso hum palmo de testa. Tomão-se estes peixes no mar alto á linha com anzolo; o comprimento será de seis ou sete palmos, o corpo he redondo, preto pelas costas, e branco pela barriga.

Olho de boi. Parece-se este peixe com os atuns de Espanha, assi no tamanho como nas feições, assi interiores como exteriores; he muito

gordo, tem as vezes entre folha e folha gordura de grossura de hum tostão; tirão-se-lhe lombos e ventrechas como aos atuns, e delles se faz muita e boa manteiga, e lhe tirão banhas como a porco; he peixe estimado, e de bom gosto, bem merece o nome de peixe boi assi na formosura, como grandura; os olhos são propriamente como de boi, e por esta razão tem este nome.

Camurupig. — Este peixe tambem he um dos reaes e estimados nestas partes: a carne he toda de febras em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto; tem muita espinha por todo o corpo e he perigoso ao comer. Tem huma barbatana no lombo que sempre traz levantada para cima, de dous, tres palmos de comprimento; he peixe comprido de até doze, e treze palmos, e de boa grossura, e tem bem que fazer dous homens em levantar alguns delles; tomão-se com arpões; ha muitos, e faz-se delles muita manteiga.

Peixe selvagem. — Este peixe selvagem, aqui os Indios chamão Pirambá, sc. peixe que ronca; a razão he porque onde andão logo se ouvem roncar, são de boa grandura até oito e nove palmos; a carne he de bom gosto, e são estimados; têm na bocca duas pedras de largura de huma mão, rijas em grande extremo, com ellas partem os buzios de que se sustentão; as pedras estimão os Indios, e as trazem ao pescoço como joias.

Ha outros muitos peixes de varias especies que não ha em Espanha, e commumente de bom gosto, e sadios. Dos de Portugal tambem por cá

ha muitos, sc. tainhas em grande multidão, e tem-se achado que a tainha fresca posta a carne della em mordedura de cobra he outro unicornio. Não faltão garopas, chicharros, pargos, sargos, gorazes, dourados, peixe agulha, pescadas, mas são raras; sardinhas como as de Espanha se achão em alguns tempos no Rio de Janeiro, e mais partes do sul; cibas, e arrayas; estas arrayas algumas dellas têm na boca dous ossos tão rijos que quebram os buzios com elles.

Todo este peixe he sadio cá nestas partes que se come sobre leite, e sobre carne, e toda huma quaresma, e de ordinario sem azeite nem vinagre, e não causa sarna nem outras enfermidades como na Europa, antes se dá aos enfermos de cama, ainda que tenham, ou estejam muito no cabo.

Balæa. Por esta costa ser cheia de muitas bahias, enseadas e esteiros acodem grande multidão de balæas a estes recoucavos, principalmente de Maio até Setembro, em que parem, e criam seus filhos, e tambem porque acodem ao muito tempo que nestes tempos he nestes remansos; são tantas as vezes que se vêem quarenta, e cincoenta juntas, querem dizer que ellas deitão o ambar que achão no mar, e de que tambem se sustentão, e por isso se acha algum nesta costa; outros dizem que o mesmo mar o deita nas praias com as grandes tempestades e commumente se acha depois d'alguma grande Todos os animaes comem deste ambar, e he necessaria grande diligencia depois das tempestades para que o não achem comido. He muito

perigoso navegar em barcos pequenos por esta costa, porque alem de outros perigos, as baléas sossobirão muitos, se ouvem tanger, assi se alvoroção como se forão cavallos quando ouvem tambor, e arremettem como leões, dão muitas á costa e dellas se faz muito azeite. Tem o toutiço furado, e por elle resfolegão, e juntamente botão grande somma d'agua, e assi a espalhão pelo ar como se fosse hum chuveiro.

Espadarte. — Destes peixes ha grande multição, são grandes, e ferozes, porque têm huma tromba como espada, toda cheia de dentes ao redor, muito agudos, tão grandes como de cão, ou maiores, são de largura de huma mão travessã, ou mais, o comprimento he segundo a grandura do peixe; algumas trombas, ou espadas destas são de oito e dez palmos; com estas trombas fazem cruel guerra ás baléas, porque alevantando-a para cima, dando tantas pancadas em ellas, e tão a miúde que he cousa de espanto, acodem ao sangue os tubarões, e as chupão de maneira até que morrem, e desta maneira se acham muitas mortas, e em pedaços. Tambem com esta tromba pescão os peixes de que se sustentão. Os Indios usão destas trombas quando são pequenas para açoutarem os filhos, e lhes metterem medo quando lhes são desobedientes.

Tartaruga. — Ha nesta costa muitas tartarugas; tomão-se muitas, de que se fazem cofres, caixas de hostias, copos, &. Estas tartarugas põem ovos nas praias, e põem logo duzentos e trezen-

tos; são tamanhos como de gallinha, niuito alvos, e redondos como pélas; escondem estes ovos debaixo da aréa, e como tirão os filhos logo começo de ir para agua donde se crião. Os ovos tambem se comem, têm esta propriedade que ainda que se cozão, ou assem sempre a clara fica molle: os intestinos são como de porco, e têm ventas por onde respirão. Tem outra particularidade que pondo-lhe o focinho para a terra logo virão para o mar, nem podem estar doutra maneira. São algumas tão grandes que se fazem das conchas inteiras adargas; e huma se matou nesta costa tão grande que vinte homens a não podião levantar do chão, nem dar-lhe vento.

Tubarões. — Ha muitos generos de tubarões nesta costa: achão-se nella seis, ou sete especies delles; he peixe muito cruel e feroz, e matão a muitas pessoas, principalmente aos que nadão. Os rios estão cheios delles, são tão crueis que já aconteceu correr hum após de hum Indio que ia numa jangada, e pô-lo em tanto aperto que saltando o moço em terra o tubarão saltou juntamente com elle, e cuidando que o apanhava ficou em seco aonde o matarão. No mar alto onde tambem ha muitos se tomão com laço, e arpões por serem muito golosos, sofregos, e amigos de carne, e são tão comilões que se lhes achão na barriga couros, pedaços de panno, camisas, e ceroulas que caem aos navegantes; andão de ordinario acompanhados de huns peixes muito galantes, formosos de varias côres que se chamão romeiros; faz-se delles

muito azeite, e dos dentes usão os Indios em suas frechas por serem muito agudos, crueis, e peçonhentos, e raramente sarão das feridas, ou com difficuldade.

Peixe voador. — Estes peixes são de ordinario de hum palmo, ou pouco mais de comprimento; têm os olhos muito formosos, galantes de certas pinturas que lhes dão muita graça, e parecem pedras preciosas; a cabeça tambem he muito formosa. Têm asas como de morcegos, mas muito prateadas, são muito perseguidos dos outros peixes, e para escaparem voão em bandos como de estorninhos, ou pardaes, mas não voão muito alto. Tambem são bons para comer, e quando voão alegrão os mareantes, e muitas vezes caem dentro das náos, e entrão pelas janellas dos camarotes.

Botos e Tuninhas. — Destes peixes ha grande multidão como em Europa.

Linguados e Salmonetes. — Tambem se achão nesta costa salmonetes, mas são raros, e não são estimados, nem de tão bom gosto como os da Europa; os linguados de cá são raros: têm esta propriedade que quando se hão de cozer, ou assar os açoutão, e quanto mais açoutes lhes dão tanto mais tesos ficão, e melhores para comer, e se os não açoutão não prestão e ficão molles.

DOS PEIXES PEÇONHENTOS (XV)

Assi como nesta terra do Brasil ha muitas cobras, e bichos peçonhentos de que se dirá adiante,

assi tambem ha muitos peixes muito peçonhentos.

Peixe sapo, pela lingua Guamayacú. — He peixe pequeno, de comprimento de hum palmo, pintado, tem os olhos formosos; em o tirando d'agua ronca muito e trinca muito os anzolos, e em o tirando d'agua incha muito. Toda a peçonha têm na pelle, e tirando-lha, come-se, porem comendo-se com a pelle mata. Aconteceu que hum moço comeu hum e morreu quasi subitamente; disse o pae: hei de comer o peixe que matou meu filho, e comendo delle tambem morreu logo; he grande mezinha para os ratos, porque os que o comem logo morrem.

Ha outro peixe sapo da propria feição que o atraz, mas tem muitos e crueis espinhos, como ouriço; ronca e incha tirando-o d'agua; a pelle tambem mata, maximé os espinhos, por serem muito venenosos; esfollado se come, e he bom para camaras de sangue.

Ha outro peixe sapo que na lingua se chama Itaoca; tem tres quinas em o corpo que todo elle parece hum punhal; he formoso, tem os olhos esbugalhados, e esfollado se come; consiste a peçonha na pelle, figados, tripas, e ossos, e qualquer animal que o come logo morre.

Ha outro que se chama Carapeaçaba, de côr gateado, pardo, preto, e amarello; he bom peixe e dá-se aos doentes; os figados, e tripas têm tão forte peçonha que a todo animal mata; e por esta

causa os naturaes em o tirando deitão as tripas e figado no mar. (5)

Purá. — Este peixe se parece com arraya; tem tal virtude que quem quer que o toca logo fica tremendo, e tocando-lhe com algum pao, ou com outra qualquer cousa, logo adormece o que lhe põem, e enquanto lhe tem o pao posto em cima fica o braço com que toma o pao adormecido, e adormentado. Tomão-se com redes de pé, e se se tomão com redes de mão todo o corpo faz tremer, e pasmar com a dor, mas morto come-se, e não tem peçonha.

Caramurú. — Estes peixes são como as amoreas de Portugal, de comprimento de dez, e quinze palmos; são muito gordos, e assados sabem a leitão; estes têm extranha dentadura, e ha muitos homens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou pernas onde foram mordidos; têm por todo o corpo muitos espinhos, e dizem os naturaes que têm ajuntamento com as cobras, porque os achão muitas vezes com ellas enroscados, e nas praias esperando as ditas moreas.

Amoreati — Este peixe se parece com o peixe sapo; está cheio de espinhos, e mette-se debaixo da areia nas praias, e picão por debaixo o pé ou mão que lhes toca, e não tem outra cura senão fogo.

Guamaiacucurûb. — Estes peixes são redon-

(5) Em *Purchas his Pilgrimes* não vem este paragrapho.

dos, e do tamanho dos bugalhos de Espanha, e são muito peçonhentos. O corpo tem cheio de verrugas, e por isso se chama curûb, sc. na lingua ver-ruga.

Terepomonga. — He uma cobra que anda no mar; o seu modo de viver he deixar-se estar muito queda e qualquer cousa viva que lhe toca fica nella tão fortemente apegada, que de nenlun a maneira se póde holar, e desta maneira come, e se sustenta; algumas vezes sae fóra do mar, e torna-se muito pequena, e tanto que a tocão, pega, e se vão com a outra mão para desape-garem ficão tambem pegadas por ella, e de- pois faz-se tão grossa como hum bom tirante, e assi leva a pessoa para o mar e a come; e por pe- gar muito se chama Terepomonga, sc. cousa que pega.

Finalmente, ha muitas especies de peixes mui venenosos no salgado que tem vehemente peçonha, que de ordinario não escapa quem os come, ou toca.

HOMENS MARINHOS, E MONSTROS DO MAR (XVI)

Estes homens marinhos se chamão na lingua Igpupiára; têm-lhe os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nen- hum que o vê escapa; alguns morrerão já, e pre- guntando-lhes a causa, dizião que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente

de bôa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As femeas parecem mulheres, têm cabellos compridos, e são formosas; achão-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jagoarigpe sete ou oito leguas da Bahia se têm achado muitos; em o anno de oitenta e dois indo hum Indio pescar, foi perseguido de hum, e acolhendo-se em sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o Indio quiz ir ver o monstro, e estando descuidado com huma mão fóra da canôa, pegou delle, e o levou sem mais apparecer, e no mesmo anno morreu outro Indio de Francisco Lourenço Caeiro. Em Porto-Seguro se vêem alguns, e já têm morto alguns Indios. O modo que têm em matar he: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a comsigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levão alguns comem-lhes sómente os olhos, narizes, e pontas dos dedos dos pés e mãos, e as genitalias, e assi os achão de ordinario pelas praias com estas cousas menos.

DOS MARISCOS (XVII)

Polvos. — O mar destas partes he muito abundante de polvos: tem este marisco hum capello; sempre cheio de tinta muito preta; e esta he sua defesa dos peixes maiores, porque quando vão para os apanhar, botão-lhes aquella tinta diante

dos olhos, e faz-se a agua muito preta, e então se acolhem. Tomão-se á frecha, e assovião-lhe primeiro; tambem se tomão com fachos de fogo de noite. Para se comerem os açoítão primeiro, e quanto mais lhe derem então ficão mais molles e gostosos.

Azula. Este marisco he como hum canudo de cana; he raro, come-se, e para o baço bebido em pó e em jejum he unico remedio.

Aguas mortas. — Destas aguas mortas ha infinitas nestas partes, e são grandes, e são do tamanho de hum barrete; têm muitas dobras, com que tomão os peixes, que parecem bolsos de atarrafa; não se comem, picando em alguma pessoa causam grandes dores, e fazem chorar, e assi dizia hum Indio a quem huma mordeu que tinha recebido muitas frechadas, e nunca chorara senão então. Não apparecem senão em aguas mortas.

DOS CARANGUEJOS (XVIII)

Uçá. — Uçá he hum genero de caranguejos que se achão na lama, e são infinitos, e o sustentamento de toda esta terra, maximé dos escravos de Guiné, e Indios da terra; são muito gostosos, sobre elles he boa agua fria. Têm huma particularidade de notar, que quando mudão a casca se mettem em suas cóvas, e ali estão dous, tres mezes, e perdendo a casca, bocca, e pernas, saem assi muito molles, e tornão-lhe a nascer como dantes.

Guanhumig. — Este genero de caranguejos são tão grandes que huma perna de hum homem lhe cabe na bocca; são bons para comer; quando fazem trovões saem de suas cóvas, e fazem tão grande matizada huns com os outros, que já ouve pessoas que acudiram com suas armas, parecendo que erão inimigos; se comem huma certa erva, quem então os come morre. Estes são da terra, mas vivem em buracos á borda do mar.

Aratú. — Estes caranguejos habitão nas tócas das arvores, que estão nos lamarões do mar; quando achão alguma ameja que tem a bocca aberta, buscam logo alguma pedrinha, e sutilmente dão com ella na ameja; a ameja logo se fecha e não podendo fechar bem, por causa da pedrinha que tem dentro, elles com suas mãos lhe tirão de dentro o miolo, e o comem.

Ha dez ou doze especies de caranguejos nesta terra, e como tenho dito, são tantos em numero, e tão sadios que todos os comem, maximé os Indios, &.

Ostras. — As ostras são muitas, algumas dellas são muito grandes, e têm o miolo como huma palma da mão; nestas se achão algumas perolas muito ricas; em outras mais pequenas tambem se achão perolas mais finas. Os Indios naturaes antigamente vinhão ao mar ás ostras, e tomavão tantas que deixavam serras de cascas, e os miolos levavão de moquem para comerem entre anno; sobre estas serras pelo discurso do tempo se fizeram grandes arvoredos muito espessos, e altos, e os

portuguezes descobrirão algumas, e cada dia se vão achando outras de novo, e destas cascas fazem cal, e de hum só monte se fez parte do Collegio da Bahia, os paços do Governador, e outros muitos edificios, e ainda não he exgotado: a cal he muito alva, boa para guarnecer, e cair, se está á chuva faz preta, e para vedar agua em tanques não he tão segura, mas para o mais tão bôa como a de pedra em Espanha.

Mexilhões. — Não faltam mexilhões nesta terra; servem aos naturaes e portuguezes de colheres, e facas; têm huma côr prateada graciosa, nelles se acha algum aljofre. Ha um genera delles pequenos, de que as gaivotas se sustentão, e porque não o podem quebrar, têm tal instinto natural que levando-o no bico ao ar o deixão cair tantas vezes no chão até que o quebrão.

Berguigões. — Os berguigões são gostosos e bons nesta terra, e nelles se achão alguns grãos de aljofre, e assi dos berguigões, como dos mexilhões ha grande numero de muitas e varias especies.

Buzios. — Os maiores que ha se chamão Guatapiggoaçû, sc. buzio grande; são muito estimados dos naturaes, porque delles fazem suas trombetas, jazes, contas, metaras, e arrecadas, e luas (6), para os meninos, e sãa entre elles de tanta estima que por hum dão huma pessoa das que tem cati-

(6) *Gloves*, em *Kutchas his Pigrimes*, vol. IV, ps. 1.316.

vas; e os portuguezes davão antigamente hum cruzado por hum; são tão alvos como marfins, e de largo muitos delles têm dous palmos, e hum de comprimento.

Piriguay. — Estes se comem tambem, e das cascas fazem sua contaria, e por tantas braças dão huma pessoa; destes bota as vezes o mar fóra serras, cousa muito para ver. De buzios e conchas ha muita quantidade nesta terra, muito galantes, e para estimar, e de varias especies.

Coral branco. — Acha-se muita pedra de coral branco debaixo do mar; nasce como as arvozinhas toda em folhas e canudos, como coral vermelho da India, e se este tambem o fôra, houvera grande riqueza nesta terra pela muita abundancia que ha delle. He muito alvo, tira-se com difficuldade, e tambem se faz cal delle.

Lagostins. — Ha grande quantidade de lagostins, por esta costa estar quasi toda cercada de arrecifes, e pedras; tambem se achão muitos ouriços e outros monstros, pelas concavidades das mesmas pedras... (7) ou lagostas grandes, como as da Europa, parece que não ha por cá.

(7) Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1.316, está: "... and others Monsters found in the Concavities of the Rockes, great Cravesses or Crabbes like those of Europe..."

DAS ARVORES QUE SE CRIÃO N'AGUA SALGADA (XIX)

Mangues. — Estas arvores se parecem com salgueiros ou sinceiros da Europa, delles ha tanta quantidade pelos braços e esteiros, que o mar deita pela terra dentro, que ha leguas de terra todas deste arvoredado, que com as enchentes são regadas do mar; caminhamos logo leguas por estes esteiros, e dias inteiros pelos rios onde ha estes arvoredos; estão sempre verdes, e são graciosos, e aprazíveis, e de muitas especies; a madeira he boa para queimar, e para emmadeirar casas; he muito pesada, e rija como ferro: da casca se faz tinta, e serve de casca para cortir couros; são de muitas especies: hum certo genero delles deita huns gomos de cima de comprimento ás vezes de huma lança até chegar á agua, e logo deitão muitas trempes, e raizes na terra, e todas estas arvores estão encadeadas e feitas em trempes, e assi as raizes, e estes ramos tudo fica preso na terra; enquanto são verdes estes gomos são tenros, e porque são váos por dentro se fazem delles boas frautas. Nestes mangues ha hum certo genero de mosquitos que se chamão Mariguís, tamaninos como piolhos de gallinha: mordem de tal maneira e deixão tal pruido, ardor e comichão, que não ha valer-se huma pessoa, porque até os vestidos passão, e he boa penitencia e mortificação soffrel-os huma madrugada.

ou huma noite; para se defenderem delles não ha remedio senão untar-se de lama, ou fazer grande fogo, e fumaça.

Nestes mangues se crião muitos caranguejos, e ostras, e ratos, e ha um genero destes ratos cousa monstruosa, todo o dia dormem e vigião de noite.

Nestes mangues crião os papagaios que são tantos em numero, e gritão de tal maneira, que parece gralheado de pardaes, ou gralhas.

Nas praias se acha muito perrexil, tão bom e melhor que de Portugal, que tambem se faz conserva.

DOS PASSAROS QUE SE SUSTENTÃO, E ACHÃO N'AGUA SALGADA (XX)

Guigratinga. — Este passaro he branco, do tamanho dos groues de Portugal; são em extremo alvos, os pés têm muito compridos, o bico muito cruel, e agudo, e muito formoso por ser de hum amarello fino; as pernas tambem são compridas entre vermelhas e amarellas. No pescoço têm os melhores panachos e finos que buscar se pode, e parecem-se com os das Emas africanas.

Caripirá. — Por outro nome se chama — Rabiforcado; estes passaros são muitos, chama-se rabiforcado por ter o rabo partido pelo meio; das pennas fazem muito caso os Indios paar empenaduras das frechas, e dizem que durão muito; em algum tempo estão muito gordos, as enxundias são boas para corrimentos; costumão estes passa-

ros trazer novas dos navios á terra, e são tão certos nisto que raramente faltão, porque como se vêem, de ordinario dahi a dous ou tres dias chegam os navios.

Guacá. -- Este passaro he a propria Gaivota de Portugal; seu comer ordinario são amejas, e porque são duras, e as não podem quebrar, levão-nas no bico ao ar, e deixando-as cair muitas vezes as quebrão e comem. Destas gaivotas ha infinidade de especies que coalhão as arvores e praias.

Guigratéoléo. — Esta ave se chama em portuguez Tinhosa, -- chama-se Guigratéotéo, se. passaro que tem accidentes de morte, e que morre e torna a viver, como quem tem gotta coral, e são tão grandes estes accidentes que muitas vezes os achão os Indios pelas praias, os tomão nas mãos, e cuidando que de todo estão mortos os botão por ali, e elles em caindo se alevantão e se vão embora: são brancos e formosos, e destes ha outras especies que têm os mesmos accidentes.

Calcamar. — Estes passaros são pardos do tamanho de Rolas, ou Pombas; dizem os Indios naturaes que põem os ovos, e ali os tirão, e crião seus filhos; não voão, mas com as azas e pés nadão sobre o mar mui ligeiramente, e adivinhão muito calmarias e chuveiros, e são tantos nas calmarias ao longo dos navios que se não podem os marinheiros valer e são a propria mofina e melencolia.

Ayaya. — Estes passaros são do tamanho de Pegas, mais brancos que vermelhos, têm côr gra-

ciosa de hum branco espargido de vermelho, o bico he comprido, e parece huma colher; para tomar o peixe tem este artificio: bate com o pé na agua, e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e por isso dizem os Indios que tem saber humano.

Saracúra. — Este passaro he pequeno, pardo, tem os olhos formosos com hum circulo vermelho muito gracioso; tem hum cantar extranho, porque quem o ouve cuida ser de hum passaro muito grande, sendo elle pequeno, porque canta com a bocca e juntamente com a trazeira, faz outro tom sonoro, rijo, e forte, ainda que pouco cheiroso, que he para espantar; faz esta musica suave duas horas ante manhã, e á tarde até se acabar o crepusculo vespertino, e quando canta de ordinario adivinha bom tempo.

Guará. — Este passaro he do tamanho de huma Pega, tem o bico muito comprido com a ponta revolta, e os pés de comprimento de hum grande palmo; quando nasce he preto, e depois se faz pardo; quando já avôa faz-se todo branco mais que huma pomba, depois faz-se vermelho claro, et tandem torna-se vermelho mais que a mesma grã, e nesta côr permanece até á morte; são muitos em quantidade, mas não têm mais que esta especie; crião-se bem em casa, o seu comer he peixe, carne, e outras cousas, e sempre hão de ter o comer dentro n'agua; a penna destes he muito estimada dos Indios, e dellas fazem diademas, franjas, com que cobrem as espadas com que ma-

tão; e fazem braceletes que trazem nos braços, e põem-nas nos cabellos como botões de rosas, e estas suas joias e cadêas d'ouro com que se ornão em suas festas, e estimão-nas tanto que, com serem muito amigos de comerem carne humana, dão muitas vezes os contrarios que têm para comer em troco das ditas pennas: andão em bando estes passaros, e se lhe dá o sol nas praias, ou indo pelo ar he cousa formosa de ver.

Ha outros muitos passaros que do mar se sustentão, como Garças, Gaviões, e certo genero de aguias, e outros muitos que seria largo contar.

DOS RIOS D'AGUA DOCE, E COUSAS QUE NELLE HA (XXI)

Os rios caudaes de que esta provincia he regada são inumeraveis, e alguns mui grandes, e mui formosas barras, não fallando em as ribeiras, ribeiros e fontes de que toda a terra he muito abundante, e são as aguas de ordinario mui formosas, claras, e salutíferas, e abundantes de infinidade de peixes de varias especies, dos quaes ha muitos de notavel grandura, e de muito preço, e mui salutíferos, e dão-se aos doentes por medicina. Estes peixes pescão os Indios com redes, mas o ordinario he a linha com anzolo. Entre estes ha hum peixe real de bom gosto e sabor que se parece muito com o solho de Espanha; este se chama — Jaú — são de quatorze, e quinze palmos, e ás vezes

maiores, e muito gordos, e delles se faz manteiga. Em alguns tempos são tantos os peixes que engordão os porcos com elles. Em os regatos pequenos ha muitos camarões, e alguns de palmo e mais de comprimento, e de muito bom gosto e sabor

DAS COBRAS DAGUA DOCE (XXII)

Sucurijuba. — Esta cobra he a mór, ou das maiores que ha no Brasil, assi na grandeza como na formosura; tomão-se algumas de vinte e cinco pés, e de trinta em comprido, e quatro palmos em roda. Tem huma cadêa pelo lombo de notavel pintura e formosa, que começa da cabeça e acaba na cauda; tem dentes como cão, e aferra em huma pessoa, vacca, veado, ou porco, e dando-lhe algumas voltas com a cauda, engole a tal cousa inteira, e depois que assi a atem na barriga deixa-se apodrecer, e os corvos a comem toda de modo que não ficam senão os ossos, e depois torna a criar carne nova, e resurgir como dantes era, e a razão dizem os Indios naturaes he, porque no tempo que apodrece tem a cabeça debaixo da lama, e porque têm ainda em o toutiço tornão a viver: e porque já se sabe isto quando as achão podres lhe buscão a cabeça, e as matão. O modo de se sustentarem he esperarem os animaes, ou gente estendidas pelos caminhos, e em prepassando se envião a elles, e os matão, e comem; depois de fartas dormem de tal modo que ás vezes lhe cortão do rabo duas,

tres postas sem accordarem, como aconteceu que depois de cortarem duas postas a huma destas, ao dia seguinte a acharão morta com dous porcos montezez na barriga, e seria de cincoenta palmos.

Manĩma. — Esta cobra anda sempre n'agua, he ainda maior que a sobredita, e muito pintada, e de suas pinturas tomarão os gentios deste Brasil pintarem-se; têm-se por bemaventurado o Indio a que ella se amostra, dizendo que hão de viver muito tempo, pois a Manĩma se lhes mostrou . . (8).

DOS LAGARTOS D'AGUA (XXIII)

Jacaré. — Estes lagartos são de notavel grandura, e alguns ha tão grandes como cães; têm o focinho como de cão muito comprido, e assi têm os dentes. Têm por todo o corpo humas laminas como cavallo armado, e quando se armão não ha frecha que os passe; são muito pintados de varias côres; não fazem mal á gente, mas antes os tomão com laços facilmente, e alguns se tomarão de doze, quinze palmos, e os estimão muito, e os tem por estado os Indios como rembabas, sc. cães, ou outra cousa de estado; andão n'agua, e na terra põem

(8) Ao ms. falta o seguimento, que vem em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1.318: "Many others kinds of snakes there be in the rivers of fresh water, which I cave for brevities sake, and because there is nothing in particular that can be said of them."

ovos tão grandes como de patas, e tão rijos que dando huns nos outros tinem como ferro; aonde estes andão logo são sentidos pelos grandes gritos que dão; a carne destes cheira muito, maxime os texticulos, que parecem almisce, e são de estima: o esterco tem algumas virtudes, em especial he bom para bebidas. (9)

DOS LOBOS D'AGUA (XXIV)

Jaguaruçú. — Este animal he maior que nenhum boi; tem dentes de grande palmo, andão dentro e fóra d'agua, e matão gente; são raros, alguns delles se achão no rio de S. Francisco, e no Paraguaçú.

Atacape. — Estes lobos são mais pequenos, mas muito mais damninhos, porque saem d'agua a esperar a gente, e por serem muito ligeiros matão algumas pessoas, e as comem.

Pagnapopéba. — Estas são as verdadeiras lontras de Portugal. Ha outro animal pequeno do tamanho de doninha, chama-se Sariguey bejú — este tem ricas pelles para forros; e destes animaes d'agua ha outras muitas especies, alguns não fazem mal, outros são muito ferozes.

Baéapina. — Estes são certo genero de homens marinhos do tamanho de meninos, porque nenhu-

(9) Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1.318, *lelidas*; deve ser *belidas*, manchas na cornea do olho.

ma differença têm delles; destes ha muitos, não fazem mal.

Capijuara. — Destes porcos d'agua ha muitos e são do mesmo tamanho dos porcos, mas differem nas feições; no céo da bocca têm huma pedra muito grossa que lhes serve de dentes queixaes. Esta tem os Indios por joia para os filhos e filhas; não têm rabo, andão muito tempo debaixo d'agua, porém habitam na terra, e nella crião seus filhos; seu comer he erva e fructas que ao longo dos rios achão.

Itã. — Ha nos rios d'agua doce muitos generos de conchas grandes e pequenas; algumas são tão grandes como boas cúbias, e servem de fazer a farinha com ellas; outras são pequenas, e servem de colheres; todas ellas são compridas, e de huma cor prateada; nellas se achão algumas perolas.

Cágados. — Nos rios se achão muitos cágados, e são tantos em numero que os tapuyas engordão em certos tempos sómente para os ovos, e andão a elles como a maravilhoso mantimento.

Guararigeig. Não faltão rãs em os rios, fontes, charcos, lagoas; e são de muitas especies, principalmente esta — Guararigeig; he cousa espantosa o medo que della têm os Indios naturaes, porque só de a ouvirem, morrem, e por mais que lhes préguem não têm outro remedio senão deixar-se morrer, tão grande he a imaginação, e apprehensão que tomão de a ouvir cantar; e qualquer Indio que a ouve morre, porque dizem que deita de si hum resplandor como relampago.

Todos estes rios caudaes são de tão grandes e espessos arvoredos, que se navegam muitas leguas por elles sem se ver terra de huma parte nem da outra; por elles ha muitas cousas que contar, que deixo por brevidade.

DOS ANIMAES, ARVORES, ERVAS, QUE VIERAM DE PORTUGAL E SE DÃO NO BRASIL. (XXV)

Este Brasil he já outro Portugal, e não fallando no clima que he muito mais temperado, e sadio, sem calmas grandes, nem frios, e donde os homens vivem muito com poucas doenças, como de colica, figado, cabeça, peitos, sarna, nem outras enfermidades de Portugal; nem fallando do mar que tem muito pescado, e sadio; nem das cousas da terra que Deus cá deu a esta nação; nem das outras commodidades muitas que os homens têm para viverem, e passarem a vida, ainda que as commodidades das casas não são muitas por serem as mais dellas de taipa, e palha, ainda que já se vão fazendo edificios de pedra e cal, e telha; nem as commodidades para o vestido não são muitas, por a terra não dar outro panno mais que de algodão. E nesta parte padecem muito os da terra, principalmente do Rio de Janeiro até São Vicente, por falta de navios que tragão mercadorias e pannos; porem as mais capitánias são servidas de todo genero de pannos e sedas, e andão

os homens bem vestidos, e rasgão muitas sedas e veludos. Porem está já Portugal, como dizia, pelas muitas commodidades que de lá lhe vêm.

Cavillos. — Nesta provincia se dá bem a criação dos cavallos e ha já muita abundancia delles, e formosos ginetes de grande preço que valem duzentos e trezentos cruzados e mais, e já ha correr de patos, de argolinhas, canas, e outros torneos, e escaramuças, e daqui começam prover Angola de cavallos, de que lá tem.

Vaccas. — Ainda que esta terra tem os pastos fracos; e em Porto-seguro ha uma erva que mata as vaccas em a comendo, todavia ha já grande quantidade dellas e todo o Brasil está cheio de grandes curraes, e ha homem que tem quinhentas ou mil cabeças; e principalmente nos campos de Piratininga, por ter bons pastos, e que se parecem com os de Portugal, he huma formosura ver a grande eriação que ha.

Porcos. — Os porcos se dão cá bem, e começa de haver grande abundancia; he cá a melhor carne de todas, ainda que de gallinha, e se dá aos doentes, e he de muito bom gosto.

Ovelhas. — Até o Rio de Janeiro se achão já muitas ovelhas, e carneiros, e engordão tanto que muitos arrebetão de gordos, nem he cá tão boa carne como em Portugal.

Cabras. As cabras ainda são poucas, porém dão-se bem na terra, e vão multiplicando muito, e cedo haverá grande multidão.

Gallinhas. — As gallinhas são infinitas, e

maiores que no Reino, e pela terra ser temperada se crião bem, e os Indios as estimão, e as crião por dentro do sertão trezentas e quatrocentas leguas; não he cá a carne dellas tão gostosa como no Reino.

Perús. — As gallinhas de Perú se dão bem nesta terra, e ha grande abundancia, e não ha convite onde não entrem.

Adens. — As ganças se dão bem, e ha grande abundancia; tambem ha outro genero dellas cá mesmo desta terra: são muito maiores, e formosas.

Cães. — Os cães têm multiplicado muito nesta terra, e ha-os de muitas castas; são cá estimados assi entre os Portuguezes que os trouxerão, como entre os Indios que os estimão mais que quantas cousas têm pelos ajudarem na caça, e serem animaes domesticos, e assi os trazem as mulheres ás costas de huma parte para outra, e os crião como filhos, e lhes dão de mamar ao peito.

Arvores. — As arvores de espinhos, como laranjeiras, cidreiras, limoeiros, limeiras de varias sortes, se dão tambem nesta terra que quasi todo o anno tem fructo, e ha grandes laranjaes, cidraes, até se darem pelos matos, e he tanta a abundancia destas cousas que dellas se não faz caso. Têm grandes contrarias nas formigas, e com tudo isto ha muita abundancia sem nunca serem regadas, e como não falta açucar se fazem infinitas conservas, sc. cidrada, limões, florada, &.

Figueiras. — As figueiras se dão cá bem, e ha

muitas castas, como beboras, figos negraes, berjaçotes, e outras muitas castas: e até o Rio de Janeiro que são terras mais sobre quente dão duas camadas no anno.

Marmelleiros. — No Rio de Janeiro, e São Vicente, e no campo de Piratininga se dão muitos marmellos, e dão quatro camadas huma após outra, e ha homem que em poucos marmelleiros colhe dez, e doze mil marmellos, e aqui se fazem muitas marmelladas, e cedo se escusarão as da Ilha da Madeira.

Parreiras. — Ha muitas castas d'uvas como ferraes, boas, bastarda, verdelho, galego, e outras muitas, até o Rio de Janeiro tem todo o anno uvas se as querem ter, porque se as podão cada mez, cada mez vão dando uvas successivas. No Rio de Janeiro, e maximé em Piratininga se dão vinhas, e carregão de maneira que se vem ao chão com ellas, não dão mais que huma novidade, já começão de fazer vinhos, ainda que têm trabalho em o conservar, porque em madeira fura-lha a broca logo, e talhas de barro, não nas têm: porem buscão seus remedios, e vão continuando, e cedo haverá muitos vinhos.

Ervas. — No Rio de Janeiro, e Piratininga ha muitas roseiras, somente de Alexandria, destillão muitas aguas, e fazem muito açúcar rosado para purgas, e para não purgar, porque não têm das outras rosas; cozem as de Alexandria n'agua, e botando-lha fora fazem açúcar rosado muito bom com que não purgão.

Legumes. — Melões não faltam em muitas capitánias, e são bons e finos; muitas aboboras de que fazem também conserva, muitas alfaces, de que também a fazem, couvês, pepinos, rabãos, nabos, mostarda, ortelã, coentros, endros, funchos, ervilhas, gerselim, cebollas, alhos, borragens, e outros legumes que do Reino se trouxerão, que se dão bem na terra.

Trigo. — No Rio de Janeiro e Campo de Piratininga se dá bem trigo, não no usão por não terem atafonas nem moinhos, e também têm trabalho em o colher, porque pelas muitas aguas, e viço da terra não vem todo junto, e multiplica tanto que hum grão deita setenta, e oitenta espigas, e humas maduras vão nascendo outras, e multiplica quasi in-finitum. De menos de huma quarta de cevada que hum homem semeou no Campo de Piratininga, colheu sessenta e tantos alqueires, e se os homens se dessem a esta granjeria, seria a terra muito rica e farta.

Ervas cheirosas. — Ha muitos magiricões, cravos amarellos, e vermelhos se dão bem em Piratininga, e outras ervas cheirosas, como cebollacecẽ, &.

Sobretudo tem este Brasil huma grande commodidade para os homens viverem que não se dão nella persobejos, nem piolhos, e pulgas há poucas, porem, entre os Indios, e negros da Guiné achão piolhos; porém, não faltão baratas, traças, vesperas, moscas, e mosquitos de tantas castas, e tão crueis, e peçonhentos, que mordendo em

NOTAS

1 — Neste capitulo trata Cardim dos mammiferos indigenas do Brasil. São os seguintes na ordem em que vêm descriptos:

— SUGOAUÇU', ou *suaçu*, nome com que os tupis designavam o veado, composto de *çoo* animal, *guaçu* ou *açu* grande: o animal grande, a caça mais avultada. — *Suaçuapára* é o *Odocoelus suaçuapára*, Kerr, o veado galheiro ou dos mangues da synonymia vulgar; o *Diccionario Portuquez, e Brasillano* consigna o vocabulo *suaçuapára* com a significação de veado de cornos; *apára*, como adjectivo, quer dizer o que verga, vergado, curvo, contorto. — As outras especies a que se reporta o autor referem-se ao genero *Mazama*. — *Cariós* é graphia usada pelos autores espanhóes para o nome da tribu tupi-guarani dos Carijós, que dominava o litoral brasileiro de Cananéa para o Sul.

— TAPYRETÊ, ou *anta*, ungulado perissodaetylo da familia dos Tapirideos (*Tapirus americanus*, Briss.), o maior animal terrestre da nossa fauna. — *Tapiiretê* em Piso e Maregrav. — O nome tupi é susceptivel de varias explicações, mas nenhuma satisfactoria; o suffixo *eté* verdadeiro, legitimo, serviu para differencar o ungulado do bovino, que os tupis só conheceram depois do contacto europeu, e ao qual chamaram *tapyra*.

— PORCO MONTEZ, para o autor, ou *porcos do mato*, como se conhecem actualmente, são os unglados artiodactylos da familia dos Suideos, genero *Tayaçu*. — São duas as especies brasileiras: *Tayaçu albirostris*, Cuv., que é a maior, chamada tayaçú e queixada, e *Tayaçu tayaçu*, Cuv., que tambem se chama caitatú ou catêto. — Os nomes *tayaçutirica* e *tayaçupigta*, citados pelo autor, devem reportar-se a essas duas especies; suas etymologias é que carecem de correcção: *tayaçutirica* não é, como diz, porco que bate e trinca os dentes, mas porco medroso, timido, que foge, porque tal é a significação do tupi *tirica*; *tayaçupigta* não é porco que aguarda, ou faz fincapé, mas porco vermelho, *pigta* por *pitan*. — Em Gabriel Soares acha-se *tayaçú* por *tayaçú*. — O vocabulo *tayaçú* se compõe *táy* dente, *açú* grande; com elle se designavam os porcos em geral.

— ACUTI, ou *cutia*, roedor da familia dos Caviideos *gué* foi assignalado desde o anno de 1500. Vicente Janez (*Dasyprocta aguti*, Linn.) — Foi Thevet, nas *Singularitez de la France Antarctique*, quem primeiro descreveu esse animal, que chamou *agoutin*. Em Hans Staden *acuttia*. — Baptista Caetano explica o nome tupi por *a* de gente, *cur-ti* modo de comer ou tragar, com as patas dianteiras, accôrde com a descripção de Cardim. — Nas republicas platinas prevaleceu a fórma *aguti* ou *acuti*.

— PACA, roedor da familia dos Caviideos (*Coelogenys paca*, Linn.) — Do verbo tupi *pág* acordar, despertar, exprimindo o gerundio-supino *páca* a esperta, a vida.

— IAGOÁRETÊ, *jaguetê* ou *onça pintada*, a especie typica do genero *Felis*, da familia dos Felideos, representada no Brasil por nove especies. A *Felis onca*, Linn., é de todas a maior, embora seja um pouco menor do que o tigre asiatico. — O nome tupi *jaguetê* é composto de *jaguar* onça, cão, e *etê* verdadeiro.

SARIGUÉ, *sarigué*, *saricé*, *mucúra* é *gambá*, nomes todos esses que na synonymia popular designam as especies maiores de marsupios da familia dos Didelphii-deos, particularmente o *Didelphis aurita*, Linn. — *Serigoé* em G. Soares; *sariqueya* em Marcagrav. — A palavra tupi vem de *çoo-r-igué*, animal de sacco ou bolsa, com referencia á particularidade anatomica que caracteriza essa classe de mammiferos, e que o autor descreve. — O *sarigué* foi assignalado desde o anno de 1500. Vicente Yañez Pinzon, em sua viagem de principios daquelle anno, achou nas costas da Guyana uma *sarigué* femea com seus filhotes, e levou-a para a Espanha. O facto foi referido por Grinaeus, em seu *Novus Orbis* (1532); Oviedo, na *Historia natural y general de las Indias* (1535), descreveu o animal, que desde logo passou a figurar com o seu nome indigena em todos os tratados das regiões americanas.

— TAMANDUÁ, nome generico de tres especies de desdentados da familia dos Myrmecophagideos. — De *ta*, contracção de *tacy* formiga, e *monduar* caçador: caçador de formigas. Baptista Caetano prefere derivar o vocabulo de *tama* de pellos, e *uguai* cauda, facil de mudar-se em *nduai*. O primeiro etymo, porém, condiz melhor com o modo de viver do animal.

— TATU nome generico dos desdentados da familia dos Dasypodideos, dos quaes cerca de vinte e quatro especies vivem no Brasil. — O vocabulo é tupi, de *ta-tu* casca encorpada ou densa, conforme deduz Baptista Caetano.

— CANDUAÇU' — Com o augmentativo *açu*, não se conhece esse animal na nomenclatura vulgar. *Coandú* é o roedor da familia dos Coendideos, cuja especie maior é o *Coendu villosus*, Licht. — Tambem com o diminutivo *mirim* não existe actualmente nenhum animal desse genero.

que admite, entretanto, varias outras especies menores. — O nome tupi *coandú*, segundo Baptista Caetano, pode derivar-se de *guã* pello, e *tu*, alteração de *mbotu* bater, ou de *ty* elevado, erguido.

— EIRARA, *irara* ou *papa-mel*, carnívoro da familia dos Mustelideos (*Tayra barbara*, Linn.). — A côr do animal é parda, com uma mancha amarellada na garganta; o autor equívoca-se ao descreve-lo de muitas côres. — O vocabulo tupi deriva-se de *ira* ou *eira* mel, *ra* tomar, colhêr: o que colhe mel, o *papa-mel*, appellido que lhe vai ás maravilhas pelo costume de lascar com os dentes os troncos das arvores onde se encontram os ninhos de Meliponideos, ou o mel páu, de que faz seu principal alimento.

— AQUIGUIG, nome de difficil identificação na synonymia vulgar. Como se trata de bugios grandes, pode relacionar-se com o *buriqui* ou *muriqui*, simio da familia dos Cebideos (*Eriodes arachnoides*, Cuv.), que é o maior dos nossos macacos. — G. Soares menciona *guigó*, que ainda hoje é a denominação local bahiana para certa especie de saguis grandes.

— COATI, *cuati*, carnívoro da familia dos Procyonideos, da qual habita o Sul do Brasil o *Nasua narica*, Linn., e o Norte o *Nasua nasua*, Wied, bem pouco differentes entre si. — Baptista Caetano explica o nome tupi por *áqua* ponta, e *tí* nariz: nariz de ponta, nariz pontudo, focinho.

— GATOS BRAVOS, ou *gatos do mato*, designação collectiva para os Felideos menores do genero *Felis*.

— IAGUARUÇU', *jaguára-guaçú*, ou simplesmente *guará*, como por abreviação se diz no Brasil, é o *Canis jubatus*, Desm., da familia dos Canideos, da qual é o maior dos representantes. Chamam-no tambem cachorro do mato. — Conforme o *Catalogus Mammalium*, de Trouessart

(Paris, 1898), além da espécie citada, encontram-se no Brasil as seguintes: *Canis cancrivorus*, Desm., *C. microtis*, Mivart, *C. azarae*, Wied, *C. urostictus*, Mivart, *C. parvidens*, Mivart, e *C. venaticus*, Lund. — O nome tupi vem de *ja-guár* cão, onça, e *uçú* por *açú* grande.

-- **TAPITÍ**, roedor da família dos Leporídeos (*Lepus brasiliensis*, Briss.), também chamado impropriamente coelho ou lebre. — *Tapotim* em G. Soares; *tapeti* em Piso e Maregrav. -- Na astronomia dos tupis maranhenses, segundo Abbeville, era o nome de uma constelação, talvez a constelação austral da Lebre. — Etymologicamente, é difícil de explicar

--- **LAGUACINI**, *guaxinim*, carnívoro da família dos Procyonídeos (*Procyon cancrivorus*, Cuv.). — Também chamado mão-pellada. — Th. Sampaio explica o nome tupi por *gua-chini*, o que rosna, o roncador, allusão ao habito do animal de rosnar ou roncar quando se lhe toca na cauda.

-- **BIARATACA**, *jaritaláca*, *maritaláca*, carnívoro da família dos Mustelídeos (*Conepatus suffocans*, Azara). -- Também chamado cangambá e zorilho. -- Em Piso, *biaratáca*. -- O nome específico deve o animal á secreção anal que expelle para defender-se, de tal sorte nauseabunda, que afugenta os perseguidores. Arthur Neiva e Belisario Penna, em sua *Viagem científica*, publicada nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, t. VIII, 1916, -- referem ter apanhado vivo um exemplar do *Conepatus suffocans*, que se defendia terrivelmente com as ejaculações esverdinhadas que lançava á distancia, afastando os cães e obrigando a mais de uma pessoa a abandonar a luta; um camarada que mais se afanára em arrancar o animal do ôco de uma emburana, onde se abrigára, teve de deitar-se completamente nauseado. Verificaram aquelles naturalistas que a substancia que dá á secreção o repellente cheiro

é o sulphurato de ethyla, mais conhecido pelo nome de mercaptan. Quando as ejaculações são repetidas, chega-se a perceber a formação de vapores esverdeados. — Das outras castas a que allude o autor, deve participar o furão (*Grison vittatus*, Schreb.), que não tem mau cheiro e se faz domestico. — O nome tupi é difficil de explicar.

— PREGUIÇA, nome commum ás especies de desdentados da familia dos Bradypodideos. São ao todo quatro especies, que pouco differem uma das outras. — Cardim não consignou o nome *unáu*, que Abbeville e Marcgrav attribuiram á especie maior, ou preguiça-real (*Choloepus didactylus*, Linn.); tão pouco o generico *ai*, dado ás outras preguiças. — A arvore de sua preferencia, de cujas folhas se sustenta, é a imbaúba (*Cecropia* sp.).

— RATOS, são as especies indigenas de Murideos aquellas a que se refere o autor, vulgarmente chamados ratos do mato. — As tres especies caseiras ou domesticas são de importação europêa.

II — Neste capitulo arruma Cardim as cobras que andam na terra e não têm peçonha. São os seguintes os ophidios descriptos:

— GIBÓIA, da familia dos Boideos (*Constrictor constrictor*, Linn.). — *Jibóya* e *jeboia*, em Piso e Marcgrav. — Os autores explicam o nome tupi *yibói* por cobra d'agua ou de páu; attendendo a que a gibóia é serpente terrestre, parece-nos melhor etymo o que, por similhaça, a compare com o páu.

— GUIGRAUPIAGOÁRA, *papa-ovo* ou *papa-pinto*, da familia dos Colubrideos (*Herpetodryas carinatus*, Linn.). — Em G. Soares *urapiagára*. — E' perfeita a etymologia de Cardim: comedora dos ovos dos passaros, decompondo-se assim a palavra: *quirá* passaro, *upia* ovo, e *guára*,

participio do verbo *û*, o que come, comedor. — O vocabulo tupi desapareceu da nomenclatura popular

— CANINANA, da familia dos Colubrideos (*Spilotes pullatus*, Linn.). — Em G. Soares, *caninam*. — Difficil de interpretar.

— BOITIAPOÁ, cobra de sipó, da familia dos Colubrideos (*Herpetodryas fuscus*, Linn.) — Em G. Soares, *boitiapoia*. — Com essa cobra açoitavam os indios as cadeiras das mulheres estereis, como refere Cardim e confirmam outros autores. — O nome tupi, que não prevaleceu, seria *bói-ti-apuã*, cobra de focinho redondo.

— GAITIEPIA, nome impossivel de identificar

— BOYUNA, *mussurana* ou *cobra-preta*, da familia dos Colubrideos. (*Oxyrhopus cloetia*, Daud) De *bói* cabra, *ûna* preta, negra.

— BOM, especie desconhecida.

BOICUPECANGA, que Cardim traduziu: cobra que tem espinhos pelas costas, — é outro nome difficil de identificar. Seu etymo só em parte é satisfactorio: *bói* cobra, *cupé* tergo, dorso, costas; mas *acanga*, que alem do significado proprio, pôde ser tambem ramo, galho, não vem nos dictionarios com a accepção de espinho.

III - Entram neste capitulo as cobras que têm peçouha, que são as seguintes:

— JARARACA, da familia dos Viperideos (*Lachesis lanceolatus*, Laccp.). — Em G. Soares, *gereraca*. — Para Baptista, pode derivar-se o nome de *para-roãg*, que envenena a quem agarra.

— JARARACUÇU', da mesma familia (*Lachesis jararacuçu*, Lacerda). — De *jararaca*, e *uçú* grande.

— JARARAGOAIPGTANGA, que Cardim traduz: que tem a ponta do rabo mais branco que pardo, é a mesma *Lachesis lanceolatus*, vulgarmente conhecida também por jararaca de rabo branco, enquanto é nova. Ha erro de copia em *pigtanga*, porque em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1304, vem *Jaracoaypitinga*. O nome tupi explica-se assim por *Jararaca*, a cobra, *uguái* cauda, rabo, e *pitinga* branco. *Jararaca-pitinga* ocorre em Piso.

— JARARACOPÉBA, pela descripção pôde ser a *Lachesis atrox*, Linn. — O suffixo *péba* significa chato, achatado. — Em Piso *jararaca-péba*; mas o nome não apparece mais na synonymia vulgar

— SURURUCU', da mesma familia (*Lachesis mutus*, Linn.) — O nome indigena não tem explicação accetavel.

— BOICININGA, *cascavel*, da mesma familia (*Crotalus terrificus*, Laur.) — De bói cobra, *cinga* tintinante, resoante, chocalhante.

— BOICININGBÉBA, especie que não soubemos identificar; *béba* ou *péba* quer dizer chato ou achatado, como já ficou dito.

— IGBIGRACUÁ, especie também de difficil identificação, porque o nome desapareceu. G. Soares dá *ubiracoá*, que a Varnhagen parece a *Natrix punctatissima*, Spix. — Martius, nos *Glossaria*, define: "serpens venenosus rufus, arbores scandens" — O nome é tupi.

— IGBIGBOBOCA, *ibibobóca*, ou *cobra-coral*, da familia dos Colubrideos (*Elaps marcgravi*, Wied). — Em G. Soares *ububoca*. — Para Martius, nos *Glossaria*: "serpens in terra habitans". — Baptista Caetano deduz o nome de *mbói-iby-pe babac*, cobra enroscada no chão. A designação tupi caiu em desuso, substituida por *cobra-coral*, ou *bacorá*, como estropiam os caípiras do Sul.

— ALACBÁS, ou *lacraus*, impropriamente aqui collocados, são os Escorponídeos do genero *Tytius*.

IV — Neste capitulo são descriptas as aves terrestres que se seguem:

— ARARA, nome commum aos Psittacideos maiores; o nome *macao* designa o *Ara macao*, Linn., tambem chamado *arára-canga*, *arára-piranga* e *arára-vermelha*. — Etymo duvidoso: se fôr tupi, póde ser *ará* por *guirá* passaro, exprimindo o frequentativo *ará-ra* passaro grande, como acontece muitas vezes na lingua; mas note-se que no aymará *arára* significa fallador, palrador.

— ANAPURU nome de Psittacideo difficil de identificar. Não vem mencionado em G. Soares, nem em Piso e Maregrav; mas Gandavo a elle se refere, dizendo que em commercio entre os indios valia cada um de dois a tres escravos.

— ARARUNA, *arára-úna*, da familia dos Psittacideos (*Anodorhynchus hyacinthinus*, Lath.) — Em Maregrav *araraína*. — De *arára*, a ave, *úna* negra.

AJURUCURÃO, *ajurú-curáu*, da mesma familia (*Amazona amazonica*, Linn.) — Em Maregrav, *aturú-curau*. — De *ajurú*, nome generico tupi dos papagaios, e *curáu* que solta a lingua, fallador, maldizente.

— TUI, *tuim*, nome generico dos Psittacideos pequenos. Em Gandavo, *tuyns*; em G. Soares, *tuim*; em Piso e Maregrav, *tui*. — Talvez de *tu* por *ti* bico, e *i* pequeno.

— GUIGRAJUBA, *guirajuba*, *guarajuba*, *guarúba*, da familia dos Psittacideos (*Conurus guarouba*, Gm.) — De *guirá* passaro, *juba* amarello. — *Guarúba* por agglutinação.

— IAPU', *japú*, da familia dos Icterideos (*Ostinops decumanus*, Pall.) — O nome tupi explica-se por *ya*, demonstrativo, o que, aquelle que, *pú* soar, fazer rumôr: o que sôa, ou rumoreja, conforme Baptista Caetano.

— GUAINUMDIG, *guainumbi*, nome commum ás aves da familia dos Trochilideos (Beija-flores). — *Gainambi*, em G. Soares. — O nome tupi tem varias explicações. Das especies citadas, são correctas as etymologias do autor: *guaracigá*, ou *guaraciá* vem a ser fructo do sol, por *coaracy* sol, e *á* fructo; *guaracigoba*, ou *guaracióba*, cobertura do sol: *óba* é folha, mas implica o sentido de cobrir, o que cõbre, a cobertura; *guaracigaba*, ou *guaraciaba*, cabello do sol: *aba* cabello. — São ingenuas as noções do autor sobre a metamorphose dessas aves.

— GUIGRANHEÉNGETÁ, *guirá-nheengetá*, da familia dos Tyrannideos (*Taenioptera nengeta*, Linn.) — De *guirá* passaro, *nheeng* fallar, *etá* muito: passaro que falla, ou canta muito. O nome desapareceu para dar lugar a *gronhatá* ou *grunhatá*, por agglutinação. — *Pombinha das almás* e *Maria-branca* são tambem nomes populares dessa ave; nas republicas platinas chamam-na *pepoasá*, do tupi-guarani *pepó* aza, e *açá* atravessada, o que é accorde com o nome generico *Taenioptera*.

— TANGARÁ, nome commum a diversas aves da familia dos Piprideos, especialmente applicados á *Chiroxiphia caudata*, Sw., tambem chamada *dançador*. — A Goeldi parece que Linneu adoptou a palavra indigena *tangará*, empregando-a com inversão de letras para formar o nome *Tanagra*. — De *atá* andar, *carã* em volta: o que anda aos saltos, o que dança aos saltos, o pulador, conforme Th. Sampaio.

— QUEREIUÁ, *quiruá*, da familia dos Cotingideos (*Cotinga cincta*, Kuhl). — Em G. Soares, *querejuá*; Piso

e Maregrav *guira-quereá*. — Nome tupi difficil de explicar.

— TUCÁNA, *tucano*, nome common a diversas aves da familia dos Rhamphastideos. — Parece ter sido Thevet, nas *Singularitez de la France antarctique*, quem primeiro descreveu a ave, dando-lhe o nome indigena: "Sur la coste de la marine la plus fréquente marchandise est le plumage d'un oyseau qu'ils appellent en leur langue toucau..." — Em G. Soares, *tucano*; em Maregrav, *tucan*. — De *ti bico, canq osseo?* Baptista Cactano.

— GUIGRAPÓNGA, *araponga*, da familia dos Cotinideos (*Chasmorhynchus nudicollis*, Vicill.) — *Ferreiro, ferrador*. — De *guirá* passaro, *ponga* sonante, que soa.

— MACUCAGUÁ, *macagná*, da familia dos Falconideos (*Herpetotheres cachianans*, Linn.) — Em G. Soares, *macucagoá* e *macuagodá*; em Gandavo, com a primeira forma. — De *má* por *yhá* fructo, *cugiguár* por *curihár*, que traga, tragador, comedor: comedor de fructos; ou ainda, e preferivel, por accorde com o nome generico e com o instincto da ave, de *mbôl-acá-luir*, aquelle que briga com as cobras. Baptista Cactano.

— MUTU *mutnu*, nome generico das aves da familia dos Craeideos. — Em Azara, *mitú*. De *nyttu* por *pyttu* ou *pyttua*, noite: escuro, negro, por extensão; originariamente qualificativo, dizendo passaro negro ou escuro.

— URU nome common a duas especies de aves da familia dos Odontophorideos: *Odontophorus guyanensis*, Gm., *O. capucira*, Spix. — A primeira é peculiar á Amazonia; a segunda é a que o autor devia ter conhecido, por habitar o litoral.

— NIHANDUGOÁCU? *nhandugnaçu*, ema, chamada impropriamente avestruz, da familia dos Rheideos (*Rhea*

americana, Linn.) — Em Marcgrav *nhandu-guaçú*. — De *nhan* corre, *tu* estrepitante; ou *nhan* de correr, *ub* perna: corredora, a que corre; *guaçú* grande. Baptista Caetano. — De qualquer modo a idéa de correr é dominante.

— ANHIGMA, *anhuma*, *inhuma*, da familia dos Palamedeideos (*Palamedea cornuta*, Linn.) — *Anhima* e *anhyna*, em Marcgrav e Piso. — De etymo difficil de explicar.

V — Neste capitulo enfeixa Cardim as arvores frutíferas indigenas. São as seguintes:

— ACAJÚ', *cajú*, fructo e arvore da familia das Anacardiaceas (*Anacardium occidentale*, Linn.) — Ha outras especies. — O nome *acajú* reserva-se hoje para a *Cedrela guyanensis*, J., da familia das Meliaceas, que vejeta na Amazonia. — Do tupi *acã* caroço, e suffixo *yu*, por *y-ub*, que dá, que tem. Segundo Baptista Caetano, desconhecido no Sul e no Paraguay, e por isso só usado em dictionarios tupis, onde tambem designa estação, anno. — Ao vinho que faziam do sumo do *cajú* chamavam *cauim*, que Léry escreveu *caou-in* e Hans Staden *kaawy*; a significação do vocabulo estende-se á bebida fermentada feita do milho mastigado.

— MANGÁBA, fructo e arvore da familia das Apocynaceas (*Hancornia speciosa*, Gomez) — Arruda Camara, que descreveu a arvore, denominou-a *Riberia sorbilis*, em honra ao padre João Ribeiro, da revolução pernambucana de 1817. — Em G. Soares, *mangaba*; em Piso e Marcgrav, *mangaiba* e *mangahiba*. — De *mã-guaba*, cousa de comer Th. Sampaio.

— MUCUOÉ, *mucugé*, *macugé*, em Purchas *his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1307, *mucuruje*, da mesma familia (*Couma rigida*, Müll. Arg.) — Caminhoá chamou-a *Cou-*

ma moengé. G. Soares dá *macugé*. — De etymo duvidoso.

* **ARAÇÁ**, nome commum ás Myrtaceas do genero *Psidium*, de que ha varias especies. — Inaccitavel o etymo que se encontra nos autores.

— **OMBU'** *umbú*, *imbú*, *ambú*, fructo e arvore da familia dos Anacardiaceas (*Spondias purpurea*, Linn.). — Vocabulo tupi, de etymo incerto.

— **JACAPUCAYA**, *sapucáia*, nome commum ás diversas especies de Lecythidaceas, do genero *Lecythis*. — Em Gandavo, *zabucães*; em G. Soares, *sabucái*. — O nome tupi fórma-se de *ya* fructo de arvore, *eçá pucá i* que tem saltamento do olho, segundo Baptista Cactano. — Os myrabolanos indicos, com que o autor compara as castanhas da *sapucáia*, procedem da *Terminalia chebula*, Retz, da familia das Combretaceas, a qual vegeta na India. Desses myrabolanos tratou Garcia da Orta, nos *Colloquios dos simples e das drogas* (Colloquio 37.º)

— **ARATICU'** ou *araticum*, nome commum a diversas Anonaceas dos generos *Anona* e *Rollinia*. — *Araticú-paná* é a *Anona palustris*, Linn. — Etymo incerto.

— **PEQUEÁ**, *pequiá*, ou *piquiá*, da familia das Caryocaraceas (*Caryocar brasiliensis*, S. Hil.) — Em G. Soares, *piquiá*. O nome tupi pode derivar-se de *pé casca*, e *quiá* suja, manchada. — Ha varias especies.

— **JABOTICABA**, fructo e arvore da familia das Myrtaceas (*Myrciaria cauliflora*, Berg.). — Em Maregrav, *jabuticaba*. — De *yauti-quaba*, a comida do kágado, Th. Sampaio. — Martius traduz: “quasi sebum testudinis”. — Sobre os coqueiros informa o autor que ha muitos, “que dão coquos excellentes como os da India” O coqueiro (*Cocos nucifera*, Linn.), não é planta expontanea no Bra-

sil; da India foi pelos portuguezes levada para a Africa, e os primeiros que foram ter á Bahia vieram de Cabo Verde, conforme ao testemunho de G. Soares. Ahi se deram melhor do que na India (é o mesmo chronista que o affirma), “porque, mettido um côco debaixo da terra, a palmeira que delle nasce dá côco em cinco e seis annos, e na India não dão estas palmas fructo em vinte annos.”

— PINHEIRO, ou pinho do Paraná, da familia das Coniferas (*Araucaria brasiliana*, A. Rich. Lamb.)

VI — Neste capitulo vêm as arvores medicinaes, que se seguem:

— CABUREIGBA, *caburehida* ou *cabreúva*, da familia das Leguminosas, sub-familia das Papilionaceas (*Myrocarpus fastigiatus*, Fr. All.) — Em Piso *caburé-iba*. — O nome tupi vem de *caburé*, a coruja (*Glaucidium brasilianum*, Gm.), e *yba* arvore, páu. — Do pericarpio exuda resina, fluida no começo e depois concreta, conhecida *caburé-icica*.

— CUPAIGBA, COPAHIBA, da familia das Leguminosas, sub-familia das Cæsalpinaceas (*Copahiba langsdorffii*, Desf.) — Lery foi quem primeiro a descreveu, dando-lhe o nome indigena: “Plus un qu’ils nomment *copa-u*, lequel outre que l’arbre sur le pied ressemble aucunement au noyer, sans porter noix toutesfois...” — Em G. Soares, *copiuba*; em Marcgrav, *copiiba*. — De etymo incerto.

— AMBAIGBA, *ambahiba*, *embaúba*, *imbaúba*, da familia das Artocarpaceas (*Cecropia adenops*, Mart.) — Ha outras especies. — Em Piso e Marcgrav, *ambaiba*. — De *ambá* ôco, *yba* arvore. — Veja Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba *figueira*.

— AMBAIGTINGA, *imbaúba-branca*, da familia das Artocarpaceas (*Cecropia palmata*, Willd.) — Em Piso,

Ymbalba-tinga. — Monardes citado é o medico e naturalista espanhol Nicolás Monardes, nascido em Sevilha em 1493 e fallecido na mesma cidade em 1588. Nunca atravessou o Oceano; mas dedicou-se com empenho ao estudo das produções naturaes da America, que obtinha por intermedio dos viajantes. Desse modo conseguiu formar um pequeno museu de Historia Natural, que foi dos mais antigos da Europa, pois já existia em 1554. A principal de suas obras intitula-se: *Primera y segunda y tercera partes de la Historia medicinal de las cosas que se traem de nuestras Indias Occidentales, que sirven en Medicina*, etc. (Sevilla, 1574), onde se acham reunidos diversos tratados anteriormente dados á estampa. A primeira parte foi publicada em 1565 e depois em 1569; a segunda em 1571. A primeira refere-se Nicolás Antonio, na *Bibliothecae Hispanae*, vol. II, ps. 122, citando a obra *De las Drogas de las Indias* (Sevilla, 1569). A obra de Monardes foi vertida em latim por Clusius, sob o titulo — *Simplicium medicamentorum in India Nascentium* (Amberes, 1574), havendo outra edição de 1582. Linnæu, para honrar a memoria do sabio espanhol, deu o nome de Monarda a um genero de plantas. — A referencia de Cardim encontra-se á fl. 6 v. da primeira parte do livro de Monardes, quando trata do azeite da figueira do inferno: "Tiene este azeyte grandes virtudes, como se ha visto por el uso del, assi en las Indias como en nuestras partes, y todo lo que dire, es con muy grande experiencia, y mucho uso del, en diversas personas." O exemplar consultado dessa rarissima obra pertence á bibliotheca do Instituto Historico.

IGNACAMUCI, arbor ignota, segundo Martius. — Em Marcgrav *iba-camuci*. — De *yba* fructa, *cambucy* ou *camucy* pôte: pôte de fructa, conforme á descripção do autor.

— ICGIGCA, *icica*, *almecega*, *almecegueira*, da familia das Burseraceas (*Protium brasiliense*, Eng. — Em G. Soares, *ubiracica*; Marcegrav *icicariba*. — De *y-cyca*, agua pegajosa, gomma, resina. — O nome *igtaicigica* ou *itay-cyca*, significa resina ou gomma de pedra, enxofre. — O rio que se lança ao mar entre Ilhéos e Porto-Seguro, e vem do sertão alto, deve ser o Jequitinhonha.

— CURUPICAIGBA, *curupicahiba*, nome de uma Terebinthacea, que não conseguimos identificar completamente.

— CAARÓBA, *caróba*, da familia das Bignoniaceas (*Jacaranda caroba*, Vell.) — Ha outras especies. — De *caá* folha de planta, *róba* amargosa, acre.

— CAAROEMOÇORANDIGBA, *maçarandiba*, *maçaranduba*, da familia das Sapotaceas (*Mimusops elata*, Fr. All.) — Ha outras especies. — Em G. Soares, *maçarandiba*. — De etymo incerto.

— IABIGRANDÍ, *jaborandi*; em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1308, *iaburandiba*; arbusto da familia das Rutaceas (*Pilocarpus pinatifolius*, Linn.) — De etymo difficil de explicar, segundo Baptista Caetano. — O *betele*, a que se refere o autor, é o *Piper betle*, Linn., originario da India. *Bétle*, *bétre*, *bétele* ou *bétel*, é, conforme o Conde de Ficalho, em nota aos *Colloquios* de Garcia da Orta (vol. II, ps. 402), adaptação portugueza do tamil *vettilei*, maláyalam *vettila*, que se diz significar simplesmente a *folha*, isto é, a folha por excellencia. — Rodolfo Dalgado, no *Glossario Luso-Asiatico*, verba *bétele*, confirma e explica largamente esse etymo. — A *cannafistula* (*Cassia ferruginea*, Schrad.) é originaria da India, mas foi acclimada no Brasil. De uma especie brasileira (*Cassia brasiliana*, Linn.), a *geneúna* dos indigenas, diz G. Soares que se achava no sertão da Bahia: “Em algumas

fazendas (acrescenta) ha algumas arvores de canafistula, que nasceram das sementes que foram de S. Thomé, que dão o fructo mui perfeito como o das Indias."

VII — Neste capitulo reune Cardim alguns vegetaes oleaginosos. São os seguintes:

— ANDÁ, talvez *andá-açú*, da familia das Euphorbiaceas (*Johannesia princeps*, Vell.) — De *a-âtã*, fructo rijo, a noz, a amendoa dura. Th. Sampaio.

— MOXERECUIGBA, arvore ou arbusto difficil de identificar

— AIURUATUBIRA, arvore ou arbusto nas mesmas condições.

— AIAHUTIPIGTA, *jabotapita*, em Piso e Maregrav. Segundo Martius é a *Gomphia parviflora*, DC.

— IANIPABA, *genipapo*, fructo e arvore da familia das Rubiaceas (*Genipa americana*, Linn.) — Em Maregray, *janipaba*. — O nome tupi explica-se por *nhandipab* ou *jahdipab*, fructo de esfregar, ou que serve para pintar, conforme Baptista Caetano e de accordo com o destino que davam ao fructo ainda verde

— IEQUIGTYGOAÇU, que deve ser o *saboeiro*, da familia das Sapindaceas (*Sapindus divaricatus*, Will. & Camb.) — A casca polposa do fructo, esfregada n'agua, produz espuma, e é empregada como sabão para lavar roupa; as sementes servem para botões. Segundo o texto, serviram para contas, e eram das melhores por serem muito eguaes. — Difficil de explicar o nome tupi da arvore; nms note-se que *quity* esfregar, limpar, e o participio *quityca*, podem applicar-se ás arvores a que chamam vulgarmente saponarias.

VIII — Neste capitulo trata apenas o autor da arvore que tem agua.

O phenomeno referido deve ser levado á conta de informações exaggeradas que tenham sido prestadas a Cardim. Nos sertões do Nordéste brasileiro vegeta, de facto, uma leguminosa, a *Geoffroya spinosa*, Linn., vulgarmente conhecida por *umary*, que dos olhos verte liquido em tal quantidade que, ás vezes, no inverno, chega a molhar o solo, o que para o sertanejo é bom signal de estação chuvosa; mas dahi á arvore fonte, ou arvore rio, que se descreve, vai mais prodigio do que verdade. — O vocabulo *umary* é tupi, contracção de *y-mbo-ri-y*, que exprime — arvore que faz que verta agua, segundo Th. Sampaio.

IX — Neste capitulo enumera o autor algumas essencias que dão madeira. São as seguintes:

— PÁU-SANTO, da familia ãs Leguminosas, sub-familia das *Cæsalpinaceas* (*Zoolernia paraensis*, Hub.)

— PÁU-BRASIL, das mesmas familia e sub-familia (*Cæsalpinea echinata*, Lamk.) — *Ibirapitanga* é seu nome tupi, por *ybyrá* arvore, pau, madeira, *pitanga* vermelha.

— JACARANDÁ, nome commum a diversas especies da familia das Leguminosas, sub-familia das *Papilionaceas*.

— PÁU D'AQUILA, da familia das *Aquilarinaceas* (*Aquilaria agallocha*, Roxb. — O *páu de aquila*, ou *páu de aquila* é originario da Indo-China:

“Vês, corre a costa que Champá se chama
Cuja mata é do páu cheiroso ornada...”

Camões, *Luziadas*, canto X, estr. 129).

De sua occurrencia no Brasil parece que é informação singular a de Cardim. Segundo o Conde de Ficalho, em nota aos *Colloquios* de Garcia da Orta, o nome *aguilla* procede do hindi e deckani *agar* e *aghir*, e deu talvez tambem o maláyalam *agil* ou *agila*; essas palavras, adoptadas pelos portuguezes, foram por elles muito usadas nas fórmas *aguila* e *páu de aguila*; e convertida por engano *aguila* em *aquila*, deram depois os nomes modernos francez e inglez de *bois d'atgle* e *eagle-wood*, sem que a madeira tenha a mais remota relação com as aguias.

— SANDALO BRANCO, está nas mesmas condições do *páu de aguila*. E' originario do Sul da India, e não consta que tivesse sido importado para o Brasil.

"Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandaló salutífero, e cheiroso..."

(Camões, *Luzitadas*, canto X, estr. 134).

— CEDRO, da familia das Meliaceas (*Cabralea laevls*, DC.) Na Flora brasileira contam-se 5 generos e 130 especies dessa familia.

— PÁU D'ANGELIM, ou *angelim*, da familia das Leguminosas, sub-familia das Caesalpinaceas (*Machaertium heteroptentum*, Fr. All.) — Outras especies se enquadram na sub-familia das Papilionaceas.

— Noz MOSCADA, ou melhor *noz muscada*, é especiaria de procedencia asiatica, produzida pela *Myristica fragrans*, Houtt., da familia das Myristicaceas. — G. Soares não a menciona entre as arvores de Espanha que se dão na Bahia.

X Neste capitulo figuram, um pouco desordenadamente, alguns vegetaes uteis. São os seguintes:

— MANDIOCA, da familia das Euphorbiaceas (*Manihot utilissima* Pohl) — Bastante conhecido é esse vegetal e seus varios productos para que precisemos alongar esta nota. — *Mandiôca* é palavra americana, de etymo discutivel. — Amerigo Vespucci conheceu a planta em sua viagem de 1497; Martyr de Angleria descreveu-a sob o nome indigena em *De orbe novo Decades*, publicadas pela primeira vez em 1511, e desde logo todos os autores a conheceram e descreveram sob os nomes de *manioc*, *manihot* e *mandiôca*.

— NANÁ, *ananás*, da familia das Bromeliaceas (*Ananassa sativa*, Lindl.) — Léry e Thevet descreveram a planta e fructo; em G. Soares *ananaz*; em Gandavo *annanaes*; em Piso e Marcgrav *ananá*. — Se o vocabulo fôr tupi, vale por bôa a etymologia de Baptista Caetano: *na-nã* cheira-cheira.

— PACOBA ou *pacóva*, nome do fructo das Musaceas ou bananeiras indigenas. — Em Léry *paco* o fructo, e *pacoire* a planta; em G. Soares *pacoba* e *pacobeira*. — O nome tupi vem de *pac-oba*, folha de enrolar.

— MURUCUJÁ, *maracujá*, nome generico das Passifloraceas indigenas, de que ha diversas especies. — De *mborucuyá*, fructo que faz vaso, que dá vasilha, conforme Baptista Caetano.

— MANGARÁ, nome commum a diversas especies de Aroideaceas, de tuberculos comestiveis. — De *ybá-carã*, fructo redondo, ainda conforme ao mesmo autor.

— CARÁ, nome commum a diversas especies de Dioscoreaceas indigenas, que tambem produzem tuberculos comestiveis.

— TAJAOBA, *tayoba*, da familia das Aroideaceas (*Xanthosma violaceum*, Schott.) — De *taya-oba*, folha de *taya*, isto é, de planta picante.

— JAMBIG, *jambi*, *nhambi*; em G. Soares *nhemby*. — Planta difficil de identificar: talvez o *Ageratum conyzoides*, Linn., da familia das Compostas. — O nome *nhambi* occorre nos obsoletos *Diccionarios* botanicos de Nicolau Moreira e Almeida Pinto, com determinação incerta.

XI — Neste capitulo occupa-se Cardim daservas medicinaes, ou que servem para mezinhas. São as seguintes:

— TETIGUCU'. O nome está mal graphado: deve ser *jeticucú*, que é como ocorre na synonymia popular, *ietigucu* em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1310, por *Jettipucú*. — É a *Ipomœa hederacea*, Jacq., da familia das Convolvulaceas. — De *yetica* batata, e *pucú* longa, comprida. — Do mechoacão ou mechoacan, trata Monardes na primeira parte de sua obra já referida, às fls. 28 v.

— IGPECACÓANA, *ipecacuanha*, da familia das Rubiaceas (*Psychotria ipecuanha*, Baill.) — Ha outras especies. — De *ypeg-aquã*, anseris penis, segundo Baptista Caetano, pela forma que assume a raiz da planta.

— CAYAPIÁ, *caapiá*, *capia*, da familia das Artocarpaceas (*Dorstenia brasiliensis*, Lam.) — Ha outras especies. — Em G. Soares *caapiá*, "como o gentio chama, e os portuguezes malvaisco"; o *malvaisco*, entretanto, é uma Piperacea. — De *caa* herva, *apiá* testiculos: herba testiculi, ob formam radicis. — Martius - *Glossaria*, ps. 388. — Como antidoto de toda sorte de veneno, maxime da peçonha de cobra, o autor compara o *caapiá* às seguintes drogas asiaticas:

Unicorne ou *unicornio de bada*, isto é, a ponta do rhinoceronte.

Pedra de bazar, ou *pedra bezoar*, como se chamavam as concreções calcareas formadas em diversas partes do corpo de certos animaes, principalmente ruminantes, segundo esclarece o Conde de Ficalho, em nota aos *Colloquios* de Garcia da Orta. No tempo de Orta, que foi o mesmo de Cardim, a *pedra bezoar* ainda gozava de universal e excepcional reputação; Monardes escrevia o seu *Tratado de la piedra bezaar*, e a empregava com proveito em Espanha como contra-veneno, mandando-a vir expressamente de Lisbôa.

Côco de Maldiva, ou *das Maldivas*, ou ainda *côco do mar*, isto é, o fructo da palmeira *Lodoicea seychellarum*, Labill., que só é encontrada no grupo das Seychelles e apenas em tres das ilhas. Tem essa palmeira uma historia curiosa, que vale a pena de referir, atravéz da bella dissertação do Conde de Ficalho, na *Flora dos Luziadas* (Lisbôa, 1880), e nos citados *Colloquios* de Garcia da Orta. Como as Seychelles fiquem muito empégadas no mar das Indias, e arredadas do caminho da navegação, que habitualmente seguia o canal de Moçambique, permaneceram desconhecidas até ao seculo XVIII, e desconhecida portanto a palmeira; mas não succedia o mesmo aos seus fructos, côcos de nótavel grandeza, que, caindo ao mar, fluctuavam á mercê das correntes e dos ventos; e, impellidos por essas correntes, ajudadas em parte do anno pela monção sudoeste, eram levados principalmente na direcção das Maldivas, em cujas praias se encontravam com certa frequencia, — e dahi o nome de *côco das Maldivas*. Como era natural, esses enormes côcos fluctuantes attrahiam a attenção, sendo os habitantes das ilhas, que os achavam, obrigados sob penas graves, a entregá-los aos seus reis ou chefes; e naturalmente tambem, vendo-os sobre as aguas, ou na areia onde os lançava a maré, e não conhecendo a planta que os creava,

suppuzeram-nos produzidos por vegetaes submarinos. Essa mesma origem lhes attribuiram os escriptores portuguezes quinhentistas. João de Barros, nas *Décadas*, Garcia da Orta, nos *Colloquios*, e outros. Camões, nos *Luziadas*, consagrou-lhe a procedencia:

“Nas ilhas de Maldiva nasce a planta
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
E' tido por antidoto excellente.”

(Canto X, estr. 136).

Mais de um seculo depois de Camões, em 1690, o naturalista Rumphius, citado pelo Conde de Ficalho, ainda acreditava na origem submarina desse fructo, que era celebrado e muito procurado. E' o mesmo Rumphius que conta, que certo almirante hollandez, Wolferio Hermano, que no anno de 1602 commandara uma acção nos mares de Bantam contra a esquadra portugueza de André Furtado de Mendonça, possuia um desses côcos, pelo qual o imperador Rodolpho II offerecera a somma importante de quatro mil florins, que os herdeiros do almirante não aceitaram. Era então o unico que existia na Hollanda; em Portugal eram mais frequentes e vinham da India para a ruinha; Clussius viu em Lisboa, em 1563, mais de um. Na Europa montavam-se em prata e ouro. Tal era o côco de Maldiva, a que se refere Cardim, o “antidoto excellent”, de Camões.

TAREROQUI, *tareroqui*, planta da familia das Leguminosas (*Cassia occidentalis*, Linn.) — Tem outros nomes locaes, como *tararacú*, *mangirôba*, *fedegoso*, *mata-pasto*, *crista de gallo*, *lava-pratos*, etc. — O nome tupi é difficil de explicar.

GOEMBEGOAÇU', *guembé-guaçu*, *imbé-guaçu*, da

familia das Araceas (*Philodendron*, sp.) — De *ym-mbé*, planta que se arrasta, planta rasteira, e *guaçu* grande.

— CAÁOBETINGA, planta difficil de determinar. — Conforme a descripção o nome tupi se traduz por *cad* folha, *obi* verde, e *tinga* branca.

— SOBAU'RA, planta nas mesmas condições. — O nome deve ter desaparecido da synonymia.

— ERVA SANTA, *fumo*, *tabaco*, *petúm*, planta da familia das Solanaceas (*Nicotiana tabacum*, Linn.) — Thevet *petun*; Léry *pytyma*; Hans Staden *bettin*; Cardim (*Os Indios do Brasil*) *petigma*. — Damião de Góes, na *Chronica de D. Manuel* (Lisbôa, 1566-67) p. 1.^a, cap. 56, fl. 52, escreve: “E a que chamamos (herva do Brasil) do fumo e eu chamaria Herva santa, a que dizem que elles (os indios) chamam *Betun*... Esta herva trouxe primeiramente a Portugal Luiz de Góes, que depois sendo viuvo se fez na India dos da Companhia do nome de Jesu.” Luiz de Góes era irmão do chronista e tambem de Pero de Góes, com quem veio ao Brasil para a donataria de Campos, segundo Varnhagen. Gaffarel, na *Notice biographique*, que precede a edição das *Singularitez de la France Antarctique*, de Thevet, reivindica para este a gloria que se attribue a Nicot, de ter introduzido a planta na França. (Vide a nota 31, que Valle Cabral poz ás *Cartas do Padre Manuel da Nobrega* — Rio de Janeiro, 1886), — A *canguera*, como instrumento para fumar ou beber fumo, especie de cigarro monstro, é desconhecida dos dictionarios tupis, onde vem apenas com as accepções de osso, espinha, ossada, o osso sem carne. A significação acima e, portanto, translata, quiçá devida á similhaça entre os objectos. G. Soares refere-se á *cangoeira* (como escreve) de fumo, que “é um canudo que se faz de uma folha de palma sêcca, e tem dentro tres ou quatro folhas

sêccas da herva santa, a que os índios chamam *petume*, a qual *cangoeira* atam pela banda mais apertada com um fio, onde estão as folhas do *petume*, e accendem esta *cangoeira* pela parte das folhas do *petume*, e como tem braza, a mettem na bocca, e sorvem para dentro o fumo, que logo lhe entra pelas cachagens, mui grosso, e pelas goe-las, e sahe-lhe pelas ventas fóra com muita furia; como não podem soífrer este fumo, tiram a *cangoeira* fóra da bocca." Abi está a origem do nosso cigarro. — Conf. Baptista Caetano — *Índios do Brasil*, verba *canguera*.

— GUARAQUIGENHA, *guaraquim*, *herva de bicho*, *heroa-moura*, *pimenta de rato*, *carachichú*, planta da familia das Solanaceas (*Solanum nigrum*, Linn.) — A planta foi descripta e representada por uma boa figura na obra de Piso. — *De Indiae utriusque re naturali et medica* (1658), com o nome de *aguaraquiya*, que se pôde traduzir por *jujúara cão*, e *kyyha* pimenta: pimenta de cão.

— CAMARÁ ou *cambará*, planta da familia das Verbenaceas (*Lantana camara*, Linn.) De *caá*, folha, *mbará pintada*, variegada, de varias côres.

— AIPO, da familia das Umbelliferaceas (*Apium graveolens*, Linn.)

— MALVAISCO: ver o que ficou dito em *cayapiá*.

— CARAGUATÁ, *caraquatá*, *carantá*, *crauatá*, *craudá*, *gravatá*, da familia das Bromeliaceas (*Bromelia karatas*, Linn.) De *caá-raqua-atá*, como vem explicado por Baptista Caetano — *Índios do Brasil*, mesma verba.

— TIMBÓ, da familia das Sapindaceas (*Paullinia pinnata*, Linn.) — O nome tupi é difficil de explicar.

XII — Neste resumido capitolo occupa-se o autor apenas das duas plantas que se seguem :

— ERVA QUE DORME, *dormideira, papoula*, da familia das Papaveraceas (*Papaver somniferum*, Linn.)

— ERVA VIVA, *sensitiva, malicia de mulher*, da familia das Leguminosas, sub-familia das Mimosaceas (*Mimosa* sp.) — *Oregão e poejo* são plantas da familia das Labiadas (*Mentha piperita*, e *M. pulegium*, Linn.)

XIII — Neste capitolo, referido ás cannas indigenas, trata sómente da seguinte especie :

— TACOÁRA, *taquara*, da familia das Grammineas (*Chusquea gaudichaudii*, Kunth). — o nome tupi explica-se por *tâ-quara*, haste furada, ou cheia de buracos, conforme Th. Sampaio.

XIV — Neste capitolo são descriptos os peixes de mar, que são varios e se seguem :

— PEIXE-BOI, cetaceo da familia dos Manatideos (*Manatus australis*, Tilesius). — A especie amazonica, que é hoje a mais commum, é *M. inunginis*, Natterer. — Em G. Soares, *goaragoá*, melhor *guaraguá*, que se traduz por *guára-guára*, come-come, comilão, ou ainda por *ygú-rí-guá*, morador em enseadas, do habito do cetaceo.

— BIGJUIPIRÁ, *bijupirá* ou *bejupirá*, da familia dos Rachycentrideos (*Rachycentrus canadus*, Linn.) — Em G. Soares, *beijupirá*. — De *mbeyú-pirá*, peixe de bolo, por causa da qualidade de sua carne, segundo Baptista Caetano.

— OLHO DE BOI, da familia dos Carangideos (*Seriola lalandei*, Cuv. & Val.), que attinge a grandes dimensões. — Em G. Soares *tapyrsicá*, que “quer dizer olho de boi” de *tapyra* boi, eçá olho.

— CAMURUPIG, *camurupi* ou *camarupiu*, da familia dos Clupeideos (*Megalops thrissoides*, Bl. & Schn.) — Em Gandavo, *camboropiu*; em G. Soares, *camuropi*; em Abbeville, *camouroupouy*. — É o *pirapema* do litoral do Norte do Brasil. — Nome tupi difficil de explicar.

— PEIXE SELVAGEM, da familia dos Hæmulideos (*Couodon uobllis*, Linn.) — O nome tupi *pirambá* significa peixe roncadador, que ainda prevalece na synonymia vulgar, ou simplesmente *roncadador*. — Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV. ps. 1313, vem *piraambu*.

BALÉA ou *baleia*, nome commum aos grandes cetaceos da familia dos Baleanideos. — Contam-se sete especies que frequentam as costas do Brasil.

— ESPADARTE, da familia dos Xiphiideos (*Xiphias gladius*, Linn.)

— TARTARUGA, nome commum aos chelonios marinhos, mal collocado pelo autor neste capitulo. — Uma especie do genero *Thalassochelys* attinge a enormes proporções; talvez a essa se refira o texto, com evidente exagero, quando diz que vinte homens não a podiam levantar do chão.

TURARÕES, as especies maiores dos peixes da ordem dos Selachios.

— PEIXE VOADOR, da familia dos Cephalacanthideos (*Cephalacanthus volitans*, Linn.) — Em Maregrav *pirabebe*, de *pirá* peixe, *bébé* volante, que vóa. Um dos nomes actuaes é *cotó*.

— BOTOS E TUNINHAS (*toninhas*), cetaceos da familia dos Delphinideos.

— LINGUADOS E SALMONETES, da familia dos Pleuronectideos.

XV. — Neste capitulo encontram-se os peixes peçonhentos seguintes:

— PEIXE SAPO ou *guamayacú*, que se diz hoje *baiacú*, da familia dos Tetrodontideos. — O *baiacú de espinho* é o *Chilomycterus spinosus*, Linn., da familia dos Diodontideos. — *Itaoca* ou *taóca* é o *Lactophrys tricornis*, Linn., da familia dos Ostraciontideos. — *Carapeaçaba*, em G. Soares *carapiaçaba*, difficil de identificar.

— PURÁ, *puraqué* ou *poraqué*, *peixe electrico*, da familia dos Electrophorideos (*Electrophorus electricus*, Linn.) — De *poro-quer*, que faz dormir, adormece ou entorpece, segundo Baptista Caetano. — Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1314, *puraque*.

— CARAMURU', *moreia*, da familia dos Muraenideos (*Lycodontis ocellatus*, Linn.) — Foi o appellido de Diogo Alvares Corrêa entre os Tupinambás da Bahia; seu neto Belchior Dias Moreia, o famoso descobridor das minas de Itabayana, trasladou para o vernaculo a alcunha avoenga.

— AMOREATÍ, *moreiatim*, da familia dos Thalassophynideos (*Thalassophyne brannieri*, Starks).

— GUAMAIACUCURUB, *baiacú-curúba*, especie dos Tetrodontideos, difficil de determinar. — O vocabulo tupi *curúba* significa sarna, e não verruga.

— TEREPOMONGA. Parece tratar-se aqui da sangue-suga, verme da familia dos Hirudinideos. - O adjectivo tupi *pomong* quer dizer pegajoso, viscoso, que pega ou gruda.

XVI. - Este capitulo occupa-se exclusivamente dos hõmens marinhos, ou monstros do mar. A lenda pertence ao mesmo cyclo de idéas que produziu os tritões, as se-reias, as mães d'agua e outros seres phantasticos. Os autores antigos, que trataram do Brasil, Gandavo, Gabriel Soares, frei Vicente do Salvador, padre João Daniel e Barlaeus, referem-se ao homem marinho, que descrevem similhantemente; delles, manifestam-lhe o nome indigena: Gandavo -- *Historia da Provincia Santa Cruz* (Lisbõa, 1576) fls. 32 - "os Indios da terra lhe chamam em sua lingua *Hipupiãra*, que quer dizer demonio d'agua"; Gabriel Soares -- *Tratado descriptivo do Brasil* (Rio de Janeiro, 1851) ps. 280 - "não ha duvida senão que se encontram na Bahia e nos recontavos della muitos homens marinhos, a que os indios chamam pela sua lingua *upuplãra*"; e Barlaeus -- *Rerum per octennium in Brasilia* (Amsterdam, 1647) ps. 134 - "sunt Tritonis indigenis *ypuplãræ* dicti, cum humanos vultus aliquã referant, et femellæ cesariem ostendent fluidam et faciem elegantiore." -- O nome tupi serve de prova de que a idéa era familiar ás gentes desse grupo importante. Sua etymologia consigna Baptista Caetano em *upypeara*, ou *y-puplãra*, em que apparecem os elementos *y* agua, e *py-piãra* de dentro, do intimo: o que é de dentro d'agua, o que vive no fundo d'agua, o aquatico; o nome era tambem attribuido a peixes, especialmente á baleia.

Para o editor da traducção franceza do livro de Gandavo na colleccão de Henri Ternaux, o monstro provocador das assaltadas, que narram os autores citados, seria provavelmente alguma phoca de tamanho extraordinario; para Varuhagen, o commentador de Gabriel Soa-

res, seriam ellas obra de tubarões, ou de jacarés, uma vez que não consta haver phócas no litoral brasileiro.

XVII. — Este capitulo trata dos molluscos, que no seguinte, de mistura com crustaceos, ainda apparecem. São:

— POLVOS, molluscos cephalopodos. As especies do genero *Sepia* são as que produzem a tinta que tem esse nome.

— AZULA, mollusco difficil de identificar. — Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1315, vem escripto *apula*.

— AGUAS MORTAS, que melhor se denominam hoje *aguas-vivas*, são celenterados marinhos, tambem chamados Medusas.

XVIII. — Vêm agora os crustaceos, mas *in-fine* enumeram-se alguns molluscos.

— UÇÁ, caranguejo da familia dos Gecarcinideos (*Ucides cordatus*, Linn.) — De *ub* perna, *eçá* olho: olhos de perna, ou podophthalmos, como traduziu Baptista Caetano.

— GUANHUMIG, *guayamú* ou *guayamum*, da mesma familia (*Cardisoma guanhumi*, Latr.). — De etymo difficil de explicar. Em Abbeville *ouégnonmoin*, que vem a ser tambem o nome de uma constellação na Astronomia dos tupis maranhenses.

— ARATU', da familia dos Grapsideos (*Aratus pisoni*, M. Edw).

— OSTEAS, molluscos lamellibranchios da familia dos Ostreideos, da qual duas especies pelo menos habitam o Brasil. — As *ostreiras* ou *sambaquis* têm aqui menção interessante.

— MIXILHÕES, melhor *mexilhões*, são os molluscos pertencentes á familia dos Mytilideos; o *sururú* e o *bacucú* são comestiveis.

— BERGUIGÕES são os da familia dos Venerideos. — Entre os busios o autor menciona o *guatapiggoaçú*, o *uatapú-quacú* ou *atapú*, bastante conhecido.

— PIRAGUAY, *perigoari* ou *pregoari*, mollusco pro-sobranchio marinho da familia dos Strombideos (*Strombus pugilis*, Linn.) — Em G. Soares, *perigoá*.

— CORAL-BRANCO, assim se denominam os organismos formados por colonias de polypos sobre esqueletos calcareos em geral arborescentes.

— LAGOSTINS, crustaceos marinhos da familia dos Scyllarideos.

XIX. — Do conjunto vegetal formado pelos mangues, que o autor descreve neste capitulo, os componentes principaes são: o mangue vermelho (*Rhizophora mangle*, Linn.), da familia das Rhizophoraceas; o mangue manso (*Laguncularia racemosa*, Gaertn.), da familia das Combretaceas; a siriúba (*Avicennia nitida*, Jacq.), da familia das Verbenaceas. — A primeira especie é a que despede grandes raizes adventicias em fórma de trempes, a que allude o texto. — Nos mosquitos dos mangues, *marluis*, como escreve Cardim, temos o *maruim*, *meruim* ou *muruin*, da familia dos Chironomideos (*Culicoides*

marum, Lutz). — O nome tupi procede de *mberú* mosca, *í* pequena, o mosquito.

XX. — Neste capitulo são descriptas as aves marinhas na ordem que se segue:

— GUIGRATINGA, *guiratinga* ou *garça branca*, da familia dos Ardeideos (*Herodias egretta*, Gm.) — Nome tupi, de *guirá* passaro, *tinga* branco.

— CARIPIRÁ, *grapirá*, *tesoura*, *alcatraz*, da familia dos Fregatideos (*Fregata aquila*, Linn.) — Em G. Soares. *carapirá*. — De *guirá*, passaro, *pirá* peixe.

— GUACÁ, ou *gaivóta*, deve ser a *Thaethusa magnirostris*, Licht., da familia dos Larideos, tambem chamada andorinha do mar. — O nome *guacá* desapareceu da synonymia vulgar.

— GUIGRATÉOTÉO, *téu-téu*, da familia dos Charadriideos (*Belonopterus cayanensis*, Gm.) — O nome é onomatopaico do grito da ave.

— CALCAMAR, *talha-mar*, *corta-mar*, *bico-rasteiro*, da familia dos Larideos (*Rynchops intercedens*, Saunders).

— AYAYA, *colhereiro*, da familia dos Plataleideos (*Ajaja ajaja*, Linn.)

— SARACU'RA, nome commum a diversas aves da familia dos Rallideos. — De *çara* espiga, *cur* comer, tragar: o que come ou traga espiga.

— GUARÁ, da familia dos Ibirdideos (*Eudocimus ruber*, Linn.). — Nome tupi, de etymo discutivel.

XXI. — Este capítulo trata dos peixes d'agua doce, especialmente do *jaú* ou *jahú*, da familia dos Silurideos (*Pauliceia lutkeni*, Steind.), que é dos mais volumosos do Sul do Brasil.

XXII. — Descreve este capítulo duas cobras d'agua doce:

— **SUCURIJUBA**, *sucurijú* ou *sucury*, da familia dos Boideos (*Eunectes murinus*, Linn.). Em G. Soares, *sucurlá*.

— **MANĨMA**, em Piso *manima*, grande especie, ainda maior que a sobredita, e muito pintada; talvez a *amoré-pintada*, que Maregrav representa. G. Soares não a menciona.

XXIII. — Este capítulo occupa-se dos lagartos d'agua e refere-se com especificação ao seguinte:

— **JACARÉ**, reptil emydosaurio da familia dos Crocodilios, representada no Brasil pelos generos Caiman e Jacaretinga. O jacaré do papo amarello é o mais commum da Bahía para o Sul. Deve ter sido esse que o autor mais particularmente conheceu.

XXIV. Vêm neste capítulo os lobos d'agua, carnívoros pinnipedios, da familia dos Otariideos, habitantes da região antarctica, que de arribação chegam até o Rio de Janeiro. Destes o *Otaria jubata*, Forst., é commum nas costas de Santa Catharina.

— **JAGUARUÇU'**, que significa cão grande, não está

nos outros autores, sinão como o Canideo que já vimos.

— ATACAPE, difficil de determinar.

— PAGNAPOPEBA, em G. Soares *jagoarapeba*, é a lontra ou ariranha, da familia dos Mustelideos (*Pteronura brasiliensis* Zimm.). — *Pagnapopéba* vem por erro de copia no ms., porque em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1318, está *iaguapopeba*.

— SARIGUEY-BEJŪ, em Marcgrav *çariquei-beiú*, é especie difficil de identificar, do mesmo modo que *baéapina*, que não figura nos autores, e pela descripção, se não se trata de simios, deve pertencer á classe dos animaes phantasticos. — Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1318, vem *baepapina*. O nome tupi *sarigué* já foi explicado na nota I.

— CAPIJUARA, *capibára* ou *capivara*, roedor da familia dos Caviideos (*Hydrochoerus hydrochoerüs*, Erxl.) — Em Abbeville, *capyyuare*. — O nome tupi vem de *capyi* herva, o capim, e *guára*, pariticipio do verbo *ú* comer: o que come capim, o herbivoro.

— ITĀ ou *itan*, conchas bivalvas de mexilhões, ás quaes ainda hoje se dá a applicação a que se refere o texto. — E' nome tupi e, segundo Baptista Caetano, póde ser modificado de *tar* colher: o que colhe, o que apanha.

— CĀGADOS, chelonios terrestres ou d'agua doce.

— GUARARIGEIG, com melhor graphia *guararyey*, para denominar certa rã, é difficil de explicar. O nome tupi da rã é *yui*; G. Soares descreve a que os indios chamavam *juigoaraigarai*, talvez a mesma de que trata Cardim. A systematica moderna é que não faz distincção.

XXV. — Este capitulo ministra uma idéa do estado da colonização do paiz no ultimo quartel do seculo XVI. “Este Brasil he já outro Portugal (assevera Cardim), pelas muitas commodidades que de lá lhe vêm.” Casas de pedra e cal e telha já se iam fazendo; se algumas partes da terra, do Rio de Janeiro a S. Vicente, soffriam carencia de mercadorias e pannos, que não vinham de Portugal, por falta de navios, eram bem servidas dessas cousas as outras capitánias, e andavam os homens bem vestidos, e rasgavam muitas sedas e veludos.

Dos animaes e plantas que importavam vêm em primeiro logar os cavallo. Diz G. Soares que as eguas foram levadas de Cabo Verde para a Bahia; dahi conduziram os cavallo a Pernambuco por mercadoria, onde valiam de duzentos a trezentos cruzados e mais, preço que se ajusta com o que dá Cardim. As primeiras vacas que foram á Bahia, levaram-nas de Cabo Verde e depois de Pernambuco, diz G. Soares; o Brasil já estava cheio de curraes e havia quem possuísse quinhentas e mil cabeças, informa o nosso autor. De porcos, ovelhas e cabras havia abundancia, e se reproduziam fartamente; as gallinhas saíam maiores do que as do Reino, e eram infinidade. As do Perú, como chama Cardim, ou gallipavos, conforme G. Soares, se davam bem na terra, havia dellas fartura e se tornavam prato de festa. Cabem aqui algumas palavras sobre essa ave interessante, que é sem questão originaria da America. Gaudavo, escrevendo em 1576, foi talvez o primeiro que a denominou gallo do Perú; sabe-se, entretanto, que o gallinaceo foi encontrado no Mexico pelos companheiros de Hernando Cortez, e por elles chrisimado com o nome de *gallopavo*, por apresentar certa similhaça com o pavão. Com essa denominação, ou com a correlata *gallopabo*, foi a ave aclimada na Espanha e dahi passou para Portugal. E’ provavel que houvesse ahi, no começo, a concurrencia de *gallopavo* e *gallo do*

Perú; mas certo é que a ultima prevaleceu, ao depois reduzida a *perú*, pela queda natural do determinante. O erudito Alfredo de Carvalho, discutindo a origem desse nome, traçou este lucido período com que damos por encerrada a digressão: "É certo que Portugal nunca teve relações directas com o *Pêrú*; mas como a introdução allí da ave, procedente da America Espanhola, teve lugar ao mesmo tempo em que as façanhas de Pizarro espalhavam pelo mundo o nome dado ao imperio dos Incas, é razoavel suppôr que proviesse dessa coincidência a sua denominação portugueza."

Os adens ou ganços e os cães completam a lista dos animaes domesticos que vieram de Portugal, segundo Cardim, aos quaes se devem juntar as pombas de Espanha, que G. Soares não esqueceu, embora lhes fizessem muito nôjo as cobras, que lhes comiam os ovos e os filhos, pelo que se não podiam crear em pombaes.

Dos vegetaes alienigenas citam-se laranjeiras, cidreiras, limoeiros e limeiras; vêm a seguir as figueiras, marmelleiros e parreiras. A mais de Cardim, dá G. Soares as romeiras, as tamareiras, as zambôas, palmeiras ou coqueiros e a canna de assucar. Das roseiras havia apenas a de Alexandria, a *Rosa centifolia*, de Linneu, a mais antiga que se conhece. O trigo e a cevada davam bem no Rio de Janeiro e Piratininga; os legumes do reino e aservas cheirosas igualmente vegetavam por toda parte.

E por tudo isso, o Brasil já era outro Portugal, ao tempo em que escrevia o excellente jesuita.

RODOLPHO GARCIA.

II

DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS
DO BRASIL

E DE SEUS COSTUMES, ADORA-
ÇÃO E CEREMONIAS

INTRODUÇÃO

(1.^a edição de 1881)

O pequeno tratado sobre os Indios que agora publicamos, ainda não foi impresso em portuguez. Poucas pessoas examinaram-no em Evora, onde está o manuscrito original, e estas o não julgaram, ao que parece, digno de ser posto em circulação.

Os Inglezes não pensaram do mesmo modo: desde 1625 está elle traduzido em sua lingua e faz parte da curiosa e rarissima collecção de Purchas. Foi ahi que o lemos pela primeira vez e reconhecemos o seu interesse e seu valor

Desde então fizemos o projecto de passá-lo novamente para a nossa lingua, e de dá-lo á luz quando nos fosse possível. Duas circumstancias felizes facilitaram a realização desse plano. A primeira foi encontrar cópia tirada do original, que assim dava não só a essencia como a fórma do escripto e nos livrava da traducção, isto é, da *trai-*

ção. A segunda foi a commissão que nos confiou o Dr. Ferreira de Araujo de publicar á sua custa um trabalho qualquer, que mostrasse a sua sympathia pela Exposição de Historia e Geographia do Brasil, organizada pela Bibliotheca Nacional.

Este tratado dos Indios do Brasil suscita algumas questões que fôra conveniente discutir. Passaremos, porém, por todas ellas para nos occuparmos unicamente de uma: quem é o seu autor?

O manuscripto da Bibliotheca de Evora em nada nos esclarece a este respeito, porque é anonymo. As poucas palavras com que Purchas acompanha a traducção pouco nos adiantam. Elle attribue o opusculo ao *irmão* Manuel Tristão, enfermeiro do collegio dos Jesuitas da Bahia, fundando-se na circumstancia do livro trazer no fim algumas receitas medicinaes, e ter em uma parte escripto o seu nome. Ora, esta opinião é insustentavel. O facto de um Mss trazer um nome qualquer, sem outra declaração, provará, quando muito, que assim se chama o dono do codice. Accresce que um *irmão* na Companhia de Jesus era sempre um rapaz que começava, e não tinha nem podia ter a madurez de espirito e os conhecimentos que aqui se revelam a cada passo, — ou homem feito que, apesar de inapto para a carreira das letras, possuia outras qualidades que poderiam ser uteis á poderosa Companhia de Jesus. Proyavelmente era este o caso do enfermeiro. Quanto ás receitas por si nada provam: quando muito mostrarão que foram ensinadas pelo enfermeiro.

Estas duvidas quanto á affirmação de Purchas sobre quem era o autor do livro — affirmação aliás feita em termos pouco positivos, — cresceram á medida que conhecemos melhor o opusculo traduzido por elle. A cada instante encontravamos phrases e locuções familiares; a cada passo nos parecia que já tínhamos lido cousa que se assemelhava ao que estávamos lendo.

O autor de quem nos lembravamos lendo Purchas era Fernão Cardim. E então veio-nos ao espirito uma interrogação: quem sabe se em vez de Manuel Tristão não será Fernão Cardim o autor deste opusculo?

Para chegar a uma solução as provas intrinsecas eram sem duvida valiosas, porem não bastavam: era preciso recorrer antes ás provas extrinsecas.

Felizmente estas não faltavam.

I. Diz Purchas que o Mss que reproduz foi tomado em 1601 por Francis Cook a um jesuita que ia para o Brasil. Ora, exactamente neste anno, como se póde vêr na *Synopsis* de Franco, o padre Fernão Cardim, que voltava para o Brasil da viagem a Roma, foi aprisionado por corsarios inglezes e conduzido para Inglaterra.

II. Pela pagina 195 deste opusculo se vê que elle foi escripto em 1581. Ora, neste tempo estava Fernão Cardim no Brasil, onde, como se vê na *Narrativa epistolar* (ps. 285), elle chegou a 9 de Maio de 1583, em companhia do padre Christo-

vão de Gouvêa e de Manuel Telles Barreto, que vinha por governador geral.

Estas duas coincidencias davam um fundamento solido á hypothese; mas para torná-la certa devia se recorrer ás provas intrinsecas, — á comparação dos estylos, ao cotejo das opiniões, etc. No caso presente estas provas têm valor — porque, se o opusculo aqui publicado é de 1584, a primeira parte da *Narrativa epistolar* é de 16 de Outubro de 1585. Escrevendo em dous periodos tão proximos um do outro, é natural que, se o opusculo sobre os Indios é da mesma penna que a *Narrativa epistolar*, não só haja conformidade de idéas como tambem de fórma.

Vamos tratar destas provas, mas antes de fazê-lo, é necessaria uma observação. Purchas reúne sob o titulo generico de *Treatise of Brasil*, dois trabalhos que se completam e são do mesmo autor. Um é o dos Indios que agora publicamos; outro é das arvores, peixes, etc., que, embora interessante, não quizemos incorporar a este por dois motivos: o primeiro é que na mente do autor elles eram independentes, como se prova pelo facto de no Mss de Evora elles estarem separados; o segundo é que da segunda parte já começou a publicação o Dr. Fernando Mendes na *Revista mensal* da Sociedade de Geographia.

Todavia, aqui faremos os cotejos tanto da primeira parte como da segunda, de que o Dr. Fernando Mendes obsequiosamente nos communicou a copia que possui.

Em cada *oca* destas ha sempre um principal, a que tem alguma maneira de obrar. Este os exhorta a fazerem suas *ocas* e mais serviços, etc., excita-os á guerra; e lhe tem em tudo respeito; faz-lhe estas exhortações por modo de pregação, começa de madrugada deitado na rêde por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldêa, continuando sua pregação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras.

(Narrativa epistolar, ps. 307).

A simillhança no seguinte trecho não é menos incontestavel:

... Dentro nellas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e morão d'ũa parte e outra, ficando grande largura pelo meio e todos ficão como em communnidade, e entrando-se na casa se vê quanto nella está, porque estão todos á vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão; e como a gente é muita, costumão ter fogo dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa e elles são mui coitados sem fogo; parece a casa um inferno ou

..pelas madrugadas ha um principal em suas *ocas*, que deitado na rêde por espaço de meia hora, lhes prega e admoesta que vão trabalhar, como fazião seus antepassados, e distribue-lhes o tempo, e depois de alevantado continua a pregação, correndo a povoação toda.

(Indios, ps. 166-167).

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem e são, de ordinario, parentes; e em cada lanço destes pousa um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas é vêr um labyrintho, porque cada lanço tem seu fogo e suas rêdes armadas e alfaias de modo que entrando nella se vê tudo quanto tem; e casa ha que tem duzentas e mais pessoas.

(Indios, ps. 169).

labyrintho; uns cantão, outros chorão, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos.

(Narrativa, ps. 307).

Compare-se mais o seguinte:

Os pais não tem cousa que mais amem que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem, tem dos pais quanto quer; as mães os trazem em uns pedaços de rêdes, a que chamão ty-poya, de ordinario os trazem ás costas ou na ilharga escarranchados, e com elles andão por onde quer que vão, com elles ás costas trabalhão por calmas, chuvas e frio; nenhum genero de castigo têm para os filhos.

(Narrativa, ps. 310).

Compare-se mais:

E' cousa não sómente nova, mas de grande espanto, vêr o modo que têm em agasalhar os hospedes, os quaes agasalhão chorando por um modo estranho, e a cousa passa desta maneira: Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em sua rêde sem fallar palavra, as parentas tambem sem fallar o cercão, deitando-lhes os cabellos soltos, e os braços ao pescoço, lhe

Amão os filhos extraordinariamente, e trazem-nos mettidos nuns pedaços de rêde que chamão ty-poya e os levão ás roças e a todo genero de serviço, ás costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganos, escarranchados no quadril, e não lhes dão nenhum genero de castigo.

(Indios, ps. 170).

Entrando-lhe algum hospede pela casa, a honra e agazalho que lhe fazem é chorarem - no : entrando, pois, logo o hospede na casa, o assentão na rede, e depois de assentado, sem lhe fallarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contão em prosas trova-

toção com a mão em alguma parte do seu corpo, como joelho, hombro, pescoço, etc., estando deste modo, tendo-no meio cercado, começam de lhe fazer a festa que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer; chorão todos com lagrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrera o marido, pai ou mãe; e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hospede, e o que elles padecerão em sua ausencia... Acabada a festa e recebimento, limpão as lagrimas com as mãos e cabellos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca chorarão, e depois se saudão com o seu *Eretúpe* e comem, etc

(Narrativa, ps. 308-309)

.Coteje-se ainda:

Tem muitos jogos a seu modo, que fazem com muito mais alegria que os meninos portuguezes; nesses jogos arremedam varios passaros, cobras e outros animaes, etc., os jogos são mui graciosos e desenfadicos, nem ha entre elles desavença, nem queixumes, pellejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins e desonestos.

(Narrativa, ps. 310).

das quantas cousas têm acontecido desde que se não virão até aquella hora, e outras muitas que imaginão, e trabalhos que o hospede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que pôde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não falla palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpão as lagrimas e ficão tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorarão, e logo se saudão e dão o seu *Eretúpe*, e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas ceremonias contão os hospedes ao que vêm.

(Indios, ps. 171).

Tem seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, em os quaes arremedam muitos generos de passaros, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, e nem desavêm

por cousa alguma, e raramente dão uns nos outros e nem pelejão.

(Indios, ps. 175).

Parece-nos incontestavel a identidade fundamental entre os extractos que demos de *Narrativa epistolar* de Fernão Cardim, publicada em 1847 e o tratado dos Indios que agora publicamos. Ha simplesmente duas differenças; a *Narrativa* foi dirigida a um amigo e nella o autor deixou seu estylo correr mais livremente, desenvolvendo certos pontos de preferencia, referindo-se a objectos conhecidos pelo seu leitor; no opusculo sobre os Indios elle é mais conciso. Além disso a *Narrativa* tratava dos Indios apenas como accidente da viagem, como adorno da paysagem; no *Tratado*, os Indios são o objecto principal, e assim os esclarecimentos são mais condensados e encadeados uns aos outros.

Vamos dar mais dous excerptos da segunda parte que o Dr. F. Mendes começou a publicar na *Revista* da Sociedade Geographica. Servir-nos-emos do seu Mss., porém, como ainda não está todo publicado, daremos as paginas pelo IV volume de Purchas, onde a primeira e a segunda parte estão impressas, como já fica dito.

O primeiro é sobre o cajú:

Comemos debaixo de um cajueiro muito fresco, carregado de acajus, que são como peros repinaldos ou camoezes, são uns amarel-

Estas arvores são muito grandes, formosas, perdem a folha em seu tempo, e a flor se dá em os cachos que fazem umas pontas

los, outros vermelhos, têm sua castanha no olho, que nasce primeiro que o pero; é fructa gostosa, bom para o tempo de calma e toda se desfaz em summo, o qual põe nodos em roupa de linho ou algodão que nunca se tira.

Das castanhas se faz maçapães e outras cousas doces, como de amendoas: as castanhas são melhores que as de Portugal, a arvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo.

(Narrativa epistolar, ps. 311).

como dedos, e nas ditas pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro, e após ella nasce uma castanha, e da castanha nasce um pomo do tamanho de um repinaldo ou maçã camoneza; é fructa muito formosa, e são alguns amarellos, outros vermelhos e tudo é summo: são bons para a calma, refrescam muito e o summo põe nodos em panno branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha é tão boa ou melhor que a de Portugal, comem-se assadas e cruas, deitadas em agua como amendoas piladas, dellas fazem maçapães e bocados doces.

(Purchas, IV, ps. 1306.)

O segundo é sobre a mangaba:

Caminhamos toda tarde por uns mangabaes que se parecem alguma cousa com maceiras de anafega, dão umas mangabas amarellas, do tamanho e feição de alborque, com muitas pintas pardas que lhe dão muita graça; não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que tambem se comem, a fructa é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não ha fartar-se, sorvem-se como sorvas, não madurecem na arvore, mas cahindo amadurecem no chão ou pondo-as em

Destas arvores ha grande cópia, maxime na Bahia, porque nas outras partes são raras; na feição se parece com maccira de anafega e na folha com a de freixo; são arvores graciosas, e sempre têm folhas verdes. Dão duas vezes por anno, a primeira de botão, porque não deitão então flôr, mas o mesmo botão é a fructa; acabada esta camada que dura dous ou tres mezes, dá outra, tornando primeiro flôr a qual é toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto, a fructa

madureiros; dão no anno duas camadas, a primeira se diz do botão e dá flor, mas o mesmo botão é a fructa. Estas são as melhores, e maiores e vêm pelo Natal, a segunda camada é de flôr alva como neve, da propria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho e cheiro.

(Narrativa, ps. 312).

é do tamanho de abricós, amarella e salpicada de algumas pintas pretas, dentro tem algumas pevides mas tudo se come ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sa- dias e tão leves que por mais que comão, parece que não comem fructa; não amadurecem na arvore, mas cahem no chão e d'ahi as apanhão já maduras, ou colhendo-as verdes as põem em madureiros.

(Purchas, IV, ps. 1307.)

A esses trechos poderíamos juntar muitos outros. Poderíamos mostrar que na segunda parte do *Tratado*, o autor diz que *viajava* durante leguas e leguas de mangues, o que está de accôrdo com a *Narrativa epistolar*; que ainda na segunda parte do *Tratado* elle refere-se a bichinhos que atacam de preferencia aos Europeus chegados de fresco, o que está de accordo com a *Narrativa*, p. 337, onde se lê que o padre Christovão de Gouvêa ficou cheio de postemas em consequencia das mordiduras de carrapatos que soffreu em Pernambuco. Não o fazemos, porque uma demonstração mais longa é dispensavel. A melhor demonstração só o leitor a pôde fazer, comparando a encantadora *Narrativa* com este opusculo, que por nossa parte não achamos menos encantador e aprazivel. Passaremos, pois, a dar conta do nosso trabalho de editor.

Desde que tomamos a responsabilidade desta

publicação, entendemos de nosso dever precede-la da biographia do autor. Para este fim tomamos copiosas notas de Jarric, Vieira, Simão de Vasconcellos, Sebastião de Abreu e Franco. Infelizmente estas notas são insufficientes, e deixam sem o minimo esclarecimento annos e annos da vida de Fernão Cardim. A' vista d'isto resolvemos adiar para mais tarde esta empreza que a antiga sympathia que lhe votamos e o muito que temos aprendido em seus livros converteram em obrigação, ao mesmo tempo indeclinavel e deliciosa.

Antes de terminar: adoptamos em volume a orthographia moderna, em parte levado pelo exemplo de Varnhagen, em parte pelas muitas irregularidades da copia, feita por pessoa de muito poucas habilitações. Juntamos algumas variantes de Purchas, algumas das quaes não deixam de ter importancia e que são preciosas, principalmente nas palayras abañeêngas, que muitas vezes reproduzem menos deturpadas.

Circumstancias que não vêm ao caso mencionar, impediram que este opusculo visse a luz no tempo da Exposição de Historia e Geographia do Brasil. D'ali não resultou inconveniente, pois a Exposição de Historia não foi menos brilhante, nem menos assignalados foram os serviços prestados pelo *Catalogo* destinado a perpetuar a sua lembrança.

E se inconveniente houve, resarciu-o completamente o facto desta demora permittir que o

presente livro fosse anotado pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Durante uma vida laboriosa, o Dr. Baptista Caetano tem feito das linguas brasílicas o seu estudo predilecto. Foi elle quem primeiro nos deu uma grammatica e um dictionario da lingua abañeênga, feito pelos processos modernos. A linguistica comparativa dará um passo agigantado em nosso continente, se elle puder, como pretende, publicar o seu *Panlexicon*, em que trabalha vai para trinta annos.

As notas do Dr. Baptista Caetano são especialmente etymologicas, porém não o são exclusivamente. Muitas vezes, levado pelo assumpto, expoz de passagem as suas idéas sobre as migrações sul-americanas, e sobre as relações que ligam umas ás outras tribus.

A sua importancia é, portanto, patente.

E agora só resta dizer ao leitor o *tolle et lege* do costume; e pedir ao amigo ausente desculpa por não ter realizado a empresa que nos incumbiu de modo condigno com o elevado sentimento que a inspirou.

Rio, Novembro de 1881.

J. CAPISTRANO DE ABREU.

DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS DO BRASIL E DE SEUS COSTUMES, ADO- RAÇÃO E CEREMONIAS

Este gentio parece que não tem conhecimento do principio do Mundo, do diluvio parece que tem alguma noticia, mas como não tem escripturas, nem caracteres, a tal noticia é escura e confusa; porque dizem que as aguas afogarão e matarão todos os homrens, e que somente um escapou em riba de um Janipaba, com uma sua irmã que estava prenhe, e que destes dois têm seu principio, e que dali começou sua multiplicação.

DO CONHECIMENTO QUE TÊM DO CREADOR

Este gentio não tem conhecimento algum de seu Creador, nem de cousa do Céu, nem se ha pena nem gloria depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre (1) e depois da morte vão a uns cam-

(1) And they say that the Soules are converted into devils. (Purchas, IV, 1290).

pos onde ha muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra cousa senão bailar; e têm grande medo do demonio, ao qual chamam *Curupira*, *Taguaigba* (2), *Machera*, *Anhanga*, e é tanto o medo que lhe têm, que só de imaginarem nelle morrem, como aconteceu já muitas vezes; não no adorão, nem a alguma outra creatura, nem têm idolos de nenhuma sorte, sómente dizem alguns antigos que em alguns caminhos têm certos postos, aonde lhe offerecem algumas cousas pelo medo que têm delles, e por não morrerem. Algumas vezes lhe apparecem os diabos, ainda que raramente, e entre elles ha poucos endemoninhados.

Usão de alguns feitiços, e feiticeiros, não porque creião nelles, nem os adorem, mas sómente se dão a chupar em suas enfermidades, parecendo-lhes que receberão saude, mas não por lhes parecer que ha nelles divindade, e mais o fazem por receber saude que por outro algum respeito. Entre elles se alevantão algumas vezes alguns feiticeiros, a que chamão *Caraíba*, Santo ou Santidade, e é de ordinario algum Indio de ruim vida: este faz algumas feitiçarias, e cousas estranhas á natureza, como mostrar que resuscita a algum vivo que se faz morto, e com esta e

(2) Taguain, Pigtangua, (Purchas, ib.) Knivet dá ainda outro nome do diabo, que é *Avasaly* em Purchas e *Avassaly* na traducção portugueza do Dr. José Hygino Pereira Duarte na *Revista* do Instituto.

outras cousas semelhantes traz após si todo o sertão enganando-os e dizendo-lhes que não rocem, nem plantem seus legumes, e mantimentos, nem cavem, nem trabalhem, etc., por que com sua vinda é **chegado** o tempo em que as enxadas por si hão de cavar, e os *panicús* (3) ir ás roças e trazer os mantimentos, e com estas falsidades os traz tão embebidos, e encantados, deixando de olhar por suas vidas, e grangear os mantimentos que, morrendo de pura fome, se vão estes ajuntamentos desfazendo pouco a pouco, até que a Santidade fica só, ou a matão.

Não têm nome proprio com que expliquem a Deus, mas dizem que *Tupã* é o que faz os trovões (4) e relampagos, e que este é o que lhes deu as enxadas, e mantimentos, e por não terem outro nome mais proprio e natural, chamão a Deus *Tupã*.

DOS CASAMENTOS

Entre elles ha casamentos, porém ha muita duvida se são verdadeiros, assim por terem muitas mulheres, como pelas deixarem facilmente por qualquer arrufo, ou outra desgraça, que entre elles aconteça; mas, ou verdadeiros ou não,

(3) Beast. (Purchas, ib.)

(4) They say the Tupan is the thunder and lightning (Purchas, ib.)

entre elles se fazião deste modo. Nenhum man- cebo se costumava casar antes de tomar contra- rio, e perseverava virgem até que o tomasse e matasse correndo-lhe primeiro suas festas por espaço de dous ou tres annos; a mulher da mesma maneira não conhecia homem, até lhe não vir sua regra, depois da qual lhe fazião grandes fes- tas; ao tempo de lhe entregarem a mulher fa- zião grandesinhos, e acabada a festa ficava o casamento perfeito, dando-lhe uma rede lavada (5), e depois de casados começavão a beber, por- que até ali não o consentião seus pais, ensinan- do-os que bebessem com tento, e fossem conside- rados e prudentes em seu falar, para que o vi- nho lhe não fizesse mal, nem falassem cousas ruins, e então com uma cuja lhe davão os velhos antigos o primeiro vinho, e lhe tinhão a mão na cabeça para que não arrevesassem, porque se arrevesava tinhão para si que não seria valente, e vice-versa.

DO MODO QUE TÊM EM SEU COMER E BEBER

Este gentio come em todo o tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como tem

(5) And after they were laid the father took a wedge of stone and did cut upon a post or stake, then they say hee did cut the tailles from the grand children, and therefore they were borne without them. (Pur- chas, ib.)

que comer não o guardão muito tempo, mas logo comem tudo o que têm e repartem com seus amigos, de modo que de um peixe que tenham repartem com todos, e têm por grande honra e primor serem liberaes, e por isso cobrão muita fama e honra, e a peor injuria que lhes podem fazer é terem-nos por escassos, ou chamarem-lho, e quando não têm que comer são muito soffridos com fome e sede.

Não têm dias em que comão carne e peixe; comem todo genero de carnes, ainda de animaes immundos, como cobras, sapos, ratos, e outros bichos similhantes, e tambem comem todo genero de fructas, tirando algumas peçonhentas, e sua sustentação é ordinariamente do que dá a terra sem a cultivarem, como caças e fructas; porém têm certo genero de mantimentos de boa substancia, e sadio, e outros muitos legumes de que abaixo se fará menção. De ordinario não bebem enquanto comem, mas depois de comer bebem agua, ou vinho que fazem de muitos generos de fructas e raizes, como abaixo se dirá, do qual bebem sem regra, nem modo e até cairem.

Têm alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e durão dous, tres dias, em os quaes não comem, mas sómente bebem (6), e para estes beberes

(6) And there be men that emptie a whole vessel of wine (Purchas, ib.)

serem mais festejados andão alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando quantos achão para beberem (7), e revesando-se continually estes bailos e musica todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vae em beber, e de bebados fazem muitos desmanchos, e quebrão as cabeças uns aos outros, e tomão as mulheres alheias, etc. Antes de comer nem depois não dão graças a Deus, nem lavão as mãos antes de comer, e depois de comer as alimpão aos cabellos, corpo e paus; não têm toalhas, nem mesa, comem assentados, ou deitados nas redes, ou em cocaras no chão, e a farinha comem de arremesso, e deixo outras muitas particularidades que têm no comer e beber, porque estas são as principaes.

DO MODO QUE TÊM EM DORMIR

Todo este gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficão nellas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como ficão no ar, e não têm outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo: não madrugão muito, agazalhão-se com cedo, e pelas madrugadas ha um principal em suas *ocas* (8) que deitado na rede por espaço de meia hora lhes prega, e ad-

(7) And be merrie (Purchas), *ib.*)

(8) Faltam estas palavras em Purchas.

moesta que vão trabalhar como fizerão seus antepassados, e destribue-lhes o tempo, dizendo-lhes as cousas que hão de fazer, e depois de alevantado continua a pregação, correndo a povoação toda. Tomárão este modo de um passaro que se parece com os falcões, o qual canta de madrugada e lhe chamam rei, senhor dos outros passaros, e dizem elles que assim como aquelle passaro canta de madrugada para ser ouvido dos outros, assim convem que os principaes fação aquellas falas e prêgações de madrugada para serem ouvidos dos seus.

DO MODO QUE TEM EM SE VESTIR

Todos andam nus assim homens como mulheres, e não têm genero nenhum de vestido e por nenhum caso *percondant*, antes parece que estão no estado de innocencia nesta parte, pela grande honestidade e modestia que entre si guardão, e quando algum homem fala com mulher vira-lhe as costas. Porém para sairem galantes, usão de varias invenções, tingindo seus corpos com certo sumo de uma arvore (9) com que ficam pretos, dando muitos riscos pelo corpo, braços, etc., a modo de imperiaes (10).

(9) Of certaine fruit. (Purchas, ib.)

(10) Many white stroakes, after the fashion of round hose, and other kinde of garments. (Purchas, ib.)

Tambem se empennão, fazendo diadema e bracettes, e outras invenções muito lustrosas, e fazem muito caso de todo genero de pennas finas. Não deixão crear cabello nas partes de seu corpo, porque todos os arrancão, sómente os da cabeça deixão, os quaes tosquião de muitas maneiras, porque uns o trazem comprido com uma meia lua rapada por diante, que dizem tomárão este modo de S. Thomé, e parece que tiverão delle alguma noticia, ainda que confusa. Outros fazem certo genero de coroas e circulos que parecem frades: as mulheres todas têm cabellos compridos e de ordinario pretos, e de uns e outros é o cabello corredio: quando andão anojados deixão crescer o cabelo, e as mulheres quando andão de dó, cortão os cabellos, e tambem quando os maridos vão longe, e nisto mostrão terem-lhe amor e guardarem-lhe lealdade; é tanta a variedade (11) que têm em se tosquiarem, que pela cabeça se conhecem as nações.

Agora já andão alguns vestidos, assim homens como mulheres, mas estimão-no tão pouco que o não trazem por honestidade, mas por cerimonia, e porque lho mandão trazer, como se vê bem, pois alguns saem de quando em quando com umas jornes que lhes dão pelo umbigo sem mais nada, e outros sómente com uma carapuça na cabeça, e o mais vestido deixão em casa: as mulheres fazem muito caso de fitas e pentes.

(11) Vanitie. (Purchas, ib.)

DAS CASAS

Usão estes indios de umas *ocas* ou casas de madeira cobertas de folha (12), e são de comprimento algumas de duzentos e trezentos palmos, e têm duas e tres portas muito pequenas e baixas; **mostrão** sua valentia em buscarem madeira e esteios muito grossos e de dura, e ha casa que tem cincoenta, sessenta ou setenta lanços de 25 ou 30 palmos (13) de comprido e outros tantos de largo.

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem, e são de ordinario parentes: e em cada lanço destes pouisa um casal com seus filhos e familia, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas casas é ver (11) um lavarinto, porque cada lanço tem seu fogo e snas redes armadas, e alfaias, de modo que entrando nella se vê tudo quanto tem, e casa ha que tem duzentas e mais pessoas.

DA CREAÇÃO DOS FILHOS

As mulheres parindo, (e parem no chão), não levantão a creança, mas levanta-a o pai, ou al-

(12) Palm tree leaves. (Purchas).

(13) Quarters. (Purchas, *ib.*)

(14) To enter. (Purchas, *ib.*)

guma pessoa que tomão por seu compadre, e na amizade ficão como os compadres entre os Christãos; o pai lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, e logo se põe a jejuar até que lhe cae o umbigo, que é de ordinario até os oito dias, e até que não lhe caia não deixam o jejum, e em lhe caindo, se é macho lhe faz um arco com frechas, e lho ata no punho da rede, e no outro punho muitos molhos d'ervas, que são os contrarios que seu filho ha de matar e comer, e acabadas estas ceremonias fazeminhos com que se alegrão todos. As mulheres quando parem logo se vão lavar aos rios, e dão de mamar á creança de ordinario anno e meio, sem lhe darem de comer outra cousa; amão os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de redes que chamão *ty-poya* (15) e os levão ás roças e a todo o genero de serviço, ás costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganas escanchados no quadril, e não lhes dão nenhum genero de castigo (16). Para lhes não chamarem os filhos (17) têm muitos agouros, porque lhe põem algodão sobre a cabeça, penna de passaros e paus, deitão-nos sobre as palmas das mãos, e roção-nos por ellas para que cresção. Estimão mais fazerem bem aos filhos que a si

(15) Tupiya. (Purchas, ib.)

(16) That their children may not crie. (Purchas, ib.)

(17) Faltam estas palavras em Purchas.

proprios, e agora estimão muito e amão os padres, porque lh'os crião e ensinão a ler, escrever e contar, cantar e tanger, cousas que elles muito estimão.

DO COSTUME QUE TEM EM AGAZALHAR OS HOSPEDES

Entrando-lhe algum hospede pela casa a honra e agazalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hospede na casa o assentão na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contão em prosas trovadas quantas cousas têm acontecido desde que se não virão até aquella hora, e outras muitas que imaginão. e trabalhos que o hospede padeceu peio caminho, e tudo o mais que pôde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpão as lagrimas, e ficão tão quietas, modestas, sereneas e alegres que parece nunca chorarão, e logo se saudão, e dão o seu *Ereiupe* (18), e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas cere-

(18) Or welcome. (Purchas, IV, p. 1292)

monias contão os hospedes ao que vêm. Também os homens se chorão uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras, etc.; têm por grande honra agazalharem a todos e darem-lhe todo o necessario para sua sustentação, e algumas peças, como arcos, frechas, passaros, pennas e outras cousas, conforme a sua pobreza, sem algum genero de estipendio.

DO COSTUME QUE TÊM EM BEBER FUMO

Costumão estes gentios beber fumo de *petig-ma* por outro nome erva santa; esta secção e fazem de uma folha de palma uma *canguera*, que fica como canudo de canna cheio desta herua, e pondo-lhe o fogo na ponta metem o mais grosso na boca, e assim estão chupando e bebendo aquelle fumo, e o têm por grande mimo e regallo, e deitados em suas redes gastão em tomar estas fumaças parte dos dias e das noites. A alguns faz muito mal, e os atordoa e embebeda; a outros faz bem e lhes faz deitar muitas reimas pela boca. As mulheres tambem o bebem, mas são as velhas e enfermas, porque é elle muito medicinal, principalmente para os doentes de asthma, cabeça ou estomago, e daqui vem grande parte dos Portuguezes beberem este fumo, e o têm por vicio, ou por preguiça, e imitando os Indios gastão nisso dias e noites.

DO MODO QUE TÊM EM FAZER SUAS ROÇARIAS E COMO PAGÃO UNS AOS OUTROS

Esta nação não tem dinheiro com que possam satisfazer aos serviços que se lhes fazem, mas vivem *commutatione rerum* e principalmente a troco de vinho fazem quanto querem; e assim quando hão de fazer algumas cousas, fazem vinho e avisando os visinhos, e apelidando toda a povoação lhes rogão os queirão ajudar em suas roças, o que fazem de boa vontade, e trabalhando até as 10 horas tornão para suas casas a beber os vinhos, e se aquelle dia se não acabam as roçarias, fazem outros vinhos e vão outro dia até as 10 horas acabar seu serviço; e deste modo usão os brancos prudentes (19), e que sabem a arte e maneira dos Indios, e quanto fazem por vinho, por onde lhes mandão fazer vinhos, e os chamão ás suas roças e canaveaes, e com isto lhes pagão.

Tambem usão de ordinario, por troco de algumas cousas (20), de contas brancas que se fazem de buzios, e a troco de alguns ramaes dão até as mulheres, e este é o resgate ordinario de que usão os brancos para lhes comprarem os escravos e escravas que têm para comer

(19) Or Portugais. (Purchas, ib.)

(20) To change some things for. (Purchas, ib.)

DAS JOIAS E METARAS

Usão estes Indios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de colares de buzios, de diademas de pennas e de umas *metaras* (21) (pedras que metem no beicho de baixo) verdes, brancas, azues, muito finas e que parecem esmeraldas ou cristal, são redondas e algumas tão compridas que lhe dão pelos peitos, e ordinario é em os grandes principaes terem um palmo e mais de comprimento: tambem usão de manilhas brancas dos mesmos buzios, e nas orelhas metem umas pedras brancas de comprimento de um palmo e mais, e estes e outros semelhantes são os arreios com que se vestem em suas festas, quer sejão em matanças dos contrarios, quer de vinhos, e estas são as riquezas que mais estimão que quanto têm.

DO TRATAMENTO QUE FAZEM A'S MULHERES E COMO AS ESCUDEIRÃO

Costumão estes Indios tratar bem ás mulheres, nem lhes dão nunca, nem pelejão com ellas, tirando em tempo dos vinhos, porque então de ordinario se vingão dellas, dando por desculpa

(21) Broaches. (Purchas, ib.)

depois o vinho que beberão e logo ficão amigos como dantes, e não durão muito os odios entre elles. sempre andão juntos e quando vão fóra a **mulher** vai de traz e o marido diante para que se acontecer alguma cilada não caia a mulher nella. e tenha tempo para fugir enquanto o marido pe-leja com o contrario, etc., mas á tornada da roça ou qualquer outra parte vem a mulher diante, e o marido de traz, porque como tenha lá tudo seguro, se acontecer algum desastre possa a mulher que vai diante fugir para casa, e o marido ficar com os contrarios, ou qualquer outra cousa. Po-rem em terra segura ou dentro na povoação sempre a **mulher** vai diante, e o marido de traz, por-que são ciosos e querem sempre ver a mulher.

DOS SEUS BAILOS E CANTOS

Ainda que são malencoficos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, em os quaes arremedão muitos generos de **passaros**, e com tanta festa e ordem que não ha mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a **folgar** e folgão com muita quietação e amizade, que entre elles não se ouvem nomes ruins, nem **pulhas**, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogão se desconcertão, nem desavém por cousa alguma, e raramente dão ans nos outros, nem pelejão; logo de pequenines os ensinão os pais a **bailar** e cantar e os seus baiilos

não são diferenças de mudança, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por tal compasso (22), com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usam os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que também fazem muito boas contas, e assim bailão cantando juntamente, porque não fazem uma cousa sem outra, e têm tal compasso e ordem, que ás vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiados uns detraz dos outros, acabão todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre elles os cantores, assim homens como mulheres, em tanto que se tomão um contrario bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos. As mulheres bailão juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailão sós. Guardão entre si diferenças de vozes em sua consonancia, e de ordinario as mulheres levão os tiples, contraltos e tenores.

(22) And pleasantness as can be desired. (Purchas, IV, p. 1.293).

DOS SEUS ENTERRAMENTOS

São muito maviosos (23) e principalmente em chorar os mortos, e logo como algum morre os parentes se lanção sobre elle na rede e tão depressa que ás vezes os afogão antes de morrer, parecendo-lhes que está morto, e os que se não podem deitar com o morto na rede se deitão pelo chão dando grandes baques, que parece milagre não acabarem com o mesmo morto, e destes baques e choros ficão tão cortados que ás vezes morrem. Quando chorão dizem muitas lastimas e magoas, e se morre a primeira noite, (24) toda ella em peso chorão em alta voz, que é espanto não cançarem.

Para estas mortes e choros chamão os vizinhos e parentes, e se é principal, ajunta-se toda a aldea a chorar, e nisto têm tambem seus pontos de honra, e aos que não chorão lanção pragas, dizendo que não hão de ser chorados: depois de morto o lavão, e pintão muito galante, como pintão os contrarios, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe parece nada, e lhe metem uma *cuya* (25) no rosto, e assentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de maneira que lhe não chegue terra, e

(23) Wicked (Purchas, ib.)

(24) At evening (Purchas, ib.)

(25) Covering (Purchas, ib.)

ao pote cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levão de comer, porque dizem que como cança de bailar, vem ali comer, e assim os vão chorar por algum tempo todos os dias seus parentes, e com elle metem todas as suas joias e *metaras* (26), para que as não veja ninguem, nem se lastime; mas se o defunto tinha alguma peça, como espada, etc., que lhe havião dado, torna a ficar do que lha deu, e a torna a tomar onde quer que a acha, porque dizem que como um morre perde todo o direito do que lhe tinhão dado. Depois de enterrado o defunto os parentes estão em continuo pranto de noite e de dia, começando uns, e acabando outros; não comem senão de noite, armão as redes junto dos telhados, e as mulheres ao segundo (27) dia cortão os cabellos, e dura este pranto toda uma lua, a qual acabada fazem grandes vinhos para tirarem o dó, e os machos se tosquião, e as mulheres se enfeitão tingindo-se de preto, e estas ceremonias e outras acabadas, começam a communicar uns com os outros, assim homens como as mulheres; depois de lhes morrerem seus companheiros, algumas vezes não tornam a casar, nem entrão em festas de vinhos, nem se tingem de preto, porém isto é raro entre elles, por serem muito dados a mulheres, e não podem viver sem ellas.

(26) Broaches (Purchas, ib.)

(27) After twentie daies. (Purchas, ib.)

DAS FERRAMENTAS DE QUE USÃO

Antes de terem conhecimento dos Portuguezes usavão de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, pau, cannas, dentes de animaes, etc., e com estes derrubavão grandes matos com cunhas de pedra, ajudando-se do fogo; assim mesmo cavavão a terra com uns paús agudos e fazião suas *metaras* (28), contas de buzios, arcos e frechas tão bem feitos como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porém gastavão muito tempo a fazer qualquer cousa, pelo que estimão muito o ferro pela facilidade que sentem em fazer suas cousas com elle, e esta é a razão porque folgão com a comunicação dos brancos (29).

DAS ARMAS DE QUE USÃO

As armas deste gentio o ordinario são arcos e frechas, e delles se honrão muito, e os fazem de boas madeiras, e muito galantes, tecidos com palma de varias cores, e lhes tingem as cordas de verde ou vermelho, e as frechas fazem muito galantes, buscando para ellas as mais formosas penas que achão; fazem estas frechas de varias

(28) Broaches. (Purchas, ib.)

(29) The Portugals. (Purchas, ib.)

cannas, e na ponta lhes metem dentes de animaes ou umas certas cannas muito duras e crueis, ou uns paus agudos com muitas farpas, e ás vezes as ervão com peçonha.

Estas frechas ao parecer, parece cousa de zombaria, porém é arma cruel; passam umas couças de algodão, e dando em qualquer pau o abrem pelo meio, e acontece passarem um homem de parte a parte, e ir pregar no chão: exercitão-se de muito pequenos nestas armas, e são grandes frecheiros e tão certos que lhes não escapa passarinho por pequeno que seja, nem bicho do mato, e não tem mais que quererem meter uma frecha por um olho de um passaro, ou de um homem, ou darem em qualquer outra cousa, por pequena que seja, que o não fação muito ao seu salvo, e por isso são muito temidos, e tão intrepidos e ferozes que mete espanto. São como bichos do mato, porque entrão pelo sertão a caçar despídos e descalços sem medo nem temor algum.

Veem sobre maneira, porque á legua enxergão qualquer cousa, e da mesma maneira ouvem; atinão muito; regendo-se pelo sol, vão a todas as partes que querem, duzentas e trezentas leguas, por matos espessos sem errar ponto, andão muito, e sempre, de galope, e principalmente com cargas, nenhum a cavallo os póde alcançar: são grandes pescadores e nadadores, nem temem mar, nem ondas, e aturão um dia e noite nadando, e o mesmo fazem remando e ás vezes sem comer.

Tambem usão por armas de espadas de pau

e os cabos dellas tecem de palma de varias cores e os empennão com pennas de varias cores, principalmente em suas festas e matanças: estas espadas são crueis, porque não dão ferida, mas pisão e quebrão a cabeça de um homem sem haver remedio de cura.

DO MODO QUE ESTE GENTIO TEM ACERCA DE MATAR E COMER CARNE HUMANA (30)

De todas as honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seus contrarios, nem entre elles ha festas que cheguem às que fazem na morte dos que matão com grandes ceremonias, as quaes fazem desta maneira. Os que tomados na guerra vivos são destinados a matar, vêm logo de lá com um signal, que é uma cordinha delgada ao pescoço, e se é homem que póde fugir traz uma mão atada ao pescoço debaixo da barba, e antes de entrar nas povoações que ha pelo caminho os enfeitão, depennando-lhes as pestanas e sobranceilhas e barbas, tosquiando-os ao seu modo, e empennando-os com pennas amarellas tão bem assentadas que lhes não apparece cabello: as quaes os fazem tão lustrosos como aos Espanhoes os seus vestidos ricos, e assim vão mos-

(30) And of their creating Gentlemen. (Purchas, IV, p. 1.294.)

trando sua victoria por onde quer que passão. Chegando á sua terra, o saiem a receber as mulheres gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento commum entre elles, e sem mais outra vexação ou prisão, salvo que lhes tecem no pescoço um colar redondo como corda de boa grossura, tão dura como pau, e neste colar começa de urdir grande numero de braças de corda delgada de comprimento de cabellos de mulher, arrematada em cima com certa volta, e solta em baixo, e assim vai toda de orelha a orelha por detraz das costas e ficão com esta coleira uma horrenda cousa; e se é fronteiro e póde fugir, lhe poem em lugar de grillhões por baixo dos gíolhos uma pea de fio tecido muito apertada, a qual para qualquer faca fica fraca, se não fossem as guardas que nenhum momento se apartão d'elle, quer vá pelas casas, quer para o mato, ou ande pelo terreiro, que para tudo tem liberdade, e commumente a guarda é uma que lhe dão por mulher, e tambem para lhe fazer de comer, o qual se seus senhores lhe não dão de comer, como é costume, toma um arco e frecha e atira á primeira gallinha ou pato que vê, de quem quer que seja, e ninguem lhe vai á mão, e assim vai engordando, sem por isso perder o somno, nem o rir e folgar como os outros, e alguns andão tão contentes com haverem de ser comidos, que por nenhuma via consentirão ser resgatados para servir, porque dizem que é triste cousa morrer, e ser fedorento e comido de bichos. Estas mulheres são commum-

mente nesta guarda fieis, porque lhes fica em honra, e por isso são muitas vezes moças e filhas de principaes, maxime se seus irmãos hão de ser os matadores, porque as que não têm estas obrigações muitas vezes se afeiçãoão a elles de maneira que não somente lhes dão azo para fugirem, mas tambem se vão com elles; nem ellas correm menos risco se as tornão a tomar que de levarem umas poucas de pancadas, e ás vezes são comidas dos mesmos a quem derão a vida.

Determinado o tempo em que ha de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: pannels, alguidares, potes para os vinhos, tão grandes que cada um levará uma pipa; isto prestes, assim os principaes como os outros mandão seus mensageiros a convidar outros de diversas partes para tal lua, até dez, doze leguas e mais, para o qual ninguem se excusa. Os hospedes vêm em magotes com mulheres e filhos, e todos entrão no lugar com danças e bailos, e em todo o tempo em que se junta a gente, ha vinho para os hospedes, porque sem elle todo o mais gazalhado não presta; a gente junta, começam as festas alguns dias antes, conforme ao numero, e certas ceremonias que precedem, e cada uma gasta um dia.

Primeiramente têm elles para isto umas cordas de algodão de arrazoada grossura, não torcidas, se não tecidas de um certo lavor galante; é cousa entre elles de muito preço, e não nas têm senão alguns principaes, e segundo ellas são pri-

mas, bem feitas, e elles vagarosos (31), é de crer que nem em um anno se fazem: estas estão sempre muito guardadas, e levão-se ao terreiro com grande festa e alvoroço dentro de uns alguidares, onde lhes dá um mestre disto dous nós, por dentro dos quaes com força corre uma das pontas de maneira que lhes fica bem no meio um laço; estes nós são galantes e artificiosos, que poucos se achão que os saibão fazer, porque têm algumas dez voltas e as cinco vão por cima das outras cinco, como se um atravessasse os dedos da mão direita por cima dos da esquerda, e depois a tingem com um polme de um barro branco como cal e deixão-nas enxugar

O segundo dia trazem muito feixes de cannas bravas de comprimento de lanças e mais, e á noite poem-nos em roda em pé, com as pontas para cima, encostados uns nos outros, e pondo-lhes ao fogo ao pé se faz uma formosa e alta fogueira, ao redor da qual andão bailando homens e mulheres com maços de frechas ao hombro, mas andão muito depressa, porque o morto que ha de ser, que os vê melhor do que é visto por causa do fogo, atira com quanto acha, e quem leva, leva, e como são muitos, poucas vezes erra.

Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de cannas e batem todos á uma no chão ora com um pé, ora com

(31) Their taking pleasure (Purchas, IV, p. 1.295).

outro, sem discreparem, juntamente e ao mesmo compasso assopram os canudos, e não ha outro cantar nem falar, e como são muitos e as cannas umas mais grossas, outras menos, além de atroarem os matos, fazem uma harmonia que parece musica do inferno, mas elles aturão nellas como se fossem as mais suaves do mundo; e estas são suas festas, afora outras que entremetem com muitas graças e adivinhações.

Ao quarto dia, em rompendo a alva, levão o contrario a lavar a um rio, e vão-se detendo para que, quando tornarem, seja já dia claro, e entrando pela aldea, o preso vai já com olho sobre o hombro, porque não sabe de que casa ou porta lhe ha de sair um valente que o ha de aferrar por detraz, porque, como toda sua bemaventurança consiste em morrer como valente, e a cerimonia que se segue é já das mais propinquas á morte, assim como o que ha de aferrar mostra suas forças em só elle o subjugar sem ajuda de outrem, assim elle quer mostrar animo e forças em lhe resistir; e ás vezes o faz de maneira que, afastando-se o primeiro como cansado em luta, lhe succede outro que se tem por mais valente homem, os quaes ás vezes ficão bem enxovalhados, e mais o ficarião, se já a este tempo o captivo não tivesse a pèa ou grillhões. Acabada esta luta elle em pé, bufando de birra e cansaço com o outro que o tem aferrado, sae um coro de nymphas que trazem um grande alguidar novo pintado, e nelle as cordas enroladas e bem alvas, e posto

este presente aos pés do captivo, começa uma velha como versada nisto e mestra do coro a entoar uma cantiga que as outras ajudão, cuja letra é conforme a cerimonia, e enquanto ellas cantão os homens tomão as cordas, e metido o laço no pescoço lhe dão um nó simples junto dos outros grandes, para que se não possa mais alargar, e feita de cada ponta uma roda de dobras as metem no braço á mulher que sempre anda detraz delle com este peso, e se o peso é muito pelas cordas serem grossas e compridas, dão-lhe outra que traga uma das rodas, e se elle dantes era temeroso com a coleira, mais o fica com aquelles dous nós tão grandes no pescoço da banda detraz, e por isto diz um dos pés da cantiga: *nós somos aquellas que fazemos estirar o pescoço ao passaro*, posto que depois de outras ceremonias lhe dizem noutro pé:

Si tu foras papagaio, voando nos fugiras.

A este tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma casa grande, e como a casa não tem repartimentos, ainda que seja de 20 ou 30 braças de comprimento, está atulhada de gente, e tanto que começam a beber é um lavarrinto ou inferno ve-los e ouvi-los, porque os que bailão e cantão aturão com grandissimo fervor quantos dias e noites os vinhos durão: porque, como esta é a propria festa das matanças, ha no beber dos vinhos muitas particularidades que durão muito, e a cada passo ourinão, e assim aturão sempre, e de noite e dia cantão e bailão, bebem e fallão cantando em magotes por toda a casa, de

guerras e sortes que fizerão, e como cada um quer que lhe oução a sua historia, todos fallão a quem mais alto, afora outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora. Aquella manhã que começaram a beber enfeitão o captivo por um modo particular que para isto têm, a saber: depois de limpo o rosto, e quanta penugem nelle ha, o untão com um leite de certa arvore que pega muito, e sobre elle poem um certo pó de umas cascas de ovo verde de certa ave do mato, e sobre isto o pintão de preto com pinturas galantes, e untando tambem o corpo todo até a ponta do pé o enchem todo de penna, que para isto têm já picada e tinta de vermelho, a qual o faz parecer a metade mais grosso, e a cousa do rosto o faz parecer tanto maior e luzente, e os olhos mais pequenos, que fica uma horrenda visão, e da mesma maneira que elles têm pintado o rosto, o está tambem a espada, a qual é de pau ao modo de uma palmatoria, senão que a cabeça não é tão redonda, mas quasi triangular, e as bordas acabão quasi em gume, e a haste, que será de 7 ou 8 palmos, não é toda roliça, terá junto da cabeça 4 dedos de largura e vem cada vez estreitando até o cabo, onde tem uns pendentos ou campainhas de penna de diversas cores, é cousa galante e de preço entre elles, elles lhe chamão *Igapenambin*, orelhas da espada. O derradeiro dia dos vinhos fazem no meio do terreiro uma choça de palmas ou tantas quantos são os que hão de morrer, e naquella se agazalha, e sem nunca

mais entrar em casa, e todo o dia e noite é bem servido de festas mais que de comer, porque lhe não dão outro conducto senão uma fructa que tem sabor de nozes, para que ao outro dia não tenha muito sangue.

Ao quinto dia pela manhã, ali ás sete horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vai para casa muito saudosa e dizendo por despedida algumas lastimas pelo menos fingidas; então lhe tirão a peia e lhe passão as cordas do pescoço á cinta, e posto em pé á porta do que o ha de matar, sae o matador em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma (32) a que chamão capa de penna, que se ata pelos peitos, e ficão-lhe as abas para cima como azas de Anjo, e nesta dança dá uma volta pelo terreiro e vem fazendo uns esgares extranhos com olhos e corpo, e com as mãos arremeda o minhoto que desce á carne, e com estas diabruras chega ao triste, o qual tem as cordas estiradas para as ilhargas e de cada parte um que o tem, e o captivo, se acha com que atirar, o faz de boa vontade, e muitas vezes lhe dão com que, porque lhe saem muitos valentes, e tão ligeiros em furtar o corpo que os não póde acertar. Acabado isto, vem um honrado (33), padrinho do novo cavalleiro que ha de ser, e tomada a espada lh'a passa muitas vezes

(32) Garment (Purchas, IV, p. 1.296)

(33) Honorable Iudge (Purchas, ib.)

por entre as pernas, metendo-a ora por uma parte ora por outra da propria maneira que os cachorrinhos dos sanfonineiros, lhe passam por entre as pernas, e depois tomando-a pelo meio com ambas as mãos aponta com uma estocada aos olhos do moſto (34), e isto feito lhe vira a cabeça para cima da maneira que della hão de usar, e a mete nas mãos do matador. já como apta e idonea com aquellas bençãos para fazer seu officio para o qual se põe algum tanto ao lado esquerdo, de tal geito que com o gume da espada lhe acerte no touliço, porque não tira a outra parte (35), e é tanta a bruteza destes que, por não temerem outro mal senão aquelle presente tão inteiros estão como se não fosse nada, assim para fallar, como para exercitar as forças, porque depois de se despedirem da vida com dizer que *muito embora morra, pois muitos tem mortos, e que alem disso cá ficão seus irmãos e parentes para o vingarem*, e nisto aparelha-se um para descarregar e o outro para furtar o corpo, que é toda a honra de sua morte. E são nisto tão ligeiros que muitas vezes é alto dia sem o poderem matar, porque em vindo (36) a espada pelo ar, ora desvia a cabeça, ora lhe furta o corpo, e são nisto tão terriveis que se os que têm as pontas das cordas o apertão, como fazem

(34) Of the man which isto die (Purchas, ib.)

(35) For he striketh at another place (Purchas, ib.)

(36) When he sees (Purchas, ib.)

quando o matador é frouxo, elles (37) tão rijo que os trazem a si e os fazem afrouxar em que lhes pese, tendo um olho nelles e outro na espada, sem nunca estarem quedos, e como o matador os não pode enganar ameaçando sem dar, sob pena de lhe parem uma apupada, e elles lhe adivinhão o golpe, de maneira que, por mais baixo que venha, num assopro se abatem e fazem tão rasos que é cousa extranha, e não é menos tomarem a espada aparando-lhe o braço por tal arte que sem lhe fazerem nada correm com ella juntamente para baixo e a metem de baixo do sovaco tirando pelo matador, ao qual, se então não acudissem, o outro o despacharia, porque têm elles neste acto tantos agouros que para matar um menino de cinco annos vão tão enfeitados como para matar algum gigante, e com estas ajudas ou afouteza tantas vezes dá, até que acerta alguma e esta basta, porque tanto que elle cae lhe dá tantas até que lhe quebra a cabeça, posto que já se vio um que a tinha tão dura, que nunca lha puderão quebrar, porque como a trazem sempre descuberta, têm as cabeças tão duras que as nossas em comparação dellas ficão como de cabaças, e quando querem injuriar algum branco lhe chamão cabeça molle.

Se este que matarão ao cair cae de costas, e não de bruços, têm-no por grande agouro e prognostico que o matador ha de morrer, e ainda que

(37) Hee puls (Purchas, ib.)

caia de bruços têm muitas ceremonias, as quaes se se não guardão têm para si que o matador não pode viver; e são muitas dellas tão penosas que se alguem por amor de Deus soffresse os seus trabalhos não ganharia pouco, como abaixo se dirá. Morto o triste, levão-no a uma fogueira que para isto está prestes, e chegando a ella, em lhe tocando com a mão dá uma pellingha pouco mais grossa que véo de cebola, até que todo fica mais limpo e alvo que um leitão pellado, e então se entrega ao carniceiro ou magarefe, o qual lhe faz um buraco abaixo do estomago, segundo seu estylo, por onde os meninos primeiro metem a mão e tirão pelas tripas, até que o magarefe corta por onde quer, e o que lhe fica na mão é o quinhão de cada um, e o mais se reparte pela communiidade, salvo algumas partes principaes que por grande honra, se dão aos hospedes mais honrados, as quaes elles levão muito assadas, de maneira que não se corrompão, e sobre ellas depois em suas terras fazem festas e vinhos de novo.

DAS CEREMONIAS QUE SE FAZEM AO NOVO CAVALLEIRO

Acabando o matador de fazer seu officio, lhe fazem a elle outro desta maneira: tirada a capa de penna, e deixada a espada, se vai para casa, à porta da qual o está esperando o (38) mesmo padri-

(38) The same iudge or (Purchas, IV, p. 1.297)

nho que foi com um arco de tirar na mão, a saber, as pontas uma no lumiar de baixo e a outra em cima, e tirando pela corda como quem quer atirar, o matador passa por dentro tão subtilmente que não toca em nada, e em elle passando, o outro alarga a corda com um signal de pezar, porque errou o a que atirava, como que aquillo tem virtude para depois na guerra o fazer ligeiro, e os inimigos o errarem; como é dentro começa de ir correndo por todas as casas, e as irmans e primas da mesma maneira diante d'elle dizendo: "meu irmão se chama N." repetindo por toda a aldeia, e se o Cavalleiro tem alguma cousa boa, quem primeiro anda lha toma até ficar sem nada. Isto acabado tem pelo chão lançados certos paus de pilão (39), sobre os quaes elle está em pé aquelle dia com tanto silencio, como que dera o pasmo nelle, e levando-lhe ali a apresentar a cabeça do morto, tiram-lhe um olho, e com as raizes ou nervos d'elle lhe untão os pulsos, e cortada a boca inteira lha metem no braço como manilha, depois se deita na sua rede como doente, e na verdade elle o está de medo, que se não cumprir perfeitamente todas as ceremonias, o ha de matar a alma do morto. D'ali a certos dias lhe dão o habito, não no peito do pellote, que elle não tem, senão na propria pelle, sarrafaçando-o por todo o corpo com um dente

(39) Certaine legges of a certaine Tree, called *Pilan* (Purchas, *ib.*)

de cutia que se parece com dente de coelho, o qual, assim por sua pouca subtileza, como por elles terem a pelle dura, parece que rasgão algum pregaminho, e se elles são animosos não lhe dão as riscas direitas, senão cruzadas, de maneira que ficão uns labores muito primos, e alguns gemem e gritão com as dores.

Acabado isto, tem carvão moído e sumo de erva moura (40) com que elles esfregão as riscas ao travez, fazendo-as arreganhar e inchar, que é ainda maior tormento, e em quanto lhe sarão as feridas que durão alguns dias, está elle deitado na rede sem falar nem pedir nada, e para não quebrar o silencio tem a per de si agua e farinha e certa fructa como amendoas, que chamão *mendobis* (41), porque não prova peixe nem carne aquelles dias.

Depois de sarar, passados muitos dias ou mezes, se fazem grandes vinhos para elle tirar o dó e fazer o cabello, que até alli não fez, e então se tinge de preto, e dali por diante fica habilitado para matar sem fazerem a elle cerimonia que seja trabalhosa, e elle se mostra tambem nisso honrado ou ufano, e com um certo desdem, como quem tem já honra, e não a ganha de novo, e assim não faz mais que dar ao outro um par de pancadas, ainda que a cabeça fique inteira e elle bulindo, vai-se

(40) Broamerape (Purchas, ib.)

(41) Amenduins (Purchas, ib.)

para casa, e a este acodem logo a lhe cortar a cabeça, e as mães com os meninos ao collo lhe dão os parabens, e estream-os para a guerra tingindo-lhes os braços com aquelle sangue: estas são as façanhas, honras, valentias, em que estes gentios tomão nomes de que se prezão muito, e ficão dali por diante *Abaétés, Murubixaba, Mocacara*, que são titulos e nomes de cavalleiros: e estas são as infelizes festas, em que estes tristes antes de terem conhecimento de seu Creador põem sua felicidade e gloria.

DA DIVERSIDADE DE NAÇÕES E LINGUAS

Em toda esta provincia ha muitas e varias nações de differentes linguas, porém uma é a principal que comprehende algumas dez nações de Indios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só lingua ainda que em algumas palavras discrepão e esta é a que entendem os Portuguezes: é facil, e elegante, e suave, e copiosa, a difficuldade della está em ter muitas composições (42); porem dos Portuguezes, quasi todos os que vêm do Reino e estão cá de assento e communicação com os Indios a sabem em breve tempo, e os filhos dos Portuguezes cá nascidos a sabem melhor que

(42) Comparisons (Purchas, ib.)

os Portuguezes, assim homens como mulheres, principalmente na Capitania de São Vicente, e com estas dez nações de Indios têm os Padres communição por lhes saberem a lingua, e serem mais domesticos e bem inclinados: estes forão e são os amigos antigos dos Portuguezes, com cuja ajuda e armas, conquistarão esta terra, pelejando contra seus proprios parentes, e outras diversas nações barbaras e erão tantos os desta casta que parecia impossivel poderem-se extinguir, porem os Portuguezes lhes têm dado tal pressa que quasi todos são mortos e lhes têm tal medo, que despovoão a costa e fogem pelo sertão a dentro até trezentas a quatrocentas leguas.

Os primeiros desta lingua se chamão *Potyguaras* (43) senhores da Parahiba, 30 leguas de Pernambuco, senhores do melhor pau do Brasil e grandes amigos dos Francezes, e com elles contratarão até agora, casando com elles suas filhas; mas agora na era de 81 foi a Parahiba tomada por Diogo Flores, General de Sua Magestade, botando os Francezes fora, e deixou um forte com cem soldados, afora os Portuguezes, que tambem têm seu Capitão e Governador Fructuoso Barbosa, que com a principal gente de Pernambuco levou exercito por terra com que venceu os inimigos, porque do mar os da armada não pelejarão.

Perto destes vivia grande multidão de gentio que chamão *Viatã*, destes já não ha nenhuns, por-

(43) Pitiguaras (Purchas, ib.)

que sendo elles amigos dos *Potyguaras* (44) e parentes os Portuguezes os fizeram entre si inimigos, dando-lhos a comer, para que desta maneira lhes pudesse fazer guerra e te-los por escravos, e finalmente, tendo uma grande fome, os Portuguezes em vez de lhes acodir, os captivarão e mandarão barcos cheios a vender a outras Capitánias: ajuntou-se a isto um clérigo Portuguez Magico, que com seus enganos os acarretou todos a Pernambuco, e assim se acabou esta nação, e ficando os Portuguezes sem vizinhos que os defendessem dos *Potyguaras* (45), os quaes até agora que forão desbaratados, perseguirão os Portuguezes dando-lhes de supito nas roças, fazendas, e engenhos, queimando-lhos, e matando muita gente portugueza, por serem muito guerreiros; mas já pela bondade de Deus estão livres deste sobroço.

Outros ha a que chamão *Tupinaba*: estes habitão do Rio Real até junto dos Ilhéos; estes entre si erão tambem contrarios, os da Bahia com os do Camamu e Tinharê (46).

Por uma corda do Rio de São Francisco vivia outra nação a que chamavão *Caaété*, e tambem havia contrarios (47) entre estes e os de Pernambuco.

Dos Ilhéos, Porto Seguro até Espirito Santo

(44) Pitiguaras (Purchas, ib.)

(45) Pitiguaras (Purchas, ib.)

(46) Intrare (Purchas, IV, p. 1.298).

(47) Contrarieties (Purchas, ib.)

habitava outra nação, que chamavão *Tupinaquim*; estes procederão dos de Pernambuco e se espalharão por uma corda do sertão, multiplicando grandemente, mas já são poucos; estes forão sempre muito inimigos das cousas de Deus, endurecidos em seus erros, porque erão muito vingativos e querião vingar-se comendo seus contrarios, e por serem amigos de muitas mulheres; já destes ha muitos christãos e são firmes na fé

Ha outra nação parente destes, que corre do sertão de São Vicente até Pernambuco, a que chamão *Tupiguae*; estes erão sem numero, vão-se acabando, porque os Portuguezes os vão buscar para se servirem delles, e os que lhes escapão fogem para muito longe, por não serem escravos. Ha outra nação vizinha a estes, que chamão *Api-gapigtanga* e *Muriapigtanga*. Tambem ha outra nação contraria aos *Tupinaquins*, que chamão *Guaracaio* ou *Itati*.

Outra nação mora no Espirito Santo a que chamão *Tegmeqminó* (48): erão contrarios dos *Tupinaquins*, mas já são poucos. Outra nação que se chama *Tanuya*, moradores do Rio de Janeiro, estes destruirão os Portuguezes quando povoarão o Rio, e delles ha muito poucos, e alguns que ha no sertão se chamão *Atarape*.

Outra nação se chama *Carijo*: habitão além

(48) Timimiúo (Purchas, ib.)

de São Vicente como oitenta leguas, contrarios dos *Tupinaquins* de São Vicente; destes ha infinidade e correm pela costa do mar e sertão até o Paraguay, que habitão os Castelhanos. Todas estas nações acima ditas, ainda que differentes, e muitas dellas contrarias umas das outras, têm a mesma lingua, e nestes se faz a conversão, e tem grande respeito aos Padres da Companhia e no sertão suspirão por elles, e lhes chamão *Abarê* e *Pai*, desejando (49) a suas terras converte-los, e é tanto este credito que alguns Portuguezes de ruim consciencia se fingem Padres, vestindo-se em roupetas, abrindo coroas na cabeça, e dizendo que são *Abarês* e que os vão buscar para as igrejas dos seus pais, que são os nossos, os trazem enganados, e em chegando ao mar os repartem entre si, vendem e ferrão, fazendo primeiro nelles lá no sertão grande mortandade, roubos e saltos, tomando-lhes as filhas e mulheres, etc., e se não forão estes e semelhantes estorvos já todos os desta lingua forão convertidos á nossa santa fé.

Ha outras nações contrarias e imigas destas, de differentes linguas, que em nome geral se chamão *Tapuya*, e tambem entre si são contrarias; primeiramente no sertão vizinho aos *Tupinaquins* habitão os *Guaimurês* (50), e tomão algumas oitenta leguas de costa, e para o sertão quanto querem,

(49) They would come to (Purchas, ib.)

(50) Guamures (Purchas, ib.)

são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos tem os couros muito rijos, e para este effeito açoutão os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos; não têm roças, vivem de rapina e pela ponta da frecha, comem a mandioca crua sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usão de uns arcos muito grandes, trazem uns paus feitiços muito grossos (51), para que em chegando logo quebrem as cabeças. Quando vêm á peleja estão escondidos debaixo de folhas, e dali fazem a sua e são mui temidos, e não ha poder no mundo que os possa vencer; são muito covardes em campo, e não ousão sair, nem passão agua, nem usão de embarcações, nem são dados a pescar; toda a sua vivenda é do mato; são cruéis como leões; quando tomão alguns contrarios cortão-lhe a carne com uma canna de que fazem as frechas, e os esfolão, que lhes não deixão mais que os ossos e tripas; se tomão alguma criança e os perseguem, para que lha não tomem viva lhe dão com a cabeça em um pau, desentranhão as mulheres prenhes para lhes comerem os filhos assados. Estes dão muito trabalho em Porto Seguro, Ilhéos e Camamu, e estas terras se vão despovoando por sua causa; não se lhes pode entender a lingua.

(51) Certaine stones made a purpose verie bigge (Purchas, ib.)

Alem destes, para o sertão e campos de Caátin-ga vivem muitas nações Tapuyas, que chamão *Tucanuço* (52), estes vivem no sertão do Rio Grande pelo direito de Porto Seguro; têm outra lingua, vivem no sertão antes que cheguem ao Aquitigpe e chamão-se *Nacai* (53). Outros ha que chamão *Oquigtajuba*. Ha outra nação que chamão *Pahi*; estes se vestem de panno de algodão muito tapado e grosso como rede, com este se cobrem como com saio, não tem mangas; têm differente lingua. No Ari ha outros que tambem vivem no campo indo para o Aquitigpe. Ha outros que chamão *Parahió*, é muita gente e de differente lingua.

Outros que chamão *Nhandeju* (54), tambem de differente lingua. Ha outros que chamão *Macutû*. Outros *Napara*; estes têm roças. Outros que chamão *Cuxaré*; estes vivem no meio do campo do sertão. Outros que vivem no mesmo campo que chamão *Nuhinû*. Outros vivem para a parte do sertão da Bahia que chamão *Guayaná*, têm lingua por si. Outros pelo mesmo sertão, que chamão *Taicuyû* vivem em casas, têm outra lingua. Outros no mesmo sertão, que chamão *Cariri* (55), têm lingua differente: estas tres nações e seus vizinhos são amigos dos Portuguezes. Outros que chamão *Pigrû*, vivem em casas. Outros que chamam *Obacoa-*

(52) Tunacunu (Purchas, IV, p. 1.299)

(53) Nacij (Purchas, ib.)

(54) Mandeiu (Purchas, ib.)

(55) Cariu (Purchas, ib.)

tiara, estes vivem em ilhas no Rio de São Francisco, têm casas como casuas debaixo do chão; estes quando os contrarios vêm contra elles botão-se á agua, e de mergulho escapão, e estão muito debaixo d'agua, têm frechas grandes como chuços, sem arcos, e com ellas pelejão; são muito valentes, comem gente, têm differente lingua. Outros que vivem muito pelo sertão a dentro, que chamão *Anhelim* (56), têm outra lingua. Outros que vivem em casas, que chamão *Aracuaiti*, têm outra lingua. Outros que chamão *Cayudara*, vivem em covas, têm outra lingua. Outros que chamão *Guaranaguacu* (57), vivem em covas, têm outra lingua. Outros muito dentro no sertão que chamão *Camucuyara*, estes têm mamas que lhes dão por baixo da cinta, e perto dos joelhos, e quando correm cingem-nas na cinta, não deixão de ser muito guerreiros, comem gente, têm outra lingua. Ha outra nação que chamão *Ibigra-apujara* (58) senhores de paus agudos, porque pellejão com paus tostados agudos, são valentes, comem gente, têm outra lingua. Ha outra que chamão *Anuacuiç* (59), vivem em casas, têm outra lingua, mas entendem-se com estes acima ditos, que são seus vizinhos. Outros ha que chamão *Guayacatu* e *Guaya-*

(56) Anhelim (Purchas, ib.)

(57) Guainagnaen (Purchas, ib.)

(58) Iobiora Apujara (Purchas, ib.)

(59) Anuacuiç (Purchas, ib.)

tun; estes têm lingua diferente, vivem em casas. Outros ha que chamão *Curupehé* (60), não comem carne humana, quando matão cortão a cabeça do contrario e levão-na por amostra, não têm casa, são como ciganos. Outros que chamão *Guayó*, vivem em casas, pellejão com frechas ervadas, comem carne humana, têm outra lingua. Outros que chamão *Cicú* têm a mesma lingua e costumes dos acima ditos. Ha outros a que chamão *Pahajû*, comem gente, têm outra lingua. Outros ha que chamão *Jaicujû*, têm a mesma lingua que estes acima. Outros que chamão *Tupijó*, vivem em casas, têm roças, e têm outra lingua. Outros *Maracaguaçû*, são vizinhos dos acima ditos, têm a mesma lingua. Outros chamão-se *Jacurujû*; têm roças, vivem em casas, têm outra lingua. Outros que se chamão *Tapuuyys* (61) são vizinhos dos sobreditos acima, têm a mesma lingua. Outros ha que chamão *Anacujû*; têm a mesma lingua e costumes que os de cima e todos pellejão com frechas ervadas. Outros que se chamão *Piracujû*; têm a mesma lingua que os de cima e frechas ervadas. Outros ha que chamão *Taraguaig*, têm outra lingua, pellejão com frechas ervadas. Ha outros que chamão *Panacujû* (62), sabem a mesma lingua dos outros acima ditos. Outros chamão *Tipe*, são do campo, pelle-

(60) Cumpehe (Purchas, ib.)

(61) Tapecuin (Purchas, ib.)

(62) Paracuiu (Purchas, ib.)

jão com frechas ervadas. Outros ha que chamão *Guacarajara*, têm outra lingua, vivem em casas, têm roças. Outros vizinhos dos sobreditos que chamão *Camaragôã*.

Ha outros que chamão *Curupyá*, forão contrarios dos *Tupinaquins*. Outros que chamão *Aquirinó* têm diferente lingua. Outros que chamão *Piraguaygaquig*, vivem de baixo de pedras, são contrarios dos de cima ditos. Outros que chamão *Pinacujú*. Outros ha que chamão *Parapoto*, estes sabem a lingua dos do mar. Outros *Caracembá*, têm outra lingua. Outros que chamão *Caracuju*, tem outra lingua. Outros que chamão *Mainuma*, estes se misturão com *Guaimurês*, contrarios dos do mar; entendem-se com os *Guaimurês*, mas têm outra lingua. Outros ha que chamão *Murary* também entrão em communicação com os *Guaimurês*. Outros ha que chamão *Quigtaio*, também communicão e entrão com os *Guaimurês*. Ha outros que chamão *Guigpê*: estes forão moradores de Porto Seguro. Outros se chamão *Quigrajubê* (63), são amigos dos sobreditos. Outros que chamão *Angarari*, estes vivem não muito longe do mar, entre Porto Seguro e o Espirito Santo. Outros que chamão *Amixocori* são amigos dos de cima. Ha outros que chamão *Carajá*: vivem no sertão da parte de São Vicente; forão do Norte correndo para lá, têm outra lingua. Ha outros que chamão *Apitupá*:

(63) Guigraillbe (Purchas, ib.)

vivem no sertão para a banda de *Aquitipi*. Outros ha que chamão *Caraguatajara*; têm lingua differente. Ha outros que chamão *Aquiguira*, estes entrão em communicação com os acima ditos. Outra nação ha no sertão contraria dos *Murapigtanga* e dos *Tarapé*, é gente pequena, anã, baixos do corpo, mas grossos de pernas e espaldas, a estes chamão os Portuguezes Pigmeos, e os Indios lhes chamão *Tapig-y-mirin* (64), porque são pequenos. Outros ha que chamão *Quiriciguig*, estes vivem no sertão da Bahia, bem longe. Outros que chamão *Guirig* são grandes cavalleiros e amigos dos ditos acima.

Outros se chamão *Guajerê*; vivem no sertão de Porto-Seguro muito longe. Ha outra nação que chamão *Aenaguig*; estes forão moradores das terras dos *Tupinaquins*, e porque os *Tupinaquins* ficarão senhores das terras (65), se chamão *Tupinaquins*. Ha outros que chamão *Guaytacá*; estes vivem na costa do mar entre o Espirito Santo e Rio de Janeiro; vivem no campo e não querem viver nos matos e vão comer ás roças, vêm dormir ás casas, não têm outros thesouros, vivem como o gado que pasce no campo, e não vêm ás casas mais que a dormir; correm tanto que a cosso tomão a caça. Outros que chamão *Igbigranupá* (66), são contrarios dos *Tupinaquins* e communicão com

(64) Tæpijguiri (Purchas, IV; p. 1.300).

(65) Of the Mountaines (Purchas, ib.)

(66) Igbigranupan (Purchas, ib.)

os *Guaimurés*; quando justão com os contrarios fazem grandes estrondos, dando com uns paus nos outros.

Outros que chamão *Quirigmã*, estes forão senhores das terras da Bahia e por isso se chama a **Bahia Quigrigmurê** (67). Os Tupinabas os botarão de suas terras e ficarão senhores dellas, e os *Tapuyas* forão para o Sul. Ha outros que chamão *Maribuió*; morão no sertão em direito do Rio Grande. Outros que chamão *Cataguá*; esses vivem em direito de Jequericarê entre o Espirito-Santo e Porto-Seguro. Outros ha que chamão *Tapuverig*; são contrarios dos outros Tapuyas, comem-lhes as roças. Outros que morão pelo sertão que vai para São Vicente, chamão-se *Amocaró*, forão contrarios dos *Tupinaquins*. Outros que chamão *Nonhã* (68), têm rostos muito grandes. Ha outros, e estes se chamão *Apuj*, morão perto do campo do sertão, são grandes cantores, têm diferente lingua. Outros ha que chamão *Panaquiri* (69), diferentes dos acima ditos. Outros tambem diferentes que chamão *Bigvorgya* (70). Ha outra nação que chamão *Pirija*, e destes ha grande numero. Todas estas setenta e seis nações de Tapuyas, que têm as mais dellas diferentes linguas, são gente brava, silves-

(67) Quirimure (Purchas, ib.)

(68) Nonca (Purchas, ib.)

(69) Panaguiri (Purchas, ib.)

(70) Bigrorgya (Purchas, ib.)

tre e indomita, são contrarias quasi todas do gentio que vive na costa do mar, vizinhos dos Portuguezes: somente certo genero de Tapuyas que vivem no Rio São Francisco, e outros que vivem mais perto são amigos dos Portuguezes, e lhes fazem grandes agazalhos quando passam por suas terras. D'estes ha muitos christãos que forão trazidos pelos Padres do sertão, e aprendendo a lingua dos do mar que os Padres sabem, os batizarão e vivem muitos delles casados nas aldeas dos Padres, e lhes servem de interpretes para remedio de tanto numero de gente que se perde, e somente com estes Tapuyas se pode fazer algum fructo: com os mais Tapuyas, não se pode fazer conversão por serem muito andejos e terem muitas e diferentes linguas difficultosas. Somente fica um remedio, se Deus Nosso Senhor não descobrir outro, e é havendo ás mãos alguns filhos seus aprenderem a lingua dos do mar, e servindo de interpretes fará algum fructo ainda que com grande difficultade pelas razões acima ditas e outras muitas.

NOTAS

Quando se estuda a manifestação da ideia por meio da palavra, o espirito deve procurar no exame dos radicaes verbaes a significação mais generica possivel, a qual, sempre que for particularisada, o será mediante a addição de radicaes demonstrativos (prefixos e suffixos nas linguas aryanas)

Sendo assim, repugna-nos quasi instinctivamente a interpretação dos vocabulos, como a sõem fazer geralmente, pela homophonia das dicções, o que induz aos mais graves erros, e é inteiramente contrario ao verdadeiro espirito linguista.

Entretanto nas linguas que não têm monumentos escriptos, e cujo conhecimento, de mais a mais, nos é transmittido por meio de caracteres os mais differentes e variados, conforme o modo de representar os sons, isto é, seguindo orthographias inteiramente arbitrarías e differentes umas das outras, é, na falta de outros dados, justamente a homophonia o que nos pôde guiar para acertarmos

com o radical, que constitue o fundamento do vocabulo.

De Nhandui ou Yandui ou Jandui (nomé do celebre morubichaba da Parahyba no tempo da dominação hollandeza) é difficil de se explicar como se formasse Jean Dory (no escripto de Roulox Baro), e ainda se chegasse ao nome alatinado por Barlæus na forma Jandovius.

Evidentemente a homophonia aqui nos guia para que reconheçamos que, além do mais, existe em "Jean Dory" erro de escripta ou de cópia, porque, escripto com orthographia franceza, "Jeandoui" já corresponde bastante approximadamente ao nome *Nhandui* (celebre por ser optimo na carreira), nome este que nos reporta á *nhandú* (ave corredora) com o suffixo *i*, que pôde ter sido alterado de *yb* principal.

Por conseguinte, apesar de reconhecermos que a homophonia não pôde e não deve servir, por via de regra, para decidirmos do parentesco e derivação commum do vocabulo (como se vê em *cessão* e *sessão*), comtudo somos obrigados a acceitá-la em diversas circumstancias.

Limito-me a este cavaco simplesmente para que se me desculpe, em diversas interpretações dos vocabulos que seguem, o submetter-me por vezes a esse modo de explicar as dicções, tão geralmente seguido, mormente por aquelles que têm a mania de explicar as etymologias dos vocabulos dos indigenas, e que nesse intuito não trepidam em inventar radicaes que não ha, ou em formular

combinações e composições inteiramente arbitrárias.

Já uma occasião observamos quanto é esturdiada a mania de se querer *por força* uma explicação e uma deducção etymologica para todo e qualquer vocabulo indígena e a impertinencia com que se exige daquelle que estuda linguas americanas a decifração de cada vocabulo, sem se importarem se esse vocabulo está ou não estropiadissimo. Na mesma occasião fizemos ver que tão exigentes em relação aos vocabulos das linguas americanas não o são igualmente em relação aos da propria lingua que fallam.

Querem¹ por força que, quem estuda lingua de bugre, destrince por miúdo, syllaba por syllaba, lettra por lettra, a palavra *tangapema* (cacete de guerra dos indios) e não são capazes de explicar nem approximadamente a palavra *durindana* ou a palavra *catana*.

Não é só. Como vêem na sciencia comporem-se palavras como *polypodio* (que julgam sufficientemente explicada logo que se reporta ao grego e se traduz — *muitos pés*), querem igualmente que se decomponha *cabiuna*, e não se contentam com saber que é o nome de uma arvore, tal e qual *cedro* é o nome de outra arvore em portuguez. Os homens, como enfim acham no dictionario, que *cedro* vem de *cedrus* (lalim) e este vem de *kedros* (grego) ficam muito satisfeitos com isso, nada mais exigem em relação á palavra *cedro*, mas continuam a exigir uma explicação do voca-

bulo *cabiúna*, que elles querem ver decomposto e distinçado em radicaes, sem se lembrarem que bastaria então ao estudioso de linguas americanas responder-lhes: “é uma palavra do Abañeênga, justamente como *kedros* o é do Grego.”

O etymologista é intransigente, e, quando o estudioso não póde satisfazel-o, elle por sua conta e risco atira-se, decompõe a palavra a seu geito, inventa radicaes e os colloca como muito bem lhe parece, sem se importar se esse arranjo era o seguido na lingua indigena, e explica *caa-pi-una* mato ou pau de cerne preto! onde não ha radical que exprima “cerne” e onde o arranjo dos elementos é arbitrario. E o que é mais de admirar é que os mais impavidos para estas inventivas são homens do merito do Visconde de Porto Seguro, de von Martius, de E. Liais e do meu amigo Barbosa Rodrigues, nos quaes si se fiasse quem estuda linguas americanas, acabaria por *inventar* uma *lingua sui generis*, com um numero de radicaes dez ou cem vezes maior que os do Sanskrit, que no entanto, com o seu limitado numero de radicaes, é o tronco da gigantesca arvore aryana.

Refiro-me só a homens de sciencia, e não a poetas e litteratos, os quaes se entregam a inventivas com o maior desembaraço possivel; em outro escripto já o notámos em relação a J. d’Alencar, Salvador de Mendonça e outros.

Para tornar mais sensivel quanto é dura a posição do estudioso de linguas americanas perante

as exigencias dos etymologistas, basta-nos a seguinte ponderação.

Tractemos da etymologia de uma palavra portugueza, por exemplo *pão*.

Dizem-nos que vem do latim *panis*. E porque não de *panus* ou de *pannus*? deviam naturalmente perguntar os taes senhores etymologistas. E ahi então o Sr. Adolpho Coelho com os linguistas, armados com o estudo comparativo não só das linguas romanicas, mas ainda das linguas do tronco aryano, pôde satisfazer ao exigente etymologista, fazendo-lhe ver que *pão* vem de *panis* por um processo de derivação proprio da lingua portugueza, do mesmo modo que *cão* vem de *canis*, analogo ainda até certo ponto com *mão* de *manus*.

Fundados no exame dos monumentos e tradições das linguas cultas, os linguistas têm podido formular leis que explicam as transformações dialecticas, e a formação das linguas modernas; de modo que, quando alguém venha objectar-lhes que, assim como de *paganus* veio *pagão*, tambem de *panus* ou *pannus* podia vir *pão*, elles respondem que: os processos de derivação dos vocabulos soffrem diversas alterações por diversos motivos, entre os quaes vigora um espontaneo e natural "limitar a homonymia". Dahi havendo *pão* de *panis*, o portuguez deixou de parte o *panus* latino (fio de canella); e quanto a *panno* (*panus*) como tem dous *n*, não está no caso de *paganus* (*pagão*), de *civilanus* (*cidadão*), *christianus* (*christão*), *britanus* (*bre-tão*), *capitanus* (*capitão*), *germanus* (*irmão*).

Ainda mais. Sendo lingua romanica o francez tanto como o portuguez, e, correspondendo a *pão* portuguez o francez *pain*, e ainda em cima havendo o irlandez *páin*, o etymologista seria bem capaz de derivar *pão* de *pain* francez, e este do irlandez *páin* com tanto mais razão quanto, sendo o celtico um ramo do tronco aryano, a elle se reportam muitos vocabulos das linguas romanicas, principalmente das falladas na peninsula iberica e na antiga região das Gallias.

Aqui ainda, porém, vem o linguista explicar os factos mais concludentemente, e, fundado no estudo comparativo das linguas, e na concatenação das datas constantes das chronicas e do uso das palavras, vem demonstrar que tanto *pão* como *pain* vem do latim, porque dahi tambem vem o irlandez *páin*.

O linguista confirma as suas illações fazendo ver que o mesmo processo que fez *pão* e *pain* de *panis* tambem fez *mão* e *main* de *manus*, *escrivão* e *écrivain* de *scribanus* (latim não litterario), *villão* e *vilain* de *villanus* (latim não litterario), *capitão* e *capitain* (depois *capitaine*) de *capitanus* etc., e que, quando occorrem certas circumstancias peculiares, as linguas derivadas modificam o processo de derivação de modo que, de um lado de *civitanus* (latim vulgar) vem *cidadão*, porém em francez por outra fórma *citoyen*, de *paganus* vem *pagão*, em francez *payen* (e depois *païen*), de *decanus* vem *deão*, em francez *doyen*, e por outro lado do mesmo *decanus* vem em portuguez *decano*, de *humanus* vem *hu-*

main em francez, mas *humano* em portuguez. de *germanus* vem *germain* em francez, mas *germano* e *irmão* em portuguez, etc.

Póde-se fazer isto em relação ás linguas americanas? Onde estão os escriptos, onde colher as tradições, e como fixar as epochas das diversas transições ou evoluções de tantas linguas que se revelaram ao mundo europeu nos fins do seculo XV e começo do XVI?

A comparação núa e crúa dos vocabulos, unicamente pela similhaça de pronunciação, auxiliada apenas por algumas regras vagas e muito geraes ácerca da transformação phonetica dos vocabulos (como por exemplo *yba* em *uba* e *iba*, e *uma* e *ima*), sem se saber qual é o mais antigo, si o Kechua ou Abaëcênga, etc., eis o com que tem de se haver quem estuda as linguas americanas.

Na impossibilidade de explicar *caraiiba* por meio de radicaes do Abaëcênga, supponha-se que recorressemos ao Kechua *cara-uma* (calva cabeça) applicavel a diversas tribus que foram designados por *Coroados*. Pergunta-se: realmente o Kechua é mais antigo que o Abaëcênga? ou pelo menos pode-se affirmar que este recebesse d'aquelle muitos vocabulos? Será legitima a composição prepondo o adjectivo ao substantivo? e assim outras duvidas.

Em cada lingua uma leve mudança de articulação ou de som modifica e até faz differença na significação, ao passo que, comparada uma lingua com outra, vê-se que sons que faltam numa e appa-

recem em outra são na primeira evidentemente suppridos por sons diversos, mas equivalentes.

Assim no Kechua *cara*-pelle, modificado em *kara* (ou como escrevem os Espanhães *ccara*) exprime “pellado”

Precedentemente vimos que *cara* é adjectivo e significa “calvo”

Em Abañeênga ha *koty*-para (posposição), *kyting* (verbo) cortar, e (substantivo) piolho branco, *kytá-nó*, etc. Muito leve alteração phonetica correspondendo a grande differença de significado. Entretanto temos *Guaycurú*, que, diz *Martius*, “soll aus der Tupisprache herkommen und *schnellaufende Leute* (*Oatacurui uara*) bedeuten” e que me parece apenas pronunciação á guarani de *cocoloth* e de *Oaekakalot* (nome que se davam os Tobas, ou Linguas ou Guaycurús a si mesmos). Faz isto lembrar a explicação que deram a S. Hilaire em Minas da palavra *Arachá*, dizendo-se ser a resposta do preto aos que procuravam a mina de ouro: *are-achá*, portuguez de preto por *ha-de achar*.

Não cabendo nas minhas forças o publicar um trabalho completo, onde se discutam os radicaes do Abañeênga um por um, de modo que a elles se possam reportar com alguma connexão os diversos vocabulos compostos, e seja possivel, pelo complexo desses radicaes, concatenar a legitimidade de taes e taes derivações, vejo-me na necessidade de aproveitar as occasiões de publicação que se me offerecem e de ir apresentando desconnexamente

explicações destacadas dos vocabulos, que tenho occasião de discutir

E' obvio o inconveniente que d'ahi resulta, mas devo resignar-me, ainda mesmo correndo o risco de me pôr a bater a campanha como o meu amigo **Barbosa Rodrigues**, e o fallecido **Varnhagen**.

A mania das etymologias tem seu *que* de contagiosa, e visto não poder publicar o estudo do **Abacanga** com tal ou qual *analyse scientifica* dos radicacs, aqui vou tambem esgarafunchar etymologias.

Devendo apenas nestas "notas" procurar explicar os vocabulos indigenas, si eu pretendesse desenvolver mais este trabalho, e por exemplo quizesse dar o nome de "corda" (e a respectiva explicação) de que falla o autor dos "Indios do Brasil" na pag. 182, o qual nome foi omittido nessa pagina, é claro que a título de "notas" estes apontamentos podiam tomar tal desenvolvimento que só por si constituiriam um enorme vocabulario.

Limitei-me portanto a tratar só dos vocabulos que se depararam no escripto dos "Indios no Brasil"

Ainda outra ponderação.

O maior numero de vocabulos estranhos ao portuguez, que se acham neste livro, é para denominar tribus. Seria muito naturalmente arrastado o leitor a ver aqui desenvolver-se uma lista dos nomes das tribus indigenas com a respectiva explicação, mas então ahi teriamos de desenvolver mais largas considerações sobre os primitivos incolas do

Brasil e, já se vê, isto sáe da orbita legitima de simples “notas”

Em geral na explicação dos vocabulos procedo systematicamente, procurando reporta-los unicamente a radicaes do Abañeênga, e apenas recorro á comparação com outra lingua quando de todo o vocabulo não é explicavel pelos radicaes do Abañeênga ou quando a analogia de significação e a similhaça da fórma dos vocabulos, (por exemplo em Abañeênga e Kechua) é tal que se não pôde contestar a communidade de origem.

Já em outro logar disse que, antes de proceder á comparação, era necessario procurar fixar o mais possivel os radicaes da lingua, para se ter uma base de comparação.

Assim, pois, com respeito ás tribus, tambem nos limitamos simplesmente a procurar dar alguma explicação dos nomes com que são designadas, e unicamente dos nomes que se acham neste livro “Os Indios do Brasil”

Ainda mais. Daremos estas explicações com as maiores reservas e promptos a acceitar as correções que se fizerem, porque em geral *taes nomes de nações não são mais do que alcunhas, com que se designavam as cabildas umas ás outras* (Visc. de P Seguro — Hist. G. do Brasil, 1854 — T. I, pag. 101) A interpretação desses nomes é tanto mais difficil quanto maior é o estropiamento do vocabulo, estropiamento que quasi sempre é muito difficil reconhecer, e destrinçar.

Accresce a tudo isto que muitos desses nomes

poderão não pertencer ao Abaãeênga (*a lingua geral*) e outros até poderão ser de mera inventiva d'algum narrador.

Sei que me ha de prejudicar o deixar-me arrastar pela mania das etymologias; sei que, por mais cautelas e resalvas que empregue, terei de cahir em graves erros de interpretação, mas que fazer? Trabalho serio, onde expendesse alguns principios e pudesse me livrar de impertinencias não ha meio nem de levar a cabo, nem de publicar. Isto no Brasil não tem sahida, salvo grande sacrificio do proprio autor. Lá vou pois com os etymologistas aguas abaixo.

Embarafusto pelo perigoso caminho das etymologias, e só pedirei aos senhores etymologistas, que contra a minha vontade me arrastam, e pedirei como simples retribuição das etymologias americanas, que lhes dou:

Expliquem-me e dêem-me as etymologias de tantas palavras que figuram nos dictionarios, e que não são americanas.

Por exemplo:

A etymologia de *burra* não só quando significa "a femea do burro" mas ainda quando quer dizer "cofre de quem tem dinheiro"

A etymologia de *acoita-cavallo*, nome de uma arvore, de *Gonçalo-Alves*, nome de outra arvore, etc.

E outras mais.

ABAETÉ (pag. 194).

Tem duas significações inteiramente contrarias; ambas vêm no omo VII dos A. Bibl. e são: 1.º, *aba-eté* “homem real, verdadeiro, positivo” litteralmente, e “illustre distincto, honrado”, por translação; 2.º *abá-ité* “homem desfigurado, feio, descomposto, horrivel, temeroso”. Este segundo tambem suppozemos poder interpretar-se *a-bai-eté* ou *a-mbai-eté* “pessoa má muito, homem muito ruim”. Cumpre-nos afinal notar que não só neste, como em muitos outros vocabulos, podem e parecem coincidir duas significações antitheticas, dependendo só do tom, com que se diz o vocabulo, a determinação do sentido, que se lhe attribue. Nas linguas cultas mesmo se diz: “é um temível” podendo “temível” ter significados oppostos. Diz-se ironicamente “és um santo homem, és um anjo”. Não é ironia, mas a ideia se enuncia do mesmo modo que na ironia, quando se diz com ternura “és um diabrete, és um deminho”.

ABARÊ (pag. 198)

E' o vocabulo com que no Abañeênga se ficou designando “o padre catholico ou christão”, porém tambem servindó para designar em geral “sacerdote, vigario, clérigo”. Montoya dá uma explicação desse vocabulo que vem na pag. 177 (§ 14) da “*Conquista do Paraguay*” reimpressa no Tomo VI dos “*Annaes da Bibliotheca Nacional*”. A explicação dada por Montoya é *abá-homem, ré-diverso* (por guardar castidade). Notando-se porém que “diverso” se exprime por *é*; que o absoluto *té* (errar, divergir) perde o *t* mas não apresenta exemplo de mudar esse *t* em *r, h, gu*, parece que antes conviria considerar *ré* como um suffixo, o qual valendo por vezes o mesmo que *kuer* deve e pôde ter as mesmas significações. Deste modo o súffixo *ré* serve de dar força ao vocabulo do mesmo modo que *kuer* em *tantanquer* (os esforçados, os valentes) derivado de *tantã*

duro, forte, rijo. Portanto *aburé* significaria “o homem, ou a pessoa humana por excellencia” e ainda “o illustre, o eminente”

AENAGUIG (pag. 204)

Este nome de tribu não se acha entre os enumerados por Simão de Vasconcellos, nem no Roteiro de Gabriel Soares. Von Martius, que laboriosamente colligiu o maior numero de nomes de tribus, tambem não no dá no *Beitrag zur Ethnographie*. Ser-nos-ha licito suppôr que *aguig* esteja por *aqui* ou *oqui* (collateral ou derivado)? (Veja-se o expellido em *Tupinanquim*). Sendo assim pôde-se interpretar *Aenaguig* o collateral, o derivado (descendente) do outro. Note-se que *ae* além de outros significados exprime “outro” (adjectivo) e repare-se que existe no Abaëcênga não só *ace*-pessoa em geral, mais ainda *ahê*-o tal, aquelle, fulano. E’ dever do estudioso apontar esta associação de significados das diversas dicções com pequena alteração de letras aqui ou ali, mas como se exigir delle, que dê uma explicação cabal de vocabulos, que ninguem sabe como e quanto foram estropiados?

AMIXOCORI (pag. 203).

E’ tribu que não figura na lista dos nomes dados por S. de Vasconcellos, nem no Roteiro de G. Soares, nem na *Ethnographia* de Martins. Para evitarmos a repetição desta referencia em outros nomes de tribus, nestas notas nos reportaremos ao que dizemos neste e no vocabulo precedente

Não acho maneira alguma de explicar este nome de tribu, e limito-me a fazer ver que ali temos uma phrase bem regular em Abaëcênga: *Ami-ho-co-ri* costumam vir por cá, ou costumam vir estes por ali. Até nem eu devera escrever *ho* por *cho* porque realmente a fórma *cho* tambem apparece por vezes, cumprindo-nos notar que em *cho* está implicito o pronome (Veja-se T. VI dos Annaes da Bibliotheca).

AMOCAXÔ (pag. 205)

Este nome não vem em nenhuma das listas citadas em *Amixocori*. Quanto á explicação apenas notarei que *amo* entre outros significados tem o de “longe, lá” e que *amoipi* em *amboipir* quer dizer “os de lá, os oriundos de lá ou de longe” e que com este nome ha designação de tribus nos autores. Noto tambem que a syllaba final *xó* póde fillar-se á *io*, *jó*, *yó* suffixo que apparece em muitos nomes de tribus. Vê *Carijo*, e tambem *yoc*.

ANACUJÛ (pag. 202).

Pelo Abañeênga parece-me muito difficil explicar este e outros nomes, principalmente attendendo-se ás syllabas finaes *cuju*. Como desgraçadamente as annotações dos sons pelos chronistas é tão imperfeita que elles nem dão a accentuação, nem a quantidade, resulta que se tem duvida até se é *cuyo*, *coyo*, *cuya*, *coyá*, etc. Na fórma *coya* podia ter tal ou qual explicação pelo Abañeênga (veja-se a palavra *Guayaná*), e neste sentido haveria relação com o Chilli-dugu onde ha *coyagh* ajuntamento, e os verbos *coyaghtun*, *coyagn*-parlar, fallar em assembléa. Note-se que em *aná-coyá* ha uma troca de logar dos themes de *coya-anã*, o que não seria inadmissivel no Abañeênga. Considerando, porém, que neste livro ha muitos nomes terminados em *cuju* e ainda mais simplesmente em *ju* parece mais natural reportar estes nomes ao Kechua, e explicar-se *ju* por *yoc* suffixo desta lingua. *Anacu* em Kechua (além de outros significados e de outras formas deste nome) significa “manto, capa”; portanto *Anacuju* seria “os que têm capa ou manto”

ANGARARÎ (pag. 203)

Não vem nos autores citados este nome. Litteralmente pode-se traduzir *anga-rory*, alma alegre, não obstante ser mais regular *anga-ory* com *ory* adjectivo. Como porém era usado o verbo *ang-hory* estar contente, por dissimilação era natural dizerem *anga-rory* alma alegre, os alegres, a gente alegre.

ANHANG (pag. 162)

Parece que litteralmente se pode explicar por *a-āng* (encesta a gente, mette a gente em cesto, ou apanha a gente) e assim se expoz no Tomo VII dos Annaes da Bibliotheca. Considerando-se porém que, conforme as tradições, *Aāng* é o opposto de *Tupā*, e que assim como este exprime o *espírito do bem* (que dispensava cultos, donde o dizer dos filhos da Iberia, que elles não tinham Deus, nem religião), parece que *Aāng* exprime o *espírito do mal*, (a quem elles votavam offrendas para o subornar). Assim pode-se interpretar *aāng* = *āi-ang* (a cada passo se vê $i=j=n$) ALMA DO MAL em contraposição à *Tupā* *Tub-ang* ALMA DO PAI (OH DOS PAIS), DO PROTECTOR, DO CREADOR. Sem ainda poder affirmar que o *l* ou *lh*, *ll* do Chilli e do Kechua correspondam ora a *r* ora a *n* do Abañeēnga, por demais noto que em Chilli *alhue* significa "diabo".

ANHEHIM (pag. 201)

Não me parece explicavel este nome, nem ainda interpretando os sons à moda dos etymologistas quando traduzem *Florentina* por *flor em tina*, *Arachá* por *ha-de-achar*, *Conticuere omnes* por *com tijo era o homem*. Também não figura em outras enumerações de tribus e o nome que mais se lhe approxima é *Arari*, o qual igualmente não é muito explicavel pelo Abañeēnga, e ao qual, como é intuitivo, devem pertencer os nomes dados nos "Indios do Brasil" *Arary* é nome de tribu pertencente ao tronco Aymoré e ainda ao ramo Ge (a admittir-se a classificação de Martius). Aqui apenas observaremos que *aro* em Aymará é "fallar" e "lingua" e *arara* fallador.

Veja-se GUAIMITÉ.

APIGAPIGTANGA (pag. 197)

É evidentemente vocabulo do Abañeēnga, susceptivel de muitas explicações, já pelo thema *apiy* (*anyi*, *apyyg* etc.) já pelo thema *apiqtanga* (*apqita*, *apqta*, *apilang* etc.). Confirmando a minha repugancia para interpretar as palavras pelo que soam, o que conduz a disparates (veja-

se *Anhelim*) aqui temos um nome que se pode interpretar de muitos modos, alguns dos quaes quasi litteraes como *apyiña* (em tupi *apyinga*) *pitanga* ponta de nariz vermelha. Mas procurando-se relações e subordinações entre estes diversos designativos, é preferivel antes guiarmos-nos por analogias, ainda sendo necessario alterar um pouco a palavra. Comparando-se este nome com *Murta-pigtanga*, que vem na mesma pagina, é admissivel dizer-se (com um *t* pronominal affixo) *Tapigapigtanga*, formado de modo analogo com o outro, de *tapyi* (*tapiig*) *apyiña* em Tupi cabilda de selvagens, de inimigos, de *tapuyas*.

APITUPÁ (pag. 203)

Outro nome que não figura nas listas de tribus dadas pelos auctores, e que pôde ter diversas explicações pelo Abañeênga. Atenhamo-nos porém ao sentido que dá litteralmente o adjectivo *apitupa* (pela regra que consta dos T. VI e VII dos *Annaes*) o qual significa “os desalentados, os desanimados.”

APUY (pag. 205).

Além de não figurar nas listas de tribus, apresenta-se de modo que pôde ter muitas explicações e por fim nenhuma, por não haver motivo concludente que autorise uma interpretação. Cousa que encabece a significação de “cantor”, não ha no Abañeênga. Neste ha o adjectivo *pui*-lepido, prompto, expedito, *poi* mão-zinha, e tambem “fibra fina” e adj. “delgado, fino” e outros assim. A prepositiva adjectivadora *a* apenas será admissivel com *poi* n’algum caso, porque em outros já *poi* e *pui* são adjectivos. Do verbo *pói* dar de comer, e do verbo *poir* (*poi* com queda do *r*) soltar a mão não sei se seria facil derivar adjectivo com *a* prefixo. Tem ahi em ultima analyse os etymologistas muito onde escolher. Notarei de passagem que *apu*, *apo* significam “chefe” em Chilli, em Kechua, em Aymarâ etc.

AQUIGUIRA (pag. 204).

Além de não figurar nas listas de tribus, accresce que se não sabe si é *akiguira*, *akni* ou *akoiguira*, *akiguira*, e ainda mais as variantes com *guira* formando muito diferentes compostos. Em S. de Vasconcellos ha uma tribu *Aquinan* com o thema *aqui*, porém *quid inde?* Entretanto não deixa de ter importancia este nome em que entra o thema *aqui*, pois elle entra ainda nos tres nomes que aqui se seguem. Será *akir* (que pôde deixar cair o *r*) que significa "molle, fraco, e ainda covarde?" E o resto? será *guira* abaixo de? E *akiguira* ultra-covarde? Não lhe acho muito feittio porque neste caso seria mais propria a *pospositura bé* de comparativo.

AQUIRINÓ (pag. 203)

Veja-se o expendido no vocabulo precedente, e note-se apenas que *akir-i-nô* é uma phrase "são covardes elles tambem."

AQUITIGPE (pag. 200).

Veja-se o expendido em *Aquiguira*. Quanto ao mais é de notar que nos "Índios do Brasil" todos os sons habitualmente representados por um *i* especial em Montoya, por *y* pelos portuguezes, apresenta-se *ig*, e que como este *i* é brevissimo, elle se contráe frequentemente com a vogal que o segue ou o precede. Deste modo podia haver *aky-teyi*, "multidão de fracos, sucia de molleirões". Fica, porém, por explicar-se a prepositiva *pe* e ainda notarei que em *teyi* sendo *t* pronominal, no composto devia ficar *aky-reyi*. Cumpre ainda notar que no livro como está empregado *Aquitigpe* não designa "tribu" e sim "local" e ahí cabe a locativa *pe*.

AQUIRINI (pag. 204)

Veja-se o expendido em *Aquiguira*. Quanto ao mais, não será esta simples adulteração do nome precedente ou vice-versa?

ARACUAIATI (pag. 201).

Primeiro que tudo notarei que *araquai haty* é literalmente “o lugar frequentado pelos entendidos, o *rendez-vous* dos sabidos” (a contracção dos dois *a* em um está feita em *paraguay* e a queda do *h* é facilima); depois ainda notarei que é possível *araquai* adj. cingido, com cinto, com facha, e *aty* as fontes da cabeça, as temporas. Como nome de tribu, porém, importa-nos considerá-lo por outra face, e veja-se *auca*. Como deste thema *auca* se derivam o designativo *arauca* e *araucano*, não sei, mas por um metaplasmo simples e pelo augmento de um suffixo vê-se que de *arauca* podia se derivar *aracuata* se porventura existisse o termo em Abañeênga e então *aracuaiaty* se podia interpretar por “pousada ou pousiados Araucas”. Não deve ficar esquecido que com *Aracuaiaty* tem similhaça *Araguaya*, nome do nosso grande rio de Goyaz.

ARA, com accento já na primeira já na segunda, é thema que entra na composição de muitos vocabulos e nos nomes de muitas tribus. Este thema existe no Abañeênga, mas de fórma que por meio d'elle não se podem explicar as denominações de tribus. Contemplo-o aqui para fazer as seguintes considerações. *Aro* na lingua dos *Aymaras* significa lingua, palavra, mandamento, licença, etc.; dá muitos derivados como *arara* e *arocamana* fallador, parlador, notando-se ainda que *Aymara aro* (lingua do Aymara) é synonymo de *kaque-aro* (lingua de gente). O Kechua é aparentado e até parece que derivado do Aymarâ, e os Aymarâs constituíam o grosso da população do Perú e da Bolivia quando os Incas tomaram conta do paiz. Compare-se ainda o que se expende na palavra *Guaymuré*. Parece-me que este thema *ara* reportado ao Aymarâ, assim como *auca* reportado ao Kechua e ao Chilli podem explicar muitos nomes de tribus, mas faltam dados para se definirem as composições e derivações. Afi-

nal *ará* vulgo *arára* é o nome de alguns *pittacus* que no T. VII dos Annaes dei como onomatopaico.

ARARAPE (pag. 197).

Conforme o que dissemos em *ara*, se é licito o hybridismo de composição, podia-se decompor este nome indifferentemente em *ara-rapé* ou *arara-pé* (caminho dos falladores ou dos parladores). Mas vá isso unicamente por conta dos etymologistas, pois que tal explicação nem pôde servir propriamente para um nome de tribu. Parece que hoje já se não trepida em formar vocabulos compostos do thema latino com thema grego, e de themas de linguas modernas com themas das outras duas, mas não sei até que ponto isto nos autoriza á compor *ara* ou *arara* (do Aymarâ) com *rapé* ou *pé* (do Abañeênga)

ARI (pag. 200).

Como vem nos "Indios do Brasil" não designa tribu e sim lugar, e em Abañeênga *ari* simplesmente não tem explicação nem para uma coisa, nem para outra. *Arii* "sardentos ou hexigosos" talvez pudesse ser appellido de tribu.

ARACUIG, na nota **Anuacuig** (pag. 201).

A forma que vem em Purchas (a segunda) parece ainda mais difficil de se interpretar. Quanto á primeira limitamo-nos a notar o thema *aruae* (tambem nome de tribu no norte) e reportamo-nos ao expendido em *ara* e *auca*.

ATURARY (pag. 203).

Nos "Indios do Brasil" parece não estão nem podiam estar comprehendidas as tribus do Amazonas, principalmente superior. Não sei pois se os *Aturary* tem alguma coisa de commum com os *Aturiari* que vem na lista de S. de Vasconcellos (§ 30 L. I **Cousas DO BRASIL**), nem tão pouco se estes são identicos com os do Tacutú affluente do Rio Branco, mencionados na *Ethnographia* de Martius,

que dá (pag. 562) *Ataynarú* ou *Aturahi* e traduz por *korbflechter*. Em Abañeênga, em Kechua, em Aymará, em Chilli e outras ainda não vejo vocabulo algum parecido com estes, que signifique “tecedor, fabricante de cestos, de peneiras, etc.” Em Abañeênga temos *atiriri* pequenino, murcho, encolhido, e de *atur* em Tupi, *atura* curto, breve, etc., ainda se concebem outros derivados, para designar “os chatos, os pequeninos, os anões”. Podia ainda explicar-se por *atirayb* “chefes de topete” e por outras formas; mas tudo é conjectural.

AUCA.

Em Chilli-dugu temos *auca*-rebelde, alevantado (e dizem tambem “cimarron, montaraz”). Em Kechuacallu *aucca* adversario, inimigo, tyranno (e ainda como verbo: “batalhar, pelear” com os derivados *auccak* soldado, *auccay* batalha, peleja, etc.). Em Aymará (Haquero) ainda *auca* inimigo, e derivados como em Kechua. Não se póde deixar de notar ainda que em Kechua *hauca* é verbo “vagar, folgar” e tambem com um derivado exprime “vagabundo, vadio”. Deixarei de apontar outras coincidencias (como o de chamarem os Patagões aos Chilenos *yacah*) e só ficará fixado que *auca* é donde se deriva *arauco* e *araucano* nomes pelos quaes se celebrisaram os livres habitantes do montuoso Chilli e que ainda a sciencia adoptou para a bella conifera *Araucaria*. Não deve ficar desapercibido que *haque* na lingua dos Aymarás significa “homem, gente, pessoa” donde: *Haque-aro*, (a lingua Aymará) significando o mesmo que *Abañeênga* (lingua de gente). Para ultimar a confrontação desse thema (susceptivel de varias alterações) ainda devemos notar que ha no Abañeênga o verbo *acab* brigar, rugar. Depende de muito mais longo estudo e de severa comparação das linguas a determinação da variação dos vocabulos connexos com o thema *auca* ou *aca*, com o qual talvez possam ter parentesco até *guarani*, *carini*, *galibi*, *caribi*, *caraib*, etc. Pela fórma do thema *arauca* ainda se

podem aparentar com elle as designações de muitos outros povos da Sul-America como *arauca*, *arauac*, *aroaki*, que embora proprias da parte norte da Sul-America, contudo podiam ser provindas do Perú, de lá trazendo o nome de *arauca* rebeldes ou fugidos, ou ainda *uraycu* descidos, no caso que proceda o que diz Martius na Ethnographia, pag. 429. No Kechua ha ainda *harcak* (do verbo *harca*) aquelle que impede, estorva, no Aymarâ tambem *arcuill-el* mitayo del Tambo, que igualmente podiam fornecer designativos para tribus. Ainda em Aymarâ *auqui pai*, senhor, em Kechua *auki* o primogenito do Inca ou rei.

AVASATY (evidentemente *avasaty* é erro de escripta, porque não ha *l* em Abañcênga) (pag. 162, nota), É nome inteiramente novo para mim e, vendo-o applicado ao demmo, parece-me quasi poder reportal-o a duas etymologias differentes, das quaes a mais natural é *aba-hati* (homem chifrudo ou cornudo) não obstante faltar o suffixo de participio *aba-hatibae*, por que isto acontece mais vezes, e encontra-se o radical verbal empregado como adjectivo sem esse suffixo *bac* ou o seu equivalente *hara*. A segunda etymologia daria *abahaty* (borra ou fezes de gente); mas além de não ter isto grande significação, acontece que me não parece natural a composicão do vocabulo tornando *aba* genitivo regido de *haty*.

BIGVONGYA (pag. 205).

Naturalmente está muito estropiado este nome, e de mais não figura nas listas de tribus. Parece-me por enquanto impossivel tentar explical-o.

CAALÉ (pag. 196).

Litteralmente *caa-clé* quer dizer "matto verdadeiro, ou real" e tambem "herva verdadeira, folha grande, folha larga"; tambem significa "matto de paus grandes, ou grossos, ou, matta virgem". No sentido de "folha grande, ou larga" foi applicado ás Heliconias e outras Musaceas; e applicado a alguma Anonacea, parece-me que *caité* (como

dizem) devera ser *cuaeté* derivado de *eaquã-eté* muito cheiroso, ou cheiro verdadeiro, cheiro real. Como nome de tribu parece-me inadmissivel o vocabulo acima definido, e neste caso me reportaria antes á *caí* envergonhado, ou corrido, á *caí* queimado, e mesmo á *akã-até*, cabeça torta, cabeça virada e ainda a outros themas. Não ha base para nos fixarmos em um thema. Se o gentio Caitê, dono da costa desde o Parahyba até S. Francisco (G. S. Souza, pag. 38), pertencia á familia *Tupi* é de estranhar que lhe dessem um nome sem parentesco algum com os dados ás outras tribus. Este gentio foi exterminado, conforme se vê em G. S. S. e realmente já não figura na lista dos de S. Vasconcellos. Como dizem que era um gentio muito feroz, ainda podia-se explicar o seu nome por *acã-êté* cabeça dura, por que por vezes vemos *êté* por *ãtã*. Se, como narram G. S. S. e Southey este gentio usava de uma especie particular de canôa, suggere isto uma interpretação para o nome que lhe davam as outras tribus *ygá-até-ri-guara* aquelles que têm canoas differentes (feitas de uma palha comprida como a das esteiras de tabúa G. S. S., pag. 38). A queda da ultima parte da phrase (*ri* posposição, e *guara* o participio contracto) não é cousa que se possa estranhar, attentos outros exemplos de phrases, que tomadas como designativas perderam parte dos themas componentes. Assim aqui *ygá-até* canoas differentes ou diversas ou ainda erradas, até em portugucz, apenas precedido do artigo (os canoas-diversas), podia servir de designativo. Vê-se tambem que, por esta fôrma ainda se pôde explicar o nome de tribu pelos primeiros themas *caa-eté-riguara*, os sujeitos, os homens da matta virgem.

CAATINGA (pag. 200).

Litteralmente *caa-tinga* herva branca, matto branco e ainda folha branca; o nome se estendeu aos mattos enfeitados e carraseos, de vegetação não luxuriante e que apresentam uma côr esbranquiçada; é expressão da linguagem brasileira hoje *cattinga*. Com o significado de "bodum, máu

cheiro" é também adoptado na linguagem brasileira; creio ser de formação diversa, mas tenho minhas duvidas em reportal-o *eaquatui* o que exhala cheiro, o fedorento.

CAJUARA na nota Caiuari.

Interpretando este nome como sôem interpretar von Martius e outros (por exemplo *poli-uara* comedor de camarão), teríamos immediatamente *cajú-uara* comedor de cajú (em Tupi *uara* por *uhara* ou *guara* é frequentissimo) Está me parecendo, porém, ser um dos vocabulos que mais alterado tem sido, e que se apresenta sob fórmias muito variadas.

Em Abaíçénga temos *caa-pe-guar* o que é do matto, silvestre, montez, etc., e ainda *caa-i-guar* (posp. *i* por *pe*) o que é do matto, mattuto, matteiro, etc.

Alem disto ainda ha *caguar* bebedor e bebedo em geral, contracto de *caa-guar* bebedor de herua ou mate e de *caui* ou *cagui-guar* bebedor de cauim ou de vinho (veja-se Annaes T. VII *guar* partic. de *tecó* ser, e partic. de *ú* comer). Note-se porem que os Paraguayos chamam em geral aos indios de mattas, *Caaygua*, e que sendo frequente a queda do *g* em Tupi, ahi temos *Caayua*, nome pelo qual ainda se designam tribus do Matto-Grosso e creio que também de Goyaz.

Parece até que podem considerar-se como adulteração do mesmo nome que significa: mattuto ou mateiro; os seguintes: *Cayova*, *cahayba* (Ethnog. Mart. pag. 383) no Tapajoz, *Cayua*, *Cayowa* (Idem pag. 767) no Paraná, *Cayubava*, *Cayubaba* nome de tribu moxeana (d'Orbigny T. II, pag. 254) e ainda outros. O epitheto generico de mattuto ou matteiro cabe a tribus de ramos quaesquer, designando os homens do matto, pelo menos tão apropriadamente como ainda hoje os litteratos portuguezes nos chamam, a nós os brasileiros, de mattutos.

Na lista dos povos diversos não tupis, que apresenta S. de Vasconcellos, vem *Cagoa* que pôde também reportar-

se a este, notando-se comtudo que pelos sons vai ter antes á *Caguar* bebedo.

CAMARAGÔÃ (pag. 203).

Conforme é de uso interpretar-se, bastaria vêr-se *camaraguar* comedor de camará, e estaria resolvida a questão. Mas para nome de tribu seria até mais concludente soccórrem-nos a uma composição como *akãparagua* cabeça engrinaldada, ou com uma corôa. Mas para que se veja que tudo isto é muito arbitrario e não conduz a resultado algum positivo, basta considerar-se que é frequente nos autores esquecerem-se da cedilha do ç e é isto sufficiente para termos cousa inteiramente diversa como *camaragôa* ou *samaragôa* que tem analogia com *samarua* nome de tribu que vem na lista de S. de Vasconcellos. Este ultimo nome pôde reportar-se a radicaes os mais differentes possiveis, e não havendo indice algum que mostre a intenção da denominação, parece-me vã a tentativa de explical-o. Diz o texto que os índios por este nome designados “tem outra lingua, vivem em casas, tem roças” e pelo Abañeênga só se poderia talvez reportar a algum radical connexo com ideia de “ter ou fazer roça” Veja-se o vocabulo seguinte.

CAMUÇUYARA (pag. 201)

“Estes índios, diz o texto, têm mamas que lhes dão por baixo da cinta e perto dos joelhos e quando correm cingem-nas na cinta, etc.” Se não tudo ao menos parte achase literalmente expresso por *cam-uçu-yara* peitos grandes que tem, ou os que tem longas mamas. Aqui tem-se apenas de notar que *yara* é participio referente a radicaes muito diversos, é infinito de outro verbo (que pôde servir de participio), mas que não é regular nem facil attribuir-se-lhe o sentido de “tente” (participio de “ter”); com tudo é o unico modo de se interpretar o nome como se nos apresenta, e então *yara* será o substantivo “dono” (derivado de um infinito *ar*, ou participio de outro verbo é. Veja Annaes, T. VII).

CANGUEIRA (pag. 172).

Vem de *cang* osso com o suffixo de preterito *cuer* designando "osso já fóra do corpo" depois particularizado para exprimir "osso da canella, tibia" e translato para "canudo, tubo" O canudo do "pito" era expresso em geral por *petyngwab* (chupadouro do tabaco), substantivo verbal do verbo *petyâr*. Em Tupi acha-se *petymbuab*, mas como notamos nos Tomos VI e VII dos *Annaes da Bibl.*, as artienlações *c*, *q*, *g* do Abaãcênga apparecem frequentemente em Tupi trocadas em *p*, *b*. Tambem notamos que *petymbuaba* podia ser o substantivo verbal de *petymbû* (beber *petyma*).

CARA ou ainda *câra* é thema que figura em numerosos vocabulos e em nomes de tribus, e que carece ser examinado um pouco por miudo. Em Chillidugu ha *câra* povo, forte, castello, cidade. Como ha tambem nesta lingua o verbo *nien-ter*, não sei até que ponto será licito reportar a estes themas o vocabulo *guarani* (vê *goc*). Na lingua dos Aymará ha varios themas *cara*, *ccara*, etc., dos quaes um que significa "anchicorto" reporta á *carapê* em Abaãcênga, e outro *kara* coincide com Kechua, e parece tambem ter derivados correspondentes em Abaãcênga. Neste caso está *kara* pellado (segundo Bertonio) correspondendo á *kcâra*-pellado (segundo Mossi, que adverte a differença das pronneçias mais ou menos gutturaes). No Aymara ha ainda *kara* de uma só côr, de côr uniforme (o que pôde ter o mesmo radical precedente), e *kara* pintas, manchas, *karakara* crista, que tem relação com o Kechua *ccaracha* sarna, e varios outros compostos que se referem ao thema *ccara* couro, pelle, casca, etc., e que, cuido eu, tem derivados tambem no Abaãcênga. No Kechua ha ainda *ccara* dar de comer, que tem connexão com *carâ* em Abaãcênga e que dá derivados em Aymará e em Abaãcênga, que ora reportam ao thema *ccara* dar de comer, ora ao thema *ccara* couro, do qual *ccaracha* e *caracha* sarna, com

o qual se compara *carã*i arranhar, coçar em Abañeênga, e *ccaro* polilha em Aymarã.

Os themas do Kechua e do Aymarã se desviam do *cara* chilleno que significa povo, porém em Kechua ha *ccari* varão, homem, connexo com *carã*i homem distincto em Abañeênga, notando-se que em Aymarã *kari* mentiroso, pôde comparar-se com alguns outros themas do Abañeênga.

E' grande o numero de nomes de tribus que se reportam ao thema *cara* e ainda assim é possível que não se expliquem, nem sejam connexos com os que acima apresentamos e que dependam d'algum outro modificado como *akã-rã* cabellos da cabeça, etc.

Com tudo e apezar de tudo, creio que não ha fundamento para se ir buscar a explicação desses nomes no Egypcio, no Grego, no Sanscrit, etc., como o fez o V. de Porto-Seguro, tão preocupado com os themas *cara*, *cari* que chega a almejar e a esperar o advento de uma sciencia nova, a *Caryologia*, destinada a elucidar talvez a prehistoria da America. (*Americains, Tupis, Caribes*, etc., pag. 77).

Quanto ao nome das Dioscoreas, admittido em Abañeênga um radical *kar*, que tem correspondente em Kechua, pôde ser explicado: 1° reportando á *ccara* casca, donde "fructo cascudo", havendo outros nomes em Abañeênga que admittem o mesmo thema; 2° *car-a* fructo de alimento, reportando á *ccara* dar de comer, e que no Abañeênga tem a fórma *carú*.

CARACUJU (pag. 203).

Uma ligeira mudança na pronunciação pôde fazer com que este nome não seja cousa differente de *guaracajo* (*quod vide*). Si pretendessemos reportal-o a themas como *cara* e *cuju* são numerosissimas as interpretações que se podiam fazer reportando-nos ao Chilli, ao Kechua, e ao Aymarã. Em Abañeênga temos *caracu* com dous significados: 1.° vinho de raizes, batatas, mandioca, etc., 2.° tutano de vacca; e *caracuyu* pôde ser "o que come tutano" ou "o que bebe vinho", etc. Ainda outras explicações se podem dar, po-

rém *quid inde?* Não ha absolutamente nada que justifique a adopção de uma explicação, notando-se a final que tal nome não figura nas outras listas de tribus. Ainda observarei que si *cuju* é realmente um thema do composto (visto como ha outros com esta terminação) este *cuju* é susceptível de muitas interpretações nas tres linguas acima citadas.

CARAEMBÁ (pag. 203)

Devera e bastaria referir-me ao que disse no vocabulo precedente, e apenas lembrarei que este nome designa tambem: 1º uma especie de dioscorea; 2º, que em geral diz "sarmento ou liana da dioscorea (cará)"

CARAGUATA'

Por ser um nome generico de Bromelias, que aqui parece entrar como thema na denominação de uma tribu, e por não o termos incluido no T. VII dos *Anuaes*, não será máu examinal-o. Cuido que não procede a explicação que dá von Martius: *caranhe* — radens, *oatá* ambulante, porque no *Abañeênga* é quasi de regra geral nos compostos preceder o complemento ao verbo, notando-se ainda que *har* = *guata* é "andar" e que "ambulantes" devia ser *oata-oatá* = *guatahar*, e assim o composto seria *guatahá-carãí*. O nome parece-me ser *caá-raqua-ãtã* herva de ponta dura, folha de ponta aguda, que fere, etc

CARAGUATAJARA (pag. 204)

Cuido que nada adianta dizendo-se *caraguata-yara* senhor das bromelias, tal como se explica *ubira-gara* senhor dos páus, *ubá-yara* senhor das canoas (Martins).

Tenho mais propensão para interpretar *ygá-roguatá-hára* — navegantes *ygá roguata* "fazer andar canoas, indo nellas" Nos T. VI e VII *Anuaes*, notamos que o suffixo de participio *hára* em muitos casos, principalmente em tupi, se apresentava na fôrma *yara*.

CARAIBA (pag. 162) que neste livro corresponde a santo ou *santidade*.

Veja-se o que foi expellido no tomo VII dos *Annaes da Bibliotheca* a respeito das diversas significações deste vocabulo. Uma das que mais generalisaram os jesuitas é a de *santo*, donde *carai-bebe* anjo, *carai-bae* christão, etc. Outra que persistiu na linguagem propria dos Indios é a de *carai* (ainda hoje usada pelos paraguayos) e *cariua* (nas margens do Amazonas e seus affluentes) exprimindo essencialmente *Senhor* e secundariamente *branco*, *homem branco*, *européu*. A significação que lhe é attribuida nesta obra torna este vocabulo synonymo de *payé* (sacerdote, medico, feiticeiro), e assim é tambem considerado no "*Tesoro*" de Montoya. A explicação etymologica, a meu ver, não pôde ser dada só pelo Abañeênga sem comparação com outras linguas americanas, tanto mais quanto é um dos vocabulos que vemos mais espalhado e em maior extensão de territorio, e que com mais ou menos alteração se encontra em varias linguas sul-americanas e ainda da America Central. Veja-se *cara*, e *cari*.

Com a significação de "antropophagos" corre mundo o nome de *carai* synonymo de *canibal*, mas esta significação, pelo que se vê, só se pôde explicar por "sentido translato" Quando, porém, se encare o nome por outra face, designando os destemidos senhores das Antilhas e navegantes do tempestuoso golpho do Mexico, apresenta-se uma explicação natural e acceitavel por via do Abañeênga, que nos dá *ygara-yb* chefes ou mestres das canôas (*yb* physicamente "mastro, poste, fuste, pé direito", e por translação "chefe, principal, caudilho, pião (pivot), mestre (por exemplo de musica nos choros), guia, piloto, etc.). Perfeitamente admissivel a queda do *y* inicial, e mudança da continua *g* em instantanea *h*, tem-se apenas mais difficuldade em explicar a mudança do *y* especial e caracteristico em *i*, que na pronuncia paraguaya é bem patente em *carai*.

Von Martius (Ethnog., pag. 200) pretende explicar *cariba* por via de *cari* e *apyaba* contracto em *aba*; mas

como? com o thema *cari* varão, e *apiabae* macho ou circumciso, ou que tem a glande descoberta? e como justificar a contracção de *apiabae* em *aba*?

CARAJÁ (pag. 203).

Vem no "Tesoro" de Montoya, significando "mono" e composto de *carar* dextro, habil, esperto, e *ya* suffixo.

A especie designada por este nome em Guarani, diz Martius, e com elle outros, que é a mesma designada por *guariba* em Tupi e *bugio* em muitas provincias. Não é facil explicar a concordancia dos dous nomes *caraja* e *guariba*. Como nome de tribu não apparece em S. Vasconcellos nem noutros escriptores antigos, e nem se pôde dizer si foi transferido do simio para a tribu ou vice-versa; *carai* é tambem nome de outra especie de macaco, assim como ainda *cai*. Quanto aos indios, no texto os *Caraja*, diz-se, "vivem no sertão da parte de S. Vicente; foram do norte, correndo para lá; tem outra lingua" Isto se applica exactamente aos *Carijô* de S. Vasconcellos, de G. S. S. e outros antigos, e ainda mais aos *Carijô* descritos na pag. 197, que "correm pela costa do mar e sertão até o Paraguay". Assim o meu *vêr Carijô* e *Caraja* são nomes do mesmo povo, e este ainda cabe aos *Carijos* e *Carajás* de Goyaz e do Araguaya.

Cari parece ser thema de vocabulos do Abaíçenga, mas não se acha directamente na lingua. Como no Amazonas a palavra *carai*, tomou a forma *carina*, não se erraria em suppôr *cari* contracto de *carai*, e talvez deste feitiço concorra na formação de vocabulos como *carijo*, *carioca*, *cariri* e outros assim como para nomes que apparecem em outras linguas como *caribi*, *galibi*, *carina*, *callna*, etc. Veja-se *carayba* e compare-se com *ccari* - - varão, e tambem "varonil" em Kechua, notando-se que "homem" em geral nesta lingua e *runa* (*abá* na lingua geral). Analogia de significação não só se vê entre *carai* o homem branco, o europeu, o senhor, e *ccari* varão (em Kechua), mas ainda com *caru* = *cari* verde, esbranquiçado

(em Chilli *cari cahuellu* cavallo tordilho, e outros); e si parece não se dar essa analogia no Aymará (onde *kari* mentiroso), com tudo nesta ainda ha *kàra* pellado, limpo, liso, alyo, e *ccàra* manhã (alva do dia), que com pouca alteração se tornariam *càri* ou *kàri*.

CARIJO (pag. 197).

Veja-se em *yoc* o que se expende ácerca de *Guarayo*, em parte applicavel a este nóme, e compare-se tambem o precedente. Será bom igualmente vêr o expellido em *ce*.

Carijo nos autores é o nome do ramo tupi ou guarani que se achou nas provincias de S. Paulo e Paraná nos tempos da descoberta e nos immediatos.

O suffixo *yoc* do Kechua é comparavel com *yoca* filho em Aymará (vide *ce*) e por outro lado temos em Abañeênga o verbo *oc* ou *og* tirar, que talvez n'algum caso admittisse o prefixo pronominal *y* em vez de *t* e seus correspondentes.

Além pois de se poder assimilar *carijo* á *guarayo*, é ainda possível explica-lo por *cari-yoc* filho dos valentes (reportado ao Kechua) ou filho dos falsarios (reportado ao Aymará) Admittido em Abañeênga um thema *cari* (e talvez o mesmo *carai*) poderia ainda por elle explicar-se *carijo* ou *cary-yo* descendentes dos brancos ou dos anciões V. P. Seguro — Hist. geral, T. I, pag. 101). Talvez afinal ainda assim se explique *carioc*.

CARIRI, na nota Cariu (pag. 200).

Si Purchas escreveu mais exactamente *cariu*, reporta ao Tupi do Amazonas *cariua* alterado do thema *carai*ba do Abañeênga.

Si é mais conforme o que vem no texto, *cariri*, como já notámos em outro lugar, pôde ser identificado com *kiriri* taciturno, ou pacifico, e pôde tambem reportar-se aos themas *cari* ou *caa*, sem podermos por enquanto nada fixar a esse respeito.

CATAGUA (pag. 205)

Não figuram nos autores nomes de tribus coinçadas com o thema *cata senão* por excepção, e referem-se sempre a Índios dos confins de Minas com Bahia e Espirito-Santo os nomes *catagua*, *cataxo*, etc. Pelo Abaãeênga este nome pôde explicar-se por *caá-etá-i-quár* (pertencentes ao muito mallo) moradores da grande matta, com queda da posposição *i*. Pode ser que *cataxo* seja variante de *catagna*, reportado ao suffixo *yoc*.

CURUPEHÉ (pag. 202).

Tenho muitas duvidas sobre os nomes de tribus que tem por thema *curú*, *curi*, talvez ainda *kurú*, que podem ser demais adulterados de *caru*, *ccari*, *cara*; nem será de estranhar que à mesma fonte se reportem nomes do thema *guarú*. Nações Andinas ha cujos nomes encerram o thema *curu*, e do mesmo modo outras do Pará. Em Chilli-dugu *curliche* ou *curúche* designa "os negros" e em Kechua *ccoyru* é adjectivo e exprime "branco". Em Abaãeênga *curúb* é substantivo "sarna" e "cascalho". Nestes termos não é possível arriscar explicação para este vocabulo e para o seguinte.

CURUPIYÁ (pag. 203)

Reporto-me ao expendido no vocabulo precedente. Pelo Abaãeênga era possível, em vista do vocabulo que se segue a este, suppor-se um derivado com o suffixo *yar*, notando-se que é frequente em composição cair o *r* final (*pi* por *pír*, *ya* por *yar*) e então diríamos *curub-pír-yar* ou *curupija* com uma significação referente à *curúb* sarna. *Quid inde* porém? tornamos a dizer

CURUPHA (pag. 162)

Pôde ser traduzido litteralmente por "sarnento" de *curub* (sarna) e *pír* (pelle), tanto mais quanto "o tinho o" e synonymo de "o demo" na linguagem popular do Brasil e não me consta que tivesse este sentido em Portugal. En-

tretanto Marcgrav nos diz que *Curupira*, *significat numen mentium*, e por mais tratos que demos á imaginação não lhe achamos saída etymologica para esta significação. Poderá ser admittida uma composição como *cû-ropir* ou *cû-robir* (a lingua desenvolver)? Neste caso porém *aquelle* ou *aquillo que desenvolve (desembaraça) a lingua* não se devia dizer *numen mentium*, porém sim *numen loquelaë*, ou ainda mais litteralmente *numen linguaë*.

CUXARÉ (pag. 200)

Não deixa de ter analogia com outros nomes de nações diversas, por exemplo com *Cuxari*, *Cuzari*, *Cossari* do Amazonas, etc. Pelo facto porém de se dizer no texto que estes indios “vivem no meio do sertão” somos levados a reportar este nome a *cû* longinquo, distante é talvez ainda a *nhú* campo (não é raro que *nh* correspondente a *y* pronominal possa ser alterado em *h* e este em *c*) com um suffixo *har* (ás vezes correspondente á *guar*) no preterito *haré*. Deste modo *Cuxaré* significaria “os longinquos” ou os “campeiros”. Esta ultima designação porém não serviria para os homonymos do Pará.

CUYA (pag. 177)

No Tomo VII dos *Annaes da Bibl.* reporta-se o vocabulo *cûi* ao verbo *cur* (tragar) e em ultima analyse pôde ir ter ao verbo *ú* (comer), e *cui* (que admite os prefixos pronominaes *che*, *re*, *he*, *gue*, etc) exprime em geral “vaso da comida” Dizendo-se, porém, que “lhe mettem (ao morto) uma *cuya* no rosto”, este facto lembra o verbo *coacub* (esconder), em que o radical *cub* pôde ter a significação generica de “apagar, supprimir”, com tal ou qual connexão ainda de um lado com “cobrir, tapar” e doutro lado com “engolir”; mesmo em portuguez se diz “engole as palavras, engole os cobres, engole os lucros do negocio”.

Em occasião oportuna estudaremos o vocabulo *cûi*

vaso (em geral) comparado em diversas linguas, e diverso do seguinte, que no entanto talvez se pudesse reportar ao mesmo radical que este

CUYA ou CUNHA.

É um thema que se pôde reportar a radicaes diversos, e que de mais a mais figura em muitos nomes de tribus. Em primeiro logar reportamo-nos aos *Annaes*, T. VII, onde se vê *cuñã* mulher (na lingua geral) reportando-se á *cói*-par, fazer par, e á *cui* alimentar, comparado com o Kechua *coya*-rainha, princeza, deusa das minas, *ccuyan*-amar, donde *ccuyak* amante, amiga, e com o Chilli *cuiu* parir, *cupe* velha, *cujan* ovo.

No Aymará tambem ha *coya* mulher principal, rainha, porém, "mulher" em geral é *marmi*, como em Kechua *huarmi*.

Não servindo este thema para explicar nomes de tribus, mormente nomes já reduzidos ao thema simples (Goya, Goyana, etc.) accodem outros talvez provenientes de radical diverso, ou do mesmo.

No Aymará *koya* "pobre, desventurado" deve corresponder ao Kechua *ccuyana* "miserico, digno de compaixão" derivado do verbo *ccuya* amar, do qual se deriva tambem *ccuyak* amante (como vimos acima), e no Aymará na verbo "amar" construido sobre o mesmo thema *ccuya*.

Os dous substantivos *coyab* do Abaneenga (*Annaes Bibl.*, T. VII) derivam-se dos dous verbos *coi*-fazer ruido, e *cói*-fazer par ou união, e unir, juntar. No *Tesoro* mesmo de Montoya está expresso que *coyab* (murmurio, ruido) ou *cothab* é o derivado de suffixo *hab*, e portanto é facil suppor o outro derivado em *har* donde *coihar* ou *coyar* os barulhentos, os amotinadores, e *cóihar* ou *coñar* os reunidos, os colligados. Estes nomes participiaes podiam designar tribus.

No Chilli temos *coyagh* parlamento, assemblea, ajuntamento para falar, donde o verbo *coyagu* ainda *goyyoin* fazer ruido, e outros.

No Kechua ha *ccáylla*, s, canto, extremidade, e adv. perto, proximo, ao pé. Deste thema se derivam varios verbos, entre outros *ccayllacu* e *cayllaycu* approximar-se, e tal thema é possível que vá ter ao mesmo radical donde os vocabulos do Chilliduga e do Abañeênga.

No Aymará existem verbos sobre themas *koikol*, *kostlu*, *ccollum*, etc., exprimindo fazer ruido.

Cuyu e *coyo* são themas que figuram na terminação de varios nomes de tribus indigenas do Brasil, e que vão ter a radicaes diversos no Chilli, no Kechua, no Aymará, mais ou menos aptos para designarem-se tribus, nações, etc.

Como, porém, as tribus por esta fórma designadas não tem mór importancia, e o exame dos themas nos levaria longe, paramos aqui, lembrando unicamente que, quer por alteração phonetica, quer por erro de escripta, é possível apparecer *cuju* ou *cojo* por *coja*, etc., e reportamos ao que vai dito em *cuya*. Tambem é bom notar que *cuchi* é um dos nomes dados aos *yuracaré*s (os homens brancos, conforme Alcide d'Orbigny) do Perú. Além disso nas mesmas paginas dos "Indios do Brasil", onde se succedem os nomes de tribus com a terminação *cuju*, nota-se o nome *guajo*, que ainda póde ser connexo com o thema *cujú*.

CE.

Voz do Abañeênga que se refere a diversos radicaes tanto verbaes como demonstrativos, e susceptivel em alguns de se alterar em *che* e talvez em *ye*. Tem-se ainda de um lado *che* pronome da 1ª pessoa e doutro lado, já *ace* a pessoa, a personalidade (correspondendo á *on* francez, *man* germanico), já *ahé* o tal, o sujeito, fulano, e ainda *ye* o pronome reflexivo (*se* em portuguez, francez, etc). Com isto que se tem no Abañeênga compare-se:

Em Chilli-dugu *che* gente, homem, pessoa, e que como suffixo entra em compostos como: *reche* pura gente indio, chilleno; *huincache* hespanhol, europeu; *muruche*

gente de longe, estrangeiro; *curiche* negra gente, ethiope; *hueche* nova gente, moço, rapaz, etc., e assim em grande numero de nomes de nações, como *Huiliche*, *Tehuelche*, etc. Talvez até se pudessem reportar a isto os nomes *guarayó* e *carijó* suppondo *yo* alterado de *che*, compondo-se com *huaran* gritar, *huera* mau, *cara* povo, etc.

Em Kechua ha o verbo *yúma* gerar, do qual entre outros derivados ha *yúmay*, que pode exprimir “gerado, filho, etc.”, e empregado como suffixo podia servir para designar tribus, e que é connexo com *xum* renovo, broto, grelo em Quichée.

Além disto ha ainda *yocu* cohabitar, ter copula, que por outro lado é connexo com *yoc* suffixo que vemos servir para a composição *guarayo* (vê *yo*), notando-se que em Aymará *yoca* significa “filho” e tambem é empregado (diz Bertonio) como epitheto injurioso com o significado de “membro viril”

Final em Quichée achamos *chob* significando “tribu, parcialidade, partido, maloca”

Aponto apenas isto para se vêr que é possível reportar á mesma fonte nomes na apparencia muito diversos, e aqui me refiro especialmente aos dous grandes ramos que Martius na sua Ethnographia distingue em *Ges* e *Cocos*. Como não está determinada lei alguma de variação phonetica para estas linguas americanas, não é possível estabelecer a derivação em cada caso, e assim estamos na contingencia de mais aturadas comparações.

Fazem da Caraíba uma lingua differente, que constitue um ramo aparte, e eu continuo a suppol-o unia mistura do Abaíneênga com outras, principalmente o Kechua, de modo que a *unu* — agua em Kechua reporto o *tone* — agua em Caraíba (sendo o *t* um affixo), e a *ypañ* ilha em Abaíneênga reporto o *oubaó* — ilha em Caraíba, posto que ainda não possa formular lei de variação phonetica.

Já na *Grammaire Caraïbe* do P. Breton (reimpressa

em 1877) vejo confirmar-se o que disse nos *Ensaíos* (1876): que o *r* dos Caraibas de terra firme era *l* dos das ilhas e que o *p* dos primeiros era o *b* dos segundos, donde *parana* dos de terra firme era o *balana* das Antilhas.

CICU? (pag. 202).

Não figura este nome de tribu nos autores, e não há indicação alguma que guie a interpretação.

Com tal ou qual similitude ha o nome de *Choco* (Indios de Pernambuco e Alagoas) que lembra tambem o nome *chaco* ou *chacu* e talvez alguns mais compostos tendo por thema estas dicções, a que se podem reportar nomes como *ticuna*, etc. Pode até haver erro de escripta e então lá se vai achar no Amazonas nome de tribu como *ciru* tambem difficil de explicar.

EREIUPE (pag. 171).

E' a formula de saudação, de que dão noticia grande numero dos primeiros narradores das cousas brasilicas. Lá veni ella logo no principio do Dialogo que deu Lery na sua *Histoire d'un Voyage... en la terre du Brésil*, etc. Na orthographia de Lery está *Ere-ioubé? Pa-aiout* e correcta segundo a nossa pronuncia temos *Ere-iú* (ou *jú*) *pe? Pa-aiut* (ou *jút*) "Vieste então? Sim, vim eu"

FIGUEIRA (pag. 162)

E' designada em geral em Abaíneênga por *ambayb*, necessariamente differente de *embayb* arvore de familia inteiramente differente (Cecropias), que evidentemente pode ser explicada por *emba-ôco yb* arvore (arvore de ôco). Em Tupi porem algumas figueiras são tambem designadas pela palavra *sápopemba* que nos reporta á *hapopema* = *hapopemba* (raiz alastrada). O nome *ambayb* dado ás figueiras até hoje me pareceu difficil de explicar-se, mas á vista do que diz a lenda, é possível que aos espiritos imaginativos agrade a interpretação de *angpab-yb* (arvore das almas extinctas), porque em Abaíneênga nada tem de extra-

ordinario a queda do *g* e a transformação subsequente das *nazo-labiais* *np* em *mb*.

GUACARAJABA (pag. 203).

Não figura nos autores este nome de tribo, si bem haja muitos que, dadas algumas trocas de letras, se lhe assemelhem. *Guacara* pode ter affinidade com *Guacari*, indios do ramo tupi do Amazonas e Rio Negro, com *Sacará* (*s* por *h* que como pronome no absoluto se muda em *t* no reciproco em *gu*), nome dado aos *Guarulhos*, indios do Rio de Janeiro.

Si este nome *Guacarajára* é do *Abañeênga*, não offerece uma interpretação facil (compare-se *camaragua* e *camuçajara*). Talvez se podesse achar neste nome o thema *caraja*, mas como ficou feio o composto? Si quizessemos reportal-o á *lacara* andar nos saltos, que no particípio daria *lacarajara*, não se poderia explicar a queda do *t* pertencente ao radical verbal. Iguaes difficuldades para reportal-o ao thema *laca* ou ainda *aca*, donde *acará*, etc.

GUAJACATU e GUAYATUN (pag. 201).

São nomes que não figuram nos autores e que nos limitamos a reportar, por enquanto, á *guaya*, aparentando-os com *guyana*. Admittido que *guaya* ou *coya* exprime "os colligados" — os designativos ou qualificativos poderão explicar-se por *catu* adv. e adj. bem, bom, e *tu* molle, ou *tun preto*, notando-se que estes ultimos deveriam perder em composição o *t*.

GUAIMURÉ (pag. 198).

Veja-se o expendido em *Ara* e note-se a similhaça de *Aimure* ou *Aymore* com *Aymará*, reflectindo-se ainda que assim como os *Kechuas* denominaram *Aymaras* os povos anteriores a elles no territorio, tambem os *Tupis* ou *Guaranis* em certas localidades generalisavam a denominação *Aymuré* á nação de lingua e habitos differentes.

O V. de Porto Seguro (Hist. geral Bras., secção VIII, diz

que *Aymara* significa “sacco ou camisola”. Não acho tal cousa nem no Kechua nem no Haque-aro. Cousa que se pareça vejo *aymúra* sacco cheio, nesta ultima lingua, e verbo “armazenar (talvez tambem ensaccar)” em Kechua.

Em Abañeênga acha-se *aib-poré* habitador de brenhas (usado em Tupi) e ainda *ai-boré*, fazedor de mal, malfeitor, podendo ambos receber o demonstrativo *co* prefixo donde *koaiporé* ou *koaiboré* ou *hoaimoré* ou *guaimuré*. Confronte-se ainda *Caburé* (nome de uma coruja) no T. VII *Annaes*, de *cãa-poré* morador das mattas.

GUAJERE (pag. 204).

Não só é nome que não apparece nas listas de tribus, como ainda tem indicios de ser muito alterado talvez com troca e erro das syllabas. Do substantivo *tab pello* e do verbo *hereb* lamber vem o verbo *abereb* — chamuscar, e como este se concebe o verbo separado *ab-hereb* que pôde receber os prefixos *t, r, h, gu* e assim ter-se-hia *guab-hereb* “os de pello chamuscado”, mas não é muito admissivel a mudança da pronominal *h* em *j* ou *y*.

GUAYÓ (pag. 202).

Não se acha tal nome no Roteiro do Brasil e outros citados nestas notas. Pôde ser nome muito adulterado e não cabe aqui discutir outros que se lhe assemelham, como *guachis, quatós, huachis*, etc. Si se pudesse admittir que no Abañeênga se fizessem compostos com o suffixo Kechua *yoc* os etymologistas poderiam satisfazer-se com *gua* coroa, e o suffixo *yoc* coroados. Porem em vista do exposto na palavra *yoc*, é natural, explicar-se como vocabulo Kechua *huac-yoc* “de outro logar, de outra banda, estrangeiro”, restando ainda a duvida si é admissivel a queda do *c* não só em *yoc*, mas ainda em *huac*.

Si for adulteração de *guaya* talvez com elle venha a ter connexão *guayaná* e por outro lado pôde ir ter á *goyá, coyá*, etc. Talvez até se possa reportar á mesma fonte que *cuyú* (quod vide).

GUARACAIO (pag. 197).

Este nome não apparece nem em S. de Vasconcellos, nem em G. Soares, nem na Ethnographia de Martius. Reportal-o à *Guarayo* não é possível por causa da syllaba *ca* intercallada, que não tem explicação. (Vê *yoc e ni*). Como, porém, *guaraio* se explica razoavelmente pelo Kechua, nessa mesma lingua achamos *huaraca* — funda, e tambem verbo “atirar com funda” e com o suffixo *yoc* tem-se naturalmente *huaracayoc* — fundibulario. A ser assim parece que esses inimigos dos *Tupinaquins* (como diz o texto) dando-se esse nome, por ahi mostravam ser originarios ou desgarrados do Perú.

Veja-se *Itati*, outro nome da mesma tribu.

GUARANAGUAÇU (pag. 201)

Na sua Ethnographia Martius falla de uma tribu do Amazonas (do Purús) que em cor, posição, etc., seria diametralmente opposta á de que reza este livro. Em outro qualquer logar não acho menção de tribu cujo nome contenha o thema *gnaraná*, que tambem é o nome da *Paullinia sorbillis* Mart e do producto tirado do fructo della, conhecido por esse nome.

Não me parece que por ahi se possa dar com o significado do nome de tribu. Como no texto se diz que esta gente *vivia em copas*, incita a ver-se nesse vocabulo: *cua-ra cova*, *ñenõ* deitar-se (interpondo-se a proposição *i*) e o resto *océ* que gostam, ou *ohu* que procuram, usam, etc. O que nos diz, porém, que assim seja?

GUAYANÁ (pag. 200)

Em nota da pag. 100 do T. I da Hist. G. do Brasil (de 1854) o Visconde de Porto Seguro explica este nome inventando os themas e significados:

Guaya gente, na estimado, *guayaná* nós outros os estimados; ou *guaya* e *aná* gente.

Taes dicções com taes significações não existem em

Abañeênga, e quasi posso dizer nas principaes senão em todas as linguas da Sul-America.

O thema na fórma *guay*, ou *guaya* parece-me que não conduz a resultado, por ir ter a radicaes que não offerecem significação adequada. Veja-se no T. VII dos *Annaes da Bibl. Nac.*, o que se diz no vocabulo *cunhã*; o composto *cunha anã* = *cuyaanã* (parente da mulher, ou parentes das mulheres) não parece improprio para designar tribus alliadas, visinhas, ou aparentadas. Deve-se porém notar ainda que apparece como nome de tribu simplesmente *Goya*, e isto reporta mais naturalmente á *coi* (ou *cõi*) radical de *mocõi* (dous, o que faz par ou parilha) Ao radical *coi* (irmanar-se, unir-se, emparelhar-se, etc.) reporta-se um participio *cotá* (vê T. VI Ann. da Bibl. Nac.) ou *coya* (unidos, ligados, alliados). O resto póde ser *nã* (misturado) ou ainda e melhor *anã* (parente), donde *coya-anã* = *coyanã* “os parentes dos alliados” e até “os alliados parentes” Vê tambem *cuya*.

GUAYTACÁ (pag. 204).

O Visconde de Porto Seguro explica este nome: *Guata* — *ca* corredores, até certo ponto procedentemente, pois do verbo *guata*, andar, se deriva *guatahar* o que anda, andejo, e si bem que não seja usual a mudança do *h* em *c* e sim em *ç* ou *s*, comtudo é admissivel e satisfaz ao que se diz no texto e narram os chronistas. Martius cita em falso o Visconde de Porto Seguro (Ethnog. pag. 302 nota) e talvez tambem Alcide d’Orbigny, quando lhes attribue a explicação de *Goyataca* por *gotá* (*wandern*) e *caá* (*wald*), mas com razão diz: “aber die festgestellte Thatsache, dass sie (die Goiatacá) “immer den Aufenthalt in offenen Gegenden nahmen, widerspricht dieser Erklaerung”

E não é só por isso: a explicar-se *Guaitacá* por *gotá* e *caá* ter-se-hia *gotá-caá* matto de andar (que nada significa).

O facto de serem os Goitacá de nacionalidade diversa das do tronco Tupi, a qual Martius filia aos Guyana e ethnographicamente considera aparentada com os que elle denominou *Ge* e *Guck* (a designação generica dos estranhos ou inimigos na lingua geral era *tapyi*) devia, ou pelo menos podia influir no nome que lhes fosse dado em Abaíçenga, e pelo que precede não se vê isso.

Pelo contrario, reportando-se os *Guaytacá* aos *Guayaná* (os alliados, embora de raça diversa), pela lingua geral se poderia explicar até certo ponto *caya-elá-cab* (ou *acáb*), mas muito forçadamente. (Veja-se *auca* e *cua*).

Com a significação de "corredores que lhe dá o Visconde de Porto Seguro daria mais litteralmente o Abaíçenga *aquân-atahár* (ligeiro marchador), onde a mudança do *h* em *e* é justificavel.

IGBIGIANUPÁ (pag. 204).

Eis aqui um nome evidentemente do Abaíçenga, mas que pôde ter as mais diversas interpretações, conforme os *themus* que nos reportamos. O *y* guttural a cada passo nos "Indios do Brasil" se escreve *ig*, e demais ha trocas e quedas, de letras facéis de se reconhecerem nos vocabulos; varios *themus* como *yby* (terra), *yburá* (*ybyá* com queda do *r*) madeira pau, *ybyá*-barranco, *ybyi* o oco, o vazio, a barriga, etc., sem ainda contar as variantes do segundo *thema* componente, nos levariam longe. Limitando-nos porem a uma significação que coincida com o que se diz no texto, podemos traduzir *ybyránupá* (com queda do *r*) os *bate-pau*, ou os *joga-pau*. Temos supposto queda do *r*, mas comparado com o vocabulo seguinte parece que *i* é erro em vez de *r* e que o nome seria *igbi-granupá*.

IGBIGRA-APUJÁRA (pag. 201).

Em vista do que vem no texto temos aqui litteralmente e muito em regra no Abaíçenga *ybyra-apihara* (ou

apigava) os jogadores ou atiradores de péu. Compare-se com o precedente, notando-se que são possíveis também com este nome outras interpretações conforme os temas.

INGAPENAMBIN (pag. 187).

No Tomo VII dos *Annaes da Biblioth.* explica-se *Yapé* por massa ou clava de guerra, *ꝓb ꝑꝓ* (pau), *u* (cabeça), *pé* (chata); juntando-se-lhe *naubl* (orelhas, borlas), ahí temos o vocabulo de que se trata. Não tem contudo explicação plausivel a articulação uazal *uy* substituindo *b*, nem o *u* no fim de *naubl*. A acha ou clava dos Indios também nos autores se menciona por *langapema*, *atangapema*, *langapê*, *tacapê* e até *ꝓꝓrapema*. Este ultimo dá *ꝓꝓra* (pau), *ꝓma* chato; *tacapê* ou *tacapê* pode-se supor *t-aca-pe*, onde *t* é o demonstrativo pronominal generico *aca* em Tupi, *agua* em Guaraní ponta, *pé* truncada, ou *pé* chata. *Atangapema* ou *langapema* são fórmulas difficéis de se explicar. Em Hans Stade, si me não engano, vem *liwerapeme* e *liwerapeme* o que nos leva a *ꝓꝓrapema*.

ITATI (pag. 197).

É nome que não vem nos autores citados em *Guaracão*, etc. Como porem no texto vêm ambos estes nomes para o mesmo povo e reportamos *guaracapoc* ao Kechua, parece que com a mesma significação tem-se em Abañcênga *Hally* atirar pedras, tomado como substantivo: "o atira-pedras"

JACIMUAÔ (pag. 202).

Como o nome que segue, este não figura no rol de tribus dos autores. Pelo Abañcênga não se acha immediatamente uma explicação plausivel, e o mais é *buter a campanha* em conjecturas vãs. Além pois de reportarmos nos ao nome que segue, seja apenas ponderando que tendo

alguma conexão com o thema *Jacu*, apparece nos sertões de S. Francisco e confins de Matto-Grosso o nome de tribu *Jeico*, ou *Jalcô* que tambem não é facil de explicar-se. Não será máu tambem notar-se que *ju* pode ser um suffixo, comparavel de um lado com *Yo* ou *Yok* (quod vide) e d'outro lado com *ge* ou *Ye* (Vide *ce* e *che*)

JACUÔ (pag. 202).

Pelas mesmas razões expendidas no nome precedente não é possível arriscar uma explicação deste nome, que tambem não figura nas listas dos autores. Veja-se *cupú*. Quanto ao mais é de notar-se que *Ya-icô-nô* (nós estamos quietos) é phrase mui regular do Abaüecunga e que por mera variação phonetica pode formar-se *Ya-icü-yu* ou como se pronunciaría algures no Amazonas *ia-icu-ou*. Uma phrase podería designar tribu por esta forma?

JANIPABA JAMPARA (pag. 161)

Admittindo-se que haja erro orthographico ou de copia é possível suppôr-se que esteja esta dicção por *Jani-paba*, o que nos reporta á *Yandupab* = *andypab* (nome legitimo do *Genipa brasiliensis* Mart., em cuja formação parece entrar *andy* = *Yandy* (azeite), por ser o caldo deste fructo applicado pelos indios nas pinturas e fricções do corpo. A ser, porem, verdadeira a tradição, de que reza esta historia dos "Indios do Brasil" somos levados a uma outra explicação do vocabulo: *naude* ou *Yau-dé-upaba* (nosso lugar, nosso ponto, nosso pouso, ou com mais generalidade *nosso lugar e modo de estarmos*). Será admissivel esta derivação para o vocabulo com que designavam a arvore do *jenipapo*, que era de primeira importancia nos usos dos indios de todo o Brasil?

JEQUIRICANÊ (pag. 205)

Este nome do lugar por onde andavam os indios *Catagua*, coincide com Juquiriquerê, nome de uma en-

seada e rio ao norte de S. Sebastião e de outros logares. *Juquiri* é nome de muita applicação topographica, que comtudo não pôde ser aqui examinado, porque nos levaria longe.

MACACHEIRA (pag. 162), que Marcgrav define “numen viarum, viatores praecedens” A unica maneira de tornar intelligivel esta significação é admittindo-se uma forte agglutinação dos elementos componentes do vocabulo, tão forte que chega a fazer cair syllabas inteiras, o que, aliás, tambem é frequente não só no Abaënga, mas ainda em outras linguas americanas. Admittido isto porém, ainda fica em pé a duvida sobre qual o radical agglutinado e desaparecido do composto. Com effeito com significações litteraes muito precisas e muito naturaes temos *mo-caneô-ser* (o que gosta de cançar a gente), *mo-cangy-ser* (o que gosta de enfraquecer a gente), *mo-cañy-ser* (o que gosta de fazer a gente perder-se, ou andar erradia). Nos dous ultimos principalmente onde entra o *i* guttural porém brevissimo é possível o desaparecimento *ngi* ou *ni* com modificação da articulação immediata formando-se *mo-cá-cher*.

MACUTÔ (pag. 200)

Mais um nome que serve para mostrar quanto é vão e inutil estar á cata de explicações quando não ha cousa alguma a respeito da tribu por esse nome designada. Em Abaënga se apresentam tantas explicações que é o mesmo que se não apresentasse nenhuma. Basta ver que *ma* pode estar por *mbya* (coração ou gente), por *mbo* (mão), e por outros themas. Por *mbya-catu* se exprime “bom coração” e “pacato” por *mbo-catu* boa mão, homem feliz, etc. Veja-se ainda que *catu* pode-se decompôr, e que tambem pôde ser *cutu* (como em Purchas) e ahi temos um mundo de significados. Si por *cutu* pode isto levar-nos á *coto*, thema de varios nomes (como *cumanacoto*), elle não é explicavel pelo Abaënga e sim por outras lin-

guas. Tem alguma analogia tambem este nome com o dos *Macusi* ou *Macuxi* do Rio Branco, que usavam de flechas ervadas, e isto levaria a outras interpretações. E assim por diante

MAINUMA (pag. 203).

Cabem as mesmas considerações apresentadas no nome precedente e lembro o thema *magna*, além de outros. Com tudo, como este nome é dado a inimigos declarados (que se entendiam com os *Guaimures*), suggere em Abaëcênga *Mbai-amô* (roda, círculo, tropa, troca de malvados) com a intercalação de um *n* ou *nh* euphonico

MARACAGUAÇU (pag. 202)

Militando as mesmas razões dadas nos dois nomes precedentes, escusa buscar vagas interpretações, e limitemo-nos a ponderar que litteralmente *mbaracá-guaçu* significa-o maracá (instrumento de guerra) grande. Pôde este nome puro e simples designar uma tribo? Quanto ao nome *mbaracá* veja-se *Annaes da Bibl.*, T. VII.

MARIBUÍÓ (pag. 205)

Não havendo nada que nos sirva de indicação para buscar a explicação deste nome, que demais não figura nas listas dos autores, limitemo-nos a reporta-lo á *pyrybi* com o suffixo *yo* talvez irregularmente, mas considerando que *yo*, á custa de tanto apparecer em diversos compostos (*Carijó*, etc.), pode-se tomar por um suffixo tambem no Abaëcênga. Contudo attenta a significação do suffixo *yo*, seria melhor reporta-lo ao Kechua, onde se lhe pôde dar melhor interpretação.

MENDOM (pag. 193)

Um mais geral *manduby*, que, como vem no tomo VII dos *Ann. da Bibl.*, se explica por *yba-tyby* (fructo enterrado ou sepultado), bem applicavel ao *Arachis hypogaea*

L. O demonstrativo pronominal *t* de *tyby* por estar intercalado não é estranho que se mude em *nd*, a mudança de *y* ora em *u*, ora em *i* é natural e frequente, e a queda da inicial *y* muito usual.

METARAS (pags. 174, 178 e 179).

Aliás *tembeta* em Abañeênga, contracto de *tembé-ita* litteralmente “pedra do beijo”. A queda do prefixo demonstrativo *te* não é cousa estranha, antes frequente, como se vê em *cuia*, em geral *tecuia*, *mbiu* em geral *tembiu*, etc. A adição em Tupi da articulação final *r*, ou antes da syllaba *ra* serve de confirmar a derivação que demos de *ita* (*pedra*), reportando-se este substantivo á *itã* (dúro), notando-se que a nazal *n* por vezes alterna com *r*.

MOÇACARA (pag. 194).

Derivado do verbo *mboçacar*, pareceu-nos (Tomo VII. A. Bibliotheca) poder suppôr este vocabulo com a significação de adjectivo. Mas houve equivoco, por causa da pressa com que foi escripto aquelle vocabulario. Sendo verbo transitivo, *che mboçacar* significa litteralmente “aquelle que me preza, estima, acata” e dahi por ampliação “o meu amigo, o meu camarada” justamente no sentido em que diz Lery *moussacat*. A mudança do final em *t* é apontada expressamente por Anchieta e por Figueira como usual entre os Tupis do sul, si bem que Montoya não dê disso noticia no Guarani. Aparentado com este vocabulo quanto á significação, acha-se ainda o termo *yecotyahá* (o companheiro, o camarada, o matalote), e reconsiderando os costumes dos indios pareceu-me poder dar outra interpretação á *mboçacar*. Com effeito temos *mbiu-ecar* (buscar comida), verbo composto, no qual interpondo o demonstrativo pronominal temos *mbiú-hecar* (aquelle que busca comida), e ainda melhor *chembiu-hecar* (aquelle que busca a minha comida, ou comida para mim), designando “o meu famulo, o meu do-

mestico, o meu busca-caça, busca-fructas, busca-viveres”

MURIAPIGTANGA (pags. 197 e 204).

Como já vimos em *Apigapigtanga*, este é outro nome evidentemente do Abaíenenga. Procurando alguma significação racional pela composição dos themas pode-se suppôr que seja contracto de *mbya-reyi-apytã* magotes de multidão de gentes, cabildas de muitas gentes. Como se vê nos T. VI e VII dos *Annaes da Bibliotheca*, o *y* do Abaíenenga é muito breve e contrac-se facilmente caindo já em *i* já em *u*; portanto, *mbya-reyi* podia tornar-se *muri* (de gente multidão), e *apytã* quer dizer “feixe” em geral, e ainda “grupo, porção”. Emfim *Myryi-apytã* malocas de muitas gentes.

Este nome de tribu não vem nos autores, e convem reportarmo-nos ao que foi dito em *Puri* e em *Apigapigtanga*. Deste modo pode suppôr-se alterado de *Puri-apytã* cabilda de miseraveis.

E' opportuno notar ainda que, indo-se pela significação que se attribue a *poro*, *moro* (*gente*, dizem) seria possível dar outra interpretação a este nome. Mas, como se vê nos T. VI e VII dos *Annaes*, *poro* ou *moro* são prefixos verbaes que não tem tal significação de “gente”. Veja-se o vocabulo que segue, de construcção inteiramente diversa, que no emtanto pareceria poder ser feito sobre o mesmo thema que *muriapytã*.

MURUBIXABA (pag. 194)

Reportamo-nos ao que vem no Tomo VII dos *Ann. da Bibl.* nos vocabulos *mborubichab* (chefe), *tubichab* (grande), e principalmente *ubichab* (sem o *t* demonstrativo), onde se pôde vêr qual a derivação attribuível a esta dicção.

Este vocabulo *mborubichab* é com que no Abaíenenga se traduz “chefe, commandante, principe, rei”; aos

reis de Portugal e de Hespanha chamavam *mborubichaguaçu*, *mborubichauaçu*, etc. Quanto ao mais, *tubichab* como adjectivo exprime "grande" no sentido mais lato da palavra, quem em relação ao *tamanho* physico, quer em relação á *grandeza* moral. Nas margens do Amazonas *tuichá* tem a mesma amplitude de significação.

NACAI, na nota NACIJ (pag. 200).

Deve dispensar-nos de qualquer tentativa de explicação o simples facto de duvida no verdadeiro modo de dizer este nome, tanto mais quanto não figura na lista de nomes de tribus dos autores.

NAPARA (pag. 200).

Nem é nome que figure nas nomenclaturas de tribus, nem é de facil explicação pelo Abaneenga.

NHANDEJU, na nota MANDEIU (pag. 200).

A differença de escripta do texto com o que vem em Purchas, mostra a difficuldade de qualquer interpretação. Apenas nota-se que a primeira fórma se presta a duas phrases em Abañeenga, pois ahí se diria *Nandé-yab ahê* são nossos iguaes aquelles ou os taes, ou ainda *Nandeyára ahê* são nossos senhores aquelles. Mas uma phrase para denominar tribu?

Ni.

Como é syllaba terminal de muitos nomes de tribus, pareceu-me opportuno apresentar algumas observações a seu respeito.

No Dicc. do Kechua do sr. frei Honorio Mossi vem declarado que o suffixo *ni* é da lingua dos *Aymaras* e corresponde ao *Yoc* do Kechua.

No Voc. do P. L. Bertonio acha-se "*Ni* pospuesto a los nombres significa tener lo que el nombre dize, *Coll-*

quenti, Cavalloni, auquini, etc., uno que tiene plata, cavallo, padre, etc. Algumas vezes significa "ser estimado, o valer per lo que tiene": *ch auoni* — de buen rostro, *isini de buen vestido*, *amparani, aroni* que tiene buenas manos o lengua, reñir, etc." De conformidade com isto mesmo em portuguez se concebem adjectivos, designativos, em geral epithetos formados por um substantivo e a preposição *de*; assim homem ou perna *de pau*, homem *de olho vivo*, homem *de calças* ou *perni-vestido*, *collqueni* (Aymará) homem *de dinheiro* ou *dinheiroso* ou rico, etc.

Em Chilli-dugu existe tambem a particula *ñi*, a qual se emprega já pospositivamente como no Abaëcênga, já como preposição á nossa moda, exprimindo a mesma relação generica que *de* portuguez.

No Abaëcênga existe a posposição *i*, susceptível de se tornar *ni* ou *ni* intercalando um *n* euphonico, e esta posposição nas suas diversas formas é homonyma com o verbo radical *i* "ser ou estar" (em geral), incluindo ainda o sentido de "ter". A significação da posposição *i* é "em", mas ainda assim notemos que mesmo em portuguez a preposição "em" pode exercer funções equivalentes a "de", como: *em chinelas* ou *de chinelas* ella estava sentada, etc.

NROXHÂ (pag. 205)

Nem é nome de tribu que figure nos autores, nem é facil de explicar-se de qualquer modo. Dizendo o texto que os indios assim designados tinham "rostos muito grandes", acode-nos a dicção *toba ñà* ou *tobaya* cara aberta, cara larga, e si tal era a denominação, quanto se alterou para se tornar *noña* e quanto é vã e fulil a tentativa de explicar nomes por tal forma estropiados!

NXHINHÊ (pag. 200).

Tambem é nome de tribu que não figura nos autores. Pelo facto de se designarem por este nome "indios do

campo” surde o pensamento de se referir a derivação a *ñhú* campo, mas persistindo a duvida para a explicação do composto. E’ preciso forçar tudo para se suppôr que *hi* seja uma posposição, e *nú* um suffixo correspondente a *yu* ou *yo*.

OBACOATIÁRA (pag. 200).

Quer dizer litteralmente em Abañeênga “cara pintada” (no absoluto *tobá-quatiára*). Do que se diz no texto nada induz a se buscar uma significação como esta, que no emtanto é litteral; pelo contrario, parece que se devera buscar cousa que significasse “mergulhador” ou “ilhéo” ou ainda “morador em cova”. Nada disso no nome *obá-coatiára*. Quando muito se podia suppôr *ybaù-i-tequara* em ilhas moradores, mas dando-se metaplasmas e contracções injustificaveis.

OCAS (pag. 166).

O verbo *og* (cobrir, tapar, etc.) faz no supino *oca* (para tapar), no infinitivo *oga*, e nessas duas formas serve de substantivo (casa). E’ dos vocabulos que recebem o demonstrativo geral *t*, que com os possessivos se muda em *r*, *h*, *gu*, e tem-se *che-r-oca* (o que me cobre, a minha casa) e em geral *toca* (o que cobre ou tapa). Este vocabulo passou á linguagem vulgar brasileira com grande ampliação de significação; *toca* é synonymo de *furna*, *caverna*, *buraco*, *escondrijo*, *morada*.

Em Aymarâ *toca* fojo, cova, buraco, furna; em Kechua o adjectivo *hucu* fundo, é tambem substantivo “fundura” e o adverbio “dentro” e *huqui* rincão, angulo, canto. Em Chilli *rúca* casa, rancho.

OQUIGTAJUBA (pag. 200).

Okyta significa “esteio da casa, pau a prumo, etc.”; *juba* tem muitos significados e entre outros é adjectivo “amarello”

Isto não quer dizer nada. Si o que vem no texto, logo em seguida referindo-se aos *Pahi*, fosse dito em relação aos *Oquigajuba*, podia isto suggerir algum composto de *aób* roupa, *atã* rija, *ubã* forrar, mas permanecendo ainda a difficuldade de compor a phrase regularmente. Demais, é nome de tribu, que não vem nos autores.

PAHAJÛ (pag. 202).

Não vem nos autores, mas assemelha-se a outros que nelles vêm. Na falta de indicações que guiem a interpretação, fica inteiramente no ar. Pelo suffixo *ju* pôde ser comparado a outros que vem no texto, como *Jaicuju*, *Jocuruju*, *Piracuju*, *Tapunju*, e ainda com outros que terminam em *jo*, como *TupiJo*, *Guajo*, etc. Por outro lado lembra o nome dos *Pacajá* das boccas do Amazonas, etc., etc.

PAHI (pag. 200)

Não figura nos autores assim simplesmente como nome de tribu, mas em nomes mais compostos, como *Payagua*, *Paiconuca*, *Payana*, *Paipocca*, etc. *Pahi*, si for por *Pay* ou antes *Paï*, significa propriamente "pai" e foi applicado especialmente aos padres (Vede a nota seguinte), e differe de *Paye*. Tem alguma analogia com *Paya* adj. velho, velha em *Kechua*, e applicado a significar "avô", notando-se ainda que ha o pronome *pay* elle, ella. No *Aymarâ* não ha correspondente com este thema e *pay* (deserto) é cousa diversa. No *Chilli* porém ha dum lado *paye* applicado aos "padres" e de outro *chay* — pai, significando *papay*, e ainda *pay* a "mãe" em geral e a "matrona". Como thema de outros significados vai ter a radicaes diversos.

PAI (pag. 198)

No Tomo VII dos *Annaes da Bibliotheca* expendemos a duvida si a dicção é genuina do *Abañcenga*, ou si vinha do hespanhol ou do portuguez. La tambem vem a expli-

cação de Montoya que diz: *Pay* palavra de respeito com que fallavam aos seus *velhos*, e *feiticeiros* e *pessoas graves*. Nas Reducções usavam da expressão *Pay-abaré* para designar “o vigario” do aldeamento, e dahi ainda outros compostos, como *Payguaçu* bispo, etc. Reporto-me ao mais que vem no vocabulario citado, inclusive as referencias ao *kechua* e *chilli*, para aqui apresentar mais uma consideração.

O vocabulo *paye* ou *pajé*, que tambem significa “sacerdote” incluye os sentidos de “oraculo”, feiticeiro, medico, mezinheiro” e repare-se que os catechistas nobilitaram a expressão *paï* a ponto de a applicarem aos padres, bispos, etc., e rebaixaram *paye* a designar exclusivamente “o feiticeiro”. Lembra *diabolus*, que remontando á fonte etymologica vai ter ao mesmo radical de *zeus*, *jupiter*, *jovis*, etc.

Por outro lado, ha tambem *mbaï* adj., máu, ruim, etc.

PANACUJÛ (pag. 202).

Além de ser nome que não figura nos autores, não se sabe qual a verdadeira pronuncia, nem ha nada que indique a significação. Pelo thema terminal é connexo com outros que vem no texto e reportamo-nos á *Cuyu*. O thema *pana* póde explicar-se de diversos modos pelo *Abañeênga*, mas como thema de nome de tribu parece antes ir ter ao *Kechua*, onde *pana* significa “irmão, irmã”. No *Javary*, fronteiras do Perú, menciona-se tribu com o nome de *Panos*, e talvez ao mesmo radical se reporte o nome dos *Manaos* e ainda outros.

PANAQUIRI (pag. 205).

Não vindo nos autores nome similhante, nem havendo indicações que guiem a interpretação, referim-nos simplesmente ao que se diz no vocabulo precedente, em relação ao thema *Pana* e á *Quirig*.

PANICU' ou mais correctamente *panacù* (cesto). Re-

portamo-nos ao que foi dito no Tomo VII dos *Annaes*, porém modificando em relação ao radical *pai*. Com effeito *panacû* com os possessivos faz *che-re-panacû* (meu cesto), *ndere-panacû* (teu cesto), etc.; por conseguinte pôde ser explicado por *che-ropâinacû* (meu vaso de entrançado, de rede, do que é feito em trança)

18. PARAHÍO (pag. 200) ou Larabi na nota. Quem é lá que pôde sem mais indicação buscar a significação do vocabulo? O thema *para* só por si pôde ir ter aos mais diversos radicaes, quanto mais ainda *lara* (não existente no Abaíçénga) e ainda o restante do composto. Únicamente por se dizer no texto "muita gente" occorre-nos o thema *paráb* vario, variegado.

19. PARAPOTÔ (pag. 203)

Reporto-me simplesmente ao que disse no vocabulo precedente; tambem é nome que não figura nos autores.

PETIGMA (pag. 172).

Muito frequentemente o *y* guttural é expresso pelos portuguezes (inclusive Anchieta) por *ig*, em vez de o ser por *y*, como posteriormente se tornou mais usado (até em Guarani). *Pety* ou *petym* ou *pelyna* e tambem *petum*, é nome indigena da Nicotiana (tabaco) e o verbo brasiliense *pitár* vem evidentemente de *pety-ar* (tomar ou chupar o *petym*). A palavra *pito*, exprimindo "cachimbo" evidentemente vem do verbo *pitár* por um processo de derivação inteiramente á portugueza, tal e qual "cambio" de "cambiar", "mando" de "mandar" "castigo" de "castigar", etc. E' de notar-se que no Chillidugu ha *pûthem* tabaco, *pûthemu* pilar, fumar (tomar o tabaco), e *puthen* queimar-se. O *û* do Chillidugu creio que é exactamente o *y* do Abaíçénga

Pigriô (pag. 200).

Aqui temos um nome susceptivel de tantas explicações que por isso mesmo não pôde ficar explicado. Como *ig*

neste livro corresponde ao *y* do Abañeênga, ahí temos desde logo *pyrú*, dous verbos significando um “mudar, substituir”, outro “pisar”, podendo este tomar a fôrma *pyrú*, que tambem significa “começar” (em vez de *yprú*). Se fosse *piru* teriamos adjectivo “secco” e *pirú*, “couro negro”, etc. etc. Supondo-se alterado de *poru* temos outro verbo “usar, exercer” e ainda outro em absoluto, donde *aba-poru* comedor de gente, anthropophago, do qual é possível derivar-se *mburu* ou *mború* málvado, perverso, maldito, e ainda o nome *Puru*, applicado a tribu e á rio no Amazonas. Ainda ha na Abañeênga outros vocabulos com o qual tem analogia este, mas apenas notaremos que ainda seria possível que *Pigru* se reportasse á mesma fonte que *Puri* (quod vide)

No Kechua, no Aymarâ ha vocabulos analogos, mas apenas observamos que *Peru* é o nome actual da região onde existiam os Kechuas. Ainda notaremos que no Chilli-dugu *pire* significa “neve e a cordilheira”, *pireu* nevar, *piru* gusano, carcoma, e *pirun* carcomer.

PIGTANGUA (pag. 162 nota).

Como nome dado ao diabo não é muito conhecido; sob as formas *pitâgua*, *pitangua*, *pitaoão*, etc., é o nome dado a diversos passaros do genero *Lanius*, dos quaes um é vulgarmente conhecido pelo nome de *Bem-te-vi*, onomatopaico do grito que elle solta. Acho difficil a interpretação do nome deste passaro, attento o grande numero de significados que têm os themas *pytá*, *pytã*, e ainda os outros *gua*, *qua*, etc., e portanto muito arriscada qualquer explicação.

Do nome do passaro passar a ser um dos designativos do “demo” parece-me natural, em vista dos habitos do passaro, que parece um espia ou espião, que grita quando vê gente *bem-te-vi*.

PINACUJU’ (pag. 203).

Reportamo-nos ao que dissemos em *Panacuju* e *Anacuju* para se vêr que, ainda quando se admitta uma inter-

pretação para um dado thema (*cujã* por exemplo) num vocabulo, logo depois apparece outro nome para o qual não serve o thema com a respectiva explicação.

Depois, quem é, e o que é que nos garante que por exemplo *Panacuju*, *Piuacuju*, *Piracuju*, etc., não são uma e a mesma cousa? *Panacujũ* na nota está *Raracuju*, questão de erro de escripta, e o mesmo se pode dar com as outras todas.

PIRACUJÛ (pag. 202)

Veja-se o expellido no vocabulo precedente

PIRAGUAYGAQUIG (pag. 203)

Milita o mesmo que temos dicto de outros nomes que não figuram nos autores. Neste porem notaremos que em *Abañeênga* existe o adjectivo *piraqua* valente, porfiado, teimoso, e ainda *aquy* molle, frouxo, fraco; ahi teremos porém *piraqua-i-aquy* o forte-fraco, o valente-covarde (!!!!).

Dizendo-se no texto que estes indios "vivem debaixo de pedra" occorre-nos com tudo a phrase *Pira-quar-i-oké* em buraco ou cova de peixe elle dorme

PILITE (pag. 205)

Está no mesmo caso de outros nomes, que nao figuram nos autores, para que faltam indicações e que podem se reportar a themas diversos, mesmo no *Abañeênga*. Basta para isto vcr-se *Purí*, e quanto ao suffixo veja-se *yo*, do qual pode ser *ju* alterado.

Quanto ao mais notaremos que em *Abañeênga* pode explicar-se 1.º por *piru-juy* couro rijo, admissivel em Tupi, porem em Guarani mais usado *pi-juy*, 2.º por *pira-jub* pelle amarella, porém mui usado *mbi-jub*, que descae para *mbi-jug* couro podre. Afinal notaremos que a este nome prepondo-se algumas dicções, dá elle phrases como *che-pyri-jub* que está ao pé de mim, *oré-puy-jub* que estão ao pé de nós, *taba-pyri-jub* que estão ao pé da povoação, etc.

POTYGUARAS (pag. 195). Pitiguara (na nota). Potiguaras (mais abaixo)

Nome de indios Tupi de Pernambuco e do Rio S. Francisco, que nos dá occasião de vermos quanto é vã a tentativa de explicar o nome, quando o chronista não caracteriza alguma cousa da tribu e indica o porque da denominação. Além das tres formas acima, ainda se vê esse nome escripto Potyuára (Martius e P. Seguro), Pitagoar (G. S. de Souza), Potygoar (S. de Vasconcellos), etc., etc., prestando-se deste modo a bem diversas interpretações, de mais a mais divergentes na mesma forma, conforme os autores, como se vê em Potyuára dado como patronymico por Martius, e como significando "pescadores de camarões" por Porto Seguro, e nenhuma das duas exacta. *Poti* (e não *poty*) *uár*, alterado de *potiguar*, pôde significar "comedor de camarão", mas não "pescador", como diz P. Seguro; quando quizessem differenciar de outro nome os indios da lingua geral podiam exprimir a mesma cousa por *poti-uhár*, porque *uhár* é o participio regular de *ú* que tambem dá *guar*. Aqui temos *i* nasal, mas sem isso *Potiguar* pôde ser participio de *tepoti* fazer evacuação, donde *tepotihar* ou *tepotiguar* cagão. Com formação analoga á primeira, por via de *guar* participio de *u* comer, beber, ainda temos *Pety-guar* bebedor de tabaco (Montoya), fumista, fumador.

Na fórma que dá G. Soares de Sousa, temos o substantivo *Pytaguar* o páo para conduzir carga sobre os hombros de dois peões, e tambem verbo "conduzir, carregar, transportar á dois" Si este não dá para nome de tribu, ha ainda *Pitagua* ou *pitãgua*, nome de varios Lanius (que podia applicar-se a tribus) e hoje em Paraguayo significando "estrangeiro" Como ha exemplos de *guar* em vez de *har* como suffixo de participio, podia ainda ser *pytaguar* por *pytaha* os firmes, os quedos, os que ficam, *Pyteguar*, por *Pytehar* os chupadores, etc. Afinal, com *guar* suffixo contracto de *tequar* ainda se tem *Potyb-*

i-guar, equivalente à *poty-i-guar* o que tem mão dura, o homem tenaz e o homem mesquinho, avaro; em vez deste ultimo é mais usado e mais regular *potyib-i-yara*.

PURI.

E' thema de numerosissimos nomes, que pôde reportar-se á diversos radicacs e que, de mais a mais, por si só apparece como nome de tribu. Pelo Abañcênga, mediante *abá, acê, mbya*, etc., como substantivos seguidos de *puri* adjectivo, podiam se explicar muitos nomes, e da mesma maneira se concebe que empregassem simplesmente o adjectivo elidiudo o substantivo. A significação mais propria então seria a de *Pyrrib* mesquinho, de pouca valia, miseravel, e ainda de *Pyrribi* triste, tristonho; teimoso; tacanho; contumaz, sauludo. Com esta ultima significação apresenta-se mais usado na forma *mburú*, que tambem significa o maldito, máu, ruim, etc. Cumpre porém notar que este thema figura em outras linguas com significações analogas e para não me estender apontarei apenas no Kechua *puru* falso, *purik* andejo, viajheiro, viandante (de *puri* andar), e mais outras proprias para designar tribus. No Chilli *muru-che* estrangeiro, que sugere um vocabulo da mesma significação com *po* adv. lá, uma poposição e *ahé* sujeito.

QUIGRAJUBÉ (pag. 203)

Este nome e quasi todos os que seguem, principiaidos por *Q*, não figuram nos autores. Com themas *kyr, ker, kyrá, kira, kyri*, etc., fazem-se muitos nomes em Abañcênga, dos quaes alguns pôdem designar tribus, porém com isso só nada adiantamos. Demais não ha no texto indicação alguma para induzir-se alguma explicação.

QUIGRAYO (pag. 203).

Veja-se o nome precedente. Quanto ao mais, temos *kytá-nó*, botão, etc., em Abañcênga, *kinta* nome de um

beija-flor em Kechua, *queytaqui* um passarinho pardo e *quito* pomba em Aymará, etc., etc.

QUIPGÉ (pag. 203)

Vejam-se os dois nomes precedentes. Para mais embaraçar ahi temos grande differença no nome como vem no texto, do que vem na nota. *Cuipé* vaso chato, em geral no Abañeênga. Se em vez de *g* se achasse no nome *y*, teríamos talvez *Quyppi* irmã mais moça, e ainda se podia suppôr alterado de *Quybyr* irmãos mais moços ou primos.

QUIRICIGUIG (pag. 204)

Vejam-se os nomes que precederam começados por *q*, e o que se segue a este.

QUIRIG (pag. 204) ou Guirig.

Nesta forma parece nada ter de commum com *kiriri*, que tambem é nome de tribu; quanto ao mais, vejamos os nomes que precedem.

Em Abañeênga ha diversos vocabulos que pôdem explicar este nome, como designativo de tribu, mas nenhum que possa suggerir a significação de "cavalleiros", como seria de esperar em vista do que diz o texto. Quando muito seria possivel entender-se *kyrey* diligente, activo, expedito, ou *kerek* o que não dorme, notando-se que este ultimo é o infinitivo do verbo, e que mais propriamente se diria *o-kerey-bae* o que não dorme.

QUIRIGMÃ (pag. 205)

Este nome parece-me que é evidentemente o adjectivo *kyreymbá* os valentes, os valorosos, os esforçados. Vê *Anaes*, T. VII

QUIGRIGMURÉ (pag. 205).

Como se acha no texto este nome designa lugar, e se bem que o suffixo *poré* (preterito de *por*) não seja pro-

prio para designar lugar, parece que se podia interpretar *kyrey-mboré* pousio dos kyrey. (Vê *quirig*). Mas tambem é possível que o nome de tribo fosse applicado ao lugar, e como nome de tribo tem analogia com *Quinimurê* ou *Quinimurá* indios navegantes do norte do Brasil. Mas o nome para designar "navegante" com difficuldade admite uma composição como *yg-ari-pore* ou *yg-ari-mboré* moradores sobre aguas, em todo caso mais toleravel que *Quini-mirá*-Lente zum Erbrechen, ou *Guini-murá*-Feinde zum Anspeien, onde Martius inventa as dicções *murá*, *mtrá* e *quini* com significados a seu geito. Na pag. 196 da *Ethnog.* da Martius, onde tracta dos Quinimurê, falla-se do uso de "escudos" por certas tribus, o que nos levaria a buscar a explicação do nome em Aymarâ, onde ha *que-rari* broquel, adarga, ou em Kechua, onde o verbo *kira* tambem significa "amparar". Resta porém combinar o resto do composto.

1 TAGUAIGBA ou Taguain (pag. 162)

Orthographias arbitrarías de *taguair* em Tupi, mas que no Guarani é apresentado sob a fôrma *taübaib*. Este ultimo vocabulo é literalmente *taüb-aib* (visão má, phantasma ruim)

TAIGUÛ

Não é nome que figure no rol de tribus dos autores e apenas podemos ponderar que corresponde á uma phrase em Abaicenga: *ta-i-icó-ñó*, ou *tab-i-heco-vó* os que em aldeia estão quedos.

1 TAMUYA (pag. 197)

É nome dos habitantes do Rio de Janeiro, escripto de varios modos, e muito geralmente conhecido na fôrma *Tamotos* ou *Tamoyos*. Significando "avó, avós" Anchie-la o escreveu *tamuya*, Figueira *tamuya*, Gonçalves Dias (Dice. Braziliario, etc.) *tamuya*, França (e outros) *tamu-*

nha, etc., etc. Como nome de tribo G. Soares de Sousa o escreveu *tamoyo*, S. de Vasconcellos, idem, P. Seguro *tamoy*, etc. Em Abaíeênga ha *tamôí* — avô (*Annaes da Bibl.* T. VII) e *tamoí* — fundar povo donde o participio *tamôí-har*, no preterito *tamoi-hare* aquelle que fundou povo, e deste participio parece-me provir o nome *Tamandaré*, *Tamanduaré*, *Tamanguaré*, etc., nome do Noé ou do Adão Tupi, segundo S. de Vasconcellos e outros chronicistas.

Montoya explica o verbo por *tab-moin* aldeia collocar, mas eu noto que tambem podia ser *tam-moin* estabelecer patria, porque em *tetam* o *te* é pronominal e podia cair Demais, é intima a connexão entre *tab*, *tam*, e *etá* (Vê *Annaes da Bibliotheca*, T. VII).

O radical *ta* exprime “pluralidade” e variando as articulações e os sons, na fórma *etá* é adjectivo “muito, muito”, na fórma *tab* é substantivo “povo”, na fórma *etá* exprime “reunião, partido, parcialidade, tribo, patria”; parece-me que tem connexão com *tanta*, thema que no Kechua e no Aymará dá verbos e substantivos com o significado de “junta, juntar”

No Chillidugu ha não só o verbo *thavn* (cuja pronuncia se approxima á de *tab* povo), mas ainda outro verbo *thapuma* (cuja pronuncia se assemelha á de *tapyí* — choça), que indicam ambos a significação de “juntar, reunir gente”, o que tambem está implicito no verbo do Abaíeênga *tamoin* fundar povo.

No Caraiba dá o Padre Breton (orthog. franceza) *tamoucou*, *támoupoue*, *itamoulou* — *grande père*, *mon grand père*.

A. d’Orbigny (*L’Homme Américain*, vol. II, p. 319), tratando dos *Guarayós* (os actuaes e mais puros representantes dos indios que fallam o Abaíeênga), diz que “a religião delles se reduz á venerar e não á temer um ser benéfico, *Tamoi* “avô, o ancião do céo”

TAPUYA (pag. 198).

É o nome generico com que no Brasil os incolas allia-
dos aos europeus designavam as hordas adversas e princi-
palmente as que não fallavam a lingua geral. Anchieta
escreve *Tapita*, Figueira *Tapygia* (o barbaro), differente
de *Tapuia* (a choupana), G. Dias *Tapuya* e *Tapyia*, Dr.
França *Tapygia*, G. S. Sousa *Tapuia*, S. de Vasconcellos
Tapuya, Porto Seguro *Tapuy*, etc. Nos *Annaes da Bibl.*
consideramos composto de *tapy-eyi* dos comprados, dos
aprisionados, dos captivos a recua ou a chusma; mas vê-se
que pode ser tambem *taba-eyi* a recua, a plebe de povo,
notando-se ainda que ha o termo *tapyi* choça, cabana, que
pode ser alterado de *tog-pii* ou *to-pii* casa pequena, ou tal-
vez de *tob* folha, com algum outro suffixo, notando-se que
neste caso não deixa de ter connexão com *tapul* folha (ú
chileno sóa como *y guarani*) em Chillidugu.

TAPUYS, na nota Tapeçuin (pag. 202).

Sem cousa alguma no texto que indique a significa-
ção é baldada toda e qualquer tentativa de explicação,
mormente havendo tamanha differença nos dous modos de
escrever. *Tapeçuin* pareceria antes erro por *tapeçuiu* (veja-
se *cuiu*), o que induziria à *tapeçuiu* reunidos em aldêa.
Tapuys pareceria alterado de *tapyia* e ainda outros
mais.

TARAGUAIG (pag. 202)

É nome que não figura nos autores, e quanto ao mais
em Abaúçenga faz lembrar *terakua* famoso, com suffixo
não facil de explicar, ou *tirakua* por *cirakua* flecha, com
um suffixo, talvez *ayg* hervado (aguado), conforme o sen-
tido indicado no texto.

TAPIG-Y-MIRI (pag. 204)

Quasi literalmente em Abaúçenga *tapyi-miri* choça
pequena, com tudo não dá para nome de horda. No texto

referindo-se a anões ou pigmeus, parece que era mais proprio o nome *Tarape*, mencionado pouco antes deste. (Veja-se *Tarapé*) Pode-se conceber *ty-byy-miri* os baixos e pequenos, mas é preciso justificar a substituição do demonstrativo *t* em vez de *y*, que era o proprio aqui. Afinal pode-se reportar ao termo generico *tapyi* (com que designam todas as tribus de raça diversa), seguido do qualificativo *miri*.

TAPUXERIG (pag. 205).

Não ha maneira de explicar este nome por “salteadores de roças”, como suggeriria o texto. Demais, pode-se suppôr alterado de outros, como *Tapicuré* (dado a indios do Tapajoz) etc. Suppondo-o formado como outro, mencionado no texto (*Tapig-ymiri*), pode-se interpreta-lo *tapyi-cyry* o tapuia que escorrega ou se escafede, o adversario que se safa.

TARAPÉ (pag. 204).

Não figura nos autores e literalmente temos *ta-rapé* o caminho da povoação, o que nada significa para nome de tribu. No texto vem em seguida a este outro nome designando indios de pequena estatura, porém deve-se notar que justamente *tarapé*, alterado de *carapé*, é que servia para designar “os chatos, os baixos e truculentos”.

TEGMEGMINÓ (pag. 197)

O participio do verbo *men* formado pelo prefixo *temi* (T. VI e VII dos Annaes) é *temi-men*, e do verbo composto *menô* é *temi-menô* significando “o descendente, o neto” Como nome de tribu não vem em G. S. de Sousa, e em S. de Vasconcellos parece que o nome que a este corresponde é *Tupymινό*, o que nos induziria a reporta-lo a *Tupi*, sem por ahi lhe acharmos explicação (Vê *Tupinamba*). Martius (*Ethnographia* pag. 191) diz que os *Temiminó* eram os indios vizinhos dos Tamoyos, que habitavam nas terras de Ubatuba á S. Vicente.

TIPE (pag. 202).

Ha alguns nomes parecidos com este, dos quaes pode elle ter sido alterado, porém literalmente nelle temos *tipéb* nariz chato, que se costuma adocar em *timéb* e que podia servir para designar povo. Significação que tenha referencia ao "morarem nos campos" ou ao usarem de "frechas hervadas" só se pôde achar alterando muito o nome.

TUCANÇO ou **TUCANUNU**, na nota (pag. 200)

Não é nome que figure nos autores, nem ha cousa alguma que possa guiar na interpretação, tanto mais quanto se apresenta sob duas fórmulas diferentes.

TUPÁ e não **TUPÁ** (pag. 163), é o que se deve ler.

Para que tenha explicação o significado attribuido ao vocabulo *Tupá* é preciso reportá-lo ao verbo *pá* (bater), que na terceira pessoa do modo permissivo faz *to-pá* (elle que bata); mas como designativo de um ser era natural que empregassem uma forma participial como *o-pá-bae* e não o permissivo. Talvez se pudesse suppor que o *t* demonstrativo geral (aquelle que), mas seria preciso ver isso confirmado por maior numero de compostos identicos. Como se vê no Tomo VII dos Annaes da Bibliotheca, Montoya explica o vocabulo por *tu* interjeição, e *pany* interrogativo. Nós, pelo contrario, entendemos ser um composto de *tub* (pai) e *ang* (alma), parecendo-nos que assim o vocabulo satisfaz ao sentido que lhe davam os indios (segundo a tradição) e ainda mais forma antithese com *auâng* (o espirito do mal), tambem conforme a tradição. Comparada esta dicção com analogas em outras linguas americanas, não deixa de ter interesse.

"Dios fue tenido destes Indios (os Aymarás) uno á quien llamavam *Tunupá*, de quien cuentan infinitas cosas (Bertonio *Vocabulario*)"

Em Kechua *Tupa* eousa real, excellente, principal, servia tambem para exprimir “senhor, cavalheiro”.

Ha em Chilli dicções analogas, porém, cuja forma não é tão connexa.

Por outro lado cumpre notar que “demonio, diabo” em Kechua é *supay*, e em Aymarâ *supáyo*. Sem a minima intenção de fazer aqui applicação da regra dos prefixos pronominaes do Añañênga, por demais notamos que o demonstrativo geral *t* se transforma em *r*, *h*, *gu* e que o *h* por vezes se torna *ç* ou *s*. Em Añañênga *supay* e *supayo* seriam os relativos das formas absolutas *tupa*, *tupayo*.

Em Keehua ha ainda *supan* sombra de pessoa ou de animal.

Veja-se na palavra *Tamuja* o que é bom deus *Tamoi* e reconhecer-se-á que *Tupany* corresponde ao bom Deus destes indios, que não preeisava de cultos. Elles faziam offrendas ao “diabo” para que lhes não fizesse mal.

TUPI.

O V. de Porto Seguro dá *Tupy* — tio paterno (pag. 104 da Hist. G. do Bras. 1854), entendendo que a palavra *Tupi* não se ligasse a paiz algum (no que estamos de accordo) nem proviesse, como se tem dito, de um grande chefe desse nome, que regia a nação, quando ella ainda estava compacta (têxtualmente). Von Martius, reportando-se a S. de Vasconcellos diz que “War Tupi ein Ort, woher die Tupis gekommen und von dem sie den Namen angenommen hatten (Beiträge zur Ethnographie etc., T. L., pag. 170). Enganou-se porque S. Vasconcellos diz: “Assim tambem entre estes Indios, de um Prineipal chamado Potygoar tomaram nome os Potygoares; de Tupi, que dizem ser o donde procede a gente de todo o Brasil, umas nações tomaram o nome de *Tupinambas*, etc. Este “donde” von Martius não pereebeu que vale por “do qual” e entendeu litteralmente por “logar de que”. Comtudo o nome *Tupi*-

namba até certo ponto se poderia reportar à *t-ibi-aba* (os que são gentes da terra), sendo *t* o pronome, e assim procederia o que disse von Martius. Por outro lado porém o V. de P. Seguro não deixa de ter razão traduzindo *Tupi* por "tio", pois com esta significação temos *tybyr* e *tutyr*. O primeiro (*tybyr*-irmão ou irmãs mais moços), ainda que se possa reportar à *yppyr* (fresco, novo, recente), comtudo não se adapta à explicação dos compostos *tupinamba*, *tupinae*, etc., e comparado com o segundo (*tu-tir* companheiro ou companheiros do pai), suggere a formação *t-yb-yr* os que acompanham o chefe, onde o suffixo *yr* (radical de *yru* acompanhar) é também radical de *tyr* (com *t* demonstrativo, o qual entra no thema *tutyr*). Quem é que sabe, porém, si nos nomes compostos não houve muitas contracções e alterações, visto como a lingua é extremamente agglutinativa? A dar-se uma explicação de *Tupi*, deve ser aquella que satisfaça para explicar os outros compostos designando tribus, e isto nos leva ainda à outras considerações. *Tybyryça* é o nome do Martin Affonso, paulista, que se alliou a Anchieta, e litteralmente ahí temos *t-yby-ryça*-aquelle que é o maioral da terra, com intercalação de um *r* euphonico, e até talvez de um *r* que serve de posposição à *yby*. Em vez de *ryça* pudera estar simplesmente *yb*, que também significa "chefe" e ahí teríamos *t-yby-yb* o que é chefe da terra, para thema dos compostos de *tupi*, que se pôde suppor agglutinado mudando um *y* em *u*, agglutinando dous em *i*, e mudando *b* em *p*.

Notando-se, porém, não só que a contracção de *t-yby-yb* em *tupi* é forte, como ainda que, a exemplo de *tybyryça*, não é muito admissivel a composição de *yby* genitivo simples com *yb* (chefe da terra) e devera ser antes *yby-r-yb* chefe na terra, reporta-nos isto a *tub-yb* chefe ou principal dos pais. Nos nomes de tribus tendo por thema a dicção *tupi* veremos que não deixa de proceder a explicação de *tub-yb* chefe dos pais, ou tomando-se *yb* como adjectivo "os pais principaes" Com um pouco de atten-

ção na leitura das cousas antigas vê-se que havia entre os romanos *patres* e *plebs* ou *populus*, e isto confirmado pelo estudo da lingua. Além de *abá* pessoa (em geral), homem no Abaíeênga, ha *mbyá* gente (em geral) e *teyi* turba, plebe.

Como já dissemos em outra parte, o nome *Tupi* pura e simplesmente, sem addição de outras vozes, nunca designou tribu alguma especialmente, não obstante figurar esse nome entre os 12 de tribus especificados por S. de Vasconcellos no § 151 do *Livro I* das *Noticias*.

Na mesma fonte em que bebeu S. Vasconcellos beberam outros, dando *Tupi* como nome de tribu, e assim apparece tambem em Hervas (pag. 148 do *Catalogo de las Lenguas*, T. 1), onde até se dão como synonymos *tape* e *tupi*. A. d'Orbigny tambem dá a mesma cousa.

No *Roteiro* de Gabriel Soares de Sousa não achamos tribu alguma designada pela palavra *Tupi* simplesmente. Veja-se em *Tupinaba* que o thema *Tupi* ainda se pôde reportar a *Tub-ypy* os antepassados.

TUPIGUAE (pag. 197).

E' possível que este nome designasse tribu? Temos quasi litteralmente *t-ópe-guar* = *t-ope-gua* os de casa, os que pertencem á casa, os caseiros, os domesticos, a gente de casa. A este nome podiam ajuntar um demonstrativo *ae* e então *Tupigua-ae* são de casa esses. Porém quem sabe se até não vem a ser esse nome o mesmo que Potiguar, por um metaplasmo facilimo entre *poti* e *topi*?

TUPIJÓ (pag. 203).

Não figura nos autores. Com o thema *tupi* e o suffixo *yo* poder-se-ia suppor uma composição analogá á de *carijó* (Veja-se *Caijó*).

Comtudo, dizendo o texto que "moram em casa" lembra o thema *tope* em casa, mas neste caso o suffixo proprio do Abaíeênga seria *gua*, que é difficil admittir qué se mu-

dasse em *yo*. A dar-se isto tambem se podia admittir para outros nomes (por exemplo *Tapunju*) identica alteração. Tal é a anarchia de escripta, que não seria de estranhar que este nome fosse erro por *Tapija* (*u* por *a*, *o* por *u*) e outros que taes, e até por *lapcyã* o vaqueano, o conhecedor dos caminhos, ou ainda, com alteração de letras bem admissivel, por *tubichã* grande, alto etc. (*p* por *b*, *j* por *ch*)

TUPINARA (pag. 196) mui geralmente escripto *Tupinamba*. De todo não procede a explicação dada pelo V. de P. Seguro, de Martins, etc. e elles inveularam o termo *mba* significando "varão illustre" e não sei que mais. O termo existente no Abaíçenga, que alguma similhaça tem com *mba*, é *mbya* e significa "gente" (T. VII dos Ann. da Bibl.); e como os Tupis, ao inverso dos Guaranis, tendiam a completar as syllabas (meu pai *che-ru* em guarani, *che-ruba* em tupi), parece que a *mbya* se filia ou *myrà* ou *mbyra* da costa oriental da Sul-America.

Reportando-nos ao expendido no vocabulo *Tupi*, parece que *Tupinamba* pode ser *tub-ya-i-mbya* e a posposição *i* que rege *tubyba* tambem pôde ser *ri*, que por euphonia pôde tornar-se *ui*, e deste modo *tub-ya-ni-mbya* quer dizer "a gente attinente ou adherente ao chefe dos pais, ou aos pais principaes" Lery (com a sua orthographia) acrescenta alguma cousa ao vocabulo, de modo que temos *Tupinambai* ou *Tupinambaúbae*, isto é o mesmo nome *Tupinamba* mais o pronome *aú* ou *aúbae* (estes taes).

Não se podem com tudo deixar de notar ainda algumas particularidades no modo de escrever de Lery. A orthographia especial e differente da portugueza deste ingenho e leal narrador conduz sempre a uma interpretação dos vocabulos muito mais concludente. Elle escreve *Tououpinambauults* e tambem *Toúoupinambauults*, onde as tres letras finais *ults* para mim não tem explicação, e apenas posso reportar a uma especie de sufixo com que costumavam terminar as phrases, dizendo ora *te* ou *ta*, ora

tahe, tohe, exprimindo uma insistencia na affirmativa. Quanto ao desdobramento do nome *Tupi* em *touÿpi*, ou *tuppy*, leva-nos a *tub-ypy tu-ypy* (os antepassados, os avós), a que é applicavel a composição que acima vem expendida para o nome todo *Tupinamba*.

Notemos tambem que os Tupinambas da bahia de Gannabara são os Tamoyos dos escriptores portuguezes, e veja-se o que expendemos na palavra *Tamuja*. Não se deve passar por alto que os que falavam o Abañeênga na costa do Brasil, sempre que tratavam de dizer quem eram aos Europeus diziam-se *Tupinambás* no Rio de Janeiro, na Bahia, no Maranhão, etc.

TUPINAQUIM (pag. 197)

O visconde de Porto Seguro define "*Tupis* vizinhos, contiguos, limitrofes" e segue-o nesta explicação von Martius. Este nome apparece escripto de modos muito differentes, que procuraremos resumir ás formas *tupiniki*, *tupinike*, *tupinaki*, *tupinoki*, *tupinamke*, e poucas mais variantes. Ao thema *Tupi* com a pospositiva *ri* ou *ni* ou *n* podia ser ajuntado um designativo *ike* (collateral) ou *iki* ou *oki* (derivado)? Qualquer dos dous poderia satisfazer ao significado, e aqui cumpre apontarmos ainda alguns nomes, como *uqui* (cunhada), *tyké* (irmã mais velha), *tekeyra* (irmão mais velho) e ainda outros, que naturalmente se reportam ao mesmo radical, e que exprimem parentesco collateral, e que em outros nomes vão engendrar expressões para dizer "galho, renovo, rebentão, etc." Afinal não podemos passar por alto que Lery, designando quasi sempre os Tamoyos com os quaes conviveu no Rio Geneure (Genevre ou Genebara) pór *Tououpinambaoult*s, no capitulo VIII os designa pelos nos *Toüoupinamkunins*, em vez de nos *Americains* ou nos *Tooupinambaoult*s.

TYPOYA (pag. 170) e na nota *Tupiya*, apparece ainda sob as formas *tupoi*, *tupai*, *tipoi* e pode ser reportado ja a *pai* ou *mbai* e ja a *uba* (V. Tomo VII dos Annaes Bibl. Nac.). A forma *Tupya* é muito incorrecta e tende a fazer confundir com *Tapy* (choupana), que se refere a outro radical.

VIATĀ (pag. 195).

Não vem nos autores nome de tribo que se pareça com este. Em Abaheçnga *ui-âtā* literalmente é "fariuha dura, ou mui torrada"

Parece pois que, como nome de tribo, seja antes alterado de *muy-âtā* ou *py-âtā* forte, rijo, tenaz, renitente, estorçado.

Yo ou Yoc ou Yok.

O Sr. fr. Honorio Mossi no seu vocabulario do Kechua, logo depois de definir nesta lingua "calções" (*huara* — pañetes ó zaraguellas estrechos), diz "*huara-yoc* el que los trae (se, estos pañetes ó zaraguellas)". E em seguida declara: "de aqui el nombre de los indios *Guarayos* ó *Guarani* tomado esto segundo del Aymara; *ni* em Aymará equivale al *yoc* de la Quichua: *Huarani* e *Huarayoc* son lo mismo y conviene muy á proposito á los indios, que vivian desnudos y no llevaban mas que el *tapa-rabo* ó pañetes bajos."

A composição *Huara-yoc* em Kechua está exacta, visto como ambos os themas pertencem á lingua. Porém, sem embargo de ser o Aymará muitissimo connexo com o Kechua, com tudo já não é licito tanta liberdade de composição. Em Aymará *huara* é thema de um vocabulo que significa "estrella" e de um verbo que significa "espantar". Não conheço bem o modo de composição para affirmar que *huara-ni* pudesse exprimir "brillante" (como *estrella?*) ou "espantoso".

Admittida porém a explicação dada por Mossi, te-

mos em Aymará para exprimir “calções” *vecara*, e por conseguinte *vecarani* correspondendo em Aymará a *huaryoc* em Kechua.

Acho accetável isto até certo ponto. Com effeito a lingua geral ou o Abañeênga é designada igualmente por *guarani* e por *tupi*, e talvez ainda ethnologicamente representem os dous vocabulos o mesmo povo, a mesma raça. Os indios desta nacionalidade (como se vê nos respectivos artigos) quando fallavam de si, designavam-se por Tupinambá, Tamôí, etc.

Assim, parece que o nome de *Guarani* lhes era dado por outros. E como até as missões do Paraguay foram a principio sujeitas ao Geral do Perú, é muito natural que de lá lhes viesse a denominação de *Guaranis*, trazida pelos espanhóes do Perú. Não me parece cousa muito de estranhar não só a mudança de *Harayoc* em *Guarayó*, nem a agglutinação de *Vecarani* em *Guarani* (veja-se tambem o expellido em *cara*). E já vimos tambem que A. d’Orbigny (*L’homme Americain*) *Guarayó* é o nome dos ultimos indios que falam o mais puro Abañeênga no interior, quasi no centro da America do Sul.

BAPTISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEIRA.

NOTA ADDITIVA

Sobre o clérigo portuguez magico, como chama Cardim, ou nigromatico, segundo Anchieta — *Informações e fragmentos historicos*, ps. 5, ou padre do ouro, conforme frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, liv. III, cap. XV, — a documentação que possuímos já é copiosa, graças á publicação dos processos da Inquisição, que levaram o erudito Dr. Capistrano de Abreu a identifica-lo com Antonio de Gouvêa, ilheu da Terceira, clérigo de missa, pertencente por algum tempo á Companhia de Je-

sus. Na Europa andou envolvido nas malhas da Inquisição por certas praticas com que não estava de accordo a egreja catholica; vindo degredado para o Brasil, ficou em Pernambuco, obteve do bispo D. Pedro Leitão a reintegração nas ordens sacras e caiu nas graças de Duarte Coelho de Albuquerque. Davase por alchimista e grande conhecedor de minas. "Suas façanhas chegaram ao velho mundo (escreve o Dr. Capistrano de Abreu) *Um visitador do Santo Officio*, Rio de Janeiro, 1922, ps. 1): accusavam-no de dizer missa com paramentos hereticos em sítios vedados pelo concilio tridentino, de matar ou ferir na cara indios tomados em combate, de arrancar as cunhãs a seus donos ou amantes, de desafiar para duelos, de diffamar os jesuitas, attribuindo-lhes pensamentos suspeitos, doutrinas hereticas, etc. Preso na rua Nova de Olinda, nas pousadas de Anrique Affonso, juiz ordinario, a 25 de Abril de 1571, foi internado a 10 de Setembro no carcere de Lisboa, aonde em 30 de Dezembro de 1575 pedia em audiencia aos membros do tribunal que o quizessem despachar ou lhe dar culpas que contra elle tivessem para se defender e livrar dellas."

Os dois processos de Antonio de Gouvêa publicou Pedro de Azevedo no *Archivo Historico Portuguez*, vol. 3., (Lisbôa, 1905), ps. 179|208 e 274|286; o segundo foi impresso por Alfredo de Carvalho, na *Revista do Instituto Archeologico Pernambucano*, vol. XIII (Recife, 1908), ps. 171-211.

Muito elucidativa é a nota do Dr. Capistrano de Abreu á 3ª edição da *Historia Geral do Brasil*, de Varnhagen, ps. 457-458. Ahí se encontram dados summarios para a biographia do padre aventureiro.

Ver tambem a *Historia de la Fundacion del collegio de la Compañia de Pernambuco*, publicada na *Collecção de manuscritos inéditos da Bibliotheca Publica Municipal do Porto*, vol. VI (Porto, 1923), ps. 9-10.

RODOLPHO GARCIA.

III

INFORMAÇÃO DA MISSÃO
DO P. CHRISTOVÃO DE GOUVÊA
A'S PARTES DO BRASIL
ANNO DE 83,

OU

NARRATIVA EPISTOLAR
DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUITICA

Pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, (S. Paulo), etc., desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christovão de Gouvêa

Escrepta em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal

NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUITICA

I

Nesta com o favor divino darei conta a Vossa Reverencia da nossa viagem e missão a esta provincia do Brasil, e determino contar todo o principal que nos tem succedido, não sómente na viagem, mas tambem em todo o tempo da visita, para que Vossa Reverencia tenha maior conhecimento das cousas desta provincia, e para maior consolação minha, porque em tudo desejo de communicar-me com Vossa Reverencia e mais padres e irmãos desta provincia (I)

*

Recebendo o padre Christovão de Gouvea (II) patente de nosso padre geral, Claudio Aquaviva, para visitar esta provincia lhe foi dado por companheiro o padre Fernão Cardim, ministro do collegio d'Evora, e o irmão Barnabé Tello. Jun-

tos em Lisbôa no principio de Outubro de 82 residimos ahi cinco mezes pela detença que fez o Sr. governador Manuel Telles Barreto (III). Em todo este tempo se aparelhava matalotagem e se negociaram muitas cousas, ás quaes tinha ido o padre Rodrigo de Freitas (IV). O padre visitador tratou por vezes com alguns prelados e letrados casos de muita importancia sobre os captiveiros, baptismos e casamentos dos indios e escravos de Guiné, de cujas resoluções se seguiu grande fructo e augmento da christandade depois que chegámos ao Brasil. Tambem fallou algumas vezes com El-Rei, o qual com muita liberalidade lhe fez esmola de quinhentos cruzados para os padres que residem nas aldeias dos indios, e deu uma provisão para se darem ornamentos a todas as igrejas que os nossos têm nesta provincia, sc. frontaes e vestimentas de damasco com o mais aparelho para os altares, o que tudo importaria passante de dous mil cruzados, e por sua grande benignidade e zelo que tem da christandade e protecção da Companhia, deu ao padre cartas em seu favor e dos indios para todos os capitães e camaras das cidades e villas, encommendando-lhes muito o padre e o augmento de nossa santa fé e que com elle tratassem particularmente todas as cousas pertencentes não sómente ao serviço de Deus, mas tambem ao governo da terra e conservação deste seu estado.

Chegado o tempo da partida nos embarcámos com o Sr. governador na náu *Chagas S. Francisco*, em companhia de uma grande frota. Viemos bem

acommodados em uma camara grande e bem providos do necessario. Aos 5 de Março de 83 levámos anchora, e com bom tempo, em 9 dias arribámos á ilha da Madeira, onde fomos recebidos do padre Rodrigues, Reitor, e dos mais padres e irmãos, com grande alegria e caridade. O governador saindo em terra, se agasalhou em o collegio e foi bem servido, etc. O padre visitou aquelle collegio como V. Rev.^a tinha ordenado, declarou-lhe as regras novas, e com práticas e colloquios familiares ficaram todos mui consolados: foi por vezes visitado do Sr. Bispo e mais principaes da terra. Passados dez dias nos fizemos á vella aos 24 de Março, vespera de N. Senhora da Anunciação, e com tal guia e estrella do mar cursando as brisas, que são os Nordeste geraes daquella paragem, nem tomando o Cabo Verde em breve nos achámos em 1 grãos da equinocial, aonde por cinco ou seis dias tivemos grandes calmarias, trovoadas, e chuveiros tão escuros e medonhos, e tão fortes ventos, que era cousa d'espanto, e no meio dia ficavamos numa noite mui escura. Neste tempo (pelas grandes calmas, faltas de bons mantimentos, e abundancia de pescado que se tomava e comia, por não ser muito sadio) adoeceram muitos dumas febres tão colericas, e agudas que em breve os punham em perigo manifesto da vida. Eram estes doentes de nós ajudados em suas necessidades, os quaes com confissões, práticas, lição das vidas dos santos, e animados de dia, e de noite, e no temporal ajudados com medicinas, e outros

mimos de doentes, conforme ás suas necessidades, e nossa pobreza e possibilidade; com elles houve não pequena materia de merecimento, e não pequena consolação, porque com as diligencias que se lhes faziam, foi Nosso Senhor servido que só um morresse em toda a viagem, excepto outro que caiu ao mar, sem lhe podermos ser bons.

Os nossos tambem participaram desta visitação das mãos de Deus. O primeiro que caiu foi o padre visitador, das mesmas febres tão agudas, e rijas, que nos parecia que não escaparia daquella. Foi sangrado tres vezes, enxaropado, e purgado, provido de todas as gallinhas, alcaparras, perretil, chicorias, e alfaces verdes, e cousas doces, e outros mimos necessarios, que parecia estarmos em o collegio de Coimbra; e tudo se deve á caridade do irmão Sebastião Gonçalves, que com grande amor mais que de pai, e mãe, provê a todos que se embarcam para estas partes. O segundo foi o padre Rodrigo de Freitas que, adoecendo das mesmas febres chegou á grande fraqueza, da qual com tres sangrias, e uma purga se convalesceu. Os mais companheiros tivemos saúde nem nos pe- sou para os curar, e servir, graças ao Senhor, com tudo. Todo o tempo de viagem exercitámos nos- sos ministerios com os da náu, confessando, pré- gando, pondo em paz os discordes, impedindo ju- ramentos e outras offensas de Deus, que em seme- lhantes viagens, se commettem todos os dias. A noite havia ladainhas, ás quaes se achava o Sr. go- vernador com seus sobrinhos e mais da náu. Na

semana santa houve mandato (7 de Abril). Iadainhas e *Miserere* em canto d'orgão. A manhã da gloriosa Resurreição (10 de Abril) se celebrou com muitos foguetes, arvores, e rodas de fogo, disparando algumas peças d'artilharia. depois houve procissão pela náu. e prégacão. O governador, com todos os seus, trataram sempre o padre com grande respeito e reverencia. algumas vezes o convidava a jantar. o que o padre visitador lhe accitou algumas vezes. Toda a viagem se confessou commigo, e algumas vezes na Bahia; mas como chegaram os frades Pentos, logo se confessou com elles (V).

Passada a equinocial entraram os ventos geraes, com que arribámos á Bahia de todos os Santos, a 9 de Maio de 83. Gastámos na viagem, com os dez dias de detença na ilha da Madeira, 66 dias (VI) Os padres visitador e Rodrigo de Freitas, dous ou tres dias antes da chegada, tornaram a recair gravemente; e tanto que demos fundo veio á nau, o padre Gregorio Serrão, Reitor (VII), e outros padres: saímos logo em terra na praia; á porta da nossa cerca, nos esperavam quasi os mais padres e irmãos, que nos levaram ao collegio com grande alvoroço e contentamento. Estava um cubiculo encamado e bem concertado para o padre visitador, no qual foi curado com grande caridade, não faltando medico, e muitos e diligentes enfermeiros, com os mais mimos de todas as conservas, e consas necessarias para sua saude e com suar cada dia tres ou quatro camisas nunca falta-

vam. Dahi a tres ou quatro dias, adoeceu o irmão Barnabé Tello, esteve muito ao cabo, foi sangrado sete vezes, e purgado, tinha grande fastio, e com vinho se lhe foi; e pela bondade de Deus, e diligencia grande, que com elles se teve, todos recuperaram a saúde desejada, e a Deus com orações de todos pedida.

Convalescido o padre, começou visitar o Collegio, lendo-se primeiro a patente na primeira pratica; nella, e em outras muitas que fez, e mais colloquios familiares, consolou muito a todos. Ouvia as confissões geraes, renovaram-se os votos com devoção, e alegria; distribuiu a todos muitas reliquias, *Agnus Dei*, relicarios, imagens, e contas bentas; deram-se a todos regras novas e se puzeram em execução as que ainda a não tinham, com que todos ficaram com maior luz, renovando-se no espirito de nosso instituto. Era materia de grande consolação ver a alegria com que todos declaravam suas consciencias ao padre, o fervor das penitencias, com outros exercicios de virtude, e humildade.

Quando o padre visitou as classes, foi recebido dos estudantes, com grande alegria e festa. Estava todo o pateo enramado, as classes bem armadas com guadamecins, paineis e varias sedas. O padre Manuel de Barros (VIII), lente do curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes duas em prosa e verso: recitaram-se alguns epigramas, houve boa musica de vozes, cravo e descantes. O padre visitador lhes mandou dar a todos *Agnus*

Dei, reliquias e contas bentas, de que ficaram agradecidos. Dahi a dous ou tres dias, vindo o Sr. governador á casa, os estudantes o receberam com a mesma festa, recitando-lhe muitos epigramas; o padre Manuel de Barros lhe teve uma oração cheia de muitos louvores, onde entraram todos os troncos, e avoengos dos Monizes, com as mais maravilhas que têm feito na India, de que ficou muito satisfeito (IX).

Trouxe o padre uma cabeça das Onze mil virgens, com outras reliquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas reliquias da Sé ao Collegio em procissão solemne, com frautas, boa musica de vozes e danças. A Sé, que era um estudante ricamente vestido, lhe fez uma falla do contentamento que tivera com sua vinda; a Cidade lhe entregou as chaves; as outras duas virgens, cujas cabeças já cá tinham, a receberam á porta de nossa igreja; alguns anjos as acompanharam, porque tudo foi a modo de dialogo. Toda a festa causou grande alegria no povo, que concorreu quasi todo (X).

A Bahia é cidade d'El-Rei, e a cõrte do Brasil: nella residem os Srs. Bispo, governador, ouvidor geral, com outros officiaes e justiças de Sua Magestade; dista da equinocial treze grãos. Não está muito bem situada, mas por ser sobre o mar é de vista aprazivel para a terra, e para o mar: a barra tem quasi tres leguas de bocca, e uma enseada com

algumas ilhas pelo meio, que terá em circuito quasi 40 leguas. E' terra farta de mantimentos, carnes de vacca, porco, gallinhas, ovelhas, e outras criações; tem 36 engenhos, nelles se faz o melhor assucar de toda a costa; tem muitas madeiras de páus de cheiro, de varias côres, de grande preço; terá a cidade com seu termo passante de tres mil vizinhos portuguezes, oito mil índios christãos, e tres ou quatro mil escravos de Guiné; tem seu cabido de conegos, vigario geral provisor, etc. com dez ou doze freguezias por fóra, não fallando em muitas igrejas e capellas que alguns senhores ricos têm em suas fazendas.

Os padres têm aqui collegio novo quasi acabado; é uma quadra formosa com boa capella, livraria, e alguns trinta cubiculos, os mais delles têm as janellas para o mar. O edificio é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. Os cubiculos são grandes, os portaes de pedra, as portas d'angelim, forradas de cedro; das janellas descobrimos grande parte da Bahia, e vemos os cardumes de peixes e balêas andar saltando n'agua, os navios estarem tão perto que quasi ficam á falla. A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro; tem uma cruz e thuribulo de prata, uma bôa custodia para as endoenças, muitos e devotos paineis da vida de Christo e todos os Apostolos. Todos os tres altares têm doceis, com suas cortinas de tafetá carmesim; têm uma cruz de prata dou-

rada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, tres cabeças das Onze mil virgens, com outras muitas e grandes reliquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota.

A cerca é muito grande, bate o mar nella, por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perenne de boa agua com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de arvores d'espinho, pareiras de Portugal, as quaes se as podam a seus tempos, todo o anno estão verdes, com uvas, ou maduras ou em agraço. A terra tem muitas fructas, sc. ananazes, pacobas, e todo o anno ha fructas nos refeitorios. O ananaz é fructa real, dá-se em umas como pencas de cardos ou folhas d'erva babosa, são da feição e tamanho de pinhas, todos cheios de olhos, os quaes dão umas formosissimas flores de varias còres: são de bom gosto, cheiram bem, para dôr de pedra são salutíferos: delles fazem os indios vinho, e tem outras boas commodidades; a maior parte do anno os ha. Tem alguns coqueiros, e uma arvore que chamam *cucieira* que não dá mais do que cabaças, é fresca e muito para ver. Legumes não faltam da terra e de Portugal; bringellas, alfaces, couves, aboboras, rabãos e outros legumes e hortaliças. Fóra de casa, tão longe como Villa Franca de Coimbra, tem um tanque mui formoso, em que andarà um bom navio; anda cheio de peixes: junto a elle ha muitos bosques de arvoredos mui frescos; alli se vão recrear os assuetos, e no tanque entram algumas ribeiras de boa agua em grande quantidade (XI).

O Collegio tem tres mil cruzados de renda, e algumas terras adonde fazem os mantimentos; residem nelle de ordinario sessenta; sustentam-se bem de mantimentos, carne e pescados da terra; nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser desleixada e os mantimentos fracos; vestem e calçam como em Portugal; estão bem empregados em uma lição de Theologia, outra de casos, um curso d'artes, duas classes de humanidades, escola de ler e escrever; confessam e prégam em nossa igreja, sé, etc. Outros empregam-se na conversão dos indios, e todos procuram a perfeição com grande cuidado, e serve-se Nosso Senhor muito deste collegio, ao qual será honra e gloria (XII).

Depois da renovação dos votos, quiz o padre vêr as aldêas dos indios brevemente para ter algumas noticias dellas. Partimos para a aldêa do Espirito Santo (XIII), sete leguas da Bahia, com alguns trinta indios, que com seus arcos e frechas vieram para acompanhar o padre e revezados de dous em dous o levavam numa rede. Os mais companheiros iam a cavallo, os *tapyaras* (XIV) sc. padres moradores iam a pé com suas abas na cinta, descalços como de ordinario costumam. Aquella noite nos agasalhou um homem rico (XV), honrado, devoto da Companhia, em uma sua fazenda, com todas as aves e caças e outras muitas iguarias, e elle mesmo servia á mesa. Ao dia seguinte dissemos missa ante-manhã, a qual acabada já o almoço estava prestes de muitas e varias

iguarias, que nos ajudaram passar aquelle dia muitos rios caudaes. Um delles passaram os indios o padre na rede, pondo-o sobre as cabeças, porque lhes dava a agua quasi pelo pescoço, os mais passamos a cavallo com bem de trabalho. Passado este chegámos ao grande rio Joannes; este passámos em uma jangada de páus levissimos, o padre visitador ia na jangada sobre uma sella, por se não molhar e os indios a nado levavam a jangada.

Chegando o padre á terra começaram os frau-
tistas tocar suas frautas com muita festa, o que
tambem fizeram em quanto jantámos debaixo de
um arvoredor de aroeiras mui altas. Os meninos
indios, escondidos em um fresco bosque, cantavam
várias cantigas devotas enquanto comemos, que
causavam devoção, no meio daquelles matos, prin-
cipalmente uma pastoril feita de novo, para o re-
cebimento do padre visitador, seu novo pastor.
Chegámos á aldêa á tarde; antes della um bom
quarto de legua, começaram as festas que os indios
tinham aparelhadas, as quaes fizeram em uma rua
de altissimos e frescos arvoredos, dos quaes saiam
uns cantando e tangendo a seu modo, outros em
ciladas saiam com grande grita e urros, que nos
atroavam e faziam estremecer. Os *cunumis* (XVI)
se meninos, com muitos môlhos de frechas levan-
tadas para cima, faziam seu motim de guerra e da-
vavam sua grita, e pintados de várias cores, nusi-
nhos, vinham com as mãos levantadas receber a
benção do padre, dizendo em portuguez, "louvado

seja Jesus Christo” Outros saíram com uma dança d’escudos á portugueza, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro e tamboril e frauta, e juntamente representavam um breve dialogo, cantando algumas cantigas pastoris. Tudo causava devoção debaixo de taes bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem taes festas de gente tão barbara. Nem faltou um *Anhangá* (XVII) sc. diabo, que saíu do mato; este era o indio Ambrosio Pires, que a Lisboa foi com o padre Rodrigo de Freitas. A esta figura fazem os indios muita festa por causa da sua formosura, gatimanhos e tregeitos que faz; em todas as suas festas mettem algum diabo, para ser delles bem celebrada.

Estas festas acabadas, os indios *Murubixaba* (XVIII), sc. principaes, deram o *Ereiupe* (XIX) ao padre, que quer dizer *Vieste?* e beijando-lhe a mão, recebiam a benção. As mulheres núas (cousa para nós mui nova) com as mãos levantadas ao Céu, tambem davam seu *Ereiupe*, dizendo em portuguez, “louvado seja Jesus Christo”. Assim de toda a aldêa fomos levados em procissão á igreja com danças e boa musica de frauta, com *Te Deum laudamus*. Feita oração lhes mandou o padre fazer uma falla na lingua, de que ficaram muito consolados e satisfeitos; aquella noite os indios principaes, grandes linguas, prégravam da vinda do padre a seu modo, que é da maneira seguinte: começam prégar de madrugada deitados na rêde por espaço de meia hora, depois se alevantam, e cor-

rem toda a aldeia pé ante pé muito devagar, e o prégar também é pausado, freimatico, e vagaroso; repetem muitas vezes as palavras por gravidade, contam nestas prégações todos os trabalhos, tempestades, perigos de morte que o padre padeceria, vindo de tão longe para os visitar, e consolar, e juntamente os incitam a louvar a Deus pela mercê recebida, e que tragam seus presentes ao padre, em agradecimento. Era para os ver vir com suas cousas, se. patos, gallinhas, leitões, farinha, beijús com algumas raizes, e legumes da terra. Quando dão essas cousas commumente não dizem nada, mas botando-as aos pés do padre se tornam logo. Foi o padre delles visitado muitas vezes, agradecendo-lhes a caridade. O padre lhes dava das cousas de Portugal, como facas, tesouras, pentes, fitas, gualteiras, *Agnus Dei* em nominas de seda; mas o com que mais folgavam, era com uma vez de *cagui-été*, se vinho de Portugal.

Ao dia seguinte, dia da visitação de Santa Isabel, (3 de Julho), precedendo as confissões geraes renovaram os padres e irmãos das aldeas seus votos, para que estavam todos alli juntos, e o padre visitador disse missa cantada com diacono, e subdiacono, officiada em canto d'orgão pelos indios, com suas frautas. Dali fomos á aldeia de S. João, (XX) duas leguas desta, onde houve semelhantes recebimentos e festas, com muita consolação dos indios e nossa.

E' cousa de grande alegria ver os muitos rios caudaes e frescos bosques de altissimos arvoredos,

que todo o anno estão verdes e cheios de formosissimos passaros, que em sua musica não dão muita vantagem aos canarios, rouxinões e pintasilgos de Portugal, antes lh'a levam na variedade e formosura de suas pennas. Os indios caminham muito por terra, levando o padre sempre de galope, passando muitos rios e atoleiros, e tão depressa que os de cavallo os não podiam alcançar. Nunca entre elles ha desavença nem peleja sobre quem levou mais tempo ou menos, etc., mas em tudo são muito amigos e conformes. Outra cousa me espantou não pouco, e foi que saímos de casa algumas quarenta pessoas, sem cousa alguma de comer, nem dinheiro; porém, onde quer que chegavamos, e a qualquer hora eramos agasalhados com toda a gente de todo o necessario de comer, carnes, pescados, mariscos, com tanta abundancia, que não fazia falta a ribeira de Lisbôa. Nem faltavam camas, porque as redes, que servem de cama, levavamos sempre connosco, e este é cá o modo de peregrinar, *siné pena*, mas Nosso Senhor a todos sustenta nestes desertos com abundancia.

Passados três mezes de visita depois da nossa chegada, aos 18 d'Agosto partimos para Pernambuco: sc. o padre visitador, padre provincial, padre Rodrigo de Freitas, os irmãos Francisco Dias (XXI) e Barnabé Tello e outros padres e irmãos; e logo no dia seguinte com vento contrário, por mais não podermos, arribámos á Bahia. Tornando a partir o dia seguinte com o mesmo vento contrário, lançámos anchora em a

barra do Camamú, terras do collegio da Bahia (que della dista 18 leguas): aqui estivemos oito dias, esperando tempo e vendo aquellas terras. O Camamú são doze leguas de terra, por costa, e seis em quadra, para o sertão: tem uma barra de tres leguas de bocca, com uma bahia e formosa enseada, que terá passante de quinze leguas, em roda e circuito; toda ella está cheia de ilhotes mui apraziveis, cheios de muitos papagaios; dentro nella entram tres rios caudaes tamanhos ou maiores que o Mondego de Coimbra, afóra muitas outras ribeiras, aonde ha aguas para oito engenhos copeiros, e podem-se fazer outros rasteiros, e trapiches (XXII). As terras são muito boas; estão por cultivar, por serem infestadas dos Guaimurés (XXIII), gentio silvestre, tão barbaro que vivem como brutos animaes nos matos, sem povoação, nem casas: a enseada traz muitos pescados e peixes-bois: os lagostins, ostras, e mariscos não têm conla: se estas terras foram povoadas bem poderam sustentar todos os collegios desta provincia e ainda fazer algumas caridades, maxime de assucar a esta provincia; mas como agora está, rende pouco ou nada. O governador Men de Sá fez doação destas terras ao collegio da Bahia (XXIV).

Do Camamú tornámos a tentar viagem, e não podendo, arribámos á capitania dos Ilhéos, donde temos casa, a qual o padre visitou por espaço de oito dias que esperamos tempo: da visita ficaram os nossos mui consolados e animados. Os portuguezes maiores visitaram por vezes o padre, com

muitas mostras de amor, e refazendo os bastimentos para a viagem, com gallinhas, patos, e farinha e outras cousas, conforme à sua caridade e possibilidade.

Os Ilhéus distam da Bahia 30 leguas: é capitania do senhorio, sc. de Francisco Giraldes (XXV) é villa intitulada de S. Jorge; terá 50 vizinhos com seu vigario: tem tres engenhos de assucar: é terra abastada de mantimentos, criações de vaccas, porcos, gallinhas, e algodões: não tem aldêas de indios, estão muito apertados dos Guaimurés, e com elles em contínua guerra: não se estendem pelo sertão adentro mais de meia até uma legua, e pela costa, de cada parte, duas ou tres leguas.

Os nossos têm aqui casa, aonde residem de ordinario seis; tem quatro cubiculos de sobrado bem acomodados, igreja e officinas; está situada em logar alto sobre o mar: tem sua cerca aprasivel com coqueiros, laranjeiras, e outras arvores de espinho e fructas da terra: as arvores de espinho são nesta terra tantas que os matos estão cheios de laranjeiras e limoeiros de toda sorte, e por mais que cortam não ha desinça-los.

Acabada a visita dos Ilhéus, tornámos a partir aos 21 de Setembro, dia do glorioso apostolo S. Matheus: ao dia seguinte nos deitou o tempo em Porto Seguro. (E ainda que eram arribadas, tudo caía em proveito, porque visitava o padre de caminho estas casas, e o tempo contrário dava logar para tudo). Fomos recebidos de um irmão com muita caridade, porque os outros tres estavam ne

aldéa de S. Malheus com o Sr. Administrador (XXVI), que tinham ido á festa. Partimos logo para a mesma aldéa visitar aquelles indios: passámos um rio caudal mui formoso e grande: caminhámos uma legua a pé, em romaria a uma nossa Senhora da Ajuda (XXVII), que antigamente fundou um padre nosso; e a mesma igreja foi da Companhia: e cavando junto della o padre Vicente Rodrigues (XXVIII), irmão do padre Jorge Rijo (que é um santo velho, que dos primeiros que vieram com o padre Manuel da Nobrega, elle só é vivo) cavando como digo, junto da igreja, arrebetou uma fonte d'agua, que sae debaixo do altar da Senhora, e faz muitos milagres, ainda agora (XXIX): tem um retábulo da Annunciação de maravilhosa pintura e devotissima: o padre que edificou a casa, que é um velho de setenta annos, vai lá todos os sabbados a pé dizer missa, e prégar a quasi toda a gente da villa, que alli costuma ir os sabbados em romaria, e para sua consolação lle deu o padre licença que se enterrasse naquella igreja quando fallecesse; e bem creio que recolherá a Virgem um tal devoto e receberá sua alma no Céu, pois a tem tão bem servido. Chegámos á aldéa, que dista cinco leguas da villa, por caminho de uma alegre praia. Foi o padre recebido dos indios com uma dança mui graciosa de meninos todos empennados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas pennas, que os fazia mui lustrosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui graciosas: dalli tornámos á villa, e vindo en-

calmados por uma praia, eis que desce de um alto monte uma india vestida como ellas costumam, com uma porcelana da India, cheia de queijadilhas d'assucar, com um grande pucaro d'agua fria; dizendo que aquillo mandava seu senhor ao padre provincial Joseph (XXX). Tomámos o padre visitador e eu a salva, e o mais dissemos desse ao padre Joseph, que vinha de traz com as abas na cinta, descalço, bem cansado: é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, despresador de si e do mundo; uma columna grande desta provincia, e tem feito grande christandade e conservado grande exemplo: de ordinario anda a pé, nem ha atirá-lo de andar, sendo muito enfermo. Emfim, sua vida é *verè apostolica*.

Depois que o padre visitou a casa, ouvindo as confissões geraes com muita consolação de todos, e deixando os avisos necessarios, partimos para outra aldêa de S. André (XXXI), dahi cinco leguas: está situada junto de um rio caudal, e da villa Santa Cruz, que foi o primeiro porto que tomou Pedr'Alvares Cabral no anno de mil e quinhentos, indo para a India; e por ser bom o porto, lhe chamou Porto Seguro (XXXII). No dia do Anjo pré-guei na matriz da villa: houve muitas confissões, e communhões, com extraordinaria consolação do povo por haver dias que não ouviam missa, por estar seu vigario suspenso: dos moradores portuguezes e indios, fomos bem agasalhados, com grandes signaes de amor e abundancia do necessario.

A capitania de Porto Seguro é do Duque d'Aveiro (XXXIII): dista da Bahia 60 leguas: a villa está situada entre dois rios caudaes em um monte alto, mas tão chão, e largo que pudera ter uma grande cidade. A barra é perigosa, toda cheia de arrecifes e terá quarenta vizinhos com seu vigario. Na misericordia tem um crucifixo de estatura de um homem, o mais bem acabado, proporcionado e devoto que vi, e não sei como a tal terra veio tão rica cousa. A gente é pobre, por estar a terra já gastada, e estão apertados dos Guaimurés: as vaccas lhe morrem por causa de certa herva, de que ha copia, e comendo-a, logo arrehtam. Tem um engenho de assucar: foi fertil de algodão e farinhas, mas tambem estas duas cousas lhe vão já faltando, pelo que se despovoa a terra.

Aqui temos casa em que residem de ordinario quatro: tem igreja bem acomodada, e ornada; o sitio é mui largo com uma formosa cerca de todas as arvores d'espinhos, coqueiros, e outras da terra, hortaliça, etc. Toda a casa é aprasivel por estar edificada sobre o mar. Os padres têm a seu cargo duas aldeas de indios, que terão passante duzentas pessoas e visitam outras cinco ou seis, com muito perigo dos Guaimurés.

Junto a Porto Seguro quatro leguas, está a villa chamada Santa Cruz, situada sobre um formoso rio; terá quarenta vizinhos com seu vigario: é algum tanto mais abastada que Porto Seguro. De Santa Cruz partimos aos dois de Outubro com um

camboeiro, que em um dia e noite nos deitou sessenta leguas, e tornado a calmar, corremos com nordeste franco todá a tarde para a Bahía, já determinados de não ir naquellas monções, que se iam acabando, a Pernambuco, e tambem porque se chegára o tempo da congregação, que se havia de começar a 8 de Dezembro.

Chegados á Bahia, vendo o padre visitador que todo aquelle anno e o seguinte, até Junho, não podiamos ir a Pernambuco, começou de tratar muito mais de proposito dos negocios de toda a provincia, tomando mais noticia das pessoas della, e das mais cousas que nella occorrem. Occupou-se muito tempo com os padres Ignacio Tolosa (XXXIV), Quiricio Caxa (XXXV), Luiz da Fonseca (XXXVI), e outros padres superiores e theologos, em concluir algumas duvidas de casos de consciencia; e fez fazer um compendio das principaes duvidas que por cá occorrem, principalmente nos casamentos e baptismos dos indios e escravos de Guiné, de que se seguiu grande fructo; e os padres ficaram com maior luz para se poderem haver em semelhantes casos. Fez tambem compilar os privilegios da Companhia, declarando os que estavam mal entendidos, e fez que os confessores tivessem a parte distincta dos que lhes pertencem, para que entendessem os poderes que têm. E de tudo se seguiu muito fructo: gloria ao Senhor.

Chegado o tempo da congregação, se começou a 8 de Dezembro estando presentes o padre pro-

vincial com os professores de quatro votos que estavam no collegio, que eram somente quatro, e o superior dos Ilhéus, com o padre Antonio Gomes (XXXVII), procurador da provincia, porque aos mais não chegaram as cartas a tempo, nem poderam vir por falta das moções e embarcações. Foi eleito o padre Antonio Gomes por procurador

No tempo da congregação se recolheu o padre visitador em Nossa Senhora da Escada, (XXXVIII) ermida do collegio, que dista duas leguas da cidade. Acabada a congregação por ordem do padre visitador foi por reitor do collegio do Rio de Janeiro o padre Ignacio de Tolosa com tres padres e alguns irmãos; foran bem accomodados em nosso navio. Tambem deu profissão de quatro votos ao padre Luiz da Fonseca, companheiro do padre provincial, e quatro padres **coadjutores** espirituaes, e tres irmãos temporaes, entre os quaes entrou o irmão Barnabé Fello. Eu fiquei uns quinze dias com o cuidado dos noviços em lugar do padre Tolosa, em quanto não vinha de uma missão o padre Vicente Goncalves, (XXXIX) que lhe havia de succeder.

Tivemos pelo natal um devoto presepio na povoação, aonde algumas vezes nos ajuntavamos com boa e devota musica, e o irmão Barnabé nos alegrava com seu berimbão. Dia de Jesus, precedendo as confissões geraes, que quasi todos fizeram com o padre visitador, se renovaram os votos: prégon em nossa igreja o Sr Bispo: tinha o padre

visitador já neste tempo aviado de sua parte o padre Antonio Gomes de todos os papeis, cartas e avisos necessarios, para tratar em Roma e em Portugal; pelo que determinou visitar a segunda vez as aldêas dos indios mais devagar.

Aos 3 de Janeiro partimos o padre visitador, o padre provincial e outros padres e irmãos. Fomos aquella noite agazalhados em casa de um sacerdote devoto da Companhia, que depois entrou nella (XL). Fomos servidos de várias iguarias com todo bom serviço de porcelanas da India e prata, e o mesmo sacerdote servia a meŝa com grande diligencia e caridade. Todo o dia seguinte estivemos em sua casa, e á tarde nos levou a um rio caudal que estava perto, mui alegre e fresco, e para que a agua, ainda que era fria e hôa, não fizesse mal, mandou levar várias cousas doces tão bem feitas, que pareciam da Ilha da Madeira. Ao dia seguinte depois da missa nos acompanhou até á aldêa, e no caminho junto da cachoeira de outro formoso rio, nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de várias iguarias de aves, e caças. Em quanto comemos os indios pescaram alguns peixes: eram tão destros nisto que em chegando a um rio suados, logo se deitam a nadar e lavar, tiram das linhas, tomam peixes, fazem fogo, e se põem a assar e comer; e tudo com tanta presteza, que é cousa d'espanto. Tambem os fratis-tas nos alegraram, que alli vieram receber o padre. Junto da aldêa do Espirito Santo nos esperavam os padres que della têm cuidado, debaixo de

uma fresca ramada, que tinha uma fonte portatil, que por fazer calma, além da boa graça, refrescava o lugar. Debaixo da ramada se representou pelos indios um dialogo pastoril, em lingua brasilica, portugueza e castelhana, e têm elles muita graça em fallar linguas peregrinas, maxime a castelhana. Houve boa musica de vozes, frautas, danças, e d'alli em proeissão fomos até á igreja, com várias invencões; e feita oração lhes deitou o padre visitador sua benção, com que elles cuidam que ficam santificados, pelo muito que estimam uma benção do *Abaré-guacú* (XII).

Dia dos Reis (6 de Janeiro de 81) renovaram os votos alguns irmãos. O padre visitador antes da missa revestido em capa d'asperges de damasco branco com diacono e subdiacono vestidos do mesmo damasco, baptisou alguns trinta adultos. Em todo o tempo do baptismo houve boa musica e motetes, e de quando em quando se tocavam as frautas. Depois disse missa solemne com diacono e subdiacono, officiada em canto d'orgão pelos indios, com suas frautas, cravo e descante; cantou na missa um mancebo estudante alguns psalmos e motetes, com extraordinaria devoção.

O padre na mesma missa casou alguns em lei da graça, precedendo na mesma missa os banhos; deu a communhão a cento e oitenta indios e indias, dos quaes vinte e quatro, por ser a primeira vez, commungaram á primeira mesa, com capella de flores na cabeça; depois da communhão lhes deitou o padre ao pescoço algumas veronicas e *nomi-*

nas com *Agnus Dei* de várias sedas, com seus cordões e fitas, de que todos ficaram mui consolados. Um destes era um grande principal por nome Men de Sá (XLII) que havia vinte annos que era christão; foi tanta a consolação, que teve de ter commungado, que não cabia de alegria. Todo o dia trouxe a capella na cabeça e a guardou, dizendo que a havia de ter guardada até morrer, para se lembrar da mercê que Nosso Senhor lhe fizera em o chegar a poder commungar.

E' muito para ver e louvar Nosso Senhor a grande devoção de fervor, que se vê nestes indios, quando hão de commungar; porque os homens quasi todos se disciplinam á noite antes, por espaço de um *Miserere*, precedendo ladainha e sua exhortação espiritual na lingua: dão em si cruelmente; nem têm necessidade de esperar pela noite, porque muitos por sua devoção, acabando-se de confessar ainda que seja de dia, se disciplinam na igreja, diante de todos, e quasi todos têm disciplina, que sabem fazer muito boas.

As mulheres por sua devoção jejuam dois ou tres dias antes, e todos ao commungar têm muita devoção, e choram alguns muitas lagrimas: confessam-se de cousas mui miudas, e ao dia da communhão se tornam a reconciliar, por levissima que seja a materia da absolvição. Se lhes dizem que não é nada, que vão commungar, respondem: pai, como hei de commungar sem me absolveres?

No meio da missa houve prégação na lingua, e depois procissão solemne com danças e outras in-

venções. O padre visitador levava o Santissimo Sacramento em uma custodia de prata debaixo do pallio, e as varas levavam alguns principaes, e levam-nas tão attento proposito, e vão tão devotos ou pasmados, que é para vêr. Tive grande consolacão em confessar muitos indios e indias, por interprete (XLIII); são candidissimos, e vivem com muito menos peccados que os portuguezes. Dava-lhes sua penitencia leve, porque não são capazes de mais, e depois da absolvição lhes dizia, na lingua: *xé raír tupà toçò de hirunamo* (XLIV) sc. — filho, Deus vá contigo.

Acabada a festa espiritual lhes mandou o padre visitador fazer outra corporal, dando-lhes um jantar a todos os da aldeã, debaixo de uma grande ramada. Os homens comiam a uma parte, as mulheres a outra: no jantar se gastou uma vacca, alguns porcos mansos e do mato, com outras caças, muitos legumes, fructas, e vinhos feitos de várias fructas, a seu modo. Enquanto comiam, lhes tangiam tambores, e gaitas. A festa para elles foi grande, pelo que determinaram á tarde alegrar o padre, jogando as laranjadas, fazendo motins e suizas de guerra a seu modo, e á portugueza. Quando estes fazem estes motins, andam muitos juntos em um corpo como em magote com seus arcs nas mãos, e molhos de frechas levantados para cima; alguns se pintam, e empennam de várias côres. As mulheres os acompanham, e os mais delles nús, e juntos andam correndo toda a povoação, dando grandes urros, e juntamente vão

bailando, e cantando ao som de um cabaço cheio de pedrinhas (como os pandeirinhos dos meninos em Portugal (XLV)). Vão tão serenos e por tal compasso que não erram ponto com os pés, e calcam o chão de maneira que fazem tremer a terra. Andam tão inflammados em braveza, e mostram tanta ferocidade, que é cousa medonha e espantosa. As mulheres e meninos tambem os ajudam nestes bailos e cantos; fazem seus trocados e mudanças com tantos gatimanhos e tregeitos, que é cousa ridicula. De ordinario não se bolem de um lugar, mas estando quedos em roda, fazem os meninos com o corpo, mãos e pés. Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepasados. Arremedam passaros, cobras, e outros animaes, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras. Tambem quando fazem este motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiam até que algum cansa, e logo lhe vem outro acudir. Algumas vezes procuram de vir a braços e amarrar o contrario, e tudo isto fazem para se embravecer. Emfim por milagre tenho o domarse gente tão féra; mas tudo póde um zeloso e humilde, cheio de amor de Deus, e das almas, etc.

Moravam os indios antes da sua conversão, em aldêas, em umas *ocas* (XLVI) ou casas mui compridas, de duzentos, trezentos, ou quatrocentos palmos, e cincoenta em largo, pouco mais ou menos,

fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão, cobertas de *pindoba*, que é certo genero de palma que veda bem agua, e dura tres ou quatro annos. Cada casa destas tem dois ou tres buracos sem portas nem fecho: dentro nellas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram duma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em communiidade, e entrando na casa se vê quanto nella está, por que estão todos á vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão. E como a gente é muita, costumam ter fogo de dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa, e elles são mui coitados sem fogo. Parece a casa um inferno ou labyrintho, uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinhas e vinhos, etc. e toda a casa arde em fogos; porem é tanta a conformidade entre elles, que em todo o anno não ha uma peleja, e com não terem nada fechado não ha furtos; se fôra outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem sem muitos queixumes, desgostos, e ainda mortes, o que se não acha entre elles. Este costume das casas guardam tambem agora depois de christãos. Em cada *oca* destas ha sempre um principal a que têm alguma maneira de obediencia, (ainda que hnja outros mais somenos). Este exhorta a fazerem suas roças e mais servicos, etc., excita-os á guerra; e lhe têm em tudo respeito; faz-lhes estas exhortações por modo de pregação, começa de

madrugada deitado na rede por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldêa continuando sua prégação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras. Entre estes seus principaes ou préga-dores, ha alguns velhos antigos de grande nome e autoridade entre elles, que têm fama por todo o sertão, trezentas e quatrocentas leguas, e mais. Estimam tanto um bom lingua que lhe chamam o senhor da falla. Em sua mão tem a morte e a vida, e os levará por onde quizer sem contradição. Quando querem experimentar um e saber se é grande lingua, ajuntam-se muitos para ver se o podem cançar fallando toda a noite em peso com elle, e ás vezes dois, tres dias, sem se enfadarem.

Estes principaes, quando o padre visitador chegava, pré-gavam a seu modo dos trabalhos que o padre padeceu no caminho, passando as ondas do mar, e vindo de tão longe, exposto a tantos perigos para os consolar, incitando a todos que se alegrassem com tanto bem, e lhe trouxessem suas cousas. Dos principaes foi visitado muitas vezes, vindo todos juntos, *per modum universi* com suas varas de meirinhos nas mãos, que estimam em muito, porque depois de christãos se dão estas varas aos principaes, para os honrar e se parecerem com os brancos. Esta é toda a sua honra secular.

E' cousa não sómente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm em agasalhar os hospedes, os quaes agasalham chorando por um modo estranho, e a cousa passa desta maneira. Entrando-

lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em uma rede sem fallar palavra, as parentas tambem sem fallar o cercam, deitando-lhe os cabellos sobre o rosto, e os braços ao pescoço. lhe tocam com a mão em alguma parte do seu corpo, como joelhos, hombro, pescoço, etc. Estando deste modo tendo-o no meio cercado, começam de lhe fazer a festa (que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer): **choram** tantas lagrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrera o marido, mãe ou pai; e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hospede, e o que ellas padeceram em sua ausencia. Nada se lhe entende mais que uns gemidos mui **sentidos**. E se o hospede é algum principal, tambem lhe conta os trabalhos que padeceu, e se é mulher chora da mesma maneira que as que a recebem. Neste tempo do triste ou alegre recebimento, a maior injuria que lhes podem fazer é dizer-lhes que se calem, ou que basta com estes choros. Não havia quem se ouvisse nas aldeas quando chegavamos. Acabada a festa e recebimento alimpam as lagrimas com as mãos e cabellos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca choraram, e depois se saudam com o seu *Erciupe* e comem (XLVII), etc.

Para os mortos têm outro choro e tom particular, os quaes choram dias e noites inteiras com abundancia de lagrimas, mas tornando à festa dos hospedes, quando chegavamos, ou se fazia alguma

festa, se punham a chorar, dizendo em trova muitas lastimas, de como seus parentes e antepassados não ouviram os padres nem sua doutrina.

Os pais não têm cousa que mais amem, que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem tem dos pais quanto quer. As mãis os trazem em uns pedaços de rêdes, a que chamam *typoia* (XLVIII). De ordinario os trazem ás costas ou na ilharga escanchados, e com elles andam por onde quer que vão, com elles ás costas trabalham, por calmas, chuvas e frio. Nenhum genero de castigo têm para os filhos; nem ha pai nem mãe que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos. Em pequenos são obedientissimos a seus pais e mãis, e todos muito amaveis e apraziveis: têm muitos jogos a seu modo, que fazem com muita mais festa e alegria que os meninos portugueses. Nestes jogos arremedam varios passaros, cobras, e outros animaes, etc., os jogos são mui graciosos, e desenfadadiços, nem ha entre elles desavença, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins, e deshonestos. Todos trazem seus arcos e frechas, e não lhes escapa passarinho, nem peixe n'agua, que não frechem, pescam bem a linhas, e são pacientissimos em esperar, donde vem em homens a ser grandes pescadores e caçadores, nem ha mato nem rio que não saibam e revolvam, e por serem grandes nadadores não temem agua nem ondas nem mares. Ha indio que com uma braga ou grilhões nos pés nada duas e tres leguas. Andando caminho, suados, se botam

aos rios; os homens, mulheres e meninos, em se levantando se vão lavar e nadar aos rios, por mais frio que faça; as mulheres nadam e remam como **homens**, e quando parem algumas se vão lavar aos rios.

Tornando á viagem, partimos da aldêa do Espirito Santo para a de Santo Antonio, passámos alguns rios caudaes em jangadas, fomos jantar em uma fazenda do collegio, onde um irmão além de outras muitas cousas tinha muito leite, requeijões e natas que faziam esquecer Alemtejo. Comemos debaixo de um acajueiro muito fresco, carregado de acajús, que são como peros repinaldos ou camoezes, são uns amarellos, outros vermelhos, têm uma castanha no olho, que nasce primeiro que o pêro, da qual procede o pero; é fructa gostosa, boa para tempo de calma, e toda se desfaz em sumo, o qual põe nodoas em roupa de linlto ou algodão que nunca se tira. Das castanhas se fazem macapães, e outras cousas doces, como de amendoas; as castanhas são melhores que as de Portugal; a arvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo, cousa rara no Brasil, porque todo o anno as arvores estão tão verdes e frescas como as de Portugal na primavera.

Aquella noite fomos ter á casa de um homem rico que esperava o padre visitador (XLIX): é nesta Bahia o segundo em riquezas por ter sete ou oito leguas de terra por costa, em a qual se acha o melhor ambar que por cá ha, e só em um anno colheu oito mil cruzados d'elle, sem lhe custar nada. Teu

tanto gado que lhe não sabe o numero, e só do bravo e perdido sustentou as armadas d'El-rei. Agasalhou o padre em sua casa armada de guadamecins com uma rica cama, deu-nos sempre de comer aves, perús, manjar branco, etc. Elle mesmo, desbarretado, servia a mesa e nos ajudava á missa, em uma sua capella, a mais formosa que ha no Brasil, feita toda de estuque e tintim de obra maravilhosa de molduras, laçarias, e cornijas; é de abobada sextavada com tres portas, e tem-na mui bem provida de ornamentos. Nesta e outras ermidas me lembrava de Vossa Reverencia, e de todos dessa provincia.

Daqui partimos para a aldêa, atravessando pelo sertão, caminhámos toda a tarde por uns mangabaes que se parecem alguma cousa com macieiras d'anafega. Dão umas mangabas amarellas do tamanho e feição de albricoques, com muitas pintas pardas que lhes dão muita graça; não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que tambem se comem; a fructa é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não ha fartar-se, sorvem-se como sorvas, não amadurecem na arvore, mas cahindo amadurecem no chão ou pondo-as em madureiros: dão no anno duas camadas, a primeira se diz de botão, e dá flor, mas o mesmo botão é a fructa. Estas são as melhores e maiores, e vêm pelo natal; a segunda camada é de flor alva como neve, da propria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho, e cheiro. Estas arvores dão-se nos cam-

pos, e com se queimarem cada anno as mais dellas dão no mesmo anno fructo. De quando em quando nos ajudavamos dellas para passar aquelles matos. Aquella noite nos agasalhou um feitor do mesmo homem de que acima fallei, a quem elle tinha mandado recado. Fomos providos de todo o necessario com toda a limpeza de porcelanas e prata, com grande caridade.

Ao dia seguinte ás dez horas pouco mais ou menos, chegámos á aldêa de Santo Antonio: dos indios fomos recebidos com muitas festas a seu modo, que deixo por brevidade, e ao domingo seguinte baptisou o padre visitador antes da missa sessenta adultos, vestido de pontifical, com grande alegria e festa, e consolação de todos. Na missa, que foi de canto d'orgão, casou a muitos em lei de graça, e deu a communhão a 80; e tudo se fez com as mesmas festas e musica que na aldêa do Espirito Santo. A tarde lhes mandou dar o padre um bom jantar em que se gastou uma vacca, muitos porcos do mato, que elles mesmo traziam mortos e os deitavam aos pés do padre (têm estes porcos o umbigo nas costas, e em algumas cousas differem dos de Portugal). Havia mesa em que por banda cabiam cem pessoas: os indios á tarde, para fazerem festa ao padre jogaram as laranjadas, fizeram os seus motins de guerra, e foram a um rio de noite dar tinguí, se barbasco ao peixe, e ficaram bem providos, trouxeram tantos ao padre, que encheram duas grandes gamellas, que era uma formosura de ver. Ao dia seguinte levou o padre visitador

todos os padres e irmãos a um rio caudal que estava perto de casa, aonde ceámos. Iam comnosco alguns sessenta meninos nusinhos, como costumam. Pelo caminho fizeram grande festa ao padre, umas vezes o cercavam, outras o captivavam, outras arremedavam passaros muito ao natural; no rio fizeram muitos jogos ainda mais graciosos, e têm elles n'agua muita graça em qualquer cousa que fazem. Estas cousas de ordinario faziam de si mesmos, que não é tão pouco em brasis e meninos achar-se habilidade para saberem festejar e agasalhar o *Payguaçu*. (L)

Desta aldêa fomos á de S. João, dali sete leguas, tornando a dar volta para o mar. E' caminho de grandes campos e desertos; antes da aldêa uma grande legua vieram os indios principaes, os quaes revesando-se levaram o padre em uma rêde, e pelo caminho ser já breve, a cáda passo se reve-savam para que não ficasse algum delles sem levar o padre, e não cabiam de contentes tendo aquillo por grande honra e favor. Fomos recebidos com muitas festas, etc. Ao domingo seguinte baptisou o padre 30 adultos, casou na missa outros tantos em lei de graça e deu a communhão a 120. Houve missa cantada, prégação com muita solemnidade, e depois das festas espirituaes tiveram outro jantar como os passados, e toda a tarde gastaram em suas festas.

Em quanto aqui estivemos fomos bem servidos de aves, rolas e faisões, que têm tres titelas

uma sobre a outra, é carne gostosa semelhante á de perdiz, mas mais sadia.

Em todas estas tres aldéas ha escola de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos indios; e alguns mais habéis tambem ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e ha já muitos que tangem frautas, violas, cravo, e officiam missas em canto d'orgão, cousas que os pais estimam muito. Estes meninos fallam portuguez, cantam á noite a doutrina pelas ruas, e encomendam as almas do purgatorio.

Nas mesmas aldéas ha confrarias do Santissimo Sacramento, de Nossa Senhora, e dos defuntos. Os mordomos são os principaes e mais virtuosos; têm sua mesa na igreja com seu panno, e elles trazem suas opas de baeta ou outro panno vermelho, branco e azul; servem de visitar os enfermos, ajudar a enterrar os mortos, e ás missas, levando a seus tempos os cirios acesos, o que fazem com modesta devoção e muito a ponto; dão esmolas para as confrarias, as quaes têm bem providas de cera, e os altares ornados com frontaes de várias sedas; em suas festas enramam as igrejas com muita diligencia e fervor, e certo que consola ver esta nova christandade

Todos os das aldéas, grandes e pequenos, ouvem missa muito cedo cada dia antes de irem a seus serviços, e antes ou depois da missa lhes ensinam as orações em portuguez e na lingua, e á tarde são instruidos no dialogo da fé, confissão e communhão. Alguns, assim honens como mu-

lheres, mais ladinos, resam o rosario de Nossa Senhora; confessam-se a miudo; honram-se muito de chegarem a commungar, e por isso fazem extremos, até deixar seusinhos a que são muito dados, e é a obra mais heroica que podem fazer; quando os incitam a fazer algum peccado de vingança ou deshonestidade, etc. respondem que são de communhão, que não hão de fazer a tal cousa. Enxergam-se entre elles os que commungam no exemplo da hõa vida, modestia e continuação das doutrinas; têm extraordinario amor, credito e respeito aos padres, e nada fazem sem seu conselho, e assim pedem licença para qualquer cousa por pequena que seja, como se fossem noviços. E até aos do sertão dahi duzentas, trezentas e mais leguas, chega a fama dos padres e igrejas, e se não fossem estorvos, todo o sertão se viria para as igrejas, porque os que trazem os portuguezes todos vêm com promessa e titulo que os porão nas igrejas dos padres, mas em chegando ao mar nada se lhes cumpre.

Tres festas celebram estes indios com grande alegria, applauso e gosto particular. A primeira é as fogueiras de S. João, porque suas aldêas ardem em fogos, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro. A segunda é a festa de ramos, porque é cousa para vêr, as palmas, flores e boninas que buscam, a festa com que os têm nas mãos ao officio, e procuram que lhes cáia agua benta nos ramos. A terceira que mais que todas festejam,

é dia de cinza, porque de ordinario nenhum falta, e do cabo do mundo vêm à cinza, e folgam que lhes ponham grande cruz na festa, e se acontece o padre não ir ás aldeas, por não ficarem sem cinza elles a dão uns aos outros, como aconteceu a uma velha que, faltando o padre, convocou toda a aldeia á igreja e lhes deu a cinza, dizendo que assim faziam os *Abarés*, sc. padres, e que não haviam de ficar em tal solemnidade sem cinza.

¶ Visitadas as aldeas, determinou o padre ver algumas fazendas e engenhos dos portuguezes, visitando os senhores dellas, por alguns lhe terem pedido, e outros porque os não tinha ainda visto, e era necessario conciliar os animos d'alguns com a Companhia, por não estarem muito benevolos. Partimos de S. João para o mar: era para ver neste caminho a multidão, variedade e formosura das flores das arvores: umas amarellas, outras vermelhas, outras rôxas, com outras muitas varias cores misturadas, que era cousa para louvar o Creador. Vi neste caminho uma arvore carregada de ninhos de passarinhos (LI), pendentos de seus fios de comprimento de uma vara de medir ou mais, que ficavam todos no ar com as boccas para baixo. Tudo isto fazem os passaros para não ficar frustrado seu trabalho, usam daquella industria que lhes ensinou o que os criou, para se não fiarem das cobras, que lhes comem os ovos e filhos.

¶ Folgára de saber descrever a formosura de toda esta Bahia e reconcevo, as cascadas e estei-

ros que o mar bota tres, quatro leguas pela terra dentro, os muito frescos e grandes rios caudaes que a terra deita ao mar, todos cheios de muita fartura de pescados, lagostins, polvos, ostras de muitas castas, caranguejos e outros mariscos.

Sempre fizemos caminho por mar em um barco da casa bem equipados, e quasi não ficou rio nem esteiro que não vissemos, com as mais e maiores fazendas, e engenhos, que são muito para ver. Grandes foram as honras e gasalhados, que todos fizeram ao padre visitador, procurando cada um de se esmerar não sómente nas mostras d'amor, grande respeito e reverencia, que no tratamento e conversação lhe mostravam, mas muito mais nos grandes gastos das iguarias, da limpeza e concerto do serviço, nas ricas camas e leitos de seda (que o padre não aceitava, porque trazia uma rede, que serve de cama, e cousa costumada na terra). Os que menos faziam, e se tinham por não muito devotos da Companhia, faziam mais gasalhados do que costumam fazer em Portugal os muito nossos amigos e intrinsecos; cousa que não sómente nos edificava, mas tambem espantava vêr o muito credito que por cá se tem á Companhia.

O padre Quiricio Caxa e eu prégavamos algumas vezes em as ermidas, que quasi todos os senhores de engenhos têm em suas fazendas, e alguns sustentam capellão á sua custa, dando-lhe quarenta ou cincoenta mil réis cada anno, e de comer á sua mesã. E as capellas têm bem concertadas, e providas de bons ornamentos: não só-

mente os dias da prégação, mas tambem em outros nos importunavam que dissessemos missa cedo, para exercitarem sua caridade, em nos fazer almoçar ovos reaes, e outros mimos que nesta terra fazem muito bons, nem faltava vinho de Portugal. Confessavamos os portuguezes, ouvindo confissões geraes, e ontras de muito serviço de Nosso Senhor. Os dias de prégação e festas de ordinario havia muitas confissões e communhões, e por todas chegariam a duzentas, afóra as que fazia um padre, lingua de escravos de Guiné, e de índios da terra, prégando-lhes e ensinando-lhes a doutrina, casando-os, baptisando-os, e em tudo se colheu copioso fructo, com grande edificação de todos. Nem se contentavam estes senhores de agasalhar o padre, mas tambem lhe davam bogios, papagaios, e outros bichos e aves que tinham em estima, e lhe mandavam depois à casa muitas e várias conservas, com cartas de muito amor, e quando vinham à cidade, o visitavam amiúde, dando os devidos agradecimentos pela consolação e visita que o padre lhes fizera.

Os engenhos deste reconcavo são trinta e seis (LII); quasi todos vimos, com outras muitas fazendas muito para vêr. De uma cousa me maravillhei nesta jornada, e foi a grande facilidade que têm em agasalhar os hospedes, porque a qualquer hora da noite ou dia que chegavamos em brevissimo espaço nos davam de comer a cinco da Companhia (afóra os moços) todas as variedades de carnes, gallinhas, perús, patos, leitões, cabri-

tos, e outras castas e tudo têm de sua criação, com todo o genero de pescado e mariscos de toda sorte, dos quaes sempre têm a casa cheia, por terem deputados certos escravos pescadores para isso, e de tudo têm a casa tão cheia, que na fartura parecem uns condes, e gastam muito. Tornando aos engenhos cada um delles é uma machina e fabrica incrível: uns são de agua rasteiros, outros de água copeiros, os quaes moem mais e com menos gastos; outros não são d'agua, mas moem com bois, e chamam-se trapiches; estes têm muito maior fabrica e gasto, ainda que moem menos, moem todo o tempo do anno, o que não têm os d'agua, porque ás vezes lhes falta. Em cada um delles, de ordinario ha seis, oito e mais fogos de brancos, e ao menos sessenta escravos, que se requerem para o serviço ordinario; mas os mais delles têm cento, e duzentos escravos de Guiné e da terra. Os trapiches requerem sessenta bois, os quaes moem de doze em doze revezados; começa-se de ordinario a tarefa á meia noite, e acaba-se ao dia seguinte ás tres ou quatro horas depois do meio dia. Em cada tarefa se gasta uma barcada de lenha que tem doze carradas, e deita sessenta e setenta fôrmas de assucar branco, mascavado, malo e alto. Cada fôrma tem pouco mais de meia arroba, ainda que em Pernambuco se usam já grandes de arroba. O serviço é insoffrivel, sempre os serventes andam correndo, e por isso morrem muitos escravos, que é o que os endivida sobre todo este gasto. Tem necessidade cada engenho de feitor, carpinteiro,

ferreiro, mestre de assucar com outros officiaes que servem de o purificar; os mestres de assucares são os senhores de engenhos, porque em sua mão está o rendimento e ter o engenho fama, pelo que são tratados com muitos mimos, e os senhores lhes dão mesa, e cem mil réis, e outros mais, cada anno. Ainda que estes gastos são mui grandes, os rendimentos não são menores, antes mui avantajados, porque um engenho lavra no anno quatro ou cinco mil arrobas, que pelo menos valeta em Pernambuco cinco mil cruzados, e postas no Reino por conta dos mesmos senhores dos engenhos (que não pagam direitos por dez annos do assucar que mandam por sua conta, e estes dez acabados não pagam mais que meios direitos) valem tres em dobro. Os encargos de consciencia são muitos, os peccades que se commettem nelles não têm conto; quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões; bem cheio de peccados vai esse doce, porque tanto fazem: grande é a paciencia de Deus, que tanto soffre

Gastámos nesta missão Janeiro e parte de Fevereiro, e a segunda-feira depois do primeiro domingo da quaresma (20 de Fevereiro de 1584) chegámos á casa, não sómente recreados, mas tambem mui consolados com o fructo que se colheu. Logo se distribuiram as prégões, se. o padre Quiricio Caxa dos domingos pela manhã em nossa igreja; o padre Manuel de Castro (LIII) á tarde; estes dous padres e o padre Manuel de Barros, são os melhores prégadores que ha nesta provincia.

Eu préguei os domingos pela manhã na Sé, aonde se achava a maior parte da cidade. Das prégações de todos se seguiu grande fructo, seja Nosso Senhor com tudo louvado.

Muitas missões se fizeram por ordem do padre visitador nestes dois annos pelos engenhos e fazendas dos portuguezes; nellas se colheu copioso fructo e se baptisaram passante de tres mil almas, e se casaram muitos em lei de graça, tirando-os de amancebamentos, ensinando-lhes a doutrina, pon-do os discordes em paz, e se fizeram outros muitos serviços a Nosso Senhor. Quando os nossos padres vão a estas missões são mui bem recebidos de todos, bem providos do necessario, com grande amor e caridade.

Tornando á quaresma em nossa casa tivemos um devoto e rico sepulchro. A paixão foi tambem devota que concorreu toda a terra; os officios divinos se fizeram em casa com devoção. Sexta-feira Santa (30 de Março), ao desencerrar do Senhor, certos mancebos vieram á nossa igreja; traziam uma veronica de Christo mui devota, em panno de linho pintado, dous delles a tinham e juntamente com outros dous se disciplinavam, fazendo seus trocados e mudanças. E como a dança se fazia ao som de crueis açoutes, mostrando a veronica ensanguentada, não havia quem tivesse as lagrimas com tal espectaculo, pelo que foi notavel a devoção que houve na gente.

O padre visitador teve as endoenças na aldêa do Espirito Santo, aonde os indios tiveram um

formoso e bem acabado sepulchro, de todas as columnas, cornijas, frontispícios de obra de papel, assentada sobre madeira, tão delicada e de tão maravilhosa feitura, que não havia mais que pedir, por haver alli um irmão insigne em cortar, e para sepulchros tem grande mão e graça particular. Tiveram mandato em portuguez por haver muitos brancos que alli se acharam, e paixão na lingua, que causou muita devoção e lagrimas nos indios. A procissão foi devotissima com muitos fachos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos indios, que dão em si cruelmente, e têm isto não sómente por virtude, mas tambem por valentia, tirarem sangue de si, e screm *abaclê* (LIV), sc. valentes. Levaram na procissão muitas bandeiras que um irmão, bom pintor, lhes fez para aquelle dia, em panno, de boas tintas, e devotas. Um principal velho levava um devoto crucifixo debaixo do pallio. O padre visitador lhes fez todos os officios que se officiarão a vozes com seus bradados. Ao dia da Resurreição (1 de Abril) se fez uma procissão por ruas de arvoredos muito frescos, com muitos fogos, danças, e outras festas. Commungaram quasi todos os da communhão, que são perto de duzentas pessoas. Esquecia-me dizer que os lavatorios cheirosos e pós de murtinhos com que se curam estes indios, quando se disciplinam, são irem-se logo metter e lavar no mar ou rios, e com isto saíram e não morrem.

Aos 3 de Maio, dia da invenção da Cruz, houve jubiléu plenario em nossa casa, missa de canto

d'orgão, officiada pelos indios e outros cantores da Sé, com frautas e outros instrumentos musicos. Prêguei-lhes da Cruz, por terem aqui uma reliquia do Santo Lenho em uma cruz de prata dourada, que foi de uma das freiras de Allemanha, a qual a imperatriz deu para este collegio, com licença do Summo Pontifice. Commungaram passante de trezentas pessoas, e tudo se fez com muita festa e devoção.

Tinha o padre visitador dado ordem para se fazer um relicario para todas as reliquias que estavam mal accomodadas. Estava já neste tempo acabado. E' grande, tem dezêseis armarios com suas portas de vidraças, e no meio um grande, para a imagem de Nossa Senhora de S. Lucas; os armarios são todos forrados dentro de setim carmesim, as portas da banda de dentro são forradas de sedas de várias côres, sc. damasco, veludo, setim, etc. a madeira é de páu de cheiro de Jacarandá, e outras madeiras de preço, de várias côres, de tal obra que se avaliou sómente das mãos, em cem cruzados. Fê-lo um irmão da casa, insigne official. Está assentado na capella dos irmãos, que é uma casa grande, nova, de pedra e cal, bem guarneçada, forrada de cedro. Ao dia da Cruz, á tarde, se fez uma célebre trasladação da igreja para a dita capella. Foi o padre visitador á igreja com sua capa d'asperges, e outros dous padres com capas: os mais, que eram por todos dezoito, revestidos em alvas e sobrepelizes. Levava o padre debaixo do pallio o Santo Lenho, seis padres as

varas, dois a imagem de Nossa Senhora, que também ficava debaixo do pallio; tres, as tres cabeças das Onze mil virgens e outros outras reliquias; os mais levavam suas velas de cera branca nas mãos, e seguia-se a cruz de prata, e thuribulo. Começando a procissão a entrar pela sacristia, a gente arrombou a grade, e entrando os homens somente acompanharam as reliquias, porque não soffriam bem participarmos sem elles de tamanha alegria e consolação. A capella e corredores estavam muito bem ornados de várias sedas, alcatifas, guadamecins, palmas com outros ramos frescos. Na procissão houve boa musica de vozes, frautas e órgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam psalms, e alguns motetes, e também recitaram epigramas ás santas reliquias. Com esta solemnidade e devoção, chegámos á capella, aonde houve completas solemnes. Foi tanta a devoção dos cidadãos que se não fartavam de vir muitas vezes visitar as reliquias, e os estudantes continuaram muitos dias, gastando muitas horas em oração, rezando seus rosarios. Os padres e irmãos têm nesta capella muita devoção, oração continua, e assim as reliquias como os paineis da paixão de que está cercada a capella o pedem. Algumas pessoas de fóra fizeram algumas esmolas, sc. um frontal, vestimenta e sobreccão de veludo verde, uma caixa de prata, em que está a reliquia de S. Christovão, outros deram algumas sedas, e botijas de azeite para a alampada; as mulheres já que não gosavam da

feira, por ser dentro de casa, mostraram a muita devoção que tem ás santas Virgens, em darem os melhores espelhos que tinham para vidraças, e alguns delles tinham mais de um palmo em quadro. E o padre visitador nesta parte fez mais fructo com seu relicario em tirar os espelhos, que os prégadores com as prégações.

Chegadas outra vez as monções do Sul, no fim de Junho, partimos para Pernambuco, padre visitador, padre Rodrigo de Freitas, com outros padres e irmãos, que por todos eramos quatorze; não foi o padre provincial, porque ficava muito mal na Bahia. Ao segundo dia com vento contrario, arribámos ao morro de S. Paulo, barra de Tinhaaré, doze leguas da Bahia, aonde estivemos onze dias, sem fazer tempo para continuarmos a viagem. Aqui estivemos dia de S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo, em os quaes diziamos missa em um *teigupaba* (LV) de palha. Os irmãos, passageiros e marinheiros, commungaram nestas festas: passavamos estes dias com bôa musica, que alguns irmãos de bôas fallas faziam frequentemente ao som de uma suave frauta, que de noite nos consolavam e de madrugada nos espertavam com devotos e saudosos psalmos e cantigas. Pelo navio ser de casa e andarmos bem acomodados, sempre somos no mar providos de todo o necessario, assim na saúde como enfermidades, tão bem como em casa. E nestes dias o fomos de varios pescados com que cada dia se fartava o navio. Algumas vezes iamõs gastar as tardes com bôa musica e

praticas espirituaes, sobre um fresco rio á vista do mar; e pelo lugar ser solitario causava não pequena devoção: de quando em quando pescavamos para aliviar as molestias que consigo traz uma arribada. Aqui nos visitou um padre nosso que residia no Camamú, com um bom refresco de uma vitella, porco, galliñas, patos, e outras aves, e fructas, com muita caridade.

Daqui partimos o segundo de Julho, e aos 11 do mesmo dia de S. Boaventura, perto do meio dia, deitámos ferro no arrecife de Pernambuco, que dista da villa uma bôa legua. Logo vieram dous irmãos com rede e cavallos, em que fomos, e no collegio fomos recebidos do padre Luiz da Grã (LVI), Reitor, e dos mais padres e irmãos com extraordinaria alegria e caridade. Ao dia seguinte se festejou dentro de casa, como cá é costume, o martyrio do Padre Ignacio d'Azevedo e seus companheiros com uma oração em verso no refeitório, outra em lingua d'Angola, que fez um irmão de 11 annos com tanta graça que a todos nos alegrou, e tornando-a em portuguez com tanta devoção que não havia quem se tivesse com lagrimas. No tempo do repouso, que estava bem enramado, o chão juncado de mangericões, se explicaram alguns enigmas e deram premios. A tarde fomos merendar á horta, que tem muito grande, e dentro nella um jardim fechado com muitas hervas cheirosas, e duas ruas de pilares de tijolo com parreiras, e uma fructa que chamam maracujá, sadia, gostosa e refrésca muito o sangue em tempo de

calma, tem ponta d'azedo, é fructa estimada. Tem um grande romeiral de que colhem carros de romãs, figueiras de Portugal, e outras fructas da terra. E tantos melões, que não ha esgota-los, com muitos pepinos e outras bôas commodidades. Tambem tem um poço, fonte e tanque, ainda que não é necessario para as lorangeiras, porque o céu as rega: o jardim é o melhor e mais alegre que vi no Brasil, e se estivera em Portugal tambem se pudéra chamar jardim.

Logo á quarta-feira fizeram os irmãos estudantes um recebimento ao padre visitador dentro em casa, no tempo do repouso. Recitou-se uma oração em prosa, outra em verso, outra em portuguez, outra na lingua brasilica, com muitos epigramas. Acabada a festa lhes fez o padre outra, distribuindo por todos relicarios, *Agnus-Dei*, contas bentas, reliquias, imagens, etc. Tambem se leu a patente, e todos deram a obediencia ao padre tomando-lhe a benção.

Foi o padre mui frequentemente visitado do Sr. Bispo, ouvidor geral (LVII), e outros principaes da terra, e lhe mandaram muitas vitellas, porcos, perús, gallinhas e outras cousas, como conservas, etc.; e pessoa houve que da primeira vez mandou passante de cincoenta cruzados em carnes, farinhas de trigo de Portugal, um quarto de vinho, etc.; e não contentes com isto o levaram ás suas fazendas algumas vezes, que são maiores e mais ricas que as da Bahia; e nellas lhe fizeram grandes honras e gasalhados, com tão grandes

gastos que não saberei contar, porque deixando á parte os grandes banquetes de extraordinarias iguarias, o agasalhavam em leitos de damasco carmesim, franjados de ouro, e ricas colchas da India (mas o padre usava da sua rede como costumava). Mandavam de ordinario cavallos para seis dos nossos com seus feitores que nos acompanhassem todo o caminho, e elles mesmos em pessoa vinham receber o padre ao caminho duas, tres leguas, dando-nos pelo caminho muitos jantares, almoços e merendas, com grande abundancia e mostras de grande amor e respeito á Companhia. Costumam elles a primeira vez que deitam a moer os engenhos benze-los, e neste dia fazem grande festa convidando uns aos outros. O padre, á sua petição lhes benzeu alguns, coisa que muito estimaram. Vimos grande parte de 66 engenhos que ha em Pernambuco, com outras fazendas muito para ver. Não fallo na frescura dos arvoredos, nem nos muitos e grandes rios caudaes, porque é cousa ordinaria e commum no Brasil.

Trazia o padre visitador cartas d'el-rei para o capitão (LVIII) e camara. Fizeram grandes offerecimentos para tudo o que o padre quizesse e ordenasse para bem da christandade e governo da terra.

Os estudantes de humanidades, que são filhos dos principaes da terra, indo o padre á sua classe, o receberam com um breve dialogo, boa musica, tangendo e dançando mui bem; porque se prezam os pais de saberem elles esta arte. O mestre fez

uma oração em latim. O padre lhes distribuiu contas, reliquias, etc.

No fim de Julho se celebra no collegio a trasladação de uma cabeça das Onze mil virgens, que os padres alli têm mui bem concertada em uma torre de prata. Houve missa solemne, préguei-lhes das Virgens com grande concurso de toda a terra, por haver jubileu, a que commungou muita gente. O mesmo fiz na matriz dia da Assumpção de Nossa Senhora (15 de Agosto), á petição dos mordomos, que são os principaes da terra, e alguns delles senhores d'engenhos de quarenta e mais mil cruzados de seu. Seis delles todos vestidos de veludo e damasco de várias côres me acompanharam até o pulpito, e não é muito achar-se esta policia em Pernambuco, pois é Olinda da Nova Lusitania (LIX).

Além do grande fructo que se colheu das missões que o padre fez a várias partes aonde o padre Luiz da Grã e eu prégavamos algumas vezes, confessando muitos portuguezes e mulheres fidalgas de dom, que não faltam nesta terra, dia havia em que commungavam algumas trinta pessôas, afóra o grande fructo que um padre lingua fazia com os indios e escravos de Guiné. Ordenou o padre que andassem quatro padres em missões uns quinze dias: fez-se grande fructo, baptisaram-se muitos indios e escravos de Guiné, e muitos se casaram em lei de graça, e ouviram grande cópia de confissões, de que se seguiu grande edificação para toda a terra.

O anno de 83 houve tão grande secca e esterilidade nesta provincia (cousa rara e desacostumada, porque é terra de continuas chuvas) que os engenhos d'agua não moeram muito tempo. As fazendas de cannaviaes e mandioca muitas se seccaram, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome, soccorrendo-se aos brancos quatro ou cinco mil indios. Porém passado aquelle trabalho da fome, os que poderam se tornaram ao sertão, excepto os que ficaram em casa dos brancos ou por sua, ou sem sua vontade. Tambem ficou um principal chamado Mitaguaya, (LX) de grande nome entre os indios do sertão, por ser grande lingua e fallador. Este com intento e desejo de ser christão entregou um seu filho ao padre Luiz da Grã, o qual em breve tempo soube fallar portuguez, ajudar á missa, e aprendeu a ler, eserever e contar. Tanto que o padre visitador chegou a Peruambuco logo o sobredito Mitaguaya visitou por vezes o padre, vestido de damasco com passamanes d'ouro, e sua espada na cinta, pedindo-lhe com grande instancia quizesse ir á sua aldeia e dar-lhe padres, que se queria baptisar com todos os seus. Dando-lhe o padre boas esperanças que o visitaria, fizeram-lhe caminhos por matos, e serras altissimas mais de uma legua. Quando lá fomos nos vieram receber quasi duas leguas da aldeia, e para gasalhado do padre fizeram uma casa nova, mas por ser em paragem de grande perigo por causa dos contrarios, o padre Luiz da

Grã era de parecer que não ficassemos alli aquella noite; mas o padre visitador, para lhes agradecer a caridade da casa nova, e os não desconsolar, antes animar, dormiu alli aquella noite. Elles nos deram a cear de sua pobreza peixinhos de moquem assados, batatas, cará, mangará, e outras fructas da terra, etc., e o padre os convidou com cousas de Portugal. De noite tiveram seu solemne e gracioso conselho defronte da nossa casa, tendo uma grande fogueira no meio como é costume, e juntos os velhos principaes e grandes linguas, se assentaram assim nús em uns pedaços de páus, e alli com todo o siso e maduro conselho trataram certos pontos sobre a sua estada naquelle sitio, vendo a difficuldade dos matos, a commodidade do rio que tinham perto, a conjuncção bôa que tinham para se fazer christãos, com outras cousas que tratavam com muita graça e gravidade, e resolveram *uno ore* que se fizesse tudo o que o padre ordenasse para bem de sua estada naquella terra, e poderem receber nossa santa fé. E assim como o determinaram o cumpriram, porque estando differentes nos pareceres, o sobredito Mitaguaya com outro grande principal se ajuntaram por parecer do padre em um sitio que o padre lhes assignalou, e logo se passaram para elle, fundaram a aldêa, e têm já feita igreja. Para isto foi destinado um padre lingua com outro companheiro, e dando ordem para que se acabasse a igreja com diligencia, lhes começaram a ensinar as cousas da fé. São passante de 800 almas as que se querem

baptisar, e espera-se que desça grande multidão de gentios com a fama desta igreja.

Dá visita se seguiu grande consolação nos de casa com as muitas práticas, avisos espirituaes, exhortações das regras, que o padre fez emquanto alli os conversou. Deu profissão de quatro votos aos padres Leonardo Arminio, (LXI) italiano, e ao padre Pero de Toledo, (LXII) espanhol, que fôra sete annos reitor do collegio do Rio de Janeiro, ambos bons letrados, e de coadjuctores formados espirituaes a dois padres: a festa se fez dia de S. Jeronymo (30 de Setembro): prégou o padre Luiz da Grã; tem muito bom pulpito, e as boas cousas e graça em as propôr, e assim nesta como nas mais cousas é mui acceito e amado de todos da terra. Dia da Assumpção de Nossa Senhora (15 de Agosto) ordenou o Sr. Bispo sete irmãos de missa, dando-lhes todas as ordens em nossa igreja.

Não posso deixar de dizer nesta as qualidades de Pernambuco, que dista da equinocial para o Sul oito grãos, e cem leguas da Bahia, que lhe fica ao Sul. Tem uma formosa igreja matriz de tres naves, com muitas capellas ao redor; acabada ficára uma boa obra. Tem seu vigario com dois outros clerigos, afóra outros muitos que estão nas fazendas dos portuguezes, que elles sustentam á sua custa, dando-lhes mesa todo o anno e quarenta ou cincoenta mil réis de ordenado, afóra outras vantagens. Tem passante de dois mil vizinhos entre villa e termo, com muita escravaria de Gui-

né, que serão perto de dois mil escravos: os indios da terra são já poucos.

A terra é toda muito chã; o serviço das fazendas é por terra e em carros; a fertilidade dos canaviaes não se póde contar; tem 66 engenhos, (LXIII) que cada um é uma boa povoação; lavram-se alguns annos 200 mil arrobas de assucar, e os engenhos não podem esgotar a canna, porque em um anno se faz de vez para moer, e por esta causa a não podem vencer, pelo que moe canna de tres, quatro annos; e com virem cada anno quarenta navios ou mais a Pernambuco, não podem levar todo o assucar: é terra de muitas creações de vaccas, porcos, gallinhas, etc.

A gente da terra é honrada: ha homens muito grossos de 40, 50, e 80 mil cruzados de seu: alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhe morrem muito, e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se, e as mulheres e filhos de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras, e não muito devotas, nem frequentam as missas, prégações, confissões, etc.: os homens são tão briosos que compram ginetes de 200 e 300 cruzados, e alguns têm tres, quatro cavallos de preço. São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um viannez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e outros de damasco e outras sedas de várias cô-

res, e os guiões e sellas dos cavallos eram das mesmas sedas de que iam vestidos. Aquelle dia correram touros, jogaram cannas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao collegio para os ver o padre visitador; e por esta festa se pôde julgar o que farão nas mais, que são communs e ordinarias. São sobretudo dados a banquetes, em que de ordinário andam comendo um dia dez ou doze senhores de engenhos juntos, e revezando-se desta maneira gastam quanto têm, e de ordinário bebem cada anno 50 mil cruzados de vinhos de Portugal; e alguns annos beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Emfim em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa. Os viannezes são senhores de Pernambuco, e quando se faz algum arruido contra algum viannez dizem em lugar de: ai que d'elrei, ai que de Vianna, etc

A villa está bem situada em lugar eminente de grande vista para o mar, e para a terra; tem bõa casaria de pedra e cal, tijolo e telha. Temos aqui collegio aonde residem vinte e um dos nossos; sustentam-se bem, ainda que tudo val tres dobro do que em Portugal. O edificio é velho, mal acomodado, a igreja pequena (LMIV) Os padres lêem nma licção de casos, outra de latim, e escola de ler e escrever, prégam, confessam, e com os indios, e negros de Guiné se faz muito fructo; dos portuguezes são mui amados e todos lhes têm grande respeito. Nesta terra estão bem empregados, e por seu meio faz Nosso Senhor muito, louvado seja elle por tudo.

Acabada a visita de Pernambuco (aonde estivemos tres mezes), e chegadas as monções dos Nordeste, aos dezeseis de Outubro partimos para a Bahia, nove padres e tres irmãos, acompanhando-nos o padre Luiz da Grã, reitor, com alguns padres do collegio, até á barra, que é uma legua. Houve muitas lagrimas e saudades á despedida, e não se podiam apartar do padre visitador, tão consolados e edificados os deixava, e com estas saudades se tornaram cantando pela praia as ladainhas, psalmos e outras cantigas devotas. Estava já neste tempo o nosso navio fóra da barra, e por o tempo ser algum tanto contrário para sair, andámos até alta noite aos bordos, não podendo tomar o navio, e quando já o tomámos foi á tóa, e com cahir o padre Rodrigo de Freitas ao mar, entre o navio e barca, donde o tirámos meio afogado, mas Nosso Senhor servido que não chegasse o desastre a mais. Aquella noute levámos a anchora, e com um vento galerno, aos vinte chegámos á Bahia.

Ao dia seguinte, por ser dia das Onze mil virgens, houve no collegio grande festa da confraria das Onze mil virgens, que os estudantes têm a seu cargo; disse missa nova cantada um padre com diacono e subdiacono. Os padrinhos foram o padre Luiz da Fonseca, reitor, e eu com nossas capas d'asperges. A missa foi officiada com hôa capella dos indios, com frutas, e de alguns cantores da Sé, com orgãos, cravo e descantes. E ella acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, aonde levámos debaixo do pallio tres cabeças das Onze

mil virgens, e as varas levaram os vereadores da cidade, e os sobrinhos do Sr. governador. Saiu na procissão uma náu á vella por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estandartes, e dentro nella iam as Onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triumpho. De algumas janellas fallaram á cidade, collegio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos. Da náu se dispararam alguns tiros d'arcabuzes, e o dia d'antes houve muitas invenções de fogo, na procissão houve danças, e outras invenções devotas e curiosas. A tarde se celebrou o martyrio dentro na mesma náu, desceu uma nuvem dos Céos, e os mesmos anjos lhe fizeram um devoto enterramento; a obra foi devota e alegre, concorreu toda a cidade por haver jubiléu e prégação. Houve muitas confissões, commungaram perto de quinhentas pessoas; e assim enjoados como vinhamos, confessámos toda a manhã: Nosso Senhor seja com tudo louvado.

Tres semanas nos detivemos na Bahía por o padre visitador chegar mal disposto d'umas mordeduras de carrapatos (que são tamanhos como piolhos de gallinha) dos quaes foi em Pernambuco sangrado duas vezes, e se encheu o corpo todo de postemas. Neste tempo foi admittido na Companhia um sacerdote já homem de dias que nella tinha vivido perto de 30 annos. E havendo um anno que o padre visitador o dilatava, não querendo accitar sua fazenda, nunca quiz entrar sem fazer primeiro a doação pública ao Collegio de toda a sua fazenda, escravaria, terras, vaccas, e

movel que valeria tudo passante de oito mil cruzados; e não quiz aceitar ser provisor e adaião da Sé, que o Sr. Bispo lhe mandou aceitasse sob pena d'excommunhão.

Aos 14 de Novembro partimos para as partes do Sul oito padres e quatro irmãos. E aquella tarde e dia seguinte navegámos sessenta leguas com bom tempo, e logo nos deu tal vento pela prôa, que as tornámos quasi todas a desandar. E tornando Nosso Senhor continuar com sua misericordia, nos favoreceu de maneira que aos 21 tomámos a capitania do Espirito Santo, que dista 120 leguas da Bahia. Fomos recebidos dos padres com muita caridade, e do Sr. Administrador, que estava na nossa cêrca esperando o padre visitador, com grande alvoroço e alegria; e logo mandou dous perús, e os da terra mandaram vitellas, porcos, vaccas e outras muitas cousas, conforme a possibilidade e caridade de cada um. Logo aos 25 se celebrou em casa a festa de Santa Catharina; disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador do Paraguay (LXV); o qual sendo unico e herdeiro daquella governança, fugiu ao pai, e entrou na Companhia. O Sr. Administrador foi seu padrinho, e fez officiar a missa pelos de sua capella, e os indios tambem ajudaram com suas frutas. Toda a manhã houve muitas confissões, communhões e prégação.

Em quanto aqui estivemos foram os nossos mui ajudados com a visita e exhortações do padre visitador; fizeram com elle suas confissões geraes.

O padre lhes fez praticas, e com ellas e mais avisos espirituaes ficaram em extremo consolados.

Têm os padres nesta capitania tres leguas da villa, duas aldêas de indios a seu cargo, em que residem os nossos, que terão tres mil almas christãs, afora outras aldêas que estão ao longo da costa, as quaes visitam algumas vezes, que terão algumas duas mil pessoas entre pagãos e christãos. Vespera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldêa mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa. Os indios tambem lhe fizeram a sua: porque duas leguas da aldêa em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por agua) vieram alguns indios *murubiraba*, sc. principaes, com muitos outros em vinte canoas mui bem esquipadas, e algumas pintadas, enramadas e embandeiradas, com seus tambores, pifanos e frautas, providos de mui formosos arcos e frechas mui galantes; e faziam a modo de guerra naval muitas ciladas em o rio, arrehentando poucos e poucos com grande grita, e prepassando pela canoa do padre lhe davam o *Ereiupe* fingindo que o cercavam e o captivavam. Neste tempo um menino, prepassando em uma canoa pelo padre visitador, lhe disse em sua lingua: *Pay, marápe guarinime nande pope-coari?* sc. em tempo de guerra e cerco como estás desarmado! (LXVI) e metteu-lhe um arco e frechas na mão. O padre assim armado, e elles dando seus alaridos e urros, tocando seus tambores, frautas e pifanos, levaram o padre até á aldêa, com algumas danças que tinham prestes. O dia da Virgem

disse o Sr. Administrador missa cantada, com sua capella, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa baptisou setenta e tres adultos, em o qual tempo houve bôa musica de vozes e frautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu a communhão a trinta e sete.

Por haver jubileu concorreu toda a terra, e toda a manhã confessámos homens e mulheres portuguezes. Houve muitas communhões, e tudo se fez com consolação dos moradores indios e nossa. Acabada a missa houve procissão solenne pela aldêa, com danças dos indios a seu modo e á portugueza; e alguns mancebos honrados tambem festejaram o dia dançando na procissão, e representaram um breve dialogo e devoto sobre cada palavra da Ave Maria, e esta obra dizem compoz o padre Alvaro Lobo (LXVII) e até ao Brasil chegam suas obras e caridades.

Era para vêr os novos christãos, e christãs sairem de suas *ócas* como *cunumis*, acompanhados de seus parentes e amigos, com sua bandeira diante e tamboril, e depois do baptismo e casamentos tornarem assim acompanhados para suas casas; e as indias quando se vestem vão tão modestas, serenas, direitas e pasmadas, que parecem estatuas encostadas a seus pagens e a cada passo lhes caem os pantufos, porque não têm de costume.

Ao dia seguinte fomos á aldêa de S. João, dahi meia legua por agua por um rio acima mui fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o Céu. Os meninos

da aldêa tinham feito algumas ciladas no rio, as quaes faziam a nado, arrebrandando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas n'agua a seu modo mui graciosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: Louvado seja Jesus Christo! — e vinham tomar a benção do padre, os principaes davam seu *Ereiupe*, prégando da vinda do padre com grande fervor. Chegámos á igreja acompanhados dos indios, e os meninos e mulheres com suas palmas nas mãos, e outros ramalhetes de flores, que tudo representava ao vivo o recebimento do dia de Ramos. Porém neste tempo ainda que os indios fazem a festa, tudo é pasmar maxime as mulheres do *Payguacú*. Acabado o recebimento houve outra festa das laranjadas, e não lhes faltam laranjas, nem outras fructas semelhantes com que as façam. Logo começaram com suas dadivas, e são tão liberaes que lhes parece que não fazem nada senão dão logo quanto têm. E é grande injuria para elles não se lhes aceitar, e quando o dão não dizem nada, mas pondo perús, gallinhas, leitões, papagaios, tuins reaes, etc., aos pés do padre se tornavam logo.

Ao dia seguinte baptisou o padre visitador trinta e tres adultos, e casou na missa outros tantos em lei de graça, e tudo se fez com as mesmas festas. Estavam estes indios em ruim sitio, mal accomodados, e a igreja ia caindo: fez o padre que se mudassem á outra parte, o que fizeram com grande consolação sua.

Ha nesta terra mais gentio para converter que em nenhuma outra capitania; deu o padre visitador ordem, com que fossem dous padres dahi vinte e oito leguas á petição dos indios, que queriam ser christãos: espera-se grande fructo desta missão, e descerão logo quatro ou cinco mil almas, e ficará porta aberta para descer grande multidão de gentios; para o qual effeito o governador desta terra Vasco Fernandes Coutinho (filho daquelle Vasco Fernandes Coutinho que fez as maravilhas em Malaca detendo o elefante que trazia a espada na tromba) (LXVIII) deu grandes provisões sob graves penas que ninguem os fosse saltear ao caminho; deu-lhes tres leguas de terra que os indios pediam, e perdão d'algumas mortes de brancos e alewantamentos que tinham antigamente feito, e quando foi ao assignar da provisão não na quiz lêr, nem viu o que dizia, antes vindo-a sellar a nossa casa, disse que tudo o que o padre visitador puzesse havia por bem, e que pedisse tudo quanto quizesse em favor dos indios, que elle o approvava logo.

Os portuguezes têm muita escravaria destes indios christãos. Têm elles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quizeram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo com seus alardos á portugueza, e a seu modo, com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principaes e confrades da dita confraria: fizeram no terreiro da nossa igreja seus cara-

cões, abrindo e fechando com graça por serem mui ligeiros, e os vestidos não carregavam muito a alguns, porque os não tinham. O padre lhes mandou fazer uma prêgação na lingua, de como vinha a consola-los e trazer-lhes padre para os doutrinar, e do grande amor com que Sua Magestade lhes encamindeva. Ficaram consolados e animados, e muito mais com os relicarios que o padre deitou ao pescoço do rei, da rainha, e outros principaes. Os portuguezes recebem o padre nesta terra com tantas honras e mostras d'amor, que não ha mais que pedir. O Sr. Governador e mais principaes da terra o visitaram muitas vezes, e porque o padre lhe trazia carta d'El-Rei, e aos mais da camara e governo da villa, fizeram quanto o padre lhes pediu para bem da christandade; e não contentes com as dadivas passadas, levando o padre a suas fazendas lhe deram muitos banquetes de muitas, exquisitas e várias iguarias. É em um delles, depois de sermos seis da Companhia bem servidos, tirando as toalhas de cima, começou o segundo, e este acabado o terceiro, tudo com tanta ordem, limpeza, concerto e gasto, que nos espantava, e em quanto comemos não faziam senão mandar canoas esquipadas com várias iguarias aos padres, que ficavam em casa, e por o caminho ser por agua e breve tudo chegava a tempo. Este é o respeito que por cá se tem ao padre e aos mais da Companhia, Nosso Senhor lho pague

Na barra deste porto está uma ermida de N. Senhora, chamada da Pena (LXIX), e certo que

representa a Senhora da Pena de Cintra, por estar fundada sobre uma altissima rocha* de grande vista para o mar e para a terra. A capella é de abobada pequena, mas de obra graciosa e bem acabada. Aqui fomos em romaria dia de S. André, e todos dissemos missa com muita consolação, e V. R.^a foi bem encommendada á Senhora com toda essa Provincia, o que tambem faziamos em as mais romarias e continuamente em nossos sacrificios, e eu sou o que ganho pela muita consolação que tenho com tal lembrança; e pois a devo a V. R.^a e aos mais padres e irmãos dessa Provincia por tantas vias. Este dia nos agasalhou o Sr. governador com muita caridade.

Esta capitania do Espirito Santo é rica de gado e algodões. Tem seis engenhos de assucar e muitas madeiras de cedros e páus de balsamo, que são arvores altissimas: picam-se primeiro e deitam um oleo suavissimo de que fazem rosarios, e é unico remedio para feridas. A villa é de Nossa Senhora da Victoria: terá mais de 150 vizinhos, com seu vigario. Está mal situada em uma ilha cercada de grandes montes e serras, e se não fôra um rio muito formoso que lhe corre pelo pé, ainda fôra mais manencolisada do que é, porque pouco mais vista terá que a do rio.

Os padres têm uma casa bem acomodada com sete cubiculos (LXX), e uma igreja nova e capaz. A cerca é cheia de muitas lorangeiras, limeiras doces, cidreiras, acajús e outras fructas da terra, com todo genero de hortaliça de Portugal. Vivem os

nossos d'esmolos, e são muito bem providos, e o collegio do Rio os ajuda com as cousas de Portugal, como tambem faz às duas casas de Piratininga e S. Vicente, por serem a elle annexas e entram no numero das cincoenta para que tem dote.

Do Espirito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista alli oitenta leguas. Dois ou tres dias tivemos bom tempo, e logo nos deu um temporal tão forte, que foi necessario ficarmos arvore secca quasi dois dias com muito perigo, por estarmos sobre uns baixos dos Guaitacazes mui perigosos, e não muito longe da costa. Alli estivemos a Deus misericordia, e cada um se encommendava a Nossa Senhora quanto podia por vermos perto a morte. Deste perigo nos livrou Deus por sua bondade, e aos 20, (Dezembro de 1581), vespera de S. Thomé, arribámos ao Rio. Fomos recebidos do padre Ignacio Tolosa, reitor, e mais padres, e do Sr. governador (LXXI), que manco de um pé com os principaes da terra veio logo á praia com muita alegria, e os da fortaleza tambem a mostraram com salva de sua artilharia. Neste collegio tivemos o Natal com um presepio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal: e tambem cá N. Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e às noites nos alegrava com seu berimbáu.

Trouxemos no navio uma reliquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade

do seu nome, e ser elle o padroeiro e protector. Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O Sr. governador com os mais portuguezes fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pifaros e bandeiras foram á praia. O padre visitador com o mesmo governador e os principaes da terra e alguns padres nos embarcámos numa grande barca bem embandeirada e enramada: nella se armou um altar e alcatifou a tolda com um pallio por cima; acudiram algumas vinte canôas bem equipadas, algumas dellas pintadas, outras empennadas, e os remos de várias côres. Entre ellas vinha Martim Affonso (LXXII), commendador de Christo, indio antigo *abaetê* e *moçacára* (LXXIII), sc. grande cavalleiro e valente, que ajudou muito os portuguezes na tomada deste Rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pifaros e frautas, com grande grita e festa dos indios; e os portuguezes da terra com sua arcabuzaria e tambem os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa e com esta festa andamos barlaventeando um pouco á vella, e a santa reliquia ia no altar dentro de uma rica charola, com grande apparatus de vellas accesas, musica de canto d'orgão, etc. Desembarcando viemos, em procissão até á Misericórdia, que está junto da praia, com a reliquia debaixo do pallio; as varas levaram os da camara, cidadãos principaes, antigos e conquistadores daquella terra. Estava um theatro á porta da Misericórdia com uma tolda de uma vela, e a santa

reliquia se poz sobre um rico altar em quanto se representou um devoto dialogo do martyrio do santo, com choros e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseado um moço atado a um pau: causou este spectaculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar muito ao vivo o martyrio do santo, nem faltou mulher que não viesse á festa; por onde acabado o dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes préguei no mesmo theatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste Rio, a qual acabada deu o padre visitador a beijar a reliquia a todo o povo e depois continuámos com a procissão e danças até nossa igreja; era para vêr uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito annos, todos nuzinhos, pintados de certas côres apraziveis, com seus cascaveis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças com várias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes. Parece-me que se os viram ueste reino, que andaram todo o dia atraz elles; foi a mais aprazivel dança que destes meninos cá vi. Chegados á igreja foi a santa reliquia collocada no sacramento para consolação dos moradores, que assim o pediram.

Têm os padres duas aldeas de índios, uma dellas de S. Lourenço, (LXXIV), uma legua da cidade por mar; e a outra de S. Barnabé (LXXV), 7 leguas tambem por mar, terão ambas tres mil índios christãos. Foi o padre visitador á de S. Lourenço, aonde residem os padres, e dia dos Reis lhes

disse missa cantada officiada pelos indios em canto d'orgão com suas frautas; casou alguns em lei de graça, e deu a communhão a outros poucos. Eu baptisei dois adultos sómente, por os mais serem todos christãos.

Esta capitania do Rio dista da Equinocial 23 gráus para o Sul, e da Bahia 130 leguas. E' muito sadia, de muitos bons ares e aguas. No verão tem boas calmas algumas vezes, e no inverno mui bons frios; mas em geral é temperada. O inverno se parece com a primavera de Portugal: tem uns dias formosissimos tão apraziveis e salutiferos que parece estão os corpos bebendo vida. E' terra mui fragosa e muito mais que a Serra da Estrella; tudo são serrarias e rochedos espantosos, e tem alguns penedos tão altos que com tres tiros de frecha não chega um homem ao chão e ficam todas as frechas pregadas na pedra por causa da grande altura; destas serras descem muitos rios caudaes que de quatro e sete leguas se vêem alvejar por entre matos que se vão ás nuvens, e do pé de algumas destas serras até riba ha uma grande jornada; são todas estas serras cheias de muitas e grandes madeiras de cedros, de que se fazem canôas tão largas de um só páu, que cabe uma pipa atravessada; e de comprimento que levam dez, doze remeiros por banda e carregam cem quintaes de qualquer cousa, e outras muito mais. Ha muitos páus de sandalos brancos, aquila e noz muscada e outros páus reaes muito para vêr. Agora se descobriu um páu que tinge de amarello (LXXVI), como o brasil ver-

melho; é páu de preço: é abundante de gados, porcos e outras criações; dão-se nella marmellos, figos, romeiras, e também trigo se o semeam; a um grão respondem 800 e mais e cada grão dá 50 e sessenta espigas, das quaes umas estão maduras, outras verdes, outras nascem; também se dão rosas, cravos vermelhos, cebolas cecem, arvores d'espinho, todo genero d'hortaliça de Portugal, as canas também se dão bem, e tem tres engenhos de assucar, emfim é terra mui farta.

A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o supremo pintor e architecto do mundo Deus Nosso Senhor, e assim é cousa formosissima e a mais aprasivel que ha em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo; é tão capaz que terá 20 leguas em roda cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvores, e não impedem a vista umas ás outras; que é o que lhe dá graça. Tem a barra meia legua da cidade, e no meio della uma lagea de sessenta braças em comprido, e bem larga que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para náus da India; nesta lagea manda El-Rei fazer a fortaleza (LXXVII), e ficará cousa inexpugnavel, nem se lhe poderá esconder um barco; a cidade tem 150 vizinhos com seu vigario, e muita escravaria da terra.

Os padres têm aqui o melhor sitio da cidade (LXXVIII). Têm grande vista com toda esta enseada defronte das janellas: têm começado o edi-

ficio novo, e têm já 13 cubiculos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes lha levam na bôa vista. São forrados de cedro, a igreja é pequena, de taipa velha. Agora se começa a nova de pedra e cal, todavia tem bons ornamentos com uma custodia de prata dourada para as endoenças, uma cabeça das Onze mil virgens, o braço de S. Sebastião com outras reliquias, uma imagem da Senhora de S. Lucas. A cerca é cousa formosa; tem muito mais lorangeiras que as duas cercas d'Evora, com um tanque e fonte; mas não se bebe della por a agua ser salobra; muitos marmelleiros, romeiras, limeiras, limoeiros e outras fructas da terra. Tambem tem uma vinha que dá bôas uvas, os melões se dão no refeitório quasi meio anno, e são finos, nem faltam couves mercianas bem duras, alfaces, rabãos e outros generos d'hortaliça de Portugal em abundancia: o refeitório é bem provido do necessario; a vacca na bondade e gordura se parece com a d'Entre-Douro e Minho; o pescado é vário e muito, são para vêr as pescarias da sexta-feira, e quando se compra val o arratel a quatro réis, e se é peixe sem escama a real e meio, e com um tostão se farta toda a casa, e residem nella de ordinário 28 padres e irmãos afóra a gente, que é muita, e para todos ha. Duvidava eu qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra se este, e não me sei determinar: quanto ao espirital se parece na observancia, bom concerto e ordem com qualquer dos bem ordenados de Portugal: e estes padres velhos são a mesma edificação e desprezo

do mundo, e esta fructa colheram cá por estes matos sem pratica nem conferencias, e são um espelho de toda virtude, e muito temos os que de lá viemos para andar, se havemos de chegar a tanta perfeição da solida e verdadeira virtude da Companhia.

Nas oitavas do Natal ouviu o padre visitador as confissões geraes, e renovaram-se os votos dia de Jesus, e aquelle dia préguei em nossa igreja, houve muitas confissões e communhões por causa da festa e jubileu. Por se irem acabando as monções dos Nordestes quiz o padre visitar primeiro a casa de S. Vicente e Piratininga para na volta estar n'este collegio de vagar: daqui partimos depois dos Reis para S. Vicente que dista daqui 30 leguas, e é a derradeira capitania. Fizemos o caminho à vista de terra, e toda é cheia de ilhas mui formosas, cheias de passaros e pescado. Chegámos em seis dias por termos sempre calmarias à barra do Rio, nomeado da *Buriquioca* (LXXIX), se cova dos bogios, e por o nome corrupto Bertioga, aonde está a nomeada fortaleza para que antigamente degradavam os malfeitos: a fortaleza é cousa formosa, parece-se ao longe com a de Belém e tem outra mais pequena defronte, e ambas se ajudavam uma à outra no tempo das guerras. Daqui a villa de Santos são quatro leguas. Sabendo o padre Pedro Soares (LXXX), superior daquella casa, veio pelo rio duas leguas com outro padre, e chegando à villa já de noite. O capitão com os principaes da terra estavam esperando o padre

visitador na praia e o levaram até á igreja matriz por não haver alli outra, a qual tinham bem allumiada, concertada e enramada, e dahi o levaram á casa, e depois mandaram a cêa de diversas aves com muitos doces. Ao dia seguinte depois de jantar partimos para S. Vicente, e caminhando tres leguas por um grande e formoso rio cheio de uns passaros vermelhos que chamam Guará, dos formosos desta terra, os quaes são como pegas: os bicos são de um bom palmo, e na ponta revoltos, e têm mui compridas pernas: nascem estes passaros pretos, depois se fazem pardos, depois brancos, quarto loco ficam de um encarnado gracioso, quinto loco ficam vermelhos mais que grã, e nesta formosissima côr permanecem. Vivem junto d'agua salgada e nella se criam e sustentam. Chegámos de noite á casa de S. Vicente; fomos recebidos dos padres e mais da terra com grande caridade. Dia do martyr Sebastião (20 de Janeiro de 1585) que tambem era domingo do Sacramento e havia festa na matriz lhe préguei: concorreu toda a terra a ouvir o companheiro do visitador, e padre reinol. Houve muitas confissões e comunhões, assim na nossa casa como na matriz.

Desejavam os padres de Piratininga que o padre visitador se achasse naquella casa aos 25 de Janeiro, dia da conversão de S. Paulo, por ser orago da nossa igreja. Partimos uma segunda-feira, e caminhámos duas leguas por agua, e uma por terra, e fomos dormir em um *teig-upaba* ao pé de uma serra ao longo de um formoso rio de agua

doce que descia com grande impeto de uma serra tão alta, que ao dia seguinte caminhámos até ao meio dia, chegando ao cume bem cansados: o caminho é tão íngreme que ás vezes iam os pegando com as mãos. Chegando ao *Paraná-piacaba*, (LXXXI) sc. lugar donde se vê o mar, descobrimos o mar largo quanto podíamos alcançar com a vista, e uma enseada de mangaes e braços de rios de comprimento de oito leguas e duas e tres em largo, cousa muito para vêr; e parecia um panno de armar: a toda esta terra enche a maré, e ficando vazia fica cheia de ostras, caranguejos, mexilhões, briguigões e outras castas de mariscos: aquelle dia fomos dormir junto a um rio de agua doce, e todo o caminho é cheio de *tijucos*, (LXXXII) o peor que nunca vi, e sempre iam subindo e descendo serras altissimas, e passando rios caudaes de agua frigidissima. Ao 3.º dia navegamos todo o dia por um rio de agua doce, deitados em uma canôa de casca de arvore, em a qual alem do facto iam até 20 pessoas: iam os voando a remos, e da borda da canôa até á agua havia meio palmo e ainda que não havia perigo de darmos á costa não faltava um não pequeno, que era dar nos páus e ás vezes dando a canôa com grande impeto ficava atravessada. Era necessario guardar o rosto e olhos; porém a navegação é graciosa por o ser a embarcação e o rio mui alegre, cheio de muitas flores e fructas, de que iam os tocando, quando a grande corrente nos deixava; chegando a *peaçaba* (LXXXIII), sc. lugar onde se desembar-

cam, demos logo em uns campos cheios de mentrastos; aquella noute nos agasalhou um devoto, com gallinhas, leitões, muitas uvas e figos de Portugal, camarinhas brancas e pretas e umas fructas amarellas da feição e tamanho de cerejas, mas não tem os pés compridos. Ao dia seguinte vieram os principaes da villa tres leguas receber o padre. Todo o caminho foram escaramuçando e correndo seus ginetes, que os têm bons, e os campos são formosissimos, e assim acompanhados com alguns 20 de cavallo, e nós tambem a cavallo chegámos a uma Cruz, que está situada sobre a villa, adonde estava prestes um altar debaixo de uma fresca ramada, e todo o mais caminho feito um jardim de ramos. Dalli levou o padre visitador uma cruz de prata dourada com o Santo Lenho e outras reliquias, que o padre deu áquella casa; e eu levava uma grande reliquia dos santos Thebanos. Fomos em procissão até á igreja com uma dança de homens de espadas, e outra dos meninos da escola; todos iam dizendo seus ditos ás santas reliquias. Chegando á igreja demos a beijar as reliquias ao povo. Ao dia seguinte disse o padre visitador missa com diacono e subdiacono, officiada em canto d'orgão pelos mancebos da terra. Houve jubileu plenario, confessou-se e commungou muita gente: préguei-lhe da conversão do Apostolo. E em tudo se viu grande alegria e consolação no povo. E muito mais nos nossos, que com grande amor no meio daquelle sertão e cabo do mundo,

nos receberam e agasalharam com extraordinaria alegria e caridade.

Em Piratininga esteve o padre visitador quasi todo o mez de Fevereiro, consolando e animando os nossos; ouviu as confissões geraes, foi visitado dos principaes da terra muitas vezes. Foi a uma aldêa de Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição (LXXXIV). Os indios o receberam com muita festa como o costumam, mandando de sua pobreza. Tambem foi a outra aldêa dahi duas leguas; parte do caminho fomos navegando por uns campos, por ter o rio espreado muito, e às vezes ficavamos em secco. Nesta aldêa baptison o padre trinta adultos e casou em lei da graça outros tantos; no fim de Fevereiro se partiu para S. Vicente, aonde esteve quasi todo o mez de Março, e eu fiquei em Piratininga até ao segundo domingo da quaresma, prégando e confessando, e quando parti para S. Vicente eram tantas as lagrimas das mulheres e homens moradores, que me confundiam: mandaram-me gallinhas para a matolagem, caixas de marmelada, e outras cousas, acompanhando-me alguns de cavallo as tres leguas até o rio, e deram cavalgadas para os companheiros. Nosso Senhor lhes pague tanta caridade e amor

Piratininga é villa da invocação da conversão de São Paulo; está do mar pelo sertão dentro doze leguas; é terra muito sadia, ha nella grandes frios e geadas e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenarios, porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos annos. Vestem-se de berrel, e

pellotes pardos e azues, de pertinas compridas, como antigamente se vestiam. Vão aos domingos á igreja com roupões ou berneos de cacheira sem capa. A villa está situada em bom sitio ao longo de um rio caudal. Terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra, não tem cura nem outros sacerdotes senão os da Companhia, aos quaes têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem aceitar cura. Os padres os casam, baptisam, lhes dizem as missas cantadas, fazem as procissões, e ministram todos os sacramentos, e tudo por sua caridade: não tem outra igreja na villa senão a nossa. Os moradores sustentam seis ou sete dos nossos, com suas esmolas com grande abundancia: é terra de grandes campos e muito semelhante ao sitio d'Evora na bôa graça, e campinas, que trazem cheias de vaccas, que é formosura de vêr. Tem muitas vinhas, e fazem vinho, e o bebem antes de ferver de todo: nunca vi em Portugal tantas uvas juntas, como vi nestas vinhas: tem grandes figueiras de toda sorte de figos, bersaçotes, beberas, e outras castas, muitos marmelleiros, que dão quatro camadas, uma após outra, e ha homem que colhe doze mil marmellos, de que fazem muitas marmelladas: tem muitos rosaes de Alexandria, e porque não tem das outras rosas das de Alexandria fazem assucar rosado para mezinha, e das mesmas cozidas deitando-lhe a primeira agua fóra, fazem assucar rosado para comer e fica soffrivel: dá-se trigo e cevada nos campos: um homem semeou uma quarta de cevada e colheu

sessenta alqueires: é terra fertilissima, muito abastada: quem tem sal é rico, porque as criações não faltam. Tem grande falta de vestido, porque não vão os navios a S. Vicente senão tarde e poucos: ha muitos pinheiros, as pinhas são maiores, nem tão bicudas como as de Portugal: e os pinhões são tambem maiores, mas muito mais leves e saudios, sem nenhum extremo de quentura ou frialdade, e é tanta a abundancia que grande parte dos indios do sertão se sustentam com pinhões: dão-se pelos matos amoras de silva, pretas e brancas, e pelos campos bredos, beldroegas, almeirões bravos e mentrastos, não fallo nos fetos, que são muitos, e de altura de uma lança se os deixam crescer. Em fim esta terra parece um novo Portugal.

Os padres têm uma casa bem acomodada, (LXXXV) com um corredor e oito cubiculos de taipa, guarnecida de certo barro branco, e officinas bem acomodadas. Uma cerca grande com muitos marmellos, figos, laranjeiras e outras arvores d'espinho, roseiras, cravos vermelhos, cebolas cecêm, ervilhas, borragens, e outros legumes da terra e de Portugal. A igreja é pequena, tem bons ornamentos, e fica muito rica com o Santo Lenho, e outras reliquias que lhe deu o padre visitador.

O padre em S. Vicente visitou os padres, consolando muito a todos, e foi dahi dez leguas pela praia a uma Nossa Senhora da Conceição, que está na villa de Itanhaem: tambem visitou o forte que deixou Diogo Flores (LXXXVI), com cem soldados, e do alcaide e do capitão foi visitado muitas vezes

e lhes concedeu um padre que os fosse confessar por ser quaresma.

S. Vicente é capitania: tem quatro villas, a primeira é S. Vicente, villa de Nossa Senhora da Assumpção; está situada em lugar baixo, manencolisado e soturno, em uma ilha de duas leguas de comprido. Está foi a primeira villa e povoação de portuguezes que houve no Brasil; foi rica, agora é pobre por se lhe fechar o porto de mar e barra antiga, por onde entrou com sua frota Martim Affonso de Sousa; e tambem por estarem as terras gastadas e faltarem indios que as cultivem, se vai despovoando; terá oitenta vizinhos, com seu vigario (LXXXVII). Aqui têm os padres uma casa aonde residem de ordinário seis da Companhia: o sitio é mal assombrado, sem vista, ainda que muito sadio: tem boa cerca com várias fructas de Portugal e da terra, e uma fonte de mui bôa agua. Estão como heremitas, por toda a semana não haver gente, e aos domingos pouca. A segunda é a villa de Santos, situada na mesma ilha, é porto de mar; tem duas barras, na principal está o forte que deixou Diogo Flores, a outra é a barra da Bertioga, que dista desta villa quatro leguas por um rio tão formoso, que podem navegar navios de alto bordo: terá a villa de Santos oitenta vizinhos, com seu vigario. A terceira é a villa de Nossa Senhora do Itanhaem, que é a derradeira povoação da costa, que terá cincoenta vizinhos, não tem vigario. Os padres visitam, consolam e ajudam no que podem, ministrando-lhes os sacramentos por sua caridade.

A quarta é villa de Piratininga, que está doze leguas pelo sertão adentro, terá cento e vinte vizinhos ou mais.

No fim de Março já despedidos de S. Vicente, viemos para Santos, aonde nos esperava já o nosso navio aparelhado: préguei na matriz dia de Nossa Senhora da Anunciação (25 de Março): houve muitas confissões e communhões. Os desta villa pediram ao padre lhes mudasse a casa de S. Vicente para alli, o que o padre lhes concedeu. Logo deram um sitio bom ao longo do mar, e a cadêa publica, e umas casas novas, que tudo valêra quinhentos cruzados, e começam o edificio com suas esmolas (LXXXVIII)

De Santos partimos acompanhando-nos o capitão, o qual nunca se apartava do padre visitador, servindo-o com tanto respeito e amor que me espantava; estivemos dois ou tres dias na barra da Bertioga esperando tempo, servidos de muitos e vários peixes: chegámos ao Rio de Janeiro sabado de *dominica in passione* adonde tivemos as endoenças; préguei o mandato, e outro padre a paixão. Fez-se um sepulchro devoto e bem acabado, com muita cêra branca.

Tendo o padre visitado o collegio do Rio, e assentado de invernar alli aquelle anno, recebeu cartas de como N. padre geral mandava doze a esta provincia, e que estavam para partir de Lisboa; para os agasalhar e receber se partiu para a Bahia com seus companheiros, padre provincial, padre Ignacio Tolosa, e alguns irmãos; gastámos

na viagem trinta e dois dias, e quiz-nos Nosso Senhor mortificar, e dar a entender quam trabalhosa era a navegação desta costa, porque até então todas as viagens que o padre visitador fez foram muito bem assombradas e mar bonança, mas esta como era a derradeira, foi tal, tão contrários os ventos e taes as tempestades, que vindo embocar na Bahia e estando á vista de terra, nos deu tão forte tempo que estivemos perdidos uma noite com o navio meio alagado, e o traquete desaparelhado, e nós confessados nos aparelhamos para morrer, e se daquella fomos, lá ia a maior parte da provincia, não em numero, mas em qualidade (LXXXIX). Eu não no havia por mim, porque já me offerecia que me deitassem ás ondas como Jonas, mas queria acabar juntamente com os padres visitador, provincial, Ignacio Tolosa, e outros irmãos de boas habilidades e virtude, para ajudarem esta provincia: certamente que isto me desconsojava. Porém foi Nosso Senhor servido consolar esta provincia com de novo lhe conceder os sobreditos. Chegados á Bahia nos achámos sem os padres, que não foi pequena mortificação, e eu em extremo me consolei com saber que o padre Lourenço Cardim com tanto animo acabára por obediencia em tão gloriosa empresa (XC). Tive-lhe grande inveja, pois vai diante de mim, e em tudo sempre me levou vantagem.

Chegados á Bahia mandou o padre visitador recado ao padre Luiz da Grã, que viesse a este collegio, e foi o recado em tão boa conjunção que

aos 13 de Outubro chegou aqui. O padre visitador com os mais padres, que para esse fim aqui **ajuntou**, estão dando remate e ultima resolução á visita e negocios desta provincia, etc

Isto é o que se me offereceu da nossa viagem e missão para dar conta a Vossa Reverencia. Resta **pedir os santos sacrificios de Vossa Reverencia e sua santa benção e ser encommendado em os sacrificios e orações dos mais padres e irmãos dessa provincia.** Deste collegio da Bahia, a 16 de Outubro de 85. — Por commissão do Padre Visitador Christovão de Gouvêa. — De V. R. filho indigno em Christo N. S. **FERNÃO CARDIM.**

II

Ao muito reverendo em Christo Padre, o Padre Provincial de Portugal:

Continuarei nesta o que succedeu depois da ultima que escrevi a Vossa Reverencia em 16 de Outubro de 85, que foi o seguinte. Tanto que o padre visitador teve aqui na Bahia juntos os reitores dos collegios, e outros padres professos, e antigos, attendeu dar a ultima mão á visita desta provincia, em a qual ordenou cousas muito necessarias ao bom meneio dos collegios e residencias, aldêas dos indios, missões, assentando algumas cousas, a da visita para todos poderem observar com grande gloria divina, bom procedimento da Companhia, e bem da conversão, a observancia religiosa a mandou a nosso padre geral, e lhe veio toda approvada sem lhe tirar cousa alguma, e assim se pratica até agora com notavel fructo, e ainda que depois se ventilaram sobre ella algumas duvidas sempre nosso padre a sustentou, avisando a

todos por suas cartas secretamente, que se guardasse assim como estava, o que se faz com bôa satisfação, e assim mesmo approvou outra visita particular do collegio da Bahia, de que se não seguiu menos fructo.

Depois disto teve o padre visitador carta de nosso padre geral, em que lhe dizia que havia de ir para Portugal, e eu havia de ser companheiro do padre provincial Marçal Belliarte (XCI); porém se não partisse para esse reino até chegada do padre Marçal Belliarte. Dahi a um mez, ou pouco mais, recebeu outra do nosso padre, pela qual lhe ordenava que me encarregasse destê collegio da Bahia. Veja Vossa Reverencia qual eu ficarei com um peso tão sobre minhas forças, mas suprirão, como espero da caridade de Vossa Reverencia, seus santos sacrificios, em que muito me encommendo, etc.

Algumas cousas fez o padre dignas de memória, e muito aceitas aos deste collegio: a primeira foi um poço de noventa palmos de alto, e sessenta em roda, todô empedrado, de boa agua, que deu muito allivio a este collegio, que por estar em um monte alto, carecia de agua sufficiente para as officinas; e tambem fez um eirado sobre columnas de pedra, aberto por todas as partes, e fica eminente ao mar, e váus que estão no porto que servem de repousos; e é toda a recreação deste collegio, porque delle vêem entrar as náus, descobrem bôa parte do mar largo, e ficamos senhores de todo este reconcavo, que é uma excellente, aprazivel e des-

abafada vista; fez uma quinta, e nella umas casas com capella, refeitório, cozinha, uma sala com suas varandas, e um formoso terreiro com uma fonte que lança mais de uma manilha de agua, muito sadia para beber; mandou plantar arvores de espinho e outras fructas, que tudo faz uma bôa quinta, que se pôde comparar com as bôas de Portugal.

Como o mar andava infestado de francezes e inglezes se deteve o padre Marçal Belliarde com seus companheiros nessa provincia até 7 de Maio de 87, em que chegaram a Pernambuco, aonde se detiveram até 20 de Janeiro de 88, que entraram nesta Bahia, e foram recebidos dos nossos com grande consolacão e alegria, principalmente do padre visitador, que desejava descarregar-se do trabalho que exercitava havia tanto tempo; porém succedeu ao contrario, porque o padre Marçal Belliarde lhe deu uma carta de nosso padre geral, em a qual lhe mandava que lhe dêsse companheiro e consultores, e fizesse reitores dos collegios e superiores nas residencias, e depois de bem informado o padre provincial, havendo bons commodos de embarcaçãõ, se partisse para esse reino. Logo succedeu não haver embarcações commodas no porto e foi necessario esperar uma nau bem artilhada, de um André Nunes, vizinho do Porto. Determinando o padre de nella se partir, foram tantas as novas que correram dos muitos inglezes e francezes que coalhavam o mar, e da armada do Sr. D. Antonio, que poz em consideração a partida; e como o padre aqui não tinha superior, me

mandou que o tratasse com todos os padres deste collegio, os quaes por escripto deram seus pareceres e ainda que a maior parte se inclinava a não se partir pelas razões apontadas, todavia como a náu era boa, com parecer do Bispo e outros Srs. desta cidade se fez á vella no principio de Março de 89, e andando no mar 3 ou 4 dias sem se poderem emmarar mais que 18 até 20 leguas, foi tão grande a tormenta e tempestade desfeita que tomou a náu de luva e abriu uma agua tão grande, que se viram de todo perdidos e tornaram a arribar a esta Bahia. Os padres, o Sr. Bispo e outras pessoas de conta acabaram com elle que se não fosse por então, e assim esteve neste collegio com muita consolação nossa até 20 de Maio, em que se partiu para Pernambuco em uma náu do Porto sem artilharia.

Em Pernambuco esteve até á vespera de S. Pedro e S. Paulo, e tomados os pareceres do padre Luiz da Grã, reitor e mais padres por escripto, se embarcou, dizendo ao padre Luiz da Grã, que lhe parecia havia de ser tomado dos francezes, o que ouvindo o padre Luiz da Grã, pela efficacia com que o padre lho disse, lhe tornou a rogar com outros padres que se não partisse; respondeu-lhe o padre que já Sua Reverencia com os mais, tinham assentado, e elle aceitado aquella obediencia como da mão de Deus, e que já estava offerecido a tudo o que Deus delle ordenasse, etc. e assim embarcando-se vespera dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, ao seu dia, com o terral da manhã se fize-

ram á vella para esse reino; tiveram sempre prospera viagem até á altura de Portugal, em que foram tomados uma manhã de um brechote francez, sem haver alguma resistencia, por a náu ser desarmada sem nenhuma defenza, 6 de Setembro.

É posto que Vossa Reverencia lá terá plena informação dos particulares que nella aconteceram, não deixarei de apontar alguns mais principaes, assim como nos relatou o mesmo padre por sua carta, e o padre Francisco Soares (XCII) seu companheiro. Tanto que a náu foi entrada de sete ou oito francezes, o padre se foi ao capitão e lhe disse, que lhe daria algumas cousas que trazia em seu escriptorio, que lhe pedia por mercê lhe deixasse alguns papeis que nelle tinha, pois lhe não serviam; foi com isso contente o capitão, e o padre mandou vir o escriptorio, e lho deu, que era uma peça de estima, de madeira de várias côres e ohra bem acabada por um irmão nosso, e insigne carpinteiro e marceneiro, e juntamente alguns rosarios de cheiro, pelo que lhe deixou todos os papeis e lhe deu para os metter, um baúl do mesmo padre, que já outro francez tinha pillado, e o capitão lhe prometeu de lho satisfazer. Nove dias os trouxeram os francezes consigo, nos quaes padeceram muita sêde, fome e frio, e máu agasalhado, com que ao padre deu um catarro rijo com febre que o tratou muito mal e poz em risco da vida, mas esta tinham elles tão arriscada que cada dia esperavam pela morte a que estavam offerecidos. Andando com elles appareceu uma for-

mosa náu ingleza, aqui de todo cuidaram não escapar, mas livrou-nos Nosso Senhor, porque se contentou o inglez com perguntar, que porta a náu e respondendo-lhes os francezes que bacalháu, passou; mas não passou a furia dos francezes, que vendo ir pela agua uns papeis, que por serem de segredo o padre os mandou lançar ao mar, e como elles são desconfiados, cuidaram que ia alli alguma traição ou cartas para El-Rei, em que por isso os lançaram ao mar; saltou a furia nelles, e o capitão com outros tomaram as achas de fogo, e deram uma bôa a cada um dos nossos, ao irmão Barnabé Tello pelo rosto, ao padre Francisco Soares pelas costas, e ao padre por uma coxa, estas são bôas piculas sem post pasto: mas não faltou este para o padre visitador, porque, não satisfeito, um delles achou uma tijella de fogo, e lha arremessou á cabeça com tanta força que lhe tratou muito mal um olho; acudiu logo outro francez, e de um rôlo que tinha tomado aos padres lhe fez uma pasta e lha poz nelle. Veja vossa Reverencia que caridade esta, não esperada de gente que lhe tinham tomado até as vestes; e porque o padre sem ellas por causa do muito frio e catarro padecia muito, rogaram ao capitão que lhe dêsse um manto para se abrigar por causa do muito frio; mas pouco lhe durou, porque indo o padre para cima tomar ar e aquecitar-se um pouco ao sol, quando tornou se achou sem o manto, que nunca mais appareceu. Outra tribulação grande padeceram espiritual, e foi desta maneira: lançou o padre Francisco Soares uns

poucos de papeis do padre pelo botoque de uma pipa d'agua salgada, para que lhos não vissem os francezes, e lhe tornassem a dar outras poucas de **pancadas**. Eis que o capitão manda fundir a nau e vasar a pipa, os padres que estavam temerosos, **temendo** que em sahindo os papeis rotos os francezes se indignassem contra elles e os matassem, **estando** já para sahir os papeis subitamente o capitão e mais francezes se alevantaram e foram para a tolda de cima, deixando a pipa que se acabasse de vazar de agua, e assim ficaram livres e **desassombrados** deste perigo; mas não de outro em que um francez tentou o padre visitador, **portque** dando-lhe em sexta-feira um pouco de toucinho, o padre o lançou fóra, e o francez desejoso que o **comesse** lho mettia por força na bocca; e porque o padre o lançava fóra, instava o francez com uma **faca** na mão, que lha queria metter pelo rosto e olhos, apertando que comesse, porém vencido da constancia do padre desistiu de seu máu intento. Em outro perigo se viram não menor que o passado, e foi que achando um francez uma faca grande e uma moeda de prata junto dos padres, entrou nelle a imaginação que tinham alli aquella faca para com ella lhes fazerem traigão e os matarem; **porém**, respondendo os padres com humildade, que não sabiam quem alli puzera a faca, se deram por satisfeitos; e chegando já junto da Rochella, encontraram um brechote pequeno sem coberta, com tres pescadores Bretões, que sahindo de Bor-

déos aonde foram vender pescados, com tormenta andavam desgarrados por esse mar quasi de todo perdidos, lançaram os francezes sua lancha fóra, e tomaram os pobres pescadores e deram-lhes muitas pancadas, tomaram-lhe o dinheiro e mais que traziam. Nesta embarcação lançaram os padres com alguns marinheiros e passageiros; mas primeiro tornaram a buscar os nossos e abriram o baúl dos papeis e sacudiram todos folha e folha, a vêr se achavam algum dinheiro; mas não o achando, tornaram a metter os papeis no baúl e os deram aos padres. Não queria o capitão largar o padre visitador, reservando-o para resgate em troco d'alguns parentes seus que foram tomados dos espanhoes; sabendo isto Manuel Alvares, capitão da náu portugueza, lhe pediu que o largasse que lhe não dariam nada por elle, que era muito doente, e lhe morreria sem alcançar o que pretendia. E um João Alvares, mestre da náu portugueza, irmão do dito capitão Manuel Alvares, que estava muito ferido de uma arcabuzada pelo rosto, e uma cutilada pela cabeça, pediu tambem ao capitão francez que deixasse ir com elle, e com os mais o padre, porque d'outra maneira sem falta morreria; e assim o largou e deixou embarcar. Estavam da costa setenta até oitenta leguas, e com uma fraca vella esfarrapada, e dous remos, com um barril de cerveja bem negra, e um pouco de biscoito pouco alvo e quasi podre; veja Vossa Reverencia que deshumanidade esta, parece que os lar-

gavam para morrer nesse mar, pois os largaram em tão bôa embarcação, e com tal matolagem. Começaram sua perigosa e venturosa viagem: acudiu-lhes Nosso Senhor com um bom vento galerno, que em dous dias e meio os levou á Biscaia, porto de Santo André. Sahiram em terra muito desfigurados de fome, rotos, maltratados de frio, e tão lastimosos que as vendeiras pelas ruas offerciam aos padres das maçãs e fructas que vendiam; iam elles tão desfallecidos que nada lhes accitaram por estarem mais para morrer, do que para comer. A esta tão urgente necessidade lhes acudiu Nosso Senhor com sua misericordia, por meio de um abbade de bago, isento administrador ecclesiastico, irmão do nosso padre Dessa, que era como bispo daquella terra; este sabendo que eram da Companhia, e foram roubados, os mandou agasalhar em uma estalagem, aquelle sabbado, 15 de Setembro, e lhes mandou dar um prato de meudos, pão, vinho e maçãs, com que em alguma maneira se refizeram; e mostrando-lhe o padre a patente, como os reconheceu de todo por da Companhia, os levou para sua casa, e metteu em uma camara onde os regalou com abundancia, pondo-os á sua mesa por espaço de cinco ou seis dias, nos quaes se refizeram de roupa, e tornaram em cavalgaduras até Burgos: de Burgos a Velhedoli, e dalli até Bragança, passaram no caminho muitos frios e incommodidades, com que acabaram de perfeioar sua viagem, e Nosso Senhor terá lembrança de lhe dar os premios destes trabalhos em sua gloria.

*Quoniam beatus vir qui sufert tentationem,
qui cum probatus fuerit, accipiet coronam vitæ,
etc.*

Da Bahia, a 1 de Maio de 90. De V. R. Filho in-
digno em Christo N. Senhor. — FERNÃO CARDIM.

NOTAS

I — O padre provincial em Portugal, a quem Fernão **Cardim** se dirigia, era o padre Sebastião de Moraes, **que exercu o cargo de 1580 a 1588 e foi na ordem chronologica o nono provincial daquella provincia.** Delle era **socio ou secretario o padre Christovão de Gouvêa, quando foi nomeado pelo geral Claudio Aquaviva para visitador do Brasil.** Sebastião de Moraes nasceu em Funchal, na ilha da Madeira, em 1531; entrando para a Companhia de **Jesus em Portugal, passou para o ducado de Parma, como confessor da princeza d. Maria, voltando ao reino em 1577, depois de fallecida aquella princeza.** Era provincial **quando foi nomeado bispo do Japão per Philippe II, confirmado por Sixto V, em 1587, e sagrado em Lisboa em Março do anno seguinte; embarcando logo para o Oriente com sete companheiros, não chegou ao seu destino, porque falleceu em Mocambique, a 7 de Julho de 1588, victimado por doença contagiosa que assaltou a nãu em que viajava.** Conf. *Agiologio Lusitano*, t. IV, ps. 81, letra A.

II — Christovão de Gouvêa nasceu na cidade do Porto a 8 de Janeiro de 1542; entrou para a Companhia

de Jesus em 1556. Recebidas as ordens de presbytero em Evora, assistiu quatro annos nessa cidade, onde exerceu a reitoria do collegio dos Porcionistas; foi depois mestre de noviços no collegio da Companhia em Evora e com o mesmo ministerio passou para a de Coimbra em 1572; foi ainda reitor do Collegio de Braga e do de Santo Antão de Lisbôa. Era socio ou secretario do provincial Sebastião de Moraes, quando foi nomeado visitador da provincia do Brasil, sendo o segundo que veio nesse character. O primeiro foi o padre Ignacio de Azevedo, em 1566. Era irmão do padre João Madureira, ou João de Gouvêa, como tambem se chamou, que, vindo por visitador do Brasil em 1601, com o padre Fernão Cardim e outros, foi tomado por piratas inglezes, e, conduzido para a Inglaterra, falleceu no mar em 5 de Outubro do mesmo anno.

De seus serviços e dos indios aldeados, quando os corsarios Withrington e Lister, em Abril de 1587, atacaram a Bahia, em cuja defesa se cobriu de glorias, ha menção em Fernão Guerreiro, nos excerptos *Das cousas do Brasil*, que publicou Candido Mendes de Almeida — *Memorias para a Historia do extincto Estado do Maranhão* (Rio de Janeiro, 1874), t. II, ps. 509|510. Em Hakluyt — *Principal Navigations*, 11, ps. 202|227, citado por Capistrano de Abreu — *Prolegomenos á Historia do Brasil*, de frei Vicente do Salvador (S. Paulo e Rio, 1918), ps. 246, encontra-se a narrativa ingleza escripta por John Sarracoll, mercador que vinha a bordo de um dos navios. Por essa relação apura-se que os corsarios inglezes appareceram a 11 de Abril e se detiveram na Bahia até começos de Junho (estilo juliano).

Ao voltar para Portugal, finda a visita á provincia do Brasil, Christovão de Gouvêa e seus companheiros foram aprisionados por corsarios francezes, em 6 de Setembro de 1589, como miudamente conta Fernão Cardim no final de sua relação, sendo largados no mar a setenta ou oitenta leguas da costa, em fragil embarcação, que milagrosamente os levou á Biscaia, porto de Santo An-

drê, onde desembarcaram. Em Portugal o padre ainda exerceu cargos eminentes da Companhia; falleceu em **Lisbôa**, a 13 de Fevereiro de 1622, com oitenta annos de idade e sessenta e seis de roupêta. Outros dados summarios para a sua biographia consigna Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana* (Lisbôa, 1741), t. I, ps. 578-579.

* Das obras que escreveu ha alli referencia às seguintes:

— *Historia do Brasil, e costumes de seus habitadores*. O ms. se conservava no collegio de Coimbra, onde o viu George Cardoso, conforme se infere do *Agiologio Lusitano*, t. I, ps. 120, *Commentario* a 25 de Fevereiro, letra B. Não foi impresso e infelizmente pode ser considerado perdido.

— *Comentario das occupaçoens que teve, e do que nellas fez*. Também não foi impresso; faz delle menção o padre Antonio Franco — *Imagem da Virtude em o Nascimento do Collegio de Coimbra*, liv. I, cap. 31, § 7. A Christovão de Gouvêa attribuiu inadvertidamente Barbosa Machado o *Summario das Armadas que se fizerão, e Guerras que se derão na Conquista do Rio da Parahyba*, etc., de que viu cópias manuscriptas nas livrarias de seu irmão d. José Barbosa, clérigo regular, e do conde de Vimieiro. Varnhagen, nas *Reflexões criticas* (Lisbôa, 1837), notou que a autoria daquelle escripto não podia pertencer ao visitador, a quem somente era dirigido; na *Historia Geral do Brasil* (2.^a edição) t. I, ps. 348, conferiu-a ao padre Jeronymo Machado, que fôra testemunha presencial dos acontecimentos relatados, como Cunha Rivara — *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense* (Lisbôa, 1850), t. I, ps. 19-20, havia proposto, e Candido Mendes (*op. cit.*, ps. 507, nota 4) tacitamente accitara. Para Capistrano de Abreu — *Prolegomenos* citados, ps. 137, pôde ter sido autor do *Summario* o padre Simão Tavares, que tambem assistiu á parte dos successos. Além das cópias manuscriptas a que se refere **Barbosa Machado**, conheceu-se ainda a da *Bibliotheca*

de Evora, descripta por Cunha Rivara em seu *Catalogo*, e a da Bibliotheca Nacional de Lisbôa; aquella devia ter servido para a publicação que sob o titulo geral de *Conquista da Parahyba* fez o periodico *Iris*, de José Feliciano de Castilho (Rio de Janeiro, 1848, vol. I, ps. 38 e segs., porque vem precedida de dois sonetos castelhanos em louvor do ouvidor-geral Martim Leitão, general da conquista, referidos no mesmo *Catalogo*; a outra serviu declaradamente para a impressão da *Revista do Instituto Historico*, t. 36, parte I (1873)

III — Manuel Telles Barreto estava nomeado desde 20 de Setembro de 1581 para capitão da cidade do Salvador e governador da dita capitania e das outras do Brasil; mas só chegou á Bahia a 9 de Maio de 1583, empossando-se de seus cargos, não nesse dia, como escreve Varnhagen — *Historia Geral* (2.^a edição), vol. I, ps. 344, mas dois dias depois, a 11, conforme apurou Braz do Amaral — *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia*, de Accioli (Bahia, 1919), vol. I, ps. 417, corrigindo esse autor, que dilatou a data daquella investidura para 11 de Junho. Telles Barreto governou até 27 de Março de 1587, quando falleceu. Para Jaboação e Miralles a data de sua morte é 10 de Agosto; mas Capistrano de Abreu — *Prolegomenos* citados, ps. 245, opina pela primeira, porque já regia a terra a junta de governo formada pelo provedor-mór Christovão de Barros e pelo bispo d. Antonio de Barreiros, quando Withrington e Lister assaltaram a Bahia, o que se passou em Abril, como já vimos. De Telles Barreto, vindo governar a Bahia, diz frei Vicente do Salvador que “era de sessenta annos de idade e não só era velho nella, mas tambem de Portugal o velho; a todos fallava por vós, ainda que fosse ao bispo, mas cahia-lhe em graça, a qual não têm os velhos todos.”

IV — Na comitiva do visitador vieram os padres Fernão Cardim, autor desta relação, e Rodrigo de Frei-

tas, que já estivera em Pernambuco de 1568 até fins de 1573, quando, com o dr. Antonio de Salema, veio para a Bahia, de onde seguiu para Lisboa, levando em sua companhia o indio Ambrosio Pires (e não Rodrigues, como está na edição de Varnhagen e reedições posteriores), segundo se lê no texto. Veio também o irmão Barnabé Tello, o tocador de berimbau, que antes fôra secretario do padre Simão de Azevedo. A Christovão de Gouvêa acompanhou esse irmão em toda a sua visita do Brasil e com elle voltou a Portugal, soffrendo na tornada as mesmas vicissitndes. Cardim, muitas vezes, com sympathia, se refere a Barnabé Tello. Na lista não se encontra o nome do irmão ou noviço Martinho ou Martin Vaz, que consta da *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania*, do padre Augusto Franco, excerptada por Antonio Henriques Leal — *Apontamentos para a Historia dos Jesuitas no Brasil* (Lisbôa, 1874) t. II, ps. 189-252.

V Os frades Bentos vieram estabelecer-se na Bahia durante o governo de Lourenço da Veiga (1 de Janeiro de 1578 a 11 de Junho de 1581). Segundo Anchieta — *Informações e fragmentos historicos* (Rio de Janeiro, 1886), ps. 13: “no anno de 83 vieram dois de S. Bento com ordem de seu Geral. A estes se deu um bom sitio na Bahia e uma igreja de S. Sebastião, e fazem já mosteiro: são tres por todos até agora e começam a receber alguns outros a ordem”. Delles foi o primeiro frei Antonio Ventura. Manuel Telles Barreto, em carta a el-rei d. Sebastião, de 14 de Agosto de 1584, respondendo a outra de recommendação em favor dos Benedictinos, escreven que “haviã sido mui bem recebidos, que iam em crescimento, mas que necessitavam que S. M. Ihes fizesse alguma esmola”. — Citação de Varnhagen — *Historia Geral do Brasil* (2.ª edição) t. I, ps. 354 — Ver Balthazar da Silva Lisboa — *Anuaes do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1835) vol. VI, ps. 265 e segs., e com mais pormenores e mais copiosa documentação sobre a Ordem dos Benedictinos no

Brasil, a excellente memoria do dr. B. F. Ramiz Galvão, na *Revista do Instituto Historico*, t. 35, parte I (1872), ps. 249 e segs.

VI — Na edição de Varnhagen, de 1847, como nas duas reimpressões de Mello Moraes e na da *Revista do Instituto Historico*, t. 65, parte I (1902), vem a chegada á Bahia a 9 de Março, erro evidente que corrigimos para 9 de Maio, de accordo com a cópia de Evora.

VII — Gregorio Serrão entrou para a Companhia em 1550, em Coimbra, e chegou á Bahia no terceiro soccorro, a 13 de Julho de 1553, com o padre Luiz da Grã e outros padres e irmãos, entre os quaes Joseph de Anchieta; vinha ainda como irmão ou escolar e exercia o officio de enfermeiro. Em Piratininga residiu muito tempo em cômpanhia do irmão Manuel de Chaves, aprendendo a lingua da terra e ensinando os meninos da escola. Passados alguns annos nesses exercicios, foi mandado para a Bahia, onde em Julho de 1562 recebia das mãos do bispo d. Pedro Leitão as ordens sacerdotaes. Serviu como reitor do collegio da Bahia cerca de vinte annos e nesse interim, em fins do anno de 1575, foi mandado á Roma na qualidade de procurador da provincia, sendo geral ao tempo o padre Everardo Mercuriano. Tendo exposto alli e em Portugal a importancia de Pernambuco, e como estava povoado de gente nobre e rica, conseguiu que se fundasse collegio naquella capitania, e se dotasse para vinte, o que foi feito logo em 1576, sendo esse collegio o terceiro do Brasil. Em 1578 regressou á provincia, trazendo em sua companhia dezeseis padres e irmãos, que foi o maior contingente que chegou ao Brasil no seculo XVI. Doente, e como sua enfermidade não tivesse melhoria, entendeu o provincial, que era então Anchieta, de mandá-lo para o Rio de Janeiro, com esperanza de que, mudando de clima, lograsse allivio a seus males. Em viagem, o navio em que vinha com ou-

tros padres e irmãos arribou ao Espirito Santo e abi falleceu o padre Gregorio Serrão, a 25 de Novembro de 1586, com trinta e seis annos de Companhia e trinta e tres de Brasil. Foi enterrado na capella de Sant'Iago, onde mais tarde foi sepultado o corpo de Anchieta, o provincial que, segundo as chronicas, ao ordenar-lhe **seguisse viagem, lhe dissera propheticamente: - "Vade, frater, quia postea nos conjungit locus."**

Na *America Abreviada*, do padre João de Sousa Ferreira, inserta na *Revista do Instituto Historico*, t. 57, parte I (1894), vem a resolução, que assignou com o bispo (d. Antonio de Barreiros) e o ouvidor-geral Cosme Bangel, sobre os injustos captiveiros dos indios, na qual se criticam as determinações nesse sentido tomadas pelos governadores Luiz de Brito e Antonio de Salema, e se indicam os remedios para o augmento e conservação do estado do Brasil.

VIII — O padre Manuel de Barros chegou a Bahia com a grande léva que trouxe o padre Gregorio Serrão em 1578. Era dos melhores prégadores que havia na provincia, informa Cardim, que a elle se refere mais de uma vez. Manuel de Barros falleceu na Bahia em 1587.

IX — Dos Monizes de Portugal trata Braancamp Freire *Brasões da Sala de Contra* (Lisbôa, 1889), vol. II, ps. 234|262. No reinado de d. João I viveu Vasco Martins Moniz, filho de Branca Lourenço e de Martim Fagundes, que pelas eras de 1415 a 1417 foi encarregado da guarda e arrecadação dos egrejairos reais de Beja, Serpa, Moura, Mourão e Olivença. Casou Vasco Martins com Brites Pereira e foi o progenitor dos alcaides môres de Silves, dos senhores de Angeja e de varios ramos no continente e nas ilhas. Outro Moniz, Febos Moniz, floresceu no reinado de d. Manuel. Nas côrtes celebradas em Lisbôa, de Fevereiro a Março de 1494, em que se deliberou sobre a jornada do rei e da rainha para serem jurados os príncipes

herdeiros de Castella e Aragão, se encontra nomeado Febo Moniz entre os officiaes môres e fidalgos. Damião de Góes — *Chronica do Serenissimo Rei D. Emanuel* (Coimbra, 1790), parte I, cap. XXVI, ps. 54.

O governador Manuel Telles Barreto era filho do capitão Henrique Moniz Barreto, que no anno de 1529, a 1 de Setembro, seguiu para a India commandando a nau *Concepçam*, uma das quatro da armada do capitão-mór Diogo da Silveira. Henrique Moniz falleceu no mar, e levava comsigo dois filhos de pouca edade, Antonio Moniz, que depois foi governador da India, e Ayres Moniz. Diogo do Couto — *Décadas* (Lisbôa, 1778), t. I, parte II, ps. 39; Frei Luiz de Sousa — *Annaes de Elrei Dom João Terceiro* (Lisbôa, 1844), ps. 258; Manuel Xavier — *Cômpendio Universal* (Nova Gôa, 1917), ps. 18.

X — Segundo Cardim, existiam no collegio da Bahia, quando chegou o visitador Christovão de Gouvêa, duas cabeças das Onze mil virgens; o padre trouxe mais outra. Até 1584, conforme Anchieta — *Informações* citadas, ps. 25, havia em todo o Brasil seis dessas reliquias, que o texto assiim distribúe: tres no collegio da Bahia, uma em Pernambuco, uma no Rio de Janeiro; quanto á restante estaria talvez em Piratininga. Naquelle anno foi creada na Bahia a irmandade das Onze mil virgens. Dos *Annales Litterarii*, excerptados por A. Henriques Leal — *Apontamentos* citados, t. II, ps. 165, consta referencia ao facto: “Faltando chuvas e havendo muita secca, fizeram preces e procissão nocturna, indo nella um andor com a cabeça de uma das Onze mil virgens, e logo se toldou o céu, e começou a chover.” Representaram os padres por essa occasião um mysterio ou auto das Onze mil virgens: “o publico chorava (dizem os *Annales*), e não se pôde significar quanto começámos a ser procurados e concorridos depois desta solemnidade.”

A' irmandade das Onze mil virgens dispensou o bispo

d. Antonio de Barreiros favores valiosos e prometteu dar perpetuamente a cêra para o altar.

XI -- Refere-se Cardim á quinta do Tanque, que actualmente é conhecida por quinta dos Lazaros, situada no arrealde de Brotas, a uma legua da cidade da Bahia. Ahi viveu o padre Antonio Vieira os ultimos annos de sua vida.

XII O collegio da Bahia foi o segundo estabelecido no Brasil, sendo o primeiro o de S. Paulo de Piratininga. O anno de sua fundação foi o de 1556, quando o padre Manuel da Nobrega voltou do Sul, tendo desistido de ir ao rio da Prata. Por provisão de 7 de Novembro de 1564, el-rei d. Sebastião dotou o collegio para sessenta irmãos. "Como a cidade da Bahia teve grandes augmentos nos engenhos de assucar e fazendas e muito trato de portuguezes, e como é o assento dos governadores e bispos (escreve Anchieta *Informações citadas*, ps. 23) assim tambem creceu muito, porque todos os irmãos que eram mandados de Portugal vinham a elle (collegio) e proseguiu seu estudo muito de proposito, abrindo-se escolas para todos os de fóra. Nella ha de ordinario escola de ler, escrever e algarismos, duas classes de humanidades, leram-se já dois cursos de artes, em que se fizeram alguns mestres de casa e de fóra e agora (1584) se acaba terceiro. Ha licção ordinaria de casos de consciencia, e, ás vezes, duas de theologia, donde sahiram já alguns mancebos prégadores, de que o bispo se aproveita para a sua sé, e alguns curas para as freguezias. A este collegio estiveram subordinadas todas as casas das capitarias, até que houve outros collegios, e agora não são mais a elle subordinadas que as dos Ilhêos e Porto Seguro."

A dotação real era de tres mil ducados de renda annual, "que seus officiaes pagam mui mal, pelo que o collegio está endividado" lastima Anchieta, *ibi*, ps. 36. A cal de ostra, como chama Cardim, era a extrahida

dos *sambaquis*; no *Clima do Brasil*, cap. XVIII, quando trata das ostras, allude a esses montes de cascas, de um só dos quaes se “fez parte do collegio da Bahia, os paços do governador, e outros muitos edificios, e ainda não he esgotado.” — Veja Gabriel Soares — *Tratado descriptivo do Brasil em 1587* (Rio de Janeiro, 1851), ps. 355|356.

XIII — A aldêa do Espirito Santo era uma das tres povoações de indios christãos que o collegio da Bahia por esse tempo tinha a seu cargo. Uma carta do padre Ruy Pereira aos da Companhia em Portugal, datada de 11 de Setembro de 1560, que publicou Accioli — *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia*, t. III (Bahia, 1836), ps. 235|253, refere-se á egreja do *Sancti Spiritus*, que distava da Bahia até seis leguas pouco mais ou menos. Haveria dois annos que andavam padres nessa povoação, em que se ajuntaram sete aldêas com mil almas christãs. Segundo Anchieta — *Informações* citadas, ps. 38, accorde com Cardim, a aldêa ficava a sete leguas da Bahia; das outras duas, Santo Antonio distava oito e S. João quatorze leguas daquella cidade. As tres deviam ter 2.500 pessoas, e dois ou quatro padres residiam em cada uma. Em G. Soares — *Tratado descriptivo* citado, ps. 50, ha noticias dessas aldêas. Uma relação anonyma, mas de procedencia jesuitica, talvez da autoria do padre Luiz da Fonseca, intitulada *Trabalhos dos primeiros Jesuitas no Brasil*, publicada na *Revista do Instituto Historico*, t. 57, parte I (1894), ps. 213|249, informa sufficientemente sobre esse assumpto.

A aldêa do Espirito Santo é hoje Abrantes.

XIV — *Tapyara*, *tapeyára* ou *tapejára*, é vocabulo tupi, composto de *apé* caminho, que recebe o *t* generico ou absoluto, e *yára*, do verbo *yár* tomar: o que toma, senhor, dono; sabedor do caminho, guia, vaqueano; useiro e veseiro, no *Diccionario Portuguez e Brásiliano* (Lisbôa, 1795).

XV — O homem rico, que agasalhou o visitador e sua comitiva, é possível fosse Sebastião Luiz, que tinha na região uma fazenda. — Gabriel Soares — *Tratado Descritivo*, citado, ps. 51

XVI — *Cunumi* é vocabulo tupi e significa menino. Em Anchieta — *Arte de Grammatica*, reimpressão de Platzmann (Leipzig, 1876), fls. 9 v., vem *cunumi* menino; mas no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, citado, está *curumim* rapaz.

XVII — *Anhangá*, melhor *anhanga*, é vocabulo tupi, que significa alma do mal; *ai* mal, *ang* alma, isto é, diabo, demo, demonio. No *Diccionario Portuguez e Brasiliano* tem a unica accepção de fantasma. Conf. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba *anhang*.

XVIII — *Murubixaba*, chefe da tribu, principal. No *Tesoro* de Montoya vem *mburubiçá*, que se compõe de "po continens, y *lubichá* grande, el que contiene en si grandeza, Principe, Señor." — Conf. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba *morubixaba*.

XIX — *Ereipe* é dieção tupi, que assim se decompõe: *erê* tu, *júr*, do verbo *aiár*, vieste, e *pe* particula interrogativa: tu vieste? Era a fórmula de saudação commun aos povos da familia Tupi, o *salamaláh* da raza, na comparação apropriada de Varnhagen. — Conf. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba.

XX — Ver nota XIII. Nesse passo a informação de Carilim não combina com a de Anchieta, que faz distar a aldeia de S. João quatorze leguas da Bahia.

XXI — O irmão Francisco Dias foi um dos que vieram na léva do padre Gregorio Serrão, em 1578. Faltam noticias a seu respeito.

XXII — Os engenhos *copeiros* são aquelles cuja rôda se móve com agua, que cáe de cima nos cubos mais altos; *rasteiros*, tambem chamados *meio-copeiros*, quando a rôda toma a agua pelo meio, abaixo do eixo; *trapiches* são os de almanjarras, de tracção animal.

XXIII — *Guaimurés*, são os Aymorés, que Anchieta, nas *Informações*, chama *Guamures*. — Conf. Baptista Caetano — *Indíos do Brasil*, verba.

XXIV — Segundo Anchieta — *Informações* citadas, ps. 4, as terras do Camamú, doadas por Men de Sá ao collegio da Bahia, eram doze leguas em quadra com oito aguas para engenhos de assucar. Gabriel Soares — *Traçado descriptivo* citado, ps. 54, diz que os padres da Companhia possuíam ahi terra com dez leguas de costa “por lhe fazer della doação Men de Sá.”

XXV — A capitania de Ilhéos pertenceu primeiro a Jorge de Figueiredo Corrêa e Alarcão, por carta de doação de el-rei d. João III, de 26 de Julho de 1534. Jorge de Figueiredo, escrivão da fazenda real, não querendo deixar este cargo, delegou poderes ao espanhól Francisco Romero para estabelecer a colonia. Romero, de facto, fundou a villa de S. Jorge, que administrou militarmente, repellindo os primeiros assaltos dos indios; mas, ignorante da legislação do reino, taes arbitrariedades commetteu no governo civil, que os colonos o forçaram a ir á presença do donatario. Este o mandou repôr, com o que concorreu para a rapida decadencia da capitania, que chegou a ser por aquelles tempos uma das que mais rendiam.

Jorge de Figueiredo havia passado a capitania a seu filho segundo Jeronymo de Alarcão Figueirêdo, por desistencia do mais velho, que era Ruy de Figueiredo; aquelle a passou a Lucas Giraldes, por escriptura de venda de 10 de Novembro de 1560, confirmada por carta real de 6 de

Junho do anno seguinte. Desse donatario diz frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, citada, ps. 100, "que nella metteu grande cabedal, com o que veio a ter oito engenhos, ainda que os feitores (como costumam fazer no Brasil) lhe davam em conta a despesa por receita, mandando-lhe mui pouco ou nem um assucar. Pelo que elle escreveu a um florentino chamado Thomaz, que lhe pagava com cartas de muita eloquencia: Thomazo, quiere que te diga, manda la asuere, deixa la parolle, e assignou-se sem escrever mais letra." Fallecendo Lucas Gualdes, veio a capitania ter ás mãos de seu filho Francisco Gualdes, confirmado por carta de 10 de Agosto de 1566.

Francisco Gualdes foi nomeado para succeder Manuel Telles Barreto no governo geral do Brasil, em 9 de Março de 1588. Vindo assumir suas funcções, a nau em que viajava andou à matroca durante quarenta dias da Madeira para a costa da Guiné, sem conseguir transpôr a linha, arribando afinal para as Antilhas sem tocar no continente. Depois de um anno e meio de navegação, voltou a Lisboa, em fins de Setembro de 1589. O contratempo arrefeceu o animo do governador, que ao cabo desistiu do cargo.

Ainda neste passo o que diz Cardim concorda com o que se lê em Auchieta — *Informações* citadas, ps. 39, com a differença de conterem estas mais minucias.

XXVI O administrador, a que Cardim se refere, é Bartholomeu Simões Pereira, que chegou ao Brasil nos ultimos dias de 1577, com o governador Lourenço da Veiga. O papa Gregorio XIII, pelo breve *Novi Orbis*, de 19 de Julho de 1576, desmembrou do bispado do Brasil o territorio do Rio de Janeiro e capitancias vizinhas, para nelle crear uma prelazia com jurisdicção ordinaria e independente, *ad-instar* das de Ormuz, Moçambique, Sofala e Malaca. No breve se declarou expressamente que a nomeação do administrador competia a el-rei e devia caber á pessoa examinada e approvada pelo tribunal da

mesa de Consciencia e Ordens. Por carta de 11 de Maio de 1577 d. Sebastião nomeou Bartholomeu Simões Pereira, clérigo do habito de S. Pedro, bacharel formado, distincto por virtudes e letras, com o ordenado annual de 200\$000, além de 40\$000 de mercê ordinaria.

Empossado de sua prelasia, em data que não foi possível determinar, o administrador em Setembro de 1583 estava de visita á capitania de Porto Seguro, como se vê do texto; annos depois passou a viver na capitania do Espirito Santo, malquisto do povo do Rio de Janeiro, isso depois de 1 de Julho de 1591, porque nessa data assignou a provisão que inhibia ao vigario da matriz de S. Sebastião de intrometter-se nas eleições de provedor e mesarios da Misericordia, e naquelle mesmo anno approvava, no Espirito Santo, a escriptura de doação da capella de N. S. da Penha, feita pela viuva do donatario d. Luiza Grinalda, com intervenção e consentimento das camaras de Villa Velha e Victoria. A razão da malquerença não está elucidada. Segundo Pizarro — *Memorias Historicas do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1820), t. II, ps. 56, — “o seu heroismo no empenho de reformar os sentimentos viciosos dos habitantes da Provincia, de instrui-los nos deveres da Religião Catholica, e de plantar em corações pouco doces a obediencia aos preceitos do Evangelho, e da Igreja”, — seria mal recompensado, pelo que o administrador, “farto de procedimentos assás ingratos, sacudiu o pó dos sapatos” e foi viver no Espirito Santo.

Balthazar da Silva Lisbôa — *Apontamentos para a Historia Ecclesiastica do Rio de Janeiro* (Ms. do Instituto Historico), attribue a indisposição dos habitantes do Rio de Janeiro contra o administrador a outro motivo, como fosse occupar-se elle de mais das cousas externas da jurisdicção civil, tomando contas das testamentarias, que até por direito das concordatas, em Portugal, só tomavam os prelados as dos mezes de suas alternativas; procedendo por censuras ecclesiasticas contra os que se negavam a receber as suas constituições, que lhe augmentavam os

réditos, e a reconhecer a sua autoridade, que não era a de Jesus Christo, mas de seu particular interesse.

Bartholomeu Simões Pereira viveu no Espirito Santo alem de Junho de 1597. Nesse mez esteve presente ao enterro de Anchieta, na casa de Sant'Iago, que a Companhia tinha alli, e prégou nos funeraes; foi quem primeiro o chamou "apostolo do Brasil" — Simão de Vasconcellos — *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta* (Lisbôa, 1672), ps. 351; Pero Rodrigues — *Vida do Padre José de Anchieta*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXIX (1907), ps. 224.

Segundo Pizarro (*loc. cit.*), o administrador acabou com suspeitas de envenenado.

XXVII — A ermida de N. S. da Ajuda foi fundada na capitania do Porto-Seguro pelo padre Francisco Pires, que chegou ao Brasil em 1550 e morreu no collegio da Bahia, em Janeiro de 1586. Uma carta de Francisco Pires para os irmãos de Portugal, sem data, mas provavelmente de fins de Junho de 1551 a Janeiro de 1552, porque se refere à estada de Nobrega em Pernambuco, que abarcou aquelle periodo de tempo. Foi ultimamente impressa ou reimpressa por Braz do Amaral. *Memorias Historicas e Politicas da Bahia*, citadas, ps. 364-366.

XXVIII — Vicente Rodrigues chegou ao Brasil em 29 de Março de 1549, na primeira léva de jesuitas conduzida pelo padre Manuel da Nobrega; ainda não tinha todas as ordens sacras, que depois recebeu aqui. Na obra da catechese o padre Vicente Rodrigues correu toda a costa; falleceu no Rio de Janeiro, em 9 de Junho de 1598, com quarenta e nove annos de Brasil. Nobrega — *Cartas do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), ps. 48, chama-o de Vicente Rijo, que era o sobrenome de seu irmão, o padre Jorge Rijo, ministro do collegio de Coimbra durante cincoenta annos. Foi esse ministro que educou Anchieta. Jorge Rijo falleceu naquelle collegio em 15 de Julho de 1614, com oitenta

e setc annos de edade e sessenta e sete d roupêta. — Conf. *Agiologio Lusitano*, t. IV, ps. 171, letra I.

XXIX — Ao caso milagroso da fonte que brotou sob o altar, refere-se Balthazar Telles — *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal* (Lisbôa, 1645), parte 1.ª, ps. 467|468. Com mais pormenores está em Simão de Vasconcellos — *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* (2.ª edição, Rio de Janeiro, 1864), ps. 137|139. Vasconcellôs invoca o testemunho do padre Orlandino, que tambem se occupa da maravilha. Gabriel Soares — *Tratado descriptivo* citado, ps. 63, escreve a respeito: “De Porto Seguro á villa de Santo Amaro é uma legua, onde está um pico mui alto em que está uma hermidã de N. S. da Ajuda, que faz muitos milagres. Frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil* citada, refere: “Edificou (Pero do Campo Tourinho) mais a villa de Santa Cruz e outra de Santo Amaro, onde está uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda, em um monte mui alto, e no meio d'elle, no caminho por que se sóbe, uma fonte de agua milagrosa, assim nos effeitos que Deus obra por meio della, dando saúde aos enfermos que a bebem, como na origem, que subitamente a deu o Senhor alli pela oração de um religioso da Companhia, segundo me disse, como testemunha de vista e bem qualificada, um neto do dito Pero do Campo Tourinho e do seu proprio nome, meu condiscipulo no estudo das artes e theologia, e depois deão da Sé desta Bahia.” — Ver ainda Anchieta — *Informações* citadas, ps. 73; Jaboatão — *Novo Orbe Serafico Brasilico* (Rio de Janeiro, 1858), vol. I, ps. 81, e Pero Rodrigues — *Vida do Padre José d'Anchieta* citada, ps. 193. Na *Historia dos Collegiôs do Brasil*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XIX (1897), ps. 104, ha referencia ao facto. Uma lista dos milagres causados pela fonte de Porto Seguro encontra-se em *Algumas cousas mais notaveis do Brasil*, impressas no *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Uni-*

versidade de Coimbra — Coimbra, 1904 — (Nota do dr. Capistrano de Abreu). Ahi apparece o nome do irmão Manuel Tristão, enfermeiro do collegio da Bahia, a quem Purchas pretendeu attribuir a autoria dos escriptos de Cardim.

XXX — Refere-se ao padre Joseph de Anchieta, que foi o sexto provincial do Brasil, e o era ao tempo da visitação do padre Christovão de Gouvêa.

XXXI — A aldêa de Santo André mandou fundar o provincial Luiz da Grã em Novembro de 1561, a trinta leguas da Bahia, e já estava povoada em 1562. Ver *Tribalhos dos primeiros Jesuitas no Brasil*, citados, ps. 219.

XXXII — Dia do Anjo (e não 1.º dia do anno, como leu Varnhagen) deve ser o de 29 de Setembro, de S. Miguel Archanjo.

XXXIII — Da capitania de Porto Seguro o primitivo donatario foi Pero do Campo Tourinho, que em 1535 assentou a primeira villa no monte vizinho ao sitio em que Cabral fizera plantar a cruz. Esse donatario teve no Brasil a existencia attribulada que se conhece. Em Porto Seguro, a 24 de Novembro de 1546, foi preso, logo submettido a longo processo e afinal remettido acorrentado ao Tribunal da Inquisição de Lisbôa, por crime de heresia e blasphemia, escreve Capistrano de Abreu, nos *Prolegomenos* citados, ps. 81. Para o facto encontrou o mestre explicação no que denunciou o sexagenario Gaspar Dias Barbosa á mesa do Santo Officio na Bahia, embora com seus dizeres não concordem em tudo os do processo ainda existente, de que têm sido divulgados alguns excerptos: “na capitania de Porto Seguro André do Campo e Gaspar Fernandes, escrivão, e uns frades da ordem de S. Francisco e outras pessoas que lhe não lembram, ordenaram autos e tiraram testemunhas e prenderam a

Pero do Campo, capitão e governador da dita capitania, pae do dito André do Campo, e o enviaram preso ao reino por parte da Santa Inquisição, dizendo que era hereje e depois ouviu dizer que fôra aquillo inventado para o dito André do Campo ficar em lugar do pae, como ficou". — *Primeira visitação ás partes do Brasil* (S. Paulo, 1922), ps. 2. — Antes disso, em Lisbôa, a 13 de Setembro de 1543, João Barbosa Paes denunciára Pero do Campo por se dizer Papa e rei e fazer trabalhar aos domingos. Levado para o reino, como ficou dito, ainda em 1550 respondia a interrogatorio. Do que se conhece desse processo, uma cousa resalta ao primeiro exame: era Pero do Campo homem de lingua solta e mordacidade exagerada. Vivia ainda, provavelmente em Lisbôa, em 1554, porque, a 19 de Novembro, com sua mulher d. Inez Fernandes Pinta renunciava em favor de seu filho Fernando do Campo os direitos da donataria, — conforme a Varnhagen annotou Capistrano de Abreu — *Historia Geral*, 3.^a edição (Rio de Janeiro, 1906), t. I e unico publicado, ps. 255. Fallecendo Fernando do Campo sem filhos, legou a capitania á sua irmã d. Leonor do Campo, casada com Gregorio da Pesqueira, a qual obteve confirmação por alvará de 30 de Maio de 1556. Outro alvará, de 16 de Junho de 1559, concedeu-lhe licença para vende-la ao duque de Aveiro, venda concluida em 10 de Agosto daquelle anno e confirmada a 6 de Fevereiro do seguinte, pelo preço de 100\$000 de juro á razão de 12\$500 o milheiro, 600\$000 em dinheiro de contado e dois moios de trigo em cada anno, emquanto vivesse d. Leonor. O duque de Aveiro, d. João de Lencastre, falleceu em 22 de Agosto de 1571, passando a capitania a seu filho e successor d. Pedro Diniz, que era o donatario ao tempo em que escrevia Cardim. Ao texto ajusta-se o que disse Anchieta — *Informações* citadas, ps. 39|40.

XXXIV — O padre Ignacio de Tolosa chegou ao Brasil em 21 de Abril (9 kal. maii) de 1572. Veio como provincial, que foi o quinto, em substituição do padre Ignacio de Azevedo, trucidado com muitos companheiros, em 15 de Julho de 1570, por piratas huguenotes commandados por Jacques de Sores. Tolosa era espanhol, natural de Medina Cœli; entrou para a Companhia em Portugal, e como era doutor em Theologia, professou essa materia em Coimbra. Exerceu o provincialato de 1572 a 1577, sendo substituido por Anchieta. Era reitor do collegio do Rio de Janeiro ao tempo da visitação do padre Christovão de Gouvêa. Falleceu em 24 de Maio de 1611, no collegio da Bahia. — Conf. *Agiologio Lusitano*, t. III, ps. 390, letra N, e 398.

XXXV — O padre Quiricio Caxa veio para o Brasil em 1563. Era espanhol. Foi reitor do collegio da Bahia durante os dois annos em que o padre Gregorio Serrão esteve como procurador da provincia em Roma e Portugal. De sua autoria ha uma carta escripta da Bahia, em 13 de Julho de 1565, ao padre dr. Diogo Mirão, provincial em Portugal, e impressa nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XXVII (1905), ps. 259 265, relatando um combate entre francezes e portuguezes, commandados estes por Estacio de Sá. Em carta do padre Fernão Cardim ao geral Claudio Aquaviva, de 8 de Maio de 1606, diz aquelle que, quando foi eleito na congregação provincial para ir tratar em Roma cousas de importancia para bem da provincia do Brasil, entre outros papeis que levou foi um da *Vida* do padre Joseph de Anchieta, escripta pelo padre Quiricio Caxa, segundo as informações muito certas que o padre Pero Rodrigues, sendo provincial, lhe deu por escripto de padres da Companhia que com o Thaumaturgo trataram. Do destino dessa *Vida* não se sabe. Outras cartas suas estão publicadas; ineditas devem tambem existir algumas.

Ainda vivia na Bahia ao tempo em que Heitor Furtado de Mendonça lá esteve como visitador da Inquisição: em Agosto de 1591 advèrtia ao dr. Ambrósio Peixoto de Carvalho, desembargador e provedor-mór dos defuntos e ausentes, de certa heresia proferida em sua presença, que este se apressou em confessar á mesa do Santo Officio — *Primeira visitação* citada, ps. 54. — Em Janeiro do anno seguinte, devia ter ouvido em confissão os peccados escabrosos de Marcos Barroso, passando recibo para a mesa ver. — *Ibi.*, ps. 153.

XXXVI — Luiz da Fonseca nasceu em Alvalade, villa do Alemtejo, em 1550; entrou para a Companhia em 1569 e nesse mesmo anno foi enviado para o Brasil, aqui recebendo as quatro ordens, conforme narra Cardim no texto. Foi vice-reitor do collegio da Bahia durante o impedimento por ausencia e enfermidade do padre Gregorio Serrão, e reitor quando este não poude mais fazer seu officio. Em 1589 era socio ou secretario do provincial e em 1591 ou principios de 1592, reunida a congregação da provincia para a eleição do procurador que devia ser mandado a Roma, a escolha nelle recaiu. Sabe-se que desempenhou bem sua missão. Presume-se de sua autoria a memoria anonyma sobre os *Trabalhos dos primeiros Jesuitas no Brasil*, citados. Uma sua carta, escripta por commissão do provincial Ignacio de Tolosa, datada da Bahia em 17 de Dezembro de 1577 e dirigida ao geral Everardo Mercuriano, primeiro divulgada através da traducção franceza das *Lettres du Jappon, Perv et Brasil* (Paris, 1578), ps. 73|79, é documento unico sobre a expedição do dr. Antonio de Salema a Cabo-Frio, em que desbaratou os Tamoyos alli fortificados. Uma versão italiana dessa mesma carta publicou o meritorio barão de Studart nos *Documentos para a Historia do Brasil*, vol. II, ps. 17|73. Da traducção franceza utilizou-se o dr. Capistrano de Abreu para reconstituir magistralmente a narração daquella tragica jornada, em artigo publicado na *Gazeta*

de Notícias, de 6 de Novembro de 1882, sob o título de *Gravetos da Historia Patria*, transcripto em boa hora por Macedo Soares, em nota á segunda edição do *Regimento das Camaras Municipaes*, de Cortines Laxe (Rio de Janeiro, 1885), ps. 443, 446, e por Augusto de Carvalho, nos *Apontamentos para a Historia da capitania de S. Thomé* (Campos, 1888), ps. 81|85.

XXXVII O padre Antonio Gomes devia ter vindo ao Brasil antes de 1583, porque em fins desse anno ou principios do seguinte voltava como procurador para tratar em Roma e Portugal. Faltam depoimentos a seu respeito. Na *Synopsis* de Franco, referente a 1609, occorre um homonymo, que nao deve ser o proprio, porque não vem qualificado como padre.

XXXVIII Gabriel Soares *Tratado descriptivo* citado, ps. 132, escreve: "... e vai correndo esta ribeira (Pirajá) do mar da Bahia com esta formosura até Nossa Senhora da Escada, que é uma formosa igreja dos padres da Companhia, que a tem, muito bem concertada; onde ás vezes vão convalescer alguns padres de suas enfermidades, por ser o logar para isso; a qual igreja está uma legua do Rio de Pirajá e duas da cidade."

XXXIX Vicente Gonçalves chegou ao Brasil em 1578, na grande turma do padre Gregorio Serrão; na Bahia recebeu as quatro ordens. Nada mais sobre elle se consegue apurar.

XL. — O sacerdote, em cuja casa foi agasalhado na noite de 3 para 4 de Janeiro de 1584 o visitador com a sua comitiva, parece ter sido o padre Gonçalo de Oliveira, que depois entrou para a Companhia. A ella posteriormente fez reclamação por motivo de certas doações de seus bens, e foi despedido. Uma carta de Anchieta, sem data, mas de 1590, é informação unilateral sobre o

caso. — *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XIX (1897), ps. 65|67.

XLI — *Abaré-guaçú* é vocabulo tupi que significa padre grande, bispo. O nome *abará* compõe-se de *abá* homem, *ré* diferente, diverso, como era o padre dos outros homens, no conceito do indio. Em Luiz Figueira — *Grammatica Brasilica* (Lisbôa, 1687), ps. 6, vem *Abaré guaçú ogoatá*, o padre grande passêa. — *Pay*, que se encontra tambem no texto, é outro synonymo de padre: no *Diccionario Portuguez Brasileiro* citado, o padre da Companhia era *pay-abuna*; o de Santo Antonio *pay-tucúra*, etc. *Pay-guaçú* é o mesmo que *abará-guaçú*. — Conf. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba *abará*.

XLII — Era de uso tomarem os indios que se baptisavam nomes de personagens importantes. Com o de Martim Affonso de Sousa dois passaram á historia: Ararybóia e Tibyriçá; Men de Sá chamou-se esse de que Cardim faz menção; Vasco Fernandes, Antonio de Salama e Salvador Corrêa foram outros do Rio de Janeiro. Muitos foram os que adoptaram os nomes de portuguezes que os levaram á pia baptismal.

XLIII — A confissão da gente da terra, que não sabia falar a lingua dos padres, foi objecto de duvida, que o padre Manuel da Nobrega, em carta da Bahia, depois de 15 de Agosto de 1552, ao padre-mestre Simão, submetteu á disputa no Collegio de Coimbra, pedindo o parecer dos principaes letrados da Universidade. No dizer de Nobrega, “parece cousa nova, e não usada em a Christandade, posto que *Calet. in summam*, 11.^a *condit.*, e os que allega *Nau. c. fratres n. 85*, de *penit. dest.* 5.^a digam que póde, posto que não seja obrigado”. — Nobrega — *Cartas do Brasil* citadas, ps. 104. A duvida foi solvida pela affirmativa, porque Cardim confessava por interprete. Esse devia prestar o juramento de sigillo sacramental.

XLIV A phrase tupi — *xé raír lupá toçó de hiru-*
mano, traduzida no texto por — **filho**, Deus vá contigo,
— pode ser assim analysada:

xé, pronome paciente: me, mim, a mim, de mim, meu,
minha;

raír, *rayra*, por *tayra*, filho, mudado o *t* em *r* na com-
posição;

tupá por *Tupá*, Deus;

toçó, do verbo *açó* ir, subjunctivo presente;

de por *nde*, pronome paciente: te, ti, de ti, etc

hirunamo, por *grunamo*, junto com.

Do que, escripta correctamente, de accordo com
Anchieta e Figueira, resulta a phrase: — *xérayra*, *Tupá*
toçó nde grunamo, que se traduz literalmente: meu filho,
Deus vá junto contigo.

XLV — O cabaco cheio de pedrinhas é o *mariva*.

XLVI — *ôca*, nome tupi, de *og* cobrir, tapar, resguar-
dar: o que cobre, tapa, ou resguarda, a casa, a habitação
commum, que Lery, Hans Staden e outros descrevem mais
ou menos nos mesmos termos. Conf. Baptista Caetano
— *Indios do Brasil*, verba *ocas*.

XLVII — Neste passo, como nos *Indios do Brasil*, no
capitulo que trata *Do costume que têm de agasalhar os*
hospedes, refere-se Cardim á saudação lacrimosa dos ín-
dios. Era costume muito generalizado entre os aborige-
nes do Novo Mundo, em algumas partes cerimonia rigo-
rosa e indispensavel. Pero Lopes de Sousa foi talvez o
primeiro europeu que o observou e delle nos deixou noti-
cia mais ou menos circumstanciada, em seu *Diario da Na-
vegação*. Elle e seus companheiros, durante quasi dois
mezes de reconhecimentos effectuados no estuario do rio
da Prata, tiveram frequentes contactos com os Charruas
ou seus consanguineos, os Minuanos ou Yaros; ao desem-
barcarem nas immedições do cabo de Santa Maria, fo-

ram os portuguezes recebidos com prantos pelos naturaes, como se houvessem querido despedir-se delles. Os do rio dos Begoais, informa o *Diario*, eram muito tristes e choravam durante a maior parte do tempo, ao passo que os do rio S. João não o eram tanto como seus parceiros do cabo de Santa Maria.

Léry, Thevet, Gandavo, Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos e outros, assignalam esse costume entre os Tupis do litoral brasileiro. A descripção de Léry é acompanhada de curiosa gravura que reproduz a saudação lacrimosa. As informações de Cardim não são menos interessantes do que as dos seus contemporaneos. Entre os estudos modernos de Ethnologia comparada sobre o assumpto, veja-se:

— Georg Friederici — *Der Tränengruss der Indianer* — “Globus”, Bd. XXXIX, num. 2. Braunschweig, 1906.

— Rodolfo R. Schuller — *El origen de los Charrúa* — “Anales de la Universidad de Chile”, tomo CXVIII, Santiago, 1906.

— Alfredo de Carvalho — *A saudação lacrimosa dos Indios* — “Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano”, vol. XI, Recife, 1906.

XLVIII — *Typoya* ou *tipoiá* tem varios significados: *typpoy* para Hans Staden era uma especie de sacco aberto em cima e em baixo, que as mulheers vestiam; *tupoy* para Abbeville era “l’escharpe en laquelle les femmes portent leurs enfans au col”; saia, vestido, cousa pendente, rêde de cobrir, ou simplesmente rêde, são outros significados que se encontram nos autores. Quanto á origem da palavra, querem alguns que seja ella africana, usada pelas tribus de Angola; note-se, entretanto, que Hans Staden, sem o menor conhecimento de cousas da Africa, ouviu no Brasil *Typпой*, como escreveu. Para Baptista Caetano é, tupi-guarani: *tupói*, *tupái* ou *tipói*, significa literalmente o que pende das coxas.

XLIX - Parece referir-se a Garcia d'Avila o que se lê no texto, combinando-se com o que dizem Anchieta — *Informações* citadas, ps. 17, e Gabriel Soares — *Tratado descriptivo*, ps. 48. Era Garcia d'Avila dos mais ricos habitantes da Bahia naquelle tempo, possuidor de muitos curraes de gado em toda a costa do rio Real até alem de Tatuapára, com grandes edificios de casas de vivenda, capellas e ermidas. Veio para o Brasil em 1549 como criado do governador geral Thomé de Sousa, e foi o fundador da casa da Torre. A esse, quando não era mais governador, em carta da Bahia, de 5 de Julho de 1559, queixava-se o padre Manuel da Nobrega — *Cartas do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), ps. 161: "Agora entram os queixumes que eu tenho de Garcia d'Avila: é elle um homem com quem eu mais me alegrava e consolava nesta terra, porque achava nelle um rasto do espirito e bondade de V. Mercê de que eu sempre muito me contentei, e com o ter cá me alegrava, parecendo-me estar ainda Thomé de Sousa nesta terra. Tinha elle uns Indios perto de sua fazenda. Quando o governador os ajunctava, pediu-me lhe alcançasse do Governador que lh'os deixasse, promettendo elle de os meninos irem cada dia á escola de S. Paulo, que estava meia legua d'elle, e os mais iriam aos domingos e festas á missa e prégação. Concederam-lhe; mas elle teve mau cuidado de o cumprir, sendo de mim admoestado, antes deixava viver e morrer a todos como Gentios; e tinha allí um homem que lhe dava pouco por elle nem os escravos, e muito menos o Gentio irem á missa. Pelo que fui forçado de minha consciéncia a pedir que os ajunctassem com os outros em S. Paulo, e posto que ainda lh'os não tiraram, contado elle muito se escandalizou de mim, assina que, nem a elle, nem a outro nenhum já tenho nem quero mais que a Deus Nosso Senhor e a razão e justiça, si a eu tiver."

Em 28 de Julho de 1591 era o vereador mais velho da Camara da Bahia, e nessa qualidade prestava juramento publico da "e na fôrma do regimento que trouxera

o visitador do Santo Officio Heitor Furtado de Mendoga — *Primeira Visitação* citada, ps. 14|15. Garcia d'Avila, o velho, falleceu em 23 de Maio de 1609 e foi sepultado na Sé da Bahia. — Jaboatão — *Catalogo genealogico*, in *Revista do Instituto Historico*, t. 52, parte I (1889), ps. 89.

L — *Payguaçu* — Ver a nota XLI.

LI — Os ninhos a que se refere o texto são os do japú, ave da familia dos Icterideos (*Ostinops decumanus*, Pall.). O dr. Emilio A. Goeldi — *As aves do Brasil* (Rio de Janeiro, 1894), ps. 278|9, assim os descreve: “Todo brasileiro que já viu alguma cousa de sua patria póde ter observado os ninhos do japú. O local preferido tem um que de romantico, gigante vegetal em alto descortinado, veterano encanecido que domina a margem de um rio, sempre, porém, logar de difficil accesso; a altura do ninho é vertiginosa na maioria dos casos, e o ninho feito de preferencia em paineiras espinhentas e arvores congenes, de madeira podre e lisa, que difficulta muito trepar. Ali em cima, nos galhos extremos, penduram ao vento os ninhos longos, em fórma de bolsa, ás vezes muitos delles reunidos. O material empregado é principalmente barba de velho (*Tillandsia usneoides*), conhecida Bromeliacea cinzenta, que é tecida solida e artisticamente, e apezar disso continúa a crescer ali e até flóra. A entrada fica em cima: costuma ser protegida por uma tampa solta. Na bolsa quasi impossivel de rasgar, descançam sobre uma camada de folhas seccas dois ovos esbranquiçados, com marmorização avermelhado-roxo-desbotada; a primeira postura cáe nos mezes de Agosto a Setembro, em Novembro a segunda.” O material do ninho do japú foi ha tempos objecto de uma interessante polemica scientifica entre os drs. Hermann von Ihering e Jacques Huber: ver *Revista do Museu Paulista*, vol. IV (1900), e *Boletim do Museu Goeldi*, vol. III (1900|2) e IV (1904|6).

LII - O numero de engenhos do Reconcavo combina com o que dá Gabriel Soares: trinta e seis, dos quaes vinte e um que moiam com agua, e quinze que moiam com bois. Ao tempo em que Gandavo compunha seu *Tratado da Terra do Brasil* eram apenas dezoito, "e alguns se fazem novamente".

LIII — O padre Manuel de Castro não figura na *Synopsis* de Franco; um *Crasto*, que alli vem como portu-guez, sem declaração do primeiro nome, aportou ao Brasil em 1559 e era ainda irmão. Manuel de Castro, em fins de 1573, foi mandado com Pantaleão Gonçalves da Bahia para Pernambuco, e fez por mar jornada tormentosa, em que gastou quarenta dias; em Pernambuco escapou de morrer afogado, atravessando um rio a nado; na casa que alli existia, veio em Agosto de 1575 o irmão Gabriel Gonçalves ler a classe de latim em seu lugar. — Ver a *Historia de la Fundacion del Collegio de la Companhia de Pernambuco*, publicada na *Colleção de manuscritos inéditos da Bibliotheca Publica Municipal do Porto*, vol. VI (Porto, 1923), ps. 19 e 44.

LIV *Abactê* significa homem verdadeiro, homem de bem, de *abá* homem, e *etê* verdadeiro, legítimo, bom, de bem. É translata a acepção do texto. — Conf. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, verba

LV — *Teig-upaba* ou *teyupába*, é dicção tupi, que no *Diccionario Portuguez e Brasiliano* tem o equivalente de cabana, derivado de *teyy* do povo, da *gentalha*, *upáb* sitio, conforme Baptista Caetano. No lexico francez penetrou o *ajoupa*, a que Rochefort *Histoire Naturelle, e Morale des Iles Antilles de l'Amérique*, (Rotterdam, 1658), ps. 522, attribúe origem caraiba, significando "un appenty, un couvert, ou un auvent" e que corresponde perfeitamente ao *teyupába* tupi, graphado *aioupaue* por Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux. *Ajoupa* consigna Littré em

seu *Dictionnaire*, sem indicar procedencia, mas cita duas passagens da novella *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre, cuja acção se desenvolve em parte nas Guayanas. Nessas passagens occorre o termo *ajoupa*.

LVI — O padre Luiz da Grã veio para o Brasil com o segundo governador geral d. Duarte da Costa, que partiu de Lisbôa em 8 de Maio de 1553 e chegou á Bahia em 13 de Julho. Na mesma léva ou soccorro, como chamam os chronistas, vieram os padres Braz Lourenço e Ambrosio Pires, e os irmãos João Gonçalves, Antonio Blasques, Gregorio Serrão e Joseph de Anchieta. Na cidade do Salvador encontraram apenas o padre Salvador Pires, vindo em 1550, que falleceu dias depois, a 15 de Agosto, e o irmão Vicente Rodrigues, vindo em 1549, de quem já tratámos em outra nota. Nesse anno de 1553 foi de S. Vicente o padre Leonardo Nunes buscar reforço e levou Vicente Rodrigues, Gregorio Serrão e Joseph de Anchieta. Acabava o Brasil de ser creado provincia á parte e o padre Manuel da Nobrega nômeado seu provincial.

Luiz da Grã tinha sido reitor do collegio de Coimbra, mas foi no Brasil que culminou a sua carreira sacerdotal. — Em 15 de Maio de 1555 chegou a S. Vicente; por algum tempo ahi se demorou, lendo lições de casos para os irmãos da Companhia. Em Dezembro de 1559 recebeu patente de provincial para servir de parceria com Manuel da Nobrega, e exerceu o cargo até 1570. Do governador Men de Sá conseguiu fosse mudado para S. Vicente o collegio de Piratininga, “porque havia já lá moços de fóra que podiam estudar, dos quacs se ajuntaram uns poucos que estudaram”, — escreveu Anchieta — *Informações citadas*, ps. 22. A mudança effectuou-se em fins de 1560, quando Luiz da Grã já havia deixado S. Vicente, em demanda da Bahia, aonde chegou a 29 de Agosto daquelle anno em companhia de Men de Sá; em Outubro começava a visitar as aldêas de indios e fundava a de Santo Antonio. Sua obra de catechese tornou-se verdadeiramente notavel:

em onze aldeas, em 1562, estavam reunidos para mais de 5.000 indios. Por algum tempo foi reitor do collegio da Bahia e com o mesmo encargo passou para o de Pernambuco. Ahi falleceu a 5 de Maio de 1613, com sessenta annos de Brasil. Conf. *Agiologio Lusitano*, t. III, ps. 77, letra F

LVII Era o bispo d. Antonio de Barreiros e ouvidor geral o licenciado Martim Leitão, o famoso general da conquista da Parahyba. O bispo achava-se em Pernambuco desde 20 de Março de 1584; fôra na armada de Diogo Flores de Valdez, que saíra da Bahia no primeiro dia daquelle mez. Por esse tempo, entre Julho e Outubro, falleceu d. Brites de Albuquerque, viuva do velho Duarte Coelho; fizeram-se pomposas exequias no collegio de Olinda e proferiu a oração fúnebre d. Antonio de Barreiros. Esse prelado, em 1597, tomou parte no governo da capitania de Pernambuco com Duarte de Sá, vereador mais velho do Senado da Camara de Olinda, no impedimento do governador Manuel Mascarenhas Homem, que, commandando uma expedição militar, seguira para o Rio Grande do Norte

Cardim deixou de referir um facto passado durante sua estada em Pernambuco, do qual, pelo escandalo que levantou, teve com certeza conhecimento. Achava-se ali Pedro Sarmiento de Gambôa, a fazer provisões para levar para o estreito de Magalhães, que ia governar; Francisco Castejon, a quem competia fornece-las, aviava-se tão devagar que o ouvidor geral Martim Leitão já andava impaciente; um dia, em casa de Martim Carvalho, provedor-mór, estando presente d. Antonio de Barreiros, houve entre as duas autoridades acalorada discussão a proposito da demôra, a qual ia degenerando em luta armada, porque, saindo para a tua Nova de Olinda, acudiu muita gente em armas de uma e outra parte. Segundo frei Vicente do Salvador, foi o ouvidor geral quem apaziguou os animos exaltados; mas, conforme Sarmiento, foi graças a sua in-

tervenção que a briga se aplacou. — Ver frei Vicente do Salvador, — *Historia do Brasil*, liv. IV, cap. V; Pedro Sarmiento de Gambôa — *Sumaria relación*, in *Colección de Documentos inéditos del Archivo de Indias*, de d. Luis Torres de Mcndoza, tomo V, ps. 403.

LVIII — Governou a capitania de 1580 a 1592, como loco-tenente do donatario, o licenciado Simão Rodrigues Cardoso.

LIX — Olinda da Nova Lusitania foi a denominação dada pelo primeiro donatario Duarte Coelho Pereira.

LX — Sobre o principal Mitaguaya, Mitagaya ou Mitagay, como se encontra o nome em outros escriptos, escasseiam depoimentos historicos; mas de seu filho Gregorio, entregue aos padres da Companhia ainda menino, como se vê do texto, fazem as chronicas honrosa memoria. Gregorio Mitagaya acompanhou o padre Luiz Figueira de Pernambuco ao Maranhão e ajudou-o na construcção da igreja do collegio de S. Luiz; entrou com outros principaes na conspiração de 30 de Setembro de 1644, dos padres Lopo do Couto e Benedicto Amodoi, da qual resultou a revolta contra o dominio hollandez no Maranhão e o restabelecimento dos portuguezes nessa parte do Brasil.

André de Barros — *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieyra* (Lisbôa, 1746), ps. 98, tratando d'esse facto, confunde os nomes dos principaes Mitagaya e Joacaba, fazendo dos dois uma só personagem. A Sebastião Joacaba refere-se Berredo — *Annaes Historicos do Estado do Maranhão* (Lisbôa, 1749), ps. 65 e 392. D'esse Sebastião falla Claude d'Abbeville — *Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan* (Paris, 1614) fls. 107 v., 118 v. e 143. Casaram-no os capuchinhos francezes com uma filha de Japi-açú, principal da ilha do Maranhão, o *Iapy-ouassou* que domina as relações escriptas por

Évrcux e Abbeville. A respeito de Mitagaya veja-se também o que escreveu o padre José de Moraes, na *Historia da Companhia de Jesus na vice-provincia do Maranhão e Pará*, publicada por Candido Mendes de Almeida — *Memorias para a Historia do extinto Estado do Maranhão* (Rio de Janeiro, 1860), t. I, ps. 136/138.

LXI O padre Leonardo Arminio, italiano, chegou ao Brasil em 1575. Na Bahia assignou com o bispo d. Antonio de Barreiros, o visitador Heitor Furtado de Medoça, o padre Fernão Cardim, e outros, as determinações assentadas na mesa do Santo Officio em fins de Julho e principios de Agosto de 1593. *Primeira Visitação* citada, ps. 46.

LXII O padre Pero de Toledo, espanhol, chegou ao Brasil em 1576. Foi vice-reitor e reitor durante sete annos do collegio do Rio de Janeiro, succedendo ao padre Braz Lourenço, que por sua vez occupou o logar do padre Manuel da Nobrega. Em 1611 era provincial e por sua ordem acompanharam a expedição ao Maranhão os padres Manuel Gomes e Diogo Naves.

LXIII - O numero de engenhos de Pernambuco, dado por Cardim, combina com o que assignala Anchieta *Informações* citadas, ps. 33: "Tem 66 engenhos de assucar, e cada um é uma grande povoação e para serviço d'elles e das mais fazendas terá até 10.000 escravos de Guiné e Angola e de Indios da terra até 2.000.

LXIV O collegio de Pernambuco foi creado em 1576, quando o padre Gregorio Serrão fez ver em Portugal a importância daquella capitania. Para sua sustentação el-rei d. Sebastião dotou-o com mil cruzados annualmente. Uma carta de Christovão de Barros, provedor-mór da fazenda, ao rei, datada de Olinda, 18 de Novembro de 1578, que o dr. Capistrano de Abreu publicou

em nota a Anchieta — *Informações* citadas, ps. 33|34, pondera o seguinte: “Acho que devo advertir a Vossa Alteza de alguns inconvenientes que não fazem bem a vossa fazenda, pelo que quiz avisar do que me pareceu mais acomodado a vosso serviço, entre os quaes entendi que uma provisão que Vossa Alteza passou aos Padres da Companhia deste collegio de Olinda foi sem a informação que no caso se requeria, porque lhe dota Vossa Alteza mil cruzados cada anno, os quaes lhe serão pagos em assucar, assim como valeu por massa os annos passados que teve muito menos preço. Mas a razão que tenho para entender que estes mil cruzados não sejam pagos em assucar é que, arbitrados a como valeu em massa para os haverem de cobrar nos engenhos, conforme á Provisão, é detrimento notavel da vossa fazenda, porque seguindo a informação que disto tomei perde Vossa Alteza em cada anno mais de tres mil cruzados, porque não haverá pessoa que queirá arrendar com esta condição dos Padres; por onde, si a tenção de Vossa Alteza é dotar aos Padres mil cruzados que pelo respeito desta ordem fiquem mais avantajados visto os gastos e careza da terra, entendia eu que Vossa Alteza os devia melhorar em mais dinheiro, sendo servido e não pela maneira que tanto custa.”

Os jesuitas padres Manuel da Nobrega e Antonio Pires, entraram pela primeira vez em Pernambuco em 1551, entre 27 e 28 de Julho. Antes da fundação do collegio, havia a Companhia estabelecido alli uma residencia, para a qual tiveram os padres a ermida de Nossa Senhora da Graça situada no alto de um monte, onde depois se edificou o collegio. Dirigiu a casa em principios o padre Antonio Pires e em seguida o padre Gonçalo de Oliveira. Do collegio o primeiro reitor foi o padre Agustin del Castillo, espanhol, que morreu nesse cargo; o segundo foi o padre Luiz da Grã. A já citada *Historia de la Fundación del collegio de la Companhia de Pernambuco, hecha en el año de 1576*, só agora publicada, é documento interessante sobre o assumpto.

LXV -- Não foi possível apurar qual fosse esse padre, a que se refere Cardim. De 1581 a 1586 foi governador do Paraguay o licenciado Juan Torres de Vera; precedeu-o, de 1574 a 1581, Juan Ortiz de Zarate, e succedeu-o, de 1586 a 1592, Alonzo de Vera y Aragon, sobrinho do primeiro. Destes só o ultimo exerceu suas funções como governador effectivo, substituindo nesse caracter Domingo Martinez Irala; os outros, apesar da dilação de seus governos, foram provisórios ou interinos. Nos *Annales Litterarii* citados, allude-se á entrada para o collegio de Pernambuco, em 1584, de um moço, bom discursador e engenho ardente: "ut omnia de eo sperari jam liceat."

LXVI -- A phrase tupi *Pay, marápe, guarinime nande popeçoari?* vem livremente traduzida no texto. Decompondo-a e corrigindo-a, temos:

Pay, padre;

marápe, adverbio interrogativo: como;

guarini-me, na guerra;

nde, tua, tuas;

pó, mão, mãos;

peçó, verbo *agó* ir: vaes;

ari, pospositiva: sobre, em cima, uma sobre a outra, desoccupadas, vazias.

Do que resulta a traducção literal:

Padre, como na guerra vaes com tuas mãos vazias?

LXVII -- O padre Alvaro Lobo, ao que se infere do texto, não veio ao Brasil; seu nome não consta da *Synopsis* de Franco.

LXVIII -- O feito de Vasco Fernandes Coutinho, pae do donatario do Espirito Santo, a que Cardim allude, vem descripto por João de Barros *Décadas*, dec. II, liv. VI, cap. IV. -- Balthazar da Silva Lisboa *Annaes do Rio*

de Janeiro (Rio de Janeiro, 1834), t. I, ps. 333 e segs. compendiou Barros no que respeita a Vasco Fernandes.

LXIX — “Esta ermida (escreve Anchieta — *Informações* citadas, ps. 17|18) edificou-a um castelhano com ordens sacras chamado fr. Pedro, frade dos Capuchos, que cá veio com licença de seu Superior, homem de vida exemplar, o qual veio ao Brasil com zelo da salvação das almas e com elle andava pelas aldêas da Bahia em companhia dos Padres. Desejando de baptisar alguns desamparados e como não sabia letras nem a lingua, porque este seu zelo não fosse *non sine scientia*, baptisando alguns adultos sem o apparelho necessario, admoestado dos Padres, lhes pcdiu em escripto algum apparelho na lingua da terra para poder baptisar alguns que achasse sem remedio e os Padres não pudessem acudir e assim remediava muitos innocentes e alguns adultos. Com este mesmo zelo se foi á capitania do Espirito Santo onde fez o mesmo algum tempo, confcassando-se com os Padres e commungando a miúdo, até que começou e acabou esta ermida com ajuda de devotos moradores, e ao pé della fez uma casinha pequenina á honra de S. Francisco, na qual morreu com mostras de muita santidade.”

Frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, liv. II, cap. IV, escreveu: “Nesta ermida esteve antigamente por ermitão um frade leigo da nossa ordem, asturiano, chamado frei Pedro, de mui santa vida, como se confirmou em sua morte, a qual conheceu alguns dias antes, e se andou despedindo das pessoas devotas, dizendo que, feita a festa de Nossa Senhora, havia de morrer. E assim succedeu, e o acharam morto de geolhos e com as mãos levantadas como quando orava, e na tresladação de seus ossos desta igreja pera o nosso convento fez muitos milagres, e poucos enfermos os tocam com devoção que não sarem logo, principalmente de febres, como tudo consta do instrumento de testemunhas que está no archivo do convento.” O servo de Deus frei Pedro de Palacios, ou do

Rio Secco, perto de Salamanca, na **Espanha**, era leigo por profissão. Devia ter passado ao **Brasil** em 1558. Foi encontrado morto na capellinha de S. Francisco em 2 de Maio de 1570, e dado à sepultura no alpendre da ermida que fundára. — Jaboatão *Novo Orbe Serafico*, citado, vol. II, ps. 44. *Agiologio Lusitano*, vols. I, ps. 465 e 469, e III, ps. 28 e 39. — *Pena por Penha* é forma quinhentista, que se lê em Pacheco Pereira *Esmeralda de situ orbis* (liv. I, cap. 16), Zurara *Chronica de Guiné*, ps. 330, etc.

LXX A casa do Espirito Santo estava subordinada ao collegio do Rio de Janeiro, para o qual contribuia com a renda de quinhentos cruzados. Nella residiam de ordinario oito, cinco padres e tres irmãos. Anchieta *Informações* citadas, ps. 40-41, trata mais largamente desse ponto do que Cardim.

LXXI Governava o Rio de Janeiro, pela segunda vez, Salvador Corrêa de Sá, capitão-mor e governador.

LXXII Ararybóia, depois do baptismo Martin Afonso de Sousa, nome que tomou do donatario de S. Vicente, seu padrinho. Era o principal dos indios Temminós, alliados dos Portuguezes, contra os Tamoyos e Francezes, na conquista do Rio de Janeiro. Em remuneração dos grandes serviços que prestou, premiou-o d. Sebastião com a mercê do habito de cavalleiro da ordem de Christo e o posto de capitão-mór de sua aldeia, com o pacão de 128000. Desse principal refere fr. Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, liv. III, cap. XXIII, que indêvisitar o governador dr. Antonio de Salema, ao sentar-se na cadeira que lhe era offerecida, cavalgou uma pern sobre a outra, segundo seu costume; o governador fez-lhe saber pelo interprete que não era aquella boa cortezia, quando fallava com um governador, que representava a pessoa de el-rei. Ao que o indio respondeu de repente sem colera e arrogancia: Si tu souberas

quão cançadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a el-rei, não extranháras dar-lhes agora este pequeno descanso; mas, já que me achas pouco cortezão, eu me vou pera minha aldêa, onde não curamos desses pontos, e não tornarei mais á tua côrte.” Porém, nunca (conclue frei Vicente) deixou de se achar com os seus em todas as occasiões que o occuparam.

Januario da Cunha Barbosa, na *Biographia* que publicou de Ararybóia — *Revista do Instituto Historico*, t. 4 (1842), ps. 209, diz que esse esforçado indio morreu desastrosamente afogado junto da ilha de Mocanguê; mas com isso não se conforma a noticia do padre Pero Rodrigues — *Vida do padre José de Anchieta*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XXIX, (1907), ps 218, quando affirma que o indio, na hora da morte, chamando por S. Sebastião, de que era muito devoto, dizia: “Irmão capitam, assy como na vida sempre me ajudastes a vencer os inimigos vesiveis, assy agora na morte que tenho mayor necessidade, e estou em mayor perigo, ajudaime a vencer os invesiveis”. E depois de receber os Sacramentos, e da Santa Unção, chamou seus parentes, fez seu testamento, e com elles repartiu seus bens. “E desta maneira (conclue o jesuita) deu sua alma a Deus com muita consolação e edificação dos presentes.” A data de sua morte nem Januario nem Pero Rodrigues declaram.

Nos chronistas o nome *Ararybóia*, *Ararigbóia*, ou melhor *Araigbóia*, vem como significando cobra-feroz; mas, decompondo-se o vocabulo tupi, acha-se *arai*b tempo máu, tempestade, tormenta, e *bói* cobra: cobra do máu tempo ou da tempestade, que assim chamavam os indios uma serpente aquatica, esverdeada e de cabeça escura, cujo grunhir para elles prenunciava máu tempo.

LXXIII — De referencia a *abaeté*, veja nota LI. — *Mocacára* vem de *mboçacá* amigo, estimado, prezado querido. Em *Léry moussacat* “c’est un pere de famille qui est bon, et donne à repaistre aux passans, tant estagers

qu'outres". — No *Diccionario Portuguez e Basiliano* esta *moacára* com a significação de fidalgo. — Conf. Baptista Caetano — *Indios do Brasil*, mesma verba.

LXXIV — A carta de sesmaria de 16 de Março de 1568, dada por Men de Sá, attribuiu a Ararybóia a posse de uma legua de terra ao longo do mar e duas para o sertão, nas terras que possuíam Antonio de Marins e sua mulher, que ás mesmas renunciaram em favôr daquelle principal. Ahi se formou com ajuda dos jesuitas a aldêa de S. Lourenço de indios christãos, aldêa que se estendeu da montanha desse nome por todo o logar chamado Praia Grande, até aos areas de Icaraly e augmentou de maneira que em 1578 já não havia mais terras para serem dadas aos indios Vasco Fernandes, Antonio de Salema, Salvador Corrêa, Antonio de França e Fernão Alvares, que as solicitavam. Em 24 de Janeiro de 1583 foi confirmada uma sesmaria de quatro leguas de terra aos indios de S. Lourenço, de Macacú á serra dos Orgãos, por intervenção dos padres, para attender ás reclamações dos indios supra nomeados. As cartas de sesmarias, como a escriptura de renuncia que fizeram Antonio de Marins e sua mulher d. Isabel Velha a favor de Martim Affonso Ararybóia, e outros documentos a respeito, publicou Joaquim Norberto — *Memoria sobre as aldêas dos Indios na Provincia do Rio de Janeiro*, in *Revista do Instituto Historico*, t. XVII (1854). Antonio de Marins, ou de Mariz, era o dr. Antonio de Mariz Coutinho, que foi provedor da fazenda real do Rio de Janeiro, e de quem fez José de Alencar uma das principaes personagens do immortal *Guarani*.

LXXV — A aldêa de S. Barnabé foi primeiro estabelecida no Caluçú; depois, verificada a impropriedade do logar, foi transferida para as vizinhanças do rio Macacú. A data de sua fundação deve orçar por 1578, que é a da sesmaria concedida pelo governador Salvador Corrêa. Em

1583 foram os indios de Cabuçú, durante algum tempo, doutrinados por Anchieta, de volta das celebradas pescarias de Maricá. — Cardim diz que as duas aldêas de S. Lourenço e S. Barnabé teriam tres mil indios; quasi tres mil — avalia Anchieta — *Informações* citadas, ps. 43.

LXXVI — O pau que tinge de amarello deve ser a tadjúba, arvore da familia das Urticaceas (*Maclura affinis*, Miq.), a que se referem G. Soares e frei Vicente do Salvador. Da casca dessa arvore se extráe materia corante amarella.

LXXVII — Na Lagea, *Rattier*, como chamaram Léry e Thevet a ilha que fica á entrada da barra do Rio de Janeiro, aonde primeiro pretendeu Villegaignon estabelecer um posto de observação e defesa, Salvador Corrêa, sob ameaça de novos ataques de Francezes alliados aos Tamoyos, propoz em Março de 1584 que se fizesse uma fortaleza. Desse intento dissuadiu-o, porém, certo engenheiro espanhol da armada de Diogo Flores de Valdez, que ficára no porto, e que o aconselhou a construir, em vez dessa, que acarretava difficuldades na conducção dos materiaes, duas outras nos promontorios adjacentes, segundo os traços ou planos que depois mandou o governador a el-rei. — Confere Varnhagen — *Historia Geral*, t. I, ps. 342; Augusto Fausto de Sousa — *Fortificações no Brasil*, in *Revista do Instituto Historico*, t. 48, parte II (1885), ps. 105.

LXXVIII — Era o morro do Castello de S. Januario, que depois se chamou simplesmente morro do Castello. Foi o terceiro collegio no Brasil, e fundou-o o padre Manuel da Nobrega, em 1567, que delle foi tambem o primeiro reitor. El-rei d. Sebastião dotou-o para cincoenta, com a renda annual de dois mil e quinhentos cruzados. Segundo Anchieta — *Informações* citadas, ps. 43, viviam de ordinario nesse vinte e quatro: dez padres e os demais

irmãos. "Do collegio do Rio de Janeiro (dissera antes, *ibidem*, ps. 24). foi o primeiro (reitor) o padre Manuel da Nobrega que o comecou a fundamentis e nelle acabou a vida, depois de deixar toda aquella terra sujeita e pacifica, com os Indios Tamoyos sujeitos e vencidos, e tudo sujeito a El-rei, sendo elle o que mais fez na povoação della, porque com seu conselho, fervor e ajuda se comecou, continuou e levou ao cabo a povoação do Rio de Janeiro."

Na reitoria do collegio a Nobrega substituiu o padre Braz Lourenço.

LXXIX *Bariquioca* ou *Bertioga*, nome do canal entre a ilha de Santo Amaro e o continente. Os autores antigos, Hans Staden, Gandavo, Gabriel Soares, Pero Rodrigues, Simão de Vasconcellos, Laet, frei Vicente do Salvador e frei Gaspar da Madre Deus, dão differentes graphias para esse toponymo: Brikioea ou Britioka, Britioga, Beritioga, Bratioga, Bartioga, Pratioca, Partioea, Buriquioga, etc., são fórmias que se encontram em seus escriptos. Cardim e depois delle frei Gaspar arriscaram etymologia para o nome: cóva de bogios, explicou o primeiro, e casa dos macacos *buriquis*, deluziu o segundo. Esses etymos, entretanto, não podem ser accitos, porque não se conformam com a caracteristica do local. Para Theodoro Sampaio, evidente e que o nome actual Bertioga ou Bartioga, é corruptella do tupi, não sendo difficil a sua restauração, uma vez conhecida a lei, segundo a qual em todas as linguas os vocabulos evoluem e se alteram. *Bertioga* é, de facto, alteração de *Birati-oca*, ou melhor de *Pirati-oca*, que quer dizer o paradeiro do *pirati* ou *parati*, do peixe branco, ou tainha. A mudança do *p* em *b* é frequente no tupi, como em outras linguas, por serem articulações labiaes succedaneas. Que o local é piscoso, e no mez de Agosto a tainha costuma deixar o mar e ir desovar nos esteiros e lagunares daquelle canal, affirmou Hans Staden e verificou o capitão Richard F

Burton, em 1865. — Veja a erudita dissertação de Theodoro Sampaio, em nota á edição brasileira de Hans Staden (S. Paulo, 1900).

LXXX — O padre Pedro Soares chegou ao Brasil com o padre Gregorio Serrão, em 1578, quando este voltava de sua commissão em Roma e Portugal, como já se disse mais de uma vez. Era o superior da casa de Santos por occasião da visita do padre Christovão de Gouvêa.

LXXXI — *Paraná-piacaba* tem correcta etymologia no texto: lugar donde se vê o mar. De facto, *paraná-apiacaba* é no tupi vista do mar, donde se vê o mar, miramar.

LXXXII — *Tijuco*, do tupi *ty-yuc*, liquido podre, lama, brejo.

LXXXIII — *Peaçaba* vem correctamente explicado no texto: lugar onde se desembarca. Do tupi *apé* caminho, e *açaba* travessia, saída: onde o caminho corta, ou sáe, o porto. — A rua da Misericordia, no Rio de Janeiro, chamou-se outr'ora praia da *Peaçaba*, onde os jesuitas levantaram o guindaste que transportava para cima do morro de S. Januario os materiaes para a construcção do collegio e os productos da lavoura de seus engenhos e fazendas; ao local se deu o nome de travessa do Guindaste. — *Peaçaguêra*, ou porto velho, é a denominação de uma localidade em S. Paulo, vizinha de Cubatão.

LXXXIV — A aldêa de Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição, de indios Guayanazes, fundada, segundo a tradição, por Anchieta, é hoje o districto da paz de Pinheiros, a pouco mais de oito kilometros da cidade de S. Paulo; a outra, dahi distante duas leguas, deve ser a actual cidade de Santo Amaro.

LXXXV “A casa de S. Paulo de Piratininga (escreveu Anchieta *Informações citadas*, ps. 22), como foi principio de conversão, assim tambem o foi dos Collegios do Brasil.” Em Janeiro de 1554 os padres passaram a Piratininga; mas em fins de 1560, como já se disse, foi o collegio transferido para S. Vicente. Com as informações de Cardim concordam as de Anchieta (*ibidem*, ps. 45), em termos quasi identicos.

LXXXVI O forte foi mandado construir por Diogo Flores de Valdez, logo depois do assalto dado às villas de Santos e S. Vicente pelos corsarios inglezes Cavendish e Fenton, pelos annos de 1580 a 1581. Ao tempo em que o visitou o padre Christovão de Gouvêa devia começar-se a construcção, que levou de 1584 a 1590.

LXXXVII — Com a descripção de Cardim concorda a de Anchieta — *Informações citadas*, ps. 44: “E’ situada (a capitania de S. Vicente) em uma ilha que terá seis milhas em largo e nove em circuito; antigamente era porto de mar e nelle entrou Martim Affonso de Sousa a primeira vez com sua frota, mas depois com a corrente das aguas e terra do monte se tem fechado o canal, nem podem chegar as embarcações por causa dos baixos e arrecifes; terá 50 fogos de Portuguezes com seu vigario, e por estarem as terras gastas e não ter porto se vai desparvoando pouco a pouco.”

Martim Affonso de Sousa, de volta do Sul, entrou no porto de S. Vicente na segunda feira, 21 de Janeiro de 1532, como se vê do *Diario da Navegação*, de Pero Lopes de Sousa.

LXXXVIII Anchieta *Informações citadas*, ps. 44, diz: “Em S. Vicente temos casa, mas ha licença do padre Everardo, de boa memoria, para mudar-se para a villa de Santos, que esta, como tenho dito, seis milhas de S. Vicente, e agora o padre visitador Christovão de Gouvêa a

poz em execução a pedido dos moradores, para o que logo deram o sitio e a cadeia publica em uma parte de bom prospecto junto ao mar, e já se começa o edificio, para o qual dão suas esmolas e ajudas, com grande desejo de ter alli os nossos.”

José Jacintho Ribeiro — *Chronologia Paulista*, vol. I (S. Paulo, 1899), ps. 320, affirma que em 17 de Março de 1585 os officiaes da Camara de Santos, de accôrdo com o padre Christovão de Gouvêa, resolveram a mudança da casa de S. Vicente para alli. Ribeiro transcreve a escriptura lavrada em notas do tabellião Francisco Nunes, em 26 do mesmo mez e anno, assignada pelo capitão-mór Jeronymo Leitão, vereador Diogo Rodrigues e Simão Machado, juiz ordinario João Franco e procurador do conselho Alonso Polaes, concedendo favores aos padres. Anteriormente existiu em Santos uma pequena casa, fundada por Anchieta, mas logo abandonada. Na escriptura ha referencia a esse facto.

LXXXIX — Sobre a tormentosa viagem do Rio de Janeiro á Bahia, em que iam Anchieta, Christovão de Gouvêa e outros padres, ver as referencias de Pero Rodrigues — *Vida do Padre José Anchieta*, citadas, ps. 259 e 276|277.

XC — O padre Lourenço Cardim era irmão mais moço do autor destas cartas. Delle diz Sebastião de Abreu — *Vida e Virtudes do admiravel Padre João Cardim, da Companhia de Jesus*, etc. (Evora, 1659), ps. 8: “... o qual acabados os estudos e ordenado sacerdote, com o mesmo espirito de seu irmão o P. Fernam Cardim, passou para a mesma provincia do Brasil. E como na viagem os herejes corsarios acommettessem o navio, Lourenço Cardim, cheio de fervoroso espirito, com um Crucifixo nas mãos animava os que pelejavam contra os inimigos da nossa santa Fé, consolando os que saião feridos, e confessando os que morrião, até que passado com uma

bala, abraçado com o santo Crucifixo, entre os abraços de seu Senhor, lhe entregou ditosamente a alma.”

O facto devia ter-se passado entre 30 e 31 de Janeiro de 1585.

XCI -- O padre Marçal Belliarte, com patente de provincial para substituir Anchieta desde começos de 1587, só chegou à Bahia em 20 de Janeiro do anno seguinte, quando tomou posse do cargo. Desde 7 de Maio do primeiro daquelles annos esteve em Pernambuco. Em 1591 prégou por occasião da missa da domingo oitava *post Pentecostem*, que foi a 28 de Julho, na qual se publicaram os editos da fé e da graça, bem como a provisão real que trouxe Heitor Furtado de Mendoga, visitador do Santo Officio — *Primeira Visitação* citada, ps. 12.

No cargo de provincial foi substituido pelo padre Pero Rodrigues.

XCII -- O padre Francisco Seares chegou ao Brasil em 1587; dois annos antes havia sido tomado pelos piratas francezes que mataram o padre Lourenço Cardim.

RODOLPHO GARCIA.

APPENS O

36

(D' «O Jornal», de 27 de Janeiro de 1925)

Em 27 de Janeiro de 1625 falleceu na aldeia do Espirito Santo, hoje Abrantes, o padre Fernão Cardim, reitor do collegio bahiano da Companhia de Jesus. Morreu entre o fragor das armas. A 8 de Maio antecedente entrara na bahia de Todos os Santos uma poderosa armada da Companhia Neerlandeza das Indias Occidentaes, a 9 tomava alguns fortes e iniciou o desembarque, a 10 o panico entregou-lhe deserta a metropole do Brasil. Fugiram quantos puderam. Cardim e seus subditos foram arrastados na torrente

Uma cidade representava factor somente na organização coeva. Habitavam-na governador e bispo com seus famulos, militares, officiaes de fazenda, justiça, mecanicos, mercadores. Casas fechadas a maior parte do anno possuiam os abastados, para maior commodidade nas festas ecclesiasticas e outras occasiões.

A vida verdadeira e vigorosa estava fóra de

muros, nos luxuosos engenhos de assucar, nos sitios modestos, nos curraes de gado vaccum. Por todos elles escaxoou a população espavorida. A confusão era inevitavel e foi enorme, mas havia espaço, alimento, caridade, o equilibrio restabeleceu-se. Recursos faltavam para grandes movimentos bellicos; os pequenos não tardaram. A guerra transformou-se em guerrilhas, as guerrilhas em combates singulares. Dois commandantes inimigos succumbiram em tocaias. Emquanto não vinham soccorros de outras capitancias ou de além-mar, o programma limitava-se a tolher ao inimigo qualquer avanço para o interior. Foi cumprido.

Os dias do Espirito Santo correram amargurados para o velho reitor. “Nesta desgraça da Bahia, — escreve Antonio Vieira, seu pupillo, que já na adolescencia promettia os grandes destinos que lhe reservava o futuro — era reitor e por isso quebravam nelle todas as ondas da adversidade, mas como rocha viva sempre se conservou em paz e esteve muito firme e conforme com a vontade de Deus”

Deviam ter-lhe suavizado os ultimos momentos os triumphos exiguos, mas constantes, dos compatriotas, os auxilios vindos das capitancias, o nucleo forte desde logo preparado por Mathias de Albuquerque, as grandes armadas reunidas além-mar, a que não poderia resistir nem resistiu o poder batavo:

Quando morreu, Fernão Cardim passara quasi meio seculo em terras brasileiras, interrompido

apenas por uma viagem, como **procurador** de provincia, a Roma, e alguns mezes ou annos de prisão na Inglaterra. Filho de Gaspar Clemente e de sua mulher Ignez Cardim, nasceu em Vianna de Alvito (não do Minho, como escapou na terceira edição de "Varnhiagen") em anno pouco certo. Sabe-se que entrou no noviciado da Companhia a 9 de Fevereiro de 1566, e sua familia deu mais de um religioso.

Antes de 1582, consta, foi ministro em Evora, e nomeado mais tarde para acompanhar Christovão de Gouvêa na visitação á provincia do Brasil. Ambos os cargos impunham sérias responsabilidades. Ao ministro incumbia a ordem, a economia interna. As afamadas riquezas dos Jesuitas, tão proclamadas, tão cubiçadas, tão procuradas e afinal tantalisantes, explicam-se pela obra dos ministros, administradores incomparaveis. Por outro lado, com a plenitude de poderes delegados ao Visitador, representante directo do Geral, seu companheiro devia possuir muitos requisitos de lucidez e methodo para resumir e condensar os resultados da visitação.

Partiram do Tejo o Visitador e seu companheiro em 5 de Março de 1583. O Visitador trazia calorosas recommendações para todas as autoridades da colonia, emanadas do novo rei, Philippe II de Espanha, successor do cardeal D. Henrique. Na mesma nau, *Chagas S. Francisco*, embarcou Manuel Telles Barreto, primeiro governador geral do Brasil nomeado sob dominio espanhol.

Chegado em 9 de Maio á capital do paiz, o Visitador começou sem demora a sua missão complexa, e para orientar-se fez uma rapida excursão ás aldeias geridas pelos padres da Companhia.

Em Agosto resolveu sair para Pernambuco, Resolução pouco acertada. Na Bahia as aguas do mar e correntes aéreas cursam do S. para o N. desde Abril a Julho; de Agosto a Março aguas e ventos de N.E e E.N.E, puxam para o S. Os navios ordinarios sujeitavam-se a este regimen e da conformidaveis saiam os proventos do frete e viagens. O barco do Visitador, pertencente á Companhia de Jesus, não se levava por intuitos opportunistas.

Que a razão estava com os primeiros, Christovão de Gouvêa houve de reconhecer. Partindo em Agosto, aportaram em Camamú, em Ilhéus, em Porto Seguro. Não se perdeu tempo com as arribadas; em todos estes logares havia Jesuitas, havia aldeamentos a visitar; com elles o Visitador se occupou até Outubro, quando desistiu de continuar e preferiu attender a casos mais importantes na capital. Escarmentado com as monções, o Visitador ficou na Bahia até que chegassem. Foi novamente e com mais vagar ás aldeias, esteve em todos ou quasi todos os trinta e seis engenhos do reconcavo. O golfo admiravel divide-se em esteiros sem conta, quasi todos navegaveis. Numa embarcação do collegio fizeram-se as excursões que tomaram dois mezes.

Em fins de Junho de 84 o Visitador partiu para Pernambuco. Cardim bem poderia referir alguns

successos então passados sob seus olhos: a morte de d. Beatriz de Albuquerque, mulher de Duarte Coelho, a quem foi reunir-se, depois de meio século de viuvez; a arribada de Sarmiento de Gamboa; os expedientes de Diogo Flores Valdez, para disfarçar o fiasco do estreito de Magalhães, a passagem de Gabriel Soares ao reino, aonde levou a certeza de minas estupendas, por cuja revelação a exemplo de Cortez e Pizarro, pretendem e lhe foi promettido o titulo de marquez das Minas, e deixou seu Roteiro tão valioso como ellas, os esforços para a conquista da Parahyba, os attritos entre Martin Leitão e Martin Carvalho, a prisão deste e sua remessa para Lisboa sob accusações da alçada do Santo Officio. De tudo isto só sabemos alguma coisa graças a um fragmento de Anchieta e a um summario narrativo escripto por ordem de Christovão de Gouvêa, cuja autoria Varnhagen reclama para o padre Jeronymo Machado, chronica de leitura aspera, mas indispensavel a quem quizer formar idéa do que seriam as guerras do sertão contra os Indios. O Instituto Historico imprimiu esse summario das armadas da Parahyba em 1873.

A visitação de Pernambuco apenas consumiu tres mezes. Poude fazer-se tão depressa porque o collegio de Olinda datava de poucos annos, de 1576. Seu reitor, Luis da Grã, viera para o Brasil em 1553, trazendo consigo o joven Joseph de Anchieta, foi collateral de Nobrega e seu successor no provincialato.

Em Outubro de 81 o Visitador e seu compa-

nheiro saíram de Pernambuco e depois de breve demora na Bahia, em parte por motivos de saúde, seguiram para o sul. Em sua companhia foi o provincial Joseph de Anchieta. Este facto desmente os que lhe attribuem a fundação da Misericórdia do Rio para socorrer as tripulações de Diogo Flores Valdez. Da Misericórdia fluminense fala Cardim como coisa simples e subentendida. Havia casas de misericórdia em todas as capitánias. Não é crível esperasse tanto tempo a cidade de S. Sebastião, capitania d'el-rei, não de senhorio, para possuir a sua.

A visitação estendeu-se para o sul até Tanhaen, ponto extremo da colonização neste rumo, como Tamaracá no rumo opposto.

Assistiram em Piratininga, a 25 de Janeiro de 1585, ao trigesimo anniversario da fundação da humilde casa, germen da villa de S. Paulo. Esteve presente Anchieta, talvez o ultimo sobrevivente do acto que determinou a historia paulista e tanto influiu sobre a do Brasil. Em 26 de Março de 85, a pedido da população santista, a casa de S. Vicente, fundada por Leonardo Nunes, foi mudada para Santos: Azevedo Marques traz impressa a escriptura da transferencia. Em Abril estavam no Rio, onde encontraram ainda dois veteranos das guerras que precederam a fundação da cidade de São Sebastião: Salvador Corrêa, primo de Estacio de Sá e mais feliz que este, Martim Affonso Araryboia, commendador de Christo, *abaeté e moçacara, scilicet* grande cavalleiro e valente, transferido do

Rio-Comprido para o morro de S. Lourenço, na outra banda. Ordens de além-mar abreviaram a estada no Rio e ida para a Bahia. A 16 de Outubro de 1586 estava finda a visitação e Cardim ultimava a primeira e maior parte de sua narrativa.

A volta do Visitador ao reino dilatou-se por varias incumbencias que lhe vieram de Roma, e pela captura por corsarios do navio a que se confiou. Por Setembro de 1589 desembarcou em Santander e viajando por Burgos e Valladolid alcançou terra portugueza.

Cardim ficou no Brasil. Durante algum tempo exerceu a reitoria do Rio. Anchieta, acostumado a viver debaixo da obediencia, antes de ir para a capitania do Espirito Santo, onde falleceu, preferiu fazer-lhe companhia. Talvez a instancias do reitor, escreveu os apontamentos sobre a primitiva historia da Companhia, de cuja perda ou extravio não podem consolar os excerptos contidos nos livros de Simão de Vasconcellos e Antonio Franco. Delles houve no collegio de Coimbra uma cópia feita pelo punho de Cardim; seu paradeiro é desconhecido.

O momento era unico para o feitio dos *Apontamentos*. Dos companheiros de Nobrega vindos em 1549 restava ainda Vicente Rodrigues; das levas seguintes havia mais de um sobrevivente. A todos conheecera Anchieta, ou á chegada, ou nas visitas obrigatorias do provincialato — nem para outro fim a Companhia possuia embarcação propria. Pelos fragmentos conservados revela-se An-

chieta, psychologo penetrante, feliz no modo de narrar os factos e desatar os factores.

Da reitoria de Cardim no Rio pouco se sabe. Seu nome apparece a proposito da fazenda de Santa Cruz, que os epigonos dos jesuitas só deixaram subsistir e conservam no miseravel estado actual porque nada se perde na natureza.

Em 1598 Fernão Cardim, eleito procurador da provincia do Brasil, partiu para o velho mundo. Seu antigo chefe Christovão de Gouvêa foi encontrar provincial de Portugal. Em Roma imperava irreductivel Claudio Aquaviva, o mesmo que o despachara para estas bandas no começo de seu generalato tormentoso.

Em 1601 partiu novamente para o Brasil como companheiro do novo Visitador, o terceiro desde o estabelecimento da Companhia, João de Madureira. O navio em que vinham foi tomado á vista de Portugal. Madureira morreu logo, Cardim seguiu prisioneiro para a Inglaterra. Conseguiu depois fugir em condições mui vagamente conhecidas. Como premio de seus trabalhos Aquaviva nomeou-o provincial do Brasil.

De seu provincialato (1604 a 1609) faltam quaesquer annuas; talvez estejam sepultadas em algum dos archivos que, para maior segurança, a Companhia guarda em varios pontos do continente europeu e resurjam agora com o tricentenario. As grandes linhas do que fez deletream-se na *Relação annual* de Fernão Guerreiro, reimpressa parcial-

mente no segundo volume das *Memorias do Maranhão*, de Candido Mendes de Almeida.

Dois factos o singularizam: a missão de Francisco Pinto e Luiz Figueira em busca do Maranhão, a de João Lobato e Jeronymo Rodrigues aos Carijós e Patos, nas pegadas de Pero Corrêa e João de Sousa, proto-martyres da Companhia. Nesta notabiliza-se depois João de Almeida.

A primeira resultava da difficuldade de navegação regular entre Pernambuco e a costa Leste-Oeste. A conquista da Parahyba e do Rio-Grande do Norte tornou-se possível depois que o inimigo, francez ou indigena, foi atacado por terra. Neste sentido fez uma tentativa Pero Coelho de Sousa que suas imprudencias, depois de chegar sem tropeços a Ibiapaba, mallograram. Não foram mais felizes o "Amaniara" o senhor da chuva, Francisco Pinto e seu joven companheiro, autor da segunda grammatica da lingua geral e de importantissima narrativa da missão, impressa pelo Barão de Studart.

Alexandre de Moura, o conquistador do Maranhão, o incorporador da Amazonia, para onde já acudiam flamengos, francezes e inglezes, predecessor de lord Cochrane na campanha da Independencia, foi o primeiro que, partindo de Pernambuco por mar, na mesma embarcação voltou a Pernambuco. A metropole comprehendeu que não havia fiar na constancia de lances de fortunaes, e o Maranhão com as terras confinantes foi

constituído governo independente, que só com a península communicava.

Sobre a ultima phase da vida de Fernão Cardim, decorrida entre o termo do provincialato e a morte, reina grande obscuridade. Antonio Vieira diz que morreu de 75 annos, 60 vividos na Companhia e, omittindo os servidos como ministro, etc., passaram de vinte os que foi reitor e provincial.

*

Fernão Cardim nada destinou ao prélo, e ficaria bem sorprendido si soubesse que no proprio anno de 1625, quando já se despedia ou despedira deste val de lagrimas, uns informes apontados pouco depois de sua chegada a esta terra corriam ou iam correr mundo, trajados á ingleza. De facto Francis Cook, de Dartmouth, um dos corsarios de 1601, tomara-lhe um manuscripto, vendera-o por 20 xellins a um mestre Hacket, que o fez traduzir. A traducção, em geral fiel, saiu no 4.º volume da "*Pilgrimages*" de Purchas, correspondente ao 16.º da reimpressão moderna sob o titulo: "*A Treatise of Brazil written by a Portugall which had long lived there*" O tratado é citado por hollandezes, entre os quaes Laet; parece até que foi traduzido integralmente em outros idiomas.

A importancia do *Treatise* de Purchas saltou aos olhos quando foram com elle comparados dois manuscriptos existentes na bibliotheca de

Evora, ambos referidos no precioso Catalogo de Cunha Rivara.

Intitula-se um: *Do Clima e Terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se acham assi na terra como no mar.*

Intitula-se o outro: *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil e de seus costumes, adoracão e ceremonias.*

Do cotejo de Purchas apurou-se logo que se tratava não de duas obras diversas, mas de capitulos da mesma obra, que estava sendo escripta em 1581. Não é nada banal existir em Evora no idioma original cópia do manuscripto extorquido pelo corsario de Darmonth.

Quem seria o autor?

Em 1847 Varnhagen deu á luz uma *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica.* pelo padre Fernão Cardim.

Pela primeira vez o nome de Cardim, conhecido só aos leitores de Fernão Guerreiro, Antonio Franco ou André de Barros, appareceu como o de autor. Varnhagen pretendia dar edição annotada da narrativa, mas exigencias da carreira diplomatica chamaram-no imprevistamente de Lisboa: nem ao menos poudo offerecer texto correcto, culpa delle, ou da cópia de que se serviu, ou dos revisores em quem descansou.

Comparado o *Treatise* de Purchas e a *Narrativa* de Varnhagen, impoz-se a conclusão de que é o mesmo o autor de ambos. A identidade de forma e fundo apparece a cada instante; o *Treatise* foi

escripto em 1584 e Cardim estava no Brasil desde Maio de 1583; o manuscrito do *Treatise* foi tomado por um pirata inglez em 1601 a um jesuita que aprisionaram; neste mesmo anno de 1601, Fernão Cardim foi aprisionado e levado para a Inglaterra.

A' vista disto não se hesitou em publicar os dois tratados com o nome de Fernão Cardim. O primeiro saiu em 1881 a expensas de Ferreira de Araujo, o fundador da *Gazeta de Noticias*, com preciosas notas de Baptista Caetano, o grande mestre da lingua geral; o segundo imprimiu-o em 1885 a *Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio de Janeiro*.

Comparando os escriptos nota-se que os primeiros datados de 84 só em parte podiam fundarse em observações proprias; o autor recorreu a informações escriptas ou verbaes dos confrades. A *Narrativa*, datada, quanto á primeira parte, de 16 de Outubro de 1586 apresenta-se mais solida, mais directa e mais classificada.

Fernão Cardim nada tem de extraordinario, mas recommenda-se á sympathia e ao estudo por mais de um aspecto.

Era temperamento vibratil, em que as sensações batiam fortes, seguidas, dando ás vezes um estylo por assim dizer offegante. "O padre visitador, informa, foi sangrado tres vezes, enxaropado e purgado, provido de todas as gallinhas, alcaparras, perrexil, chicoreas e alfaces verdes e cousas doces e outros mimos necessarios, que parecia es-

tarnos em o collegio de Coimbra.” De Joseph de Anchieta, o provincial prestigioso e com fama de thaumaturgo, escreve: “o padre vinha de trás, a pé, com as abas na cinta, descalço, bem cansado: é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo, uma columna grande desta provincia e tem feito grande christandade e conservado um grande exemplo; de ordinario anda a pé, nem ha retiral-o de andar sendo muito enfermo. Emfim, sua vida é “verè apostolica”

Para elle a natureza existia, uma natureza vivida e palpitante. Seduziam-no as aguas dos rios, a variedade das flores, a frescura dos bosques, o canto das aves. “Era para vêr neste caminho a multidão, variedade das flores, das arvores, umas amarellas, outras vermelhas, outras roxas, com outras muitas varias côres misturadas, que era cousa para louvar o Creator. Vi neste caminho uma arvore carregada de ninhos de passarinhos, pendentés de seus fios do comprimento de uma vara de medir ou mais, que ficavam todos no ar com as boccas para baixo: tudo isto fazem os passaros para não ficar frustrado seu trabalho; usam daquella industria que lhes ensinou o que os criou, por se não fiarem das cobras que lhes comem os ovos e os filhos”

Não lhe é estranho o encanto da paizagem.

“Tem uns dias formosissimos (o Rio) tão apraziveis e salutiferos que parece estão os corpos bebendo vida. Tudo são serranias e rochedos es-

pantosos. Desta serra descem muitos rios caudaes que de quatro a sete leguas se vê alvejar por entre matos que se vão ás nuvens.

“A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o supremo pintor e architecto do mundo Deus Nosso Senhor e assim é cousa formosissima e a mais aprazivel que ha em todo o Brasil; é tão capaz que terá vinte leguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas, de grandes arvoredos, que não impedem as vistas umas ás outras, que é o que lhe dá graça.”

O amor á natureza devia enclina-lo aos Indios. Não conheceu os que, em estado de liberdade, quaes os defrontaram os primeiros descobridores, em pura idade de fogo e pedra, permaneciam agora em brenhas alongadas. Os indios avistados já contavam trinta annos de catechese systematica, iniciada no governo de D. Duarte da Costa pelo esquecivel e tão ingratamente esquecido Manuel da Nobrega. Os jesuitas observadores, intelligentes e praticos tinham concentrado seus esforços em fazer de varias tabas um só aldeamento, regido por uma especie de meirinho nomeado pelo governador, com a vara de officio, que os enfunava de vaidade, com meios de se fazer obedecer, podendo pôr gente no tronco; em extinguir a antropophagia, a polygynia e a bebedice de vinhos de fructas em que os indios eram insignes. O mais só caberia ao tempo.

As ocas, com a confusão e multiplicidade de

casas contiguas ou antes continuas, existiam ainda intactas. Conservavam-se as dansas caracteristicas; como os vestuarios não chegavam para todos, andavam mulheres nuas (cousa para nós mui nova, diz sem biocos o viajante). No Rio agradou-lhe particularmente uma dansa de cunumis: "o mais velho seria de oito annos, todos nusinhos, pintados de certas cores apraziveis, com seus cascaveis nos pés e braços, pernas, cinta e cabeças, com varias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes: parece que se os viram nesse reino, que andaram os dias atrás delles"

Sua benevolencia estende-se aos estudantes e ás comicas recepções estramboticas, com discursos em linguas diversas, epigrammas, etc.

A' gente da terra tudo servia de pretexto para festanças: pairava uma atmospheria de kernesse, de *pageant*, de irreal.

Numa aldeia da capitania do Espirito Santo meninos e mulheres, com suas palmas nas mãos e outros ramalhetes de flores, representavam ao vivo o recebimento do dia de Ramos — e isto em Novembro. Pelo mesmo tempo, uma confraria dos Reis, por não ser ainda o tempo consagrado, quiz exhibir ao padre Visitador suas magnificencias. Vieram um domingo com seus alardes á portugueza e a seu modo, com muitas dansas, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados com outros principaes e confrades da dita confraria. Fizeram no terreiro da nova egreja seus caracocs, abrindo e fechando com graça, e os

vestidos não carregavam a muitos porque os não tinham”

No Rio, depois da festa das canôas, lembrança das guerras de Estacio de Sá, enquanto se representava um dialogo do martyrio de São Sebastião, com côros, varias figuras mui ricamente vestidas, foi asseado um moço atado a um páo: “causou este spectaculo muitas lagrimas de devoção e a alegria a toda a cidade por representar muito ao vivo o martyrio do Santo”

Estas amostras de aspectos diversos de Cardim poderiam interpretar-se como symptomas de superficialidade. Não são. A cada instante apparecem reflexões pertinentes. Mas o padre sentia como um estheta; não finalizava, não moralizava: embebia-se no spectaculo, além do bem e do mal. E’ talvez unico o passo edificante relativo aos engenhos da Bahia. “Os encargos de consciencia são muitos; os peccados que se commettem nelles não têm conta; quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões; bem cheio de peccados vai esse doce por que tanto fazem; grande é a paciencia de Deus que tanto soffre”.

Talvez no seu tempo de ministro, obrigado a curar dos estomagos alheios, pegasse um pouco de gastronomo. A palavra iguaria volta com insistencia. “No Collegio da Bahia nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser relaxada e os mantimentos fracos”

Na visita aos engenhos do reconçavo feita em

Junho e Fevereiro de 81, golpea-o a fartura dos banquetes, a facilidade com que eram servidos hospedes imprevistos.

Na Bahia a questão de açougue, tratada em tantas actas da Camara de S. Paulo, não existia. As aguas prodigiosas eram inexauriveis; os senhores de engenhos tinham sempre todo o genero de pescados e mariscos de toda a sorte "por terem deputados certos escravos pescadores pera isso e de tudo tinham a casa tão cheia que na fartura pareciam uns condes". Nos engenhos mais afastados do mar existia toda a variedade de carnes, gallinhas, perús, patos, leitões, cabritos. Por Gabriel Soares sabemos que a gente de tratamento só comia farinha de mandioca fresca, feita no dia. O mesmo autor dá uma lista, forçosamente incompleta, das conservas e doces, transplantados uns de além-mar, aprendidos outros na terra. Dir-se-ia um paiz de Cocagne.

Tudo isto são manifestações de um facto unico -- a phase economica chamada "oikos" pelos especialistas, em que productos e consumidor identificam-se. Naturalmente os casos não apparecem na sociedade bahiana com a singeleza a que os reduz a sciencia experimental, mas o exame attento revela sua estrutura genuina.

Para melhor conhece-lo é indispensavel o estudo do velho jesuita, finado ha trezentos annos, no fragor das armas e angustias da invasão.

Forma airoso entre os mais dignos jesuitas que vão de 1550 a 1700: Manoel da Nobrega, Luiz de Grã, Joseph de Anchieta, Antonio Vieira, Alexandre de Gusmão, Andreoni, etc.

CAPISTRANO DE ABREU.

INDICE

	PAG.
<i>Introducção Geral</i> , de Rodolpho Garcia.....	7

I — DO CLIMA E TERRA DO BRASIL

<i>Texto</i> , de Fernão Cardim.....	33
<i>Notas</i> , de Rodolpho Garcia.....	111

II — DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS

<i>Introducção</i> , de Capistrano de Abreu.....	149
<i>Texto</i> , de Fernão Cardim.....	161
<i>Notas</i> , de Baptista Cactano.....	207

III — NARRATIVA EPISTOLAR

<i>Primeira parte</i>	281
<i>Segunda parte</i>	363
<i>Notas</i> , de Rodolpho Garcia.....	373

APPENSO

<i>Artigo</i> , de Capistrano de Abreu.....	417
---	-----

*ACABOU DE IMPRIMIR-SE
aos 16 de novembro de 1925,
nas officinas da Editora LUX.
Av. Gomes Freire, 101.
Rio de Janeiro.*

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).